

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ARI LEME PINHEIRO JUNIOR

**NARRATIVAS DE PROTESTO:
A COPA DAS BLACK BLOCS**

SOROCABA
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS DE SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ARI LEME PINHEIRO JUNIOR

NARRATIVAS DE PROTESTO: A COPA DAS BLACK BLOCS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Teresa Mary Pires de Castro
Melo

Sorocaba

2016

Pinheiro Jr., Ari Leme.

F837t Narrativas de protesto: a Copa das Black Blocs/ Ari Leme Pinheiro.
-- 2016.

... f. : 28 cm.

Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de São Carlos,
Campus Sorocaba, Sorocaba, 2015

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Teresa Mary Pires de Castro Melo

1. – Copa do Mundo de 2014. 2. – Black Blocs. 3. – Juventude – Redes
Sociais. Sorocaba-Universidade Federal de São Carlos. CDD

Ficha catalográfica ainda não elaborada pela biblioteca

NARRATIVAS DE PROTESTO: A COPA DAS BLACK BLOCS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação para a obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração Educação, Comunidade e Movimentos Sociais. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 29 de fevereiro de 2014.

Orientador(a)

Prof.^a Dr.^a Teresa Mary Pires de Castro Melo
Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba

Examinador(a)

Prof. Dr. Leo Vinícius Maia Liberato
Fundacentro - Centro Estadual de Santa Catarina - CESC

Examinador(a)

Prof.^a Dr.^a Viviane de Melo Mendonça
Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba

DEDICATÓRIA

Aqueles que lutam pela possibilidade de um outro mundo mais justo e solidário
fora das garras do Capitalismo e do Estado.

As três mulheres da minha vida: Denise, Luna e Mell, pelos cuidados e paciência.

A minha mãe e meu pai, sem os quais não teria tanta alegria em viver

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de ser diferente: Gratidão! Primeiramente aos narradores dessa história que revelaram um momento de suas vidas às lentes desta pesquisa. Principalmente às mulheres que além de me confiar suas narrativas de protesto me ensinaram muito sobre igualdade e respeito.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu trilhasse esse caminho sempre vislumbrando novas possibilidades de mundo.

Agradeço aos professores Francis Dupus-Déri e Esther Solano por sempre responderem meus e-mails, ajudando, com suas experiências e artigos compartilhados, a este pesquisador iniciante caminhar no mesmo passo entre as ruas e a Academia. Gratidão Especial ao professor Leo Vinícius Maia Liberato, por aceitar ler e criticar o meu trabalho sobre a continuidade das ações realizadas por jovens autonomistas brasileiros.

Agradeço aos professores e colegas do PPGEd da UFSCar Sorocaba, sem os quais a presente dissertação não teria ganhado a presente materialização. Em especial, à orientadora Profa. Dra. Teresa Mary de Castro Melo que me ajudou a não me perder pelas trilhas entre a academia e a militância política que me trouxeram até aqui. Gratidão à Profa. Viviane Melo de Mendonça que muito me inspirou com os textos discutidos no grupo de estudos sobre Espinosa, Nietzsche e Deleuze. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudo que me deu a oportunidade de ser novamente jovem (pelo menos garantido por uma moratória social).

Agradeço aos amigos da Linha 2: Educação, Comunidades e Movimentos Sociais, em especial a professora Dulce que muito me inspirou ética e profissionalmente em toda minha jornada de aproximação à UFSCar – Campus Sorocaba.

Enfim, aos amigos que me abraçaram e aos inimigos que me bateram, pois todos fizeram parte da minha história nesses percurso de aprendizado e de protesto.

RESUMO

PINHEIRO JR., Ari Leme. NARRATIVAS DE PROTESTO: *a Copa das Black Blocs* (Mestrado em Educação) Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2014. [206] p

Esta dissertação é resultado do acompanhamento empírico de manifestações políticas onde jovens se expressavam através da tática Black Bloc. É um relato observador participante. Procura, nos atos de protestos de rua e nos sites de rede social, como se dá a construção de saberes e realidades destes jovens. Busca compreender as forças políticas contrárias a ideia de organização autonomista que acompanha a juventude dos movimentos sociais e ações coletivas próximos aos adeptos da tática Black Bloc. Analisa, nas páginas da mídia de massa brasileira, a disputa do significado dos protestos de 2013-2014 entre os discursos Ultraliberais, Governistas e Revolucionários. Esta pesquisa segue os passos de como foi construída a imagem histórica da Black Bloc na imprensa nacional e propõe um roteiro histórico até de seu aparecimento espetacular nas mídias brasileiras em junho de 2013. A pesquisa procura compreender o cenário contemporâneo dos protestos de rua através de narrativas recolhidas nas manifestações contra a Copa do Mundo da FIFA 2014 e em entrevistas marcadas com adeptos da tática em seus espaços de convivência. Faz parte deste trabalho um documentário audiovisual, editado com cenas observadas no trabalho de campo.

ABSTRACT

This dissertation is the result of empirical monitoring of political demonstrations where young people expressed through the Black Bloc tactic. It is a participant observer report. Seeks, in acts of street protests and social networking sites, how is the construction of knowledge and realities of these young people. Seeks to understand the political forces opposing the idea of autonomous organization that tracks youth social movements and collective action close to the fans of tactical Black Bloc. Analyzes the pages of Brazilian mass media, the dispute the meaning of the 2013-2014 protests among the ultra-liberal discourse, government supporters and revolutionaries. This research follows the steps of how was built the historical image of the Black Bloc in the national press and proposes a historical script to its spectacular appearance in Brazilian media in June 2013. The research seeks to understand the contemporary scene of street protests across narratives gathered in demonstrations against the FIFA World Cup 2014 and interviews marked the tactical fans in their living spaces. Part of this work an audiovisual documentary, edited with scenes observed in fieldwork.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – O pesquisador: meu lugar de fala	33
CAPÍTULO II – Contexto e sujeitos	43
Primeiro tempo - O Brasil dos últimos anos	45
Segundo tempo - da “marolinha” ao revés na opinião pública	51
1º tempo da prorrogação: quem são os sujeitos! Narrativas de Juventude?	63
2º tempo da prorrogação: o conjunto dos sujeitos que orbitam a Black Bloc	73
Pênaltis: o recorte espaço/tempo São Paulo e o Movimento Passe Livre	74
O apito final	87
CAPÍTULO III - A Black Bloc: uma história entre movimentos sociais e as mídias de massa ...	95
A origem	100
Pedra de tropeço.....	102
Frankfurt	102
Gorleben.....	103
República Livre de Wendland	107
Black Bloc na Folha	108
Black Bloc no “Estadão”.....	110
A tática – entre substantivo simples e composto, seguidos ou não de “S”	113
O “Estadão” e a primeira notícia de uma Black Bloc no Brasil	116
Uma proposta em rede para a Black Bloc.....	122
O primeiro período de lutas com a tática Black Bloc.....	123
O segundo período de lutas com a tática Black Bloc.....	127
O terceiro período de lutas com a tática Black Bloc	130
NARRATIVAS DE PROTESTO	138
1º ATO	138
2º ATO	144
3º ATO	148
4º ATO	153
5º ATO	163
ANEXOS	171
Caderno de Campo II – Diário de Bordo	171
O verde-amarelo, o verde-oliva, o vermelho, o cinza, e o preto	172
A travessia.....	177
Êxodo.....	180

Abre-te, sésamo!	182
Mão na cabeça e documentos	185
Entrevista com adeptos das células Black Angel, A.L.F. e Administradores da página Black Girls Libertárias	190
REFERÊNCIAS	203

APRESENTAÇÃO

A maior parte dos relatos sobre a tática Black Bloc está ligada à história dos movimentos Autonomistas, Anti/Alter-Globalização, Contra Cúpulas, Ação Global dos Povos, e foi produzida, em sua maioria, por ativistas e coletivos anarquistas e representantes de movimentos sociais e mídias alternativa. A literatura acadêmica, que perpassa o tema, é rara no Brasil, e até 2013, quase inexistente. Por outro lado, a imprensa mundial tem uma produção massiva sobre o assunto onde o senso comum formula seu entendimento sobre o tema. Muito trabalho de interpretação e descrição há para ser feito, principalmente agora, que ela já faz parte do histórico de lutas populares no Brasil.

Temos a convicção de usar o termo Black Bloc sempre no feminino, primeiro, porque é “a” tática; segundo como forma de combater a masculinização ortográfica das traduções: the Black Bloc não traz diferença entre feminino e masculino, deixando o contexto fazer a sua parte – no contexto brasileiro é mister enfatizar que as mulheres sempre estiveram presentes nas barricadas e enfrentamentos contra os representantes do poder.

Mesmo que a tática Black Bloc tenha sido empregada em protestos brasileiros anteriores a 2013, ela não tinha sido colocada à apreciação do grande público pela mídia de massa nacional. Apesar da sua aparição mundial ter sido noticiada desde o ano de 1999, em Seattle, quando surge nas manifestações de 2013, quase que passa despercebida pela tamanha invisibilidade que as lutas sociais têm nos canais da mídia de massa. Num primeiro momento foi generalizada como ação do MPL, ou melhor, de “revoltosos de classe média que não valiam nem vinte centavos”, como dizia Jabor.

Eu participava dos atos do MPL em junho de 2013 e via mascarados de preto tomar a frente em algumas situações de confronto que terminava em pancadaria geral. Até então não tinha a menor ideia do que fosse a tática Black Bloc.

Logo após a notícia sobre a Black Bloc explodir nos jornais indicando que as ações de depredação de bancos e lojas, no caminho das manifestações, eram feitas por jovens brasileiros

que utilizavam uma tática internacional contra o poder capitalista, tive a certeza de encontrar um grupo de pessoas que eu realmente queria conhecer.

Quando comecei a investigação, em 2014, percebi que não seria tão fácil assim, vez que eles nem sequer eram um grupo. Além do mais, havia implicações éticas e políticas que trariam muitas dificuldades a um acadêmico iniciante em pesquisa. A primeira era como transcrever aqueles atores e suas ações de um modo que não fosse literatura, mas Ciências Sociais.

Para isso, tentei seguir algumas pistas que me levavam a entender melhor a situação. Fazendo uma leitura tanto pelos canais de comunicação quanto pelos textos acadêmicos e fanzines que conseguia juntar, foi inevitável ver a complexidade de como o assunto era tratado nesses diferentes veículos. Parecia que não falavam da mesma “coisa”. Assim, optei pela análise documental e pela observação participante, num propósito de confrontar documentos da mídia comercial com os documentos que gravava nas manifestações.

Para uma análise documental, a pesquisa trata de duas fontes primárias (matérias de jornais e fontes entrevistadas) problematizadas por fontes secundárias (textos acadêmicos, fanzines e filmagens).

No caso, de fontes primárias chamaremos as fontes entrevistadas de narrativas e as matérias de jornal (Folha e “Estadão”) de informação, reconhecendo que um atributo da informação é que ela é capaz de silenciar as narrativas, invisibilizar sua ação. Como já analisado por Benjamin (2012), a informação é uma força que conflita com as narrativas, pois ela generaliza enquanto as narrativas aconselham. As narrativas vem perdendo espaço para a informação, “se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação tem uma participação decisiva nesse declínio (Benjamin, 2012, p 219).

A imprensa é o mecanismo por onde passa o maior fluxo da informação dirigida ao controle das questões públicas contemporâneas. A informação produzida neste mecanismo é replicada por toda rede de comunicação e se desfragmenta em opiniões diversas sobre o tema, porém sempre girando em torno de uma notícia indicada e adjetivada pelos controladores deste mecanismo. “Mercadorias-notícias” e produtos como as “sondagens de opinião pública” serão criticados em sua forma Ultraliberal de difusão ideológica ou de indução de realidade. A imprensa, dentro desta pesquisa, ganhará muitos sinônimos, como mídia de massa, mídia comercial, oligopólio de comunicação, etc. e será observada pela maneira que influi na resposta do público às suas próprias questões.

“A imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes” (Benjamin, 2012, p. 218). Hoje, a mídia de massa comercial representa um instrumento superlativo do que representava a imprensa no século passado. Em alguns lugares, chega a representar um 4º Poder, capaz de criar novas instâncias de democracia ou ditadura. Sem um filtro de regulação e com poder de influenciar as massas acaba sendo instrumento de ordenação e normatização, ditando os rumos, não só das discussões sobre os temas públicos e políticos, mas também de comportamento, moda, economia, etc.

Vilemessant, o fundador do Figarro, caracterizou a essência da informação com uma fórmula famosa: “Para meus leitores”, costumava dizer, “o incêndio no sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri. Essa fórmula lapidar mostra claramente que o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação que forneça um ponto de apoio pelo que está próximo (Benjamin, 2012, p.218-219).

“As narrativas, “o saber que vinha de longe – seja espacialmente, das terras estanhas, ou temporalmente, da tradição – dispunha de uma autoridade que lhe conferia validade”. A informação, em contrapartida, “aspira uma verificabilidade imediata” (Benjamin, 2012, p. 219). Não se pode afirmar se a tática Black Bloc chegou primeiro ao Brasil através de narrativas ativistas ou pela informação da mídia comercial, mas certamente na literatura nacional é inaugurada por Ned Ludd¹ (2002) em “Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim the Street e os Dias de Ação Global”. A única produção bibliográfica nacional que encontrei anterior a 2013 é, em suma, um apanhado de narrativas de militantes e coletivos que giravam em torno da ação direta.

O que diferencia a narrativa é que ela se mostra muito mais plural que as informações que vêm pela mídia comercial. A cultura de massa absorve da mídia comercial algo genérico, vazio, de consumo rápido e descartável. O que pode ser verificado pela repetição do discurso no dia-a-dia da notícia e na forma generalizada como estereotipa uma população, um grupo de pessoas, ou um acontecimento.

Os documentos da imprensa e as narrativas tomadas de forma empírica, apesar de serem, os dois, documentos primários para a investigação científica, trazem características antagônicas no que diz respeito ao entendimento do cenário que esta pesquisa analisa: o espaço das Black Blocs. As ciências sociais não devem ser uma mercadoria elitista de e para especialistas, seja ela explanada sob a forma de informação ou narrativa. Para Benjamin (2012:219) uma

¹ Heterônimo de Leo Vinícius Maia Liberato

informação tem de ser plausível, o que uma narrativa não necessariamente tem de ser; no entanto, deve ser dirigida de uma forma compreensível em sociedade.

A narrativa é muito mais complexa do que a informação, pois não vem para construir entendimento, não é dirigida em mão única. Ela carrega todas as características imanentes ao narrador. Muito da cultura do narrador se expressa ao narrar uma história, não só na formulação das frases ou escolha das palavras, mas na maneira que emprega uma realidade fantástica, subvertendo contra a normatização esquematizada da informação. Uma narrativa não se limita a um texto de consumo rápido, requer uma certa tradução de neologismos e hiperurbanismos na percepção de pronúncias, gírias, sotaques, altura e tom da voz que narra... Uma narrativa é carregada de outros símbolos que a informação dificilmente consegue (ou quer) fazer captar.

Walter Benjamin descreve em “O Narrador” que uma informação só precisa ser compreensível “em si para si” e “muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos”, enquanto metade da arte da narrativa está em comunicar uma história, evitar explicações. “O extraordinário, o miraculoso, é narrado com melhor exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação” (Benjamin, 2012, p. 219).

Portanto, quando a imprensa, e todas as outras mídias comerciais fazem afirmações tão incisivas sobre militantes políticos, contrários à sua visão de mundo, precisa se acautelar e lançar, ao tema e a esses documentos, um olhar mais crítico. A devolutiva que proponho é de, observando as informações nestes documentos, criar uma narrativa de protesto na linguagem que observei dos adeptos da Black Bloc.

As perguntas que se procura responder com a investigação nos jornais: Por que a tática Black Bloc no Brasil só é registrada pela imprensa após junho de 2013? Por que se difundiu a primeira notícia de uma Black Bloc no Brasil? Qual a história da Black Bloc que foi contada pelos jornais durante esse tempo de latência, onde ela não era associada a uma aparição nacional? O que foi feito pelo Estado organizado devido às ações radicais realizadas com essa tática?

Para responder essas questões é bom deixar claro que não venho das ciências humanas. Sou da área de tecnologia e não conhecia outro modo de estudo que não o de classificar, recolher dados em planilhas, analisá-los em cálculos socioeconômicos, verificá-los em gráficos e concluir com tanto % de certeza que todas as probabilidades entre um tempo de trabalho e a produção material só estariam a contento global se fosse pelo lucro do patrão.

Muitos dos métodos que passaram pela minha frente eram quase tão sistemáticos quando as regras rígidas da matemática complexa que eu utilizava quando profissional da área de Logística. Com a análise documental isso seria uma facilidade possível. Mas não era isso que eu queria. Tinha de arrumar um jeito de juntar metodologias que desse conta da minha reconstrução de vida naquele momento. A pesquisa tinha de me acompanhar, me servir, e não o contrário.

Então busquei subsídio em textos básicos de Antropologia e nas técnicas etnográfica. para começar mínima e metodologicamente amparado. Entendia que o modo que eu estava inserido nas manifestações desde 2013 seria útil para os agenciamentos necessários que teria de fazer para me aproximar desses jovens.

Esses agenciamentos poderiam ser facilitados por eu também ser um participante dos protestos e assim me pus no caminho das Black Blocs, mesmo com pouca referência teórica, comum aos pesquisadores iniciantes, mas com um certo aprofundamento empírico por se tratar de um espaço onde eu já habitava.

Um dos primeiros livros que li para a pesquisas foi “Sociedade de Esquina”, de William Foote Whyte, que trata de juventudes e gangues em bairros pobres. Sua trajetória de pesquisa no distrito North End de Boston – chamado por ele de Corner Ville –, entre 1936 e 1940, nos Estados Unidos, tinha – guardando as devidas proporções – muita proximidade com o que eu pretendia fazer. Bom, pelo menos nós dois éramos bolsistas, o que, ao meu ver, já aproximava um bocados a gente.

Foote Whyte, cria seu método de observador participante, estruturando, reconstruindo e desconstruindo várias ações de aproximação e análise para estudar etnograficamente uma comunidade da sua época. Inconscientemente, essa estruturação, reconstrução e desconstrução se deu também no âmbito desta pesquisa. No decorrer do tempo, muito mais que um método rígido, estruturado e preconcebido com antecedência, foi o texto de Foote Whyte que me serviu de guia. Não que não planejasse cada etapa, ou mesmo os roteiros de viagem ou então um questionário que desse sentido ao que fazia, mas tinha a liberdade de reconstrução enquanto estivesse no processo de investigação acadêmica.

Não uso de comparações entre o gaguismo e a Black Bloc, mesmo que a juventude seja um ponto comum nas duas pesquisas. Talvez se partisse por este caminho, os estudos fossem requerer uma análise que não iria condizer com a expectativa daqueles a quem me aproximei para realizar este trabalho. Fica para próxima. Aproveito de Foote Whyte como quem aproveita

um bom conselho: como entrar de forma semiestruturada em uma comunidade realmente tentando fazer a diferença e, de alguma forma contribuir, entender e, principalmente, respeitar sem julgamento prévio. Talvez o conselho mais significativo deste autor seja, para mim, referente ao observador participante:

Se o observador participante se vê assumindo comportamentos que havia aprendido a considerar imorais, então é provável que comece a pensar sobre o tipo de pessoa que ele é. A menos que possa levar consigo uma imagem razoavelmente consistente de si mesmo, é provável que se meta em dificuldades (Whyte, 2005, p. 315)

Uma frase de Doc, uma das fontes narrativas de Foot Whyte, refletiu o desejo de tudo que eu queria ouvir na minha iniciação à pesquisa: "*Acho que você pode mudar as coisas desse jeito. Na maior parte das vezes, é assim as que as coisas são mudadas, escrevendo sobre elas*" (Whyte, 2005 p. 295).

Como Foote Whyte fazia análise e revisão do seu método estruturando-o quando necessário durante o processo de pesquisa e também corrigindo algumas direções, passei a flexibilizar a reconstrução do meu método em detrimento das diferentes fases da pesquisa. A alteração ficou no plano ferramental e comportamental.

Ferramental, pois no começo as gravações e filmagens eram um modo seguro de diferenciar o pesquisador de suas fontes e as entrevistas. O hábito de filmar, paulatinamente, de protesto em protesto, aproximava-me de grupos de afinidades que conviviam com a minha presença, afinal como eles diziam, eu era “mídia”². E comportamental, pois com o passar do tempo os diálogos já não cabiam em entrevistas filmadas, gravadas ou anotadas; os diálogos mais reveladores transcorriam soltos e cotidianos e dentro do coletivo. Senti que aprendia muito mais com diálogos descontraídos que com a câmera ligada, como se a câmera trouxesse alguma relação de poder à conversa.

Por habitar outros espaços dentro dos protestos comecei a compreender a cidade de um modo mais sensível. A cidade, o ambiente que compartilhava com as Black Blocs, era cercado de afetos e fronteiras concretas (e, às vezes, invisíveis), que nos transpassavam de maneira muito próximas, como barreiras policiais, econômicas, políticas e até químicas – quando esses afetos e fronteiras eram de gás lacrimogêneo.

A opção natural foi tratar todas as análises nas ruas como pesquisa participante. Era nisso que estava envolvido com as filmagens, gravações e anotações de campo. Em todos os protestos

² Gíria que se referia tanto aos profissionais da grande imprensa quanto aos midiativistas da rede de comunicação alternativa

que fui, me portei como observador participante. Além da militância, eu também era um produtor de documentos midiáticos. Além de observador, eu me considerava um midiativista.

Sendo um observador participante, também era, de certa forma, um estranho, porém aceito dentro dessa comunidade, que, por diversas vezes, me provocava – por eu não ser um deles – e me assistia. Muitas vezes foram eles que me salvaram. Uma pergunta recorrente nos espaços de protesto em São Paulo é “quem te protege da polícia?” Muitas vezes quem me socorreu foram os adeptos da tática Black Bloc: com vinagre, leite de magnésio ou um pano pra poder respirar quando as ruas da cidade eram fechadas com as fronteiras químicas do poder do Estado. Uma pergunta que me vinha à cabeça em todas as passeatas, e que vi formulada na página do Grupo de Apoio aos Protestos Populares (GAPP), sempre me foi muito incômoda: “Numa manifestação onde o poder público disponibiliza mais mil policiais armados, trezentas viaturas, cavalaria, tropa de choque, carros blindados, etc. por que não tem nenhuma ambulância? ”

Dentre muitas advertências que poderiam ser feitas com relação a este trabalho, porém, talvez, esta mereça estar no topo da lista: o projeto desta pesquisa começou as investigações pelo trabalho de campo, de forma etnográfica sem ao certo ter decidido, em primeira mão, por essa metodologia. Tal aproximação principiou-se antes mesmo do início da pesquisa, através das militâncias do pesquisador em 2013. Mas só vieram a se consolidar no ano de 2014, nos movimentos contra a Copa do Mundo da FIFA³, através de contatos particulares com pessoas que estavam utilizando a tática como forma de protesto.

A aproximação dentro do coletivo foi lenta, cheia de percalços e desconfianças. Com alguns setores mais fechados foi preciso diálogo de mais de um ano para chegar de fato a entrevistas e depoimentos. As pessoas de que me aproximei talvez não fossem as mais radicais, os mais agressivos e preparados para o confronto. Talvez fossem, como eu, os que estavam descobrindo e se descobrindo dentro de um processo muito crítico no que se refere às escolhas políticas.

³ A Copa do Mundo da FIFA é evento de uma empresa multinacional que negocia seu produto: um campeonato de futebol de países selecionados, por cifras bilionárias, numa negociação não muito transparente entre investidores capitalistas internacionais, grandes empreiteiras multinacionais, instituições políticas, empresas de comunicação de massa e governos, usando, majoritariamente, o dinheiro público – neste evento, no Brasil, segundo o Tribunal de Contas da União (TCU) menos de 17% foi custeado pela iniciativa privada. Devido a exigências e prazos grande parte das obras foi sobre faturada – passam longe do valor indicado no projeto: o Estádio Mané Garrincha, em Brasília, custou R\$ 1,7 bilhão, 44% a mais do que previsto (já descontada a inflação no período). Como fetiche popular tal evento é utilizado para fortalecer a economia capitalista e promover a “alegria nacional”, mas tem sido palco para várias opressões sociais no mundo todo, como gentrificações higienistas, enriquecimento ilícito, corrupção internacional, aumento das repressões a movimentos sociais, assassinatos por parte do Estado, prisões políticas e ilegais.

Por outro lado, presenciei ações de adeptos que nunca cheguei a acessar. Conhecia-os de vista, mas não faziam parte do grupo de afinidades que me aproximei. Estes, na maioria das vezes, só apareciam em situações críticas e tinham, visivelmente, uma afinidade maior com a tática. Entravam, quebravam e depois sumiam; nunca os vi sendo presos. Mas os que eu conhecia diziam que muitas vezes eram esses que no final acabavam ajudando os que iam parar nas delegacias. Também, muitos dos que conheço, atravessaram noites em frente de delegacias tentando livrar algum amigo das grades e correntes de poder do Estado.

Foi pra estes que dediquei essa investigação, para os anônimos. Buscando falar daqueles que não foram espetacularizados pela grande mídia corporativa. Aqueles que não se tornaram pivô da criminalização do Estado, mas que foram criminalizados à escondida das lentes da imprensa nacional e sofreram, na invisibilidade, a angústia de querer mudar um mundo que não muda.

A princípio as ferramentas etnográficas acompanhariam, metodologicamente, uma cartografia afetiva, que foi deixada para uma outra oportunidade devido ao pouco conhecimento teórico necessário para analisar cerca de 32 entrevistas e depoimentos, mais de 800 fotografias, cerca de 36 horas de filmagens nos atos de rua e reuniões particulares. Materiais que ao todo somam mais de um terabyte e meio de informações reunidas no trabalho de campo realizado entre 2013 e 2016, pois contempla todos os atos em que acompanhei os adeptos da Black Bloc. Contudo, neste trabalho será focado em apenas uma parte desse acervo. A que cobre os protestos contra a Copa do Mundo, 2014.

Filmando, anotando, escutando e lendo foi que aprendi que a “etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p. 30). Deste modo também aprendi que a opção por uma metodologia mais qualitativa para tratar do assunto que me interessava era também uma escolha política. A preferência paradigmática desta pesquisa é por discussões em torno da Complexidade e da Pós-Modernidade em detrimento do Positivismo Científico, muitas vezes sugeridos (quando não exigidos) para separar Ciências Sociais e Literatura.

Uma metodologia também está muito ligada à visão de como determinadas Ciências vê o mundo. No modo que entendo, para a minha linha de pesquisa, Educação, Comunidades e Movimentos Sociais, discutir a legitimidade das instituições sociais e políticas, como partidos, sindicatos, movimentos sociais e governos com uma metodologia qualitativa, buscando escapar ao positivismo científico, seria plausível, desde que, de forma auto avaliativa. Discutir e criticar uma instituição sem uma discussão sobre própria legitimidade enquanto sujeito agremiado a

outra instituição, no meu caso a universidade pública, seria tornar parcial qualquer análise qualitativa.

Observar o outro requer habilidades diferentes de percebê-lo como objeto por todos os ângulos, requer um ponto de vista ligado à construção de um mundo do observador, muitas vezes olhando o mundo pelo seu reflexo nos olhos de quem observa. Os métodos cujo envolvimento do pesquisador e sua fonte de pesquisa se tornam participantes, e coautores do resultado final, confluem e conflitam com a cartilha de algumas Universidades. Como não existe mais consenso sobre estas questões metodológicas, é preciso discutir aspectos que as universidades aceitam politicamente como resultado para a Ciência. Isso requer que a escolha da metodologia também seja uma escolha política.

As crises de hegemonia, de legitimidade e institucional das universidades modernas foram analisadas por Boaventura de Sousa Santos (1999) quando publicou o artigo “Da ideia de universidade à universidade de ideias”⁴. Para estas crises o autor propõe várias micro utopias para a criação de uma universidade democrática e emancipatória. Para Schmidt (2006) duas delas interessam, particularmente, à discussão sobre o papel da pesquisa participante:

1) a necessidade de uma dupla ruptura, por um lado, com o paradigma positivista de ciência e, por outro, com a hegemonia do saber científico em relação a outros saberes como o senso comum e a sabedoria popular; 2) a ideia de que a democratização da universidade, embora passando pela transformação das estruturas de poder internas e pela ampliação do acesso ao ensino superior, depende, sobretudo, da criação de comunidades interpretativas que integrem o conhecimento científico, o pensamento do senso comum, os saberes populares e a mídia para um confronto dos problemas sociais em nível local, nacional ou internacional.

Para ela a ruptura com o paradigma positivista e com hegemonia do saber científico enseja o debate epistemológico e metodológico em torno da pesquisa em ciências humanas. “A ideia de comunidades interpretativas⁵ faz apelo a uma democratização do saber não apenas em seu

⁴ Pode ser baixado em:

<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Da_ideia_de_universidade_RCCS27-28.PDF>

⁵ O termo comunidade interpretativa diz respeito a um sistema ou contexto capaz de produzir o consenso em torno da escolha da interpretação a ser atribuída a um enunciado ou conjunto de enunciados. A partir do conceito de comunidade interpretativa, a produção de significado se desloca tanto da esfera do autor, compreendido como o criador original (base da concepção romântica da arte) quanto da esfera do leitor (foco tanto da estética da recepção quanto do reader’s response criticism), capaz de efetivar escolhas interpretativas, liberto de determinações externas à sua própria experiência individual. Comunidade interpretativa é, portanto, aquele ponto de intersecção a partir do qual se constrói uma certa estabilidade significativa, a partir do momento em que os indivíduos que ali se agrupam compartilham regras e estratégias de leitura que emolduram a aceitabilidade interpretativa e que permitem a comunicabilidade, o intercâmbio e a coincidência de interpretações (Tereza Virginia de Almeida) <<http://www.edtl.com.pt/business-directory/6366/comunidade-interpretativa>>

momento de divulgação e “aplicação”, mas, além disso, na ordem de sua constituição ou produção” (Schmidt, 2006, p.13)

A prática da pesquisa participante é capaz de aglutinar em torno de si tanto a reflexão epistemológica que interessa à ruptura com o paradigma positivista quanto a apreensão crítica das dimensões éticas e políticas das pesquisas de campo, configurando metodologias que promovem uma relação com o outro próxima à ideia de comunidades interpretativas (Schmidt, 2006, p. 13)

Schmidt (2006), fala que Boaventura de Souza Santos, em 2004, ao retomar o assunto da crise universitária, cita a pesquisa participante como prática pertinente à reforma. A pesquisa participante no entanto é citada “sem, contudo, receber um tratamento mais detalhado” (Schmidt, 2006, p. 13). Para esta autora uma cartografia das singularidades entre os séc. XIX e XX fundam a Etnografia e, portanto, a pesquisa participante, como disciplina científica.

Optado por uma pesquisa participante factualmente eu teria de ter a confiança e a colaboração de indivíduos, grupos e coletividades cuja experiência, pessoal e coletiva, eu sequer conhecia. Comprei um caderno de campo, gravador e emprestei uma câmera de vídeo da UFSCar e parti com o compromisso de entender o outro. Aquele que me afetava, mas não estava em mim, estava fora, mas estremecia o de dentro.

As ferramentas eram aproximativas e não constitutivas. “A constituição de sentidos da alteridade, na prática da pesquisa participante [...] encontra-se, na atualidade, muito mais explicitamente definida como resultado do diálogo, da interlocução e da negociação cultural e interpessoal entre pesquisadores e pesquisados” (Schmidt, 2006, p. 30). Portanto, a câmera, o caderno, o gravador eram importantes em determinado tempo de aproximação e na cristalização do momento para uso posterior, mas como pressuposto a uma análise típica da virtualidade perdia parte do sentido contido no diálogo. Ouvir as narrativas não foi em nenhum momento um ato passivo. A interação e o diálogo que se davam antes e depois do ligar da câmera ou do gravador eram, muitas vezes, mais reveladores que a própria entrevista ou depoimento. Talvez a convivência que aproxima a linguagem entre o pesquisador e suas fontes seja a ferramenta mais potente de uma pesquisa participante.

“A renovação das ciências humanas parece mesmo depender da ruptura com a assepsia metodológica do paradigma positivista e da superação da dominação do saber científico em relação a outros saberes” (Schmidt, 2006, p. 39). Portanto, “a pesquisa participante, neste cenário, representa um caminho ou uma via de aprofundamento desta renovação, pois, buscando o sentido da alteridade, predispõe-se à autorreflexão (Schmidt, 2006, p. 39).

O recorte temporal das pesquisas empíricas foi de janeiro a julho de 2014. Sendo um total de 14 atos ou reuniões acompanhados. Todos os atos foram relatados em um diário de campo: uns no momento em que estavam acontecendo, outros no ônibus entre Sorocaba e São Paulo e outros já com as faíscas de lembrança que me assaltavam o pensamento e eram encaixados nos relatos já escritos. Não foram anotados apenas aspectos das narrativas, mas também do ambiente em que eram tomadas.

O recorte espacial é em sua maioria na cidade de São Paulo, com exceção para os dias 10, 11, 12, 13 e 14 de julho (2014) passados no Rio de Janeiro. Tanto a cidade de São Paulo como a do Rio de Janeiro foram visitadas outras vezes – depois desse recorte –, na mesma condição de acompanhamento de protestos. Narrativas desta ordem podem, ocasionalmente, ser usadas como continuidade de alguma outra narrativa. Principalmente se se tratarem das palavras do mesmo narrador. Pois, como diziam nessa época: “São Paulo e Rio tudo junto e misturado”.

É inevitável advertir que as sequentes inserções em campo (filmando, entrevistando, ouvindo) – ou a convivência mútua nos dias de protesto – levam a uma certa forma relacional entre o pesquisador e os grupos de afinidade acompanhados. Essa forma relacional se deve a uma espécie de comunidade existente no tempo e no espaço de protesto. E, que embora comungue certos valores e afetos de convivência, pouca relação física tem fora dali.

A expansão do tempo e espaço no que chamam de pós modernidade trouxe a relação complexa das redes sociais digitais, portanto mesmo que a convivência nos atos tenha sido pontual ela se expandiu devido à relação dentro da rede social Facebook, o que foi fundamental pra apertar os laços de convivência e também conhecer o repertório discursivo daqueles de quem eu me aproximava. Pelas redes sociais era capaz de continuar a etnografia e procurar entender, também, como as fontes eram transpassadas pelos discursos que disputavam a interpretação dos protestos.

E este ponto é fundamental pra tratar os objetivos deste trabalho. Pois o mesmo se insere nas discussões que tentam interpretar o que aconteceu com o Brasil nesse período de protestos.

Segundo Zizek:

“A luta pela interpretação dos protestos não é apenas ‘epistemológica’; a luta dos jornalistas e teóricos sobre o verdadeiro teor dos protestos é também uma luta ‘ontológica’, que diz respeito à coisa em si, que ocorre no centro dos próprios protestos. Há uma batalha acontecendo dentro dos protestos sobre o que eles próprios representam” (ZIZEK, 2013, APUD MORAES /et al/, 2014. P.1).

Esta citação de Zizek abre o artigo “A insurreição invisível”. Escrita pelos pesquisadores Wallace dos Santos de Moraes, Camila Rodrigues Jourdan, Andrey Cordeiro Ferreira e é uma interpretação antigovernistas da rebelião de 2013/14 no Brasil.

Anti-governista, pois faz uma crítica ao artigo de SINGER (2014), “Rebellion in Brazil”, que defende, entre outras coisas, que os protestos desta época não tinham nenhum significado e que os levantes tinha muito da elevação do padrão econômico do país. Era um artigo, portanto, que tentava blindar o governo brasileiro para opinião pública internacional.

O artigo “A insurreição invisível” e esta pesquisa “Narrativas de Protesto”, disputam significados entre todas as interpretações feitas sobre o levante popular de 2013/2014. O artigo de Moraes (2014, p. 3) “foca na interpretação da ação direta, realizada por diversos coletivos conscientes de suas ações e que reivindicam o socialismo/anarquismo como ideal”. O problema da sua pesquisa é simples:

Trata-se de perguntar o porquê de parcelas significativas dos manifestantes usarem da violência como forma de fazer política, por meio da ação destrutiva (como quebrar vidraças de agências bancárias após sofrerem ataques policiais nas manifestações). Por que não colocaram essa questão? (MORAES /et al/, 2014. P.3)

O texto ainda destaca que os oligopólios de comunicação de massa não podem servir como fontes seguras para movimentos populares no Brasil. Pois revelam o direcionamento que os poderes dominantes querem dar aos fatos.

Na identificação das interpretações classificam os discursos em Governistas, Ultraliberais, Esquerda Estatista, Integralistas/Fascista e Revolucionário. Para estes pesquisadores dois destes discursos são oficiais: Governista e Ultraliberal

As principais características de suas análises foram clamar pela integridade: do Estado, das instituições, da democracia representativa, enfim, do *status quo*. Essas partiram dos postulados da democracia minimalista e apresentaram o capitalismo e o Estado, com suas instituições, como último estágio e mais avançado da história da humanidade como impassíveis de alterações. Elas foram amplamente divulgadas pelos oligopólios de comunicação de massa no Brasil. (MORAES /et al/, 2014. P.3)

Este artigo é também construído por pessoas que tinham um contato como observador participante nos protestos do mesmo período, portanto, em muito complementa o modo como gostaria de interpretar politicamente o momento histórico.

Deste modo, o problema em “Narrativas de protesto” se espelha no colocado por Moraes (2014): “O porquê de parcelas significativas dos manifestantes usarem da violência como forma de fazer política, por meio da ação destrutiva?” e inclui “Como essa ação destrutiva foi aproveitada nos discursos ultraliberais dos canais da grande mídia de massa?”

Deste modo, na tentativa de contribuir com o debate, buscamos cobrir o flanco que luta contra essas interpretações não-revolucionárias e nos digladiamos contra os discursos Ultraliberais. Nosso objetivo principal é denunciar como os discursos ultraliberais, contidos na grande maioria das empresas jornalísticas do país, utilizaram seu poder de transmissão de informação para combaterem tanto as manifestações quanto o discurso Governista. Tomando como prioridade invisibilizar os movimentos sociais, criminalizando seus atores na mesma proporção que combatia o governo por questões eleitoreiras. Outro objetivo, mais focado nas questões da análise documental, seria propor uma trajetória da história da Black Bloc, da sua origem até o Brasil em 2013, para perceber a influência que tinha este histórico de lutas sociais sobre os jovens acompanhados.

Para tanto, no Capítulo I, evidencio o meu local de fala. A perspectiva da construção de quem fala é justificar a presença do pesquisador de modo a evidenciar que sempre houve uma troca e que a própria construção do trabalho coloca o pesquisador e todas as fontes narrativas como coautores desta pesquisa. Demonstrar quem escreve é colocar em equivalência todos que contribuíram para a execução da pesquisa. Mesmo porquê grande parte do que foi escrito foi enviado e discutido com várias das fontes utilizadas.

No Capítulo II delimito os sujeitos, o contexto histórico da pesquisa e destaco o plano de fundo que deu oportunidade do Brasil sediar uma Copa do Mundo. Traço redes que associam uma breve história política do Brasil dos últimos 20 anos (em relação à Copa) focando nas eleições presidenciais brasileiras que seguem, desde 1994, o calendário das Copas do Mundo FIFA. Incluído, neste contexto, fazemos a especulação de como foram as manifestações contra a Copa nesse período e a demanda dos movimentos sociais em cada país sede. E assim articulamos a aprovação do Governo Federal brasileiro, até 2016 – pelos ângulos das sondagens de opinião pública ultraliberal – com as reivindicações dos levantes populares no Brasil de 2013-2015. Dentro deste contexto histórico pautamos a evolução da perspectiva autonomista dos movimentos de juventude focando nossos esforços no Movimento Passe Livre, e nos desdobramentos das manifestações que ocorreram depois da revogação do aumento, principalmente, as relacionadas ao movimento contra a Copa.

No capítulo III proponho uma trajetória histórica para a Black Bloc entre as mídias de massa e os movimentos sociais separadas em três ciclos de lutas. Partindo de uma análise bibliográfica verifico a informação documental no acervo de dois dos maiores jornais do país (Estadão e

Folha). Buscando o aparecimento do termo “Black Bloc”⁶ até que faça referência à sua utilização no Brasil.

Enredo essas informações com a história da ação direta de alguns movimentos sociais em períodos específicos: *primeiro*: da contracultura punk em junção com o movimento ecológico antinuclear; *segundo*: do movimento alterglobalização e dos grupos de ação direta que promoveram a Batalha de Seattle (1999); e, *por último*: das lutas pelo direito à cidade, participação democrática e contra os avanços das políticas neoliberais que formaram a “marolinha” de protestos que inundou a Grécia, a Tunísia, o Egito, a Turquia e o Brasil, depois do estouro da bolha imobiliária estadunidense que desencadeou uma crise mundial em 2008.

Nestes ciclos não existem fronteiras temporais ou espaciais. São estruturas de protesto sobrepostas interligadas em rede, porém independentes tanto das pautas de luta quanto dos atores sociais que a compõem. Ora se pulverizam ora cristalizam, no entanto, talvez por uma questão geracional, podem ser classificadas por períodos de luta.

Os esforços para realização deste trabalho justifica-se por ser necessário uma aproximação com as manifestações populares onde surgiu, com força midiática, a tática Black Bloc, e procurar entender as relações de poder que influencia as ações da vida pública na sociedade brasileira atual.

Não há nada de novo, a Black Bloc já é um tema bastante abordado em pesquisas fora do Brasil. Lukasz Nieradzik (2008) coloca a Black Bloc na linha dos *Sponts* – grupos de ação direta que se encontravam ao acaso e se manifestavam de forma espontânea na Alemanha dos anos 70. George Katsiafiakas (2006) indica origem da tática nos *Autonomen* – movimento autonomista alemão nos anos 80. Ickibob (2003) fala de mobilizações Black Bloc nos Estados Unidos no início dos anos 90, incluindo mobilizações contra a Operação Tempestade no Deserto (1ª Guerra no Iraque). Francis Dupui-Déri (2005) está particularmente interessado nas origens da Black Blocs. AK Thompson (2010) analisa a tática Black Bloc e os movimentos antiglobalização na América do Norte – curiosamente relaciona as ações diretas à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1979), dedicando ao assunto um capítulo do seu livro: “*Black Bloc, White Riot: Anti-Globalization and the Genealogy of Dissent*”. A pesquisadora feminista Emeline Fourment (2014), traz à discussão a ação das mulheres nesse contexto de autonomia e enfrentamento político na Alemanha entre os anos 70 e 80 em “*Cagoule noire et ongles roses: Féminismes et rapports de genre dans la gauche radicale de Göttingen*”. No Brasil, como comentamos, Leo

⁶ Também foi verificadas outras grafias: (em inglês) Black-Bloc, Black Block, Black-Block, Blackbloc e Bloackblock.

Vinicius Maia Liberato (2002) – sob heterônimo Ned Ludd – organizou e publicou vários textos sobre a Black Bloc em seu livro “*Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*”. Esse livro que traduz artigos de vários coletivos anarquistas internacionais. Julia Ruiz Di Giovani (2007) em sua dissertação “*Seattle, Praga e Gênova: política antiglobalização pela experiência da ação de rua*”, fala da posição marginal da tática Black Bloc nos protestos que acompanhou. E apesar de Paulo Ortellado (2014) ter afirmado em palestra⁷ e Esther Solano em entrevista⁸ que durante protestos antiglobalização em São Paulo foram levadas a cabo ações típicas da tática Black Bloc, foi somente após junho de 2013 que uma publicação comunica sua utilização por atores sociais e políticos em protestos do Brasil. As pesquisas acadêmicas que tratam desse fenômeno dirigido a jovens brasileiros também só aparecem após esse período. É uma produção ainda muito pequena se comparado ao impacto midiático que a Black Bloc teve nos canais de comunicação. Tem-se pouco estudo e muita especulação sobre o modo como afetou os protestos em 2013/2014.

Se consultar o termo “Black Bloc” nos sites da Scielo (www.scielo.org ou www.scielo.br) o resultado vai ser zero. No site de periódicos da CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>) dos 1006 resultados apenas 2 são em português (um não diz respeito à tática e o outro a trata como sugestão de assunto para redação). Outras bases foram consultadas como por exemplo a da Universidade de São Paulo em seu portal de periódicos (<http://www.buscaintegrada.usp.br/>) que traz 20 artigos em português, em sua maioria da revista Veja, jornais e, além do mesmo resultado da Capes, apenas mais dois resultados positivos, mas que tratam a tática Black Bloc de forma referencial – sem ser o objeto do estudo. No Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>) considerando apenas as páginas em português, classificado por relevância, chegava a 246 resultados positivos em 19/06/2015. Sendo um fenômeno social tão comentado nas páginas de jornais e redes sociais na Internet é mister que caibam mais pesquisas acadêmicas em torno dessa perspectiva.

O que é flagrante, é que depois de romper com a invisibilidade e cair nas páginas da grande mídia de massa brasileira, a Black Bloc brasileira, recebeu toda uma carga de criminalização inclusive com prisões de ativistas destacados após junho de 2013. Entretanto apesar de toda

⁷ A urgência das ruas - Salão de Ideias - Bienal do Livro SP. Com foco nas manifestações ocorridas no país desde junho de 2013, o cientista político Francis Dupuis-Déri, da Universidade de Québec e autor de “Black Blocs”, e o filósofo Pablo Ortellado, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, irão abordar os movimentos sociais recentes e os interesses dos distintos grupos que participam dos protestos de rua. A mediação é do jornalista e cientista político Bruno Paes Manso. Debate realizado no dia 25/8 às 16h. Pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=YOF4xv8D7OE>

⁸ Fonte: <<http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/por-tras-da-mascara-dos-black-blocs/>>

forma negativa com que foi tratada, a sombra das Black Blocs ainda ronda os protestos no Brasil. Demonstrando que não é um fenômeno efêmero e que tem potencialidade para acompanhar os protestos futuros. Principalmente os que eclodirem sob a espetacularização das Olimpíadas. Isto é novo na história da Black Bloc.

Muitos dos que entrevistei durante a Copa em 2014 estavam no apoio das passeatas e ocupações dos estudantes secundaristas de São Paulo, no final de 2015. O protesto do MPL, em 2016, estava novamente inflacionado por uma “outra geração de Black Blocs”, que, mesmo visivelmente iniciantes, traziam a potência autonomista na forma da juventude se organizar.

A tática Black Bloc precisa ser analisada em seus métodos e no que representam dentro do contexto político em que emerge, sem perder o fio de sua construção na história dos movimentos sociais. Estudos voltados a pensar os novos caminhos desses atores políticos podem ajudar, entre outras perspectivas, a finalizar a criminalização dos protestos de rua e regredir o processo de violência. Violência real, contra um corpo que sente dor, que não esquece um tapa. Não contra uma vidraça segregacionista.

Portanto, esta pesquisa é importante por contribuir na linha de discussão sobre as manifestações de protestos político-sociais que ocorreram no Brasil entre 2013/2016. A importância de empreender essa pesquisa de forma empírica é que suas narrativas e resultados, colhidos no momento de materialização do processo histórico, podem ser usados por pessoas interessadas neste período, sem estar impregnado pelo calor dos acontecimentos. Essa justificativa se manifesta legítima por tratar um tema ainda pouco explorado pela literatura acadêmica, mas que se refere a um fenômeno de grande impacto na construção do discurso público envolvido nas redes da mídia social.

Apesar das narrativas que finalizam essa pesquisa serem de atores sociais que utilizaram por algum tempo a tática Black Bloc e de pessoas que orbitavam os mesmos protestos, não raramente sentei pra dialogar com a população de rua, com as pessoas que haviam perdido suas casas em alguma reintegração de posse e que perambulavam desesperadas e famintas pelo centro de São Paulo; com aqueles que, sem qualquer ligação com igrejas e ONGs, dedicavam seu próprio dinheiro e tempo livre após suas jornadas de trabalho, para levar alimentos, cobertores e carinho às pessoas invisíveis ao poder público. Conversei aturdido com as prostitutas menores de idade e ouvi suas histórias de aliciamento coletivo para garantir a diversão dos estrangeiros que chegavam ao Brasil – não só para assistir a uma partida de futebol. Escutei as narrativas daqueles cuja atividade laboriosa era relacionada à mercantilização da

cocaína debaixo dos fuzis da Força Nacional, onde “gringo” tinha livre acesso coma polícia. Presenciei em São Paulo e Rio de Janeiro os agentes de segurança pública perdoarem a contravenção “gringa” e virar as costas, em seguida, para revistar os bolsos vazios dos negros que voltavam do trabalho. Visitei os espaços de gentrificação, onde comunidades inteiras eram manobradas pelo interesse governamental aliado à especulação imobiliária. Estive com os jovens com mais de sessenta anos que marchavam pelo descaso que sentia a terceira idade nas políticas públicas. Todos os relatos, narrativas, depoimentos e impressões, incondicionalmente, ligados aos processos de construção da Copa do Mundo de Futebol, ou pelo menos, nos espaços em que se reuniam pessoas contrárias à sua execução.

Nessa caminhada ouvi muitas perguntas e poucas respostas, a mais recorrente foi: “Copa, pra quem?”

CAPÍTULO I – O pesquisador: meu lugar de fala

Como que para tecer a complexidade do sujeito da fala e o modo como se constituiu para pensar o tema da Black Bloc no Brasil o que relato aqui é o meu pessoal. Deste modo, coloco, como ponto de partida, a história que me levou à pesquisa como observador participante: a minha história.

Por conta de questões paralelas, eu estava na cidade de São Paulo, no dia 6 de junho de 2013. Numa tentativa de me colocar mais atraente para os empregadores do setor de logística, participava de um curso de CEP (Controle Estatístico de Processos), em uma instituição de ensino daquela cidade, porque, na minha terra, Sorocaba, não havia nenhum com especialidade em transporte de carga e passageiros.

Eu, nascido e criado em cidade do interior, tateava o centro da Capital como uma formiga quixotesca, avaliando os prédios, monumentos e edifícios, históricos ou não, como se fossem gigantes ameaçadores. Já tinha trabalhado naquela cidade, mas sempre de cara amarrada. Parecia que tudo tinha o cheiro do rio Tietê. E, talvez, porque “todo narciso acha feio o que não é espelho”⁹ eu preferi não transferir minha residência do interior para a capital e viajava diariamente entre esses dois pontos.

Fiquei pelas estradas por mais de dois anos, trabalhando em empresas de São Paulo, Campinas e Piracicaba sem me mudar completamente de Sorocaba, até romper contrato com uma grande empresa de ônibus. Nesse começo de junho, eu, que estava com o dinheiro do seguro desemprego rareando no bolso, acendi um cigarro em frente ao Teatro Municipal de São Paulo e parei para matar o tempo.

Eram quase 17h e aguardava um amigo sair do serviço, pois voltaria de carona com ele para Sorocaba, economizando o dinheiro da passagem de ônibus. Sentado na escadaria em frente ao teatro percebia um clima festivo ir tomando conta do ambiente. Meninos e meninas sorridentes, outros mais tensos, esticavam faixas e confeccionavam cartazes em rodas de conversa. A

⁹ Trecho da música Sampa (1978) de Caetano Veloso pela gravadora CBD Phonogram, do Rio de Janeiro. Sua poesia retrata a visão do migrante ao encarar São Paulo frente a frente.

aglomeração em torno de mim ia ganhando corpo, quando menos percebi estava no meio de uma multidão. Era um ato contra o aumento da passagem puxado por manifestantes do Movimento Passe Livre (MPL). O primeiro grande ato contra o aumento das tarifas de transporte daquele ano em São Paulo.

Meu amigo saiu do trabalho e chamou-me pelo celular. Encontramo-nos numa padaria ali próximo, para comer uma coxinha antes de pegar a estrada. Quando cheguei à padaria, meu amigo estava com mais três amigas que o convenciam a juntar-se na passeata que estava para começar. Convencidos os dois, engoli de qualquer jeito a coxinha com uma Coca-Cola ainda meio quente. Quando ganhei a rua só tinha dois pensamentos: que o refrigerante quente ia me dar dor de barriga e que, tomara Deus, não tivesse no Facebook fotos daquela passeata, senão ia ter de me explicar muito lá em casa.

Por volta de umas 18h a passeata saiu do Teatro Municipal e ganhou as ruas do centro de São Paulo. Eu estava desorientado. Fiquei muitas vezes assim em atos de protestos. Como não conhecia a cidade, deixava-me levar pelo fluxo sem ter a menor ideia da direção que seguia. O clima era excitante, os gritos, as canções. E a polícia acompanhando com cara de poucos amigos dava uma estranha tensão à carnavalesca passeata. Eu, já casando, depois de pelo menos uma hora de caminhada, só pensava na hora de ir-me embora. De repente a passeata faz curva e invade uma grande avenida (era a 23 de maio) e o caos toma conta de todos os espaços. A partir daí foi só tiro, porrada e bomba. As pessoas corriam para todos os lados e o barulho das explosões estremeciam a carne fraca de um cidadão do interior. Tudo em mim gritava. Tudo em mim tremia. O frio na barriga só deu trégua por um motivo mais forte: a respiração foi bloqueada por algo químico. A primeira respirada de gás lacrimogênio a gente nunca esquece: o pulmão trava, a garganta arranha, o rosto queima e os olhos debulham lágrimas grossas...

Cheguei em casa quase à meia noite, só dormi com o sol iluminando a janela. No outro dia, os jornais me chamavam de baderneiro, vândalo e violento. Uma indignação me tomou de assalto. Tomei para mim todas as dores. E na verdade todas elas doíam como ferida aberta, quando tentava em mim reproduzir o que vinha num turbilhão de pensamentos. Jurei vingança e me pus em movimento de resistência contra as inverdades que de mim falavam os canais de imprensa. “Desopilava o fígado” em redes sociais como que denunciando as mentiras das grandes mídias de massa. Agora eu era mesmo um verdadeiro Quixote estocando o calcanhar de gigantes ameaçadores.

O mês de junho rendia como que num tempo expandido, com um dia maior que o outro.



Figura 1 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo, 2013.



Figura 2 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo, 2013.

Entre estudos de estatística empresarial e a participação nos atos do MPL, via o mundo se dilatar e transformar-se num desejo que eu nunca tinha acessado: era o desejo de um mundo novo que transformava algo dentro de mim. Nas leituras de jornais e telejornais uma história que não era a minha, nas redes sociais a diária visita ao perfil do MPL e a crescente aproximação de páginas com a máscara de Guy Fawks, Anonymous ou V de Vingança, faziam com que eu retomasse algo perdido na juventude: a certeza de que podia mudar o mundo.

Tudo o que tinha construído como perspectiva de vida rachava. A vontade de entrar em um curso de pós-graduação em Engenharia de Produção na Universidade Federal de São Carlos, onde eu cursava – pagando mensalidade – disciplinas que me dariam certificado “green belt”¹⁰ – não tinha mais tanto sentido como antes de junho de 2013.

Nesse ínterim, comecei a participar de reuniões de coletivos políticos em Sorocaba, que já vinham em uma trajetória de construção de movimentos sociais. Comecei em reuniões do RDS (Real Democracia Sorocaba) e depois, através de conexões de amizade, no movimento Contra Catraca (que tinha sua luta muito próxima aos anseios do MPL, pois pautada no direito à cidade, na luta contra a alta da tarifa, e, por fim, no passe livre).

A aproximação na minha cidade era tão ou mais difícil quanto em São Paulo. Quando saí daqui, por motivo de trabalho, sempre me senti “estrangeiro” nos novos lugares. Quando retornei à minha terra, notei que tinha me tornado um estrangeiro nela também. Era um nômade, sempre um estranho em terra estranha onde quer que eu pisasse.

Nesse tempo todos que não eram da mesma panela podiam ser infiltrados da polícia (e esse medo também é causador de muito silenciamento). Sentia que minha presença pairava entre o cara do bem e o mau. Quando me sentia solitário na luta ou silenciado nas reuniões, mais o Levi Athan¹¹, que eu tinha criado nos sites de redes sociais, gritava em forma de protesto.

Nesse nomadismo, entre São Paulo e Sorocaba, São Paulo me dava mais abertura de aprendizado dentro dos espaços de movimentos sociais. Entendi que não existia apenas o MPL nesses locais e, apesar deste grupo de fato ter o protagonismo das ações, ostentava certa autonomia organizativa entre os seus militantes, que transbordava para os grupos menores, mas não menos engajados na luta. Ou talvez esses grupos menores carregassem em si uma autonomia de coletivo que eu nunca tinha vivenciado, por isso os espelhava naqueles que

¹⁰ Green Belts certificação de profissionais com habilidades de realizar projetos sob a metodologia Seis Sigma.

¹¹ Sempre usei perfil fake nas redes sociais digitais, nunca utilizei meu nome desde meu primeiro avatar criado em 2004 no site de rede social ORKUT.

estavam em maior evidência. Este modo de organização mais autônoma e não hierarquizada me acompanhou por todos os passos até chegar a esta pesquisa.

Os enfrentamentos em São Paulo chegavam às vias de fato da violência enquanto os de Sorocaba carregava certa postura ordeira de cidade interiorana. Nesse mês, em São Paulo, quebrei pela primeira vez uma costela, protestando na praça do Ciclista. Meu maior erro foi esticar uma flor amarela na direção de um agente policial: fui golpeado a cassetete debaixo do braço direito e não tive forças nem para manter a flor entre os dedos.

Em Sorocaba, dias depois, na avenida Armando Pannunzio, num enfrentamento com a polícia, ao lado de uma loja envidraçada do McDonald's – que não recebeu uma pedrada sequer –, corri de costas, junto com a FAAARS (Frente Ampla Antifascista e Anticapitalista da Região de Sorocaba) enquanto retaguarda do Contra Catraca que corria à frente. Senti que existiam duas construções distintas entre os atos em São Paulo e Sorocaba e que eu teria de aprender a me portar nessas duas frentes.

Se eu deflagrasse a primeira pedra nas vidraças do capitalismo sorocabano, estaria sozinho e seria rechaçado pelos outros manifestantes, enquanto em São Paulo teria espaço de ação e acolhimento de outros, que mesmo sem me conhecer, não me julgariam com moralidade e veriam até com certo humor o incitar da violência da PM num ato provocativo.

Nesse impasse de aprendizagens militantes contraditórias – mas complementares –, com tudo que me restava comprei uma câmera Cyber-Shot da Sony, de segunda mão, na feira da barganha em Sorocaba. Foi com ela que tirei minhas mais tremidas fotos dentro dos espaços de protesto. Poder cristalizar o momento e eternizar o meu presente, por mais desfocado e ininteligível que fosse, resgatava-me sempre a emoção vivida. E isso, às vezes, me levava à alguma crise de ansiedade e excitação quando revisitava os momentos mais críticos desta história.

Foi com esta câmera que registrei meus primeiros passos junto aos facilitadores do Fórum Social São Paulo, foi com ela que tirei minha primeira foto com o companheiro Chico Witaker, por quem me engajei na Coalizão por um Brasil Livre de Usinas Nucleares. A partir daí começou a parceria com o companheiro Bruno Franques que me aproximou da agroecologia, do GARFOS (Grupo de Articulação Regional da Feira de Orgânicos de Sorocaba), do Jardim do Livre Sonhar, da construção do Fórum Social Sorocaba e das participações em eventos da ONG Ação Educativa em São Paulo e Brasília.

Com esta máquina também registrei uma surpreendente passeata em Sorocaba, um dia depois

da revogação do aumento das tarifas de transporte. Manifestação já polarizada pela dispersão de pautas e com forte apelo nacionalista. Esta passeata, em sua mais gritante diferença com as que eu acompanhava em São Paulo, trazia à frente um carro de som cedido pela CUT (Central Única dos Trabalhadores) – coisa que em São Paulo, possivelmente seria tombada e queimada por manifestantes mais radicais. A intenção do movimento era parar o carro na praça da Bandeira e, talvez, proporcionar algum discurso. O que não aconteceu pela pluralidade da vontade coletiva: uns queriam acessar a avenida Marginal e “passaram por cima” do cordão de isolamento feito pelos militantes dos movimentos que “puxavam” o ato. Mas ao tomar de assalto a marginal a turba dispersou-se em grupos: uns para Prefeitura, outros para o terminal de ônibus e outros, mais exaltados, para a rodovia Raposo Tavares – a autoestrada mais movimentada próxima à cidade. Nem nos momentos mais críticos houve enfrentamento físico com a polícia.

No fim deste mês, de cara já não passei na prova para cursar pós-graduação em Engenharia de Produção na UFSCar-Sorocaba. Foi decepcionante. Quase no mesmo momento me inscrevi para poder participar, como aluno especial, em disciplinas de dois centros diferentes desta mesma universidade: Engenharia de Produção e Educação. Minha solicitação para participar das aulas de logística foi negada, mas surpreendentemente fui aceito para fazer a disciplina de Educação, Política e Sociedade, com a professora Dulce (que não tenho coragem de chamar de Dulcinéia, mesmo com toda minha inclinação quixotesca).

Um fato novo se abriu durante este novo engajamento e meus olhos se iluminaram como se paridos em um mundo novo. O mundo da Educação. As aulas como “aluno especial” começaram em agosto daquele ano. Em setembro eu já era professor, dando aulas em escolas técnicas do Centro Paula Souza. Neste novo emprego/classe/profissão me engajei na primeira greve enquanto funcionário da Educação. E voltei as avenidas paulistanas, com minha velha Cyber-Shot, desta vez empregado e militante pelos direitos da classe professor.

O tempo ainda expandido no meu psicológico dilatava meus horizontes e eu viajava distante dentro de mim sem sair da biblioteca da UFSCar-Sorocaba, onde eu cheguei a passar mais de dez horas em confinamento voluntário. Tinha de correr atrás de um prejuízo teórico, engolir um mundo que me fora negado pelas políticas neoliberais, aquelas que afastam os menos abastados das cadeiras públicas universitárias. Nunca tive e não tenho casa própria, nasci, vivi e me criei na periferia que na década de 90 tinha menor representatividade nas universidades públicas do que tem hoje, 25 anos depois. Fui formado em tecnologia logística pela FATEC, mais por necessidade que por desejo/escolha. Era o que o emprego me exigia e o que meu bolso suportava

(pois era gratuita). Já tinha sido barrado em duas instituições de ensino por não suportar o peso das mensalidades. Ainda hoje sou cobrado por não finalizar os cursos (ou melhor, os boletos bancários) de Telecomunicação no Senac (Serviço Nacional de Aprendizado Comercial) e Jornalismo na UNISO (Universidade de Sorocaba). Mas ali estava eu novamente em plena metamorfose ambulante, casado, com duas filhas, aluguel, comida e a ração do gato no limite da subsistência, alimentando-me de livros que não tinha podido saborear na adolescência. Foi com muito apetite e gula que me delicieei de cada bocado. Talvez tudo tenha mesmo seu tempo certo. Um gosto de fruta madura.

Os atos não diminuam em São Paulo nessa época e apesar de estar soterrado de estudo e trabalho fugia para fotografar um ou outro. A emoção dos confrontos nas ruas da Capital, tendo a câmera na mão, já era quase um vício. E setembro daquele ano cheirava a sangue. Em várias páginas annons (como auto intitulavam, os grupos Anonymous¹², suas páginas no Facebook) o chamado por um ato neste dia de comemoração alegórica – no qual o Estado mistura, num desfile, forças armadas, alunos de escolas públicas – ganhava corpo nas redes sociais. Tinha acesso a algumas páginas enquanto “criador de conteúdo” e me surpreendia quando uma postagem minha alcançava centenas de milhares de visualizações em um dia. Chegou o Setembro Negro (forma como era midiaticado no Facebook) e no dia 7 saí da delegacia policial já passando das 23h.

O dia sete de setembro de 2013 fiquei em Sorocaba. Comecei em frente ao palanque das autoridades no Parque da Águas, onde eu era o único que ostentava pacificamente uma máscara de Guy Fawkes¹³, sob o olhar atento da PM, das autoridades políticas conservadoras e da provocação dos simpatizantes deste desfile infante-militarizado. Muitos dos que eu conhecia, e que não tinham sido cooptados pelos partidos políticos da cidade, estavam lá “à paisana” e combinavam um ato, na parte da tarde, nos mesmos moldes de São Paulo: com paralização da

¹² Anonymous é um movimento que mistura hacktivismo e midiativismo. Enquanto uns hackeiam sistemas digitais de empresas e governos outros grupos, conectados ou não, difundem sua opinião na internet em sites e redes sociais. Utilizam os mesmos ícones para tratar seus assuntos, o principal é a máscara de Guy Fawkes, criação do desenhista David Lloyd, coautor da HQ V de Vingança (1982). O nome Anonymous foi inspirado no anonimato sob o qual os usuários postam imagens e comentários na Internet. O uso do termo Anonymous no sentido de uma identidade iniciou-se nos imageboards. Uma etiqueta de "anônimo" é dada aos visitantes que deixam comentários sem identificar quem originou o conteúdo. Usuários de imageboards algumas vezes brincavam de fingir como se Anonymous fosse uma pessoa real. Enquanto a popularidade dos imageboards crescia, a ideia de Anonymous como um grupo de indivíduos sem nome se tornou um “meme” da internet. Em: Whipple, Tom. "Scientology: the Anonymous protesters", The Times, June 20, 2008. <http://www.exscn.net/content/view/172/109/index.html> (01/04/2015)

¹³ Soldado inglês católico, participante da ‘Revolução da Pólvora’ que no ano de 1605 tentou explodir o parlamento inglês durante o discurso do rei protestante Jaime I. A prisão de Guy Fawkes ainda é comemorada em 5 de novembro.

marginal do rio Sorocaba, bandeiras anarcopunks e roupas pretas.

Temi e me coloquei contrário, desde o início, ao ato. Não se tratava de premonição nem nada, era a certeza de que seria uma péssima estratégia de ação direta enfrentar o poder público em meio a um feriado de ruas vazias, onde a estrutura de fluxos não favorecia a uma resistência ou a dispersão: de um lado o rio, do outro, construções – sem pontos de fuga, nem objetos para barricada.

Voltei para casa e a cada vez que meu celular vibrava eu tremia e meu estômago queimava. Eram notícias das batalhas dos “compas” de São Paulo. Fraturas, prisões e corpos arrastados, muita bomba, muito gás lacrimogênio, tiros de balas de borracha, olhos perfurados, prisões... a cada notícia uma lágrima impotente.

Em Sorocaba, de todas as manifestações desse ano, esta, armada para sair à tarde da Praça do Canhão, foi a única manifestação que chegou ao enfrentamento físico com a polícia (se é que se pode chamar de enfrentamento um massacre de agentes do Estado à uma maioria de manifestantes menores de 18 anos)¹⁴. Gastei meu tempo entre a delegacia policial e a Santa Casa de Misericórdia escutando as narrativas do dia por vários ângulos e visadas, inclusive dos policiais.

Outubro passou com muita dedicação ao projeto que eu apresentaria ao PPGEd (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UFSCar, chamado: *Pedagogia Marginal*. Visava uma vaga como aluno regular deste programa. Conseguida, como aluno “especial”, de novo era um estranho, mas, agora, um estrangeiro “especial”. Meu perfil militante e não acadêmico contrastava com um certo elitismo catedrático que certos alunos conservavam. Também ri de mim junto com os que de mim riam escondido por eu não pronunciar corretamente Durkheim ou Horkheimer. Mas, de fato, era menos estrangeiro quando ao lado de outras minorias dali. E, numa conversa entre dentes na biblioteca, senti-me num coletivo de minorias: um caiçara, um quilombola e um marginal. Desses amigos jamais esquecerei.

No início de novembro participei das ações do Fórum Social São Paulo. Foi um final de semana de muita aprendizagem e descobertas. Assimilando e anotando cada momento como se fosse expressão do meu mundo. Um lugar onde eu me sentia um igual e não mais estrangeiro. Onde

¹⁴ A reportagem não informa que alguns detidos que sofreram violência ao serem algemados e postos na viatura eram menores de idade. As imagens dos canais de TV sumiram da Internet antes que fossem copiadas. Mesmo com distorções o caso pode ser lido em <http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/500473/manifestacao-nn-resultado-na-prisao-de-seis-pessoas-incluindo-um-adolescente>.

meu nomadismo não era ali encarado nem com receio nem com desdém. Neste mesmo fim de semana conheci a Feira Anarquista de São Paulo. E vesti de vez a “camisa preta”¹⁵. Não era mais estrangeiro, tinha encontrado meus iguais, minha ideologia, meu lugar de fala.

Veio o ano novo e com ele a vida nova. Minha melhor amiga¹⁶, minha alma gêmea nos protestos e pensamentos revolucionários mudou-se para São Paulo e eu fiquei com menos gente para conversar. Continuamos nossas conversas por perfis anônimos nas redes sociais. Ela me atualizava sobre as ações e protestos em São Paulo, eu dos avanços que tinha na vida cotidiana em Sorocaba. Fui aceito como aluno regular no PPGEd da UFSCar, campus Sorocaba, e passei a repensar meu projeto de pesquisa.

Neste início de semestre estava com 33 horas aulas, divididas em duas escolas, tinha cinco classes e mais de cem alunos, entre as cidades de Votorantim e Capela do Alto. Não me lembro de me sentir tão completo em toda minha vida profissional. A Educação é para mim o maior espaço de militância, o lugar de onde se é capaz de operar transformações profundas na sociedade. Tatuei no meu coração uma frase do Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Mundo que para mim não será completo enquanto não trilhar o caminho de volta às salas de aula.

Veio a greve e me deu a oportunidade de voltar a São Paulo, à Paulista, aos protestos e às ações midiativistas: fotografar e filmar as manifestações às vezes garante certa segurança contra a violência do Estado, outras, potencializa a violência contra o portador do registro – num destes dias, ao filmar um agente do Estado arrastando e socando uma professora grávida, perdi minha Cyber-Shot debaixo de um coturno militar e tive pela segunda vez uma costela quebrada, desta feita a chutes e pontapés. Perdi a câmera, a denúncia, mas não a voz.

Sempre tentava encontrar minha amiga nessas viagens, mas nossos horários não batiam. Sabia que ela participava de grupos autônomos que utilizavam a tática Black Bloc. Conhecia a tática, a finalidade, a ideologia, mas nunca tinha acessado em profundidade o que pensavam seus praticantes. Vi por diversas oportunidades, em 2013, ações diretas e barricadas, muitas vezes com o olhar crítico de uma versão ultrapassada da esquerda institucional. Mas foi através dessa amiga que tive contato com as primeiras narrativas sentimentais sobre a tática, vindas por alguém que eu tinha apreço, respeito e confiança.

¹⁵ Frase usada por uma companheira presa e perseguida política do Rio de Janeiro ao se reconhecer anarquista após as jornadas de protestos de junho.

Chamarei aqui só de amiga em respeito a identidade pessoal de alguém que considero além desta pesquisa.

Abandonei o projeto antigo e me dediquei, nesse período de greve, à militância e as aproximações com as informações sobre táticas Black Bloc nos protestos que começavam a se intensificar contra a Copa do Mundo da FIFA¹⁷ 2014. Voltei ao nomadismo e, novamente estrangeiro, comecei a fotografar e gravar com o celular os primeiros protestos do movimento NãoVaiTerCopa.

Num primeiro momento me sentia um espião gravando entrevistas feitas por outros midiativistas ou conversas paralelas entre os participantes. Através dessa minha amiga fui conhecendo outros ativistas autonomistas, em sua maioria mulheres, jovens engajadas desde as causas feministas radicais a causas humanitárias e de proteção animal. Numa ânsia de continuar com meus registros midiativistas fiz pedido de um equipamento de filmagem ao PPGEd da UFSCar, o qual foi prontamente atendido pelo programa, que, com um mínimo de burocracia, colocou-me de volta ao ativismo de rua, agora, definitivamente, na condição de pesquisador.

Decretado o final da greve, com nenhum avanço na política salarial ou de trabalho, voltei à sala de aula e às atividades que mais gostava. As 33 aulas semanais e seus deslocamentos por duas cidades, mais toda reposição de aulas perdidas com a greve, a preparação de provas e suas correções, preenchiam um tempo que impossibilitava qualquer avanço de campo na minha pesquisa – agora dependente da relação com os ativistas e da proximidade das ações diretas da tática Black Bloc.

Nesse momento tornaram-se mais intensas as relações via sites de redes sociais e eu chegava a não dormir para coletar as informações que me vinham por todos os amigos nos protestos. Vendo que as reposições de aula no Centro Paula Souza avançariam ao período da Copa do Mundo, fiz um empréstimo bancário no maior valor que o banco me concedia e comprei uma câmera Cannon, um microfone externo, um notebook, um GPS e pedi a conta no emprego de professor. Doeu-me o coração e ainda dói. Mas decidi que minha dedicação à pesquisa acadêmica seria completa, nem que fosse por conta de um mergulho suicida na realidade dos protestos.

Como já disse, tudo talvez aconteça no tempo certo. E com a ajuda da minha orientadora Prof.^a Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo, consegui uma bolsa de estudo capes /DS – demanda social. Com esta bolsa consegui manter minha casa, minha comida e até a ração do meu gato,

¹⁷ (FIFA - Fédération Internationale de Football Association) Federação Internacional de Futebol, mais conhecida pelo acrônimo FIFA, é a instituição internacional que dirige as associações de futsal, futebol de areia ou futebol de praia e futebol, o esporte coletivo mais popular do mundo

enquanto me dedicava às viagens que fazia para recolher as narrativas que gritavam contra as opressões sociais que ocorriam devido a aproximação da Copa do Mundo da FIFA.

CAPÍTULO II – Contexto e sujeitos

Nesse capítulo o que se busca é colocar os acontecimentos que precederam e deram oportunidade para que o Brasil sediasse a Copa do Mundo da FIFA de 2014, bem como, paralelamente, propor uma visão sobre movimentos sociais atuantes nesse período.

Passa superficialmente pelo cenário político no interregno do milênio, ligando dez anos do século XX com os dez primeiros anos do século XXI, acompanhando as eleições presidenciais e as Copas do Mundo da FIFA. Pretende flagrar as sondagens de opinião pública pelos canais convencionais que a direcionam. Para isso relaciona a popularidade da Presidência da República aos resultados apresentados pelas agências de pesquisa e discute sua inversão de valores entre 2013/2015.

A ideia dos “legados” da Copa do Mundo de Futebol é colocada como pano de fundo das cobranças sociais que surgiam nos movimentos de protesto de rua desse período. Onde pretendemos caracterizar que as lutas sociais dirigidas nesse processo se deram dentro de disputas sobre o *Direito à Cidade*.

O movimento precedente contra as cúpulas econômicas e os fóruns sociais dos anos 2000 deram abertura para um diálogo de maior autonomia e horizontalidade nos movimentos sociais surgidos nesse período, principalmente os ligados à juventude que participavam desses eventos. Demandas como a legalização das drogas, gratuidade no transporte público, gentrificação de comunidades menos abastadas para construção de obras públicas de interesse privado se não tão novas, pelo menos diferentes em sua conjuntura organizativa dos sindicatos e partidos políticos.

O cenário desse capítulo apresenta um contexto histórico com foco nos movimentos contra o aumento das tarifas de transporte, nas trocas da governança federal e em como avanços em alguns setores da economia de consumo eram conflitantes na percepção e nos interesses sociais

e políticos das juventudes inseridas nesses movimentos por maiores direitos à cidade.

No começo do século, a intensificação de lutas sociais que levavam ações coletivas aos protestos de rua, por exemplo, descriminalização do uso da maconha, Marcha das Vadias e o movimento contra o aumento das tarifas de transporte, encontravam forte eco nos espaços de juventude.

No cerne dos grupos organizados que surgiram nesse período, daremos ênfase aos que lutam pela mobilidade urbana devido à autonomia na sua forma organizacional. Essa forma de se organizar que confronta com as formas sindicais ou estudantis, mais ligadas às instituições partidárias é muito próxima da forma que tomam os grupos de afinidade que se juntam nas ações diretas deflagradas na estética Black Bloc.

O cenário construído pelo MPL (Movimento Passe Livre), de “movimento social autônomo, horizontal, independente e apartidário que luta por um transporte público gratuito e de qualidade, sem catracas e sem tarifa”¹⁸ preconiza a autonomia do movimento e de seus militantes e indica que a luta é pelo direito de usufruir do espaço urbano longe do que propagandeia o discurso ultraliberal¹⁹ globalizante do capitalismo contemporâneo. Essa autonomia horizontal independente apartidária causou estranhamento dos setores políticos e dos equipamentos de controle articulados ao Estado. Nem partidos, nem a imprensa (apesar de ter construído alguns) nem a polícia encontrava líderes para culpar ou promover.

É na luta pela mobilidade urbana, direito à cidade e gratuidade na tarifa de transporte, que surge a cena que será apresentada nesta pesquisa como a mediação da tática Black Blocs no Brasil.

O que tento salientar, num primeiro momento, é um descolamento entre o que diziam as sondagens de opinião pública sobre popularidade da Presidência da República e, também, como estas sondagens viam a popularidade das manifestações de rua, onde as ações coletivas e movimentos sociais de juventude (não ligados aos movimentos estudantis ou partidos políticos) foram acompanhados no trabalho de campo. A intenção é observar a oportunidade aproveitada pelas forças contrárias ao Governo Federal de inverter os dados que indicavam a sua popularidade utilizando um discurso ultraliberal que generalizava e invisibilizava as lutas e

¹⁸ Em carta de Princípios MPL, fonte <http://mpl.org.br/> acessado em 10/01/2016

¹⁹ O termo ultraliberal que utilizamos em vez de “neoliberal, pode ser melhor empregado devido ao uso indiscriminado deste último. Para ele, como a própria grande imprensa se refere ao liberalismo de forma pouco criteriosa, a ideia de um ultra liberalismo revela-nos a radicalidade – no sentido da implementação de uma agenda claramente determinada e em razão de seu modus operandi – com que os liberais do século XX atuaram com vistas à obtenção da hegemonia (Fonseca, 2001, p. 4)

pautas dos movimentos sociais que tomaram as ruas nesse período (de um ano antes da Copa a um ano depois da Copa).

Neste capítulo destacam-se cenários. O primeiro, de forma simplificada, enfatiza-se o *status quo* entre as ações do Governo Federal, a modificação na sua estrutura e a polarização política entre os modelos de governo federal PSDB-PT. O segundo acompanha a modificação das sondagens de opinião pública antes e depois da Copa de 2014. Já o terceiro, dá ênfase as transformações nas ações e movimentos sociais da juventude que ganharam as ruas nesse período. Por último a forma como seus agentes foram tratados pela mídia. Com foco no movimento contra a tarifa e como crítica ao discurso das grandes corporações de imprensa – que discutiremos mais à frente como ultraliberal – e um de seus produtos: as sondagens das empresas de opinião pública.

Portanto, este capítulo é preparatório para entendimento da exploração da “espetacularização” da Black Bloc como tática de ação direta no Brasil.

Primeiro tempo - O Brasil dos últimos anos

Curiosamente, desde o primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o Brasil tem suas eleições presidências em anos de Copa do Mundo da FIFA. Isso se deu após mudanças na Constituição Federal de 1988.

Em 1994, como que para comemorar a estabilidade da moeda e o otimismo popular com o governo brasileiro, o Brasil, torna-se tetracampeão mundial de Futebol. “Haja coração! ” na primeira Copa do Mundo decidida nos pênaltis. Um erro de Roberto Baggio (sem contar a defesa de Taffarel do chute de Massaro) fez do Brasil Campeão do Mundo da FIFA e garantiu otimismo para um país que vinha de uma redemocratização conturbada por uma recessão econômica potencializada ao final de uma ditadura civil-militar.

O país, que com o Plano Real tinha equilibrado sua economia e “domado” a hiperinflação em 1994, em 1998, já dava sinais de desequilíbrio. Com o passar dos anos, o modelo ultraliberal de governo acaba gerando problemas cambiais, queda na taxa de crescimento, desemprego, aumento da dívida pública e volta da inflação. Esses problemas causavam, em 2002, dificuldades ao governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) – já no final de seu segundo mandato – de emplacar um substituto para governança ultraliberal que começou com Fernando

Collor em 1990²⁰. Tanto que nenhuma medida tomada neste governo nem a popularidade do então presidente foi capaz de impedir que a Presidência da República trocasse de partido logo no começo do século.

É também, no ano de 2002, que o Brasil se consagra o primeiro pentacampeão das Copas do Mundo da FIFA. Logo depois, Luiz Inácio Lula da Silva se torna o primeiro operário – ou “um peão de chão de fábrica”, como ele mesmo chegou a declarar – eleito para o cargo de Presidente da República Federativa do Brasil.

Com o Brasil já de taça na mão, vitorioso, no dia 22 de outubro de 2002, José Serra, então candidato do partido governista, é derrotado. Lula vence com 61,7% dos votos válidos, contra 38,73% de José Serra. Era uma transformação na tendência da necessidade de mudança que pairava na percepção popular. Um crédito contra a política ultraliberal clássica implementada pelo governo brasileiro.

Diferente da reação ante a Copa do Mundo 2002 – quando o Brasil foi campeão invicto –, o processo eleitoral do mesmo ano foi conturbado. Houve uma tensão entre visões de modelos de governo e suposições tão diferentes sendo cogitadas, que levaram Lula a escrever uma “Carta ao Povo Brasileiro”²¹, na qual tranquilizava os mercados e os credores do país, chegando a dizer que a “Premissa dessa transição será naturalmente o respeito aos contratos e obrigações do país”²². Por outro lado, o termo “Risco Lula”²³, até hoje é citado pelos setores antipetistas como indicativo internacional de que o modelo de governo não estaria de acordo com o mercado financeiro mundial. Os altos e baixos do Mercado Financeiro, mais do que qualquer outro indicativo é a forma de mediatizar os interesses políticos ultraliberais.

Neste contexto histórico, dentro das relações de poder da mediatização de um candidato na “via crucis” da eleição, percebe-se uma potencialização da publicidade eleitoral e da força da propaganda política, ou seja, o tempo que cada candidato tem em televisão e rádio e a construção de sua imagem publicitária é predominante para captação de votos. Em 2002, os canais de rádio e televisão inovaram seus programas recebendo políticos em campanha para

²⁰ Sobre como Collor é eleito presidente com auxílio do discurso ultraliberal, ver Francisco Fonseca, “A FORMAÇÃO DA AGENDA ULTRALIBERAL NO BRASIL: O PAPEL DA GRANDE IMPRENSA”.
http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3719&Itemid=318
O PAPEL DA GRANDE IMPRENSA1

²¹ Pode ser lida em: <http://novo.fpabramo.org.br/uploads/cartaaopovobrasileiro.pdf>

²² Fonte: <http://novo.fpabramo.org.br/uploads/cartaaopovobrasileiro.pdf>

²³ Uma visão sobre o discurso ultraliberal sobre o assunto pode ser lido no Estadão:
<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-risco-lula,390930>

compor editoriais que variaram do entretenimento ao jornalístico.

Além da propaganda gratuita partidária e do horário eleitoral gratuito, velhas conhecidas dos eleitores, as emissoras ofereceram um grande espaço aos principais candidatos: até abril, Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), José Serra (Partido da Social Democracia Brasileira), Anthony Garotinho (Partido Socialista Brasileiro) e Ciro Gomes (Partido Popular Socialista) apareceram em mais de 20 ocasiões em atrações de entretenimento, como o programa “Domingo Legal” do SBT e, entre maio e outubro (apenas antes do primeiro turno, portanto), mais de 70 vezes em programas de caráter predominantemente jornalístico (MATTOS, 2002 APUD Figueiredo & Coutinho, 2003, p.94).

Esse produto publicitário, candidato político, confronta-se com o que Walter Benjamin chamou de “exposição perante a massa”²⁴, onde compara a exposição do ator de cinema e do político na “era da reprodução”. Para ele:

A crise da democracia pode ser interpretada como uma crise nas condições de exposição do político profissional [...] Esse fenômeno determina um novo processo de seleção, uma seleção diante do aparelho, do qual emergem, como vencedores, o campeão, o astro e o ditador (BENJAMIN, 2012, p. 198).

Dentro das perspectivas da eleição presidencial de 2002, na qual se disputou a transferência ou continuação do modelo de administrar o país – a mídia de massa se destacou como um palanque em rede nacional, gravando, expondo, reproduzindo e disponibilizando para compartilhamento. Publicitários e empresas de publicidade se especializavam na construção de um produto-político que pudesse ser atraente à população. O próprio presidente eleito teve uma grande transformação estética, inegável.

No processo eleitoral de 2002, a partir das propagandas partidárias gratuitas, observou-se a ascensão de Roseana Sarney, pré-candidata pelo Partido da Frente Liberal (PFL). Considerada um “fenômeno” pela imprensa, e chegando a estar tecnicamente empatada com Lula nas pesquisas de intenção de voto, era o produto que se destacava nas sondagens de opinião. A política desistiu de sua candidatura após ser descoberto R\$1,5 milhão, em dinheiro, no escritório da empresa Lunus, da qual era sócia.

A mesma ferramenta de comunicação que outrora auxiliava na ascensão da sua candidatura, enterrou sua campanha, ao disponibilizar em televisões, jornais e revistas as fotos dos pacotes de R\$50,00 caprichosamente arrumados em uma mesa do escritório de sua empresa (Figueiredo & Coutinho, 2003, p.100)

Após tentar explicar o inexplicável, Roseana opta por desistir da disputa do cargo a presidente.

A história da candidatura Roseana Sarney destaca-se por mostrar a clara dependência eleitoral dos políticos frente à mídia, qual seja, um político com uma imagem bem construída na televisão e com espaço na mídia pode credenciar-se para disputar um cargo importante, como é o de Presidente da República. Não obstante, o episódio

²⁴ Walter Benjamin, *Exposição perante a massa*, in *Obras escolhidas V. I.* P.198. Ed. Brasiliense, 2012

mostra ainda que apenas isso não basta, pois, uma crise de grande proporção na mídia põe fim a qualquer candidatura ou político. Em outras palavras, o “episódio Roseana” representou um exemplo de candidatura “midiática”, surgida em função de uma necessidade do eleitorado, mas que também revelou a força do marketing político em um país de partidos fracos, eleitores pouco escolarizados e com uma televisão capaz de criar (e destruir) ídolos da noite para o dia (Figueiredo & Coutinho, 2003, p.100)

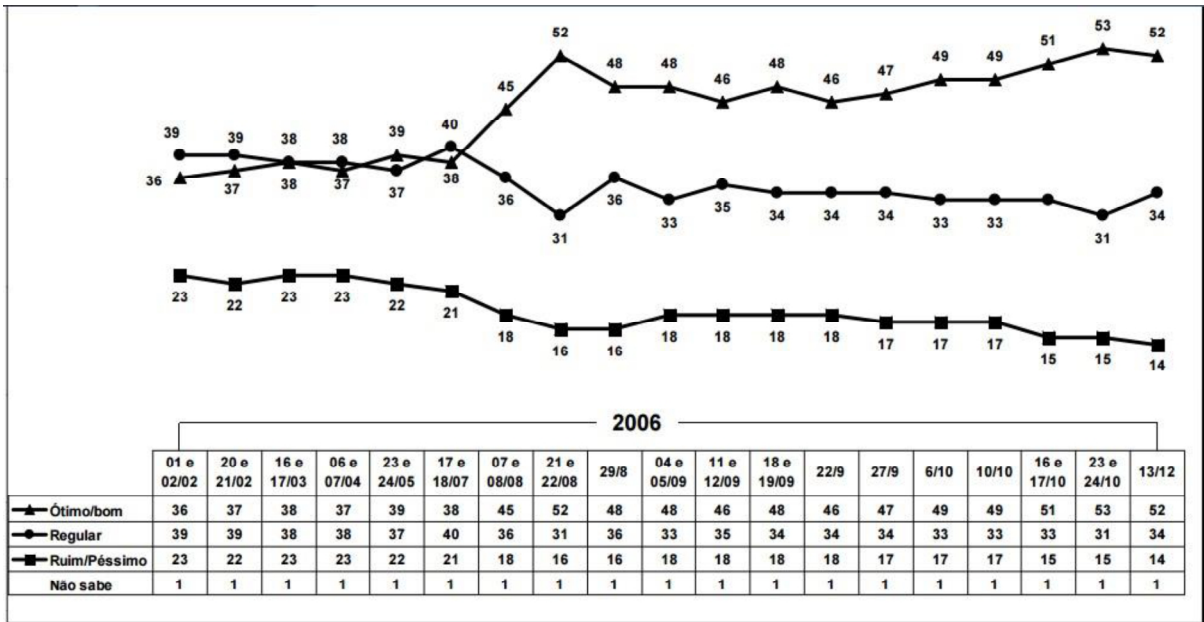
Acredito que esse episódio de Roseana Sarney também serviu às especulações das empresas de pesquisa de opinião ao observarem a abertura que uma candidata mulher já tinha de aceitação popular. Com a troca na governança federal e com o pentacampeonato garantindo a alegria dos torcedores brasileiros, o Brasil intensifica sua jornada em busca de sediar uma Copa do Mundo de Futebol. Isso com a opinião pública carregada de otimismo com o Governo Federal como veremos em gráficos mais à frente.

Logo depois, em 3 de junho de 2003, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) anuncia os nomes: Brasil, Argentina e Colômbia, como candidatos a sediar uma Copa do Mundo. Começa assim a disputa política e os flertes entre os países interessados e a FIFA.

Era o primeiro ano do Governo Lula. Luiz Inácio “Lula” da Silva, o presidente recém-eleito, um fã declarado de futebol, que nunca mediu esforços para o Brasil sediar a maior promoção mundial da modalidade. No entanto, a corrida para eleger o país como sede da Copa do Mundo da FIFA 2014 não foi nem um pouco complicada quanto às profecias pessimistas sobre a troca de governo.

Já no ano de 2006, o Brasil seria eleito, pela CONMEBOL, como seu candidato único. Neste ínterim Joseph Blatter disse que tudo dependeria do Brasil. Foi muito claro e direto. Para ele, o país, “provavelmente”, sediaria a Copa de 2014 (caso provasse sua capacidade).

Este era um momento em que o Brasil experimentava o “primeiro tempo” de um novo governo. O aumento nas políticas de transferência de renda (bolsa família/bolsa escola) davam esperança de reformas mais profundas. A diminuição do desemprego e o aumento no consumo deram, ao governo, força política e popularidade. Os índices de aprovação do presidente Lula oscilavam em alta de 38% a 52%, de ótimo/bom. O que levou o governo a fechar o primeiro mandato com saldo positivo, também em popularidade.



Fonte: Na sua opinião o presidente Lula está fazendo um governo:ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?
Base: Total da amostra - Brasil

www.datafolha.com.br

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

Como efeito da popularidade do presidente, o Partido do Trabalhadores (PT) investe na reeleição de Lula em 2006. O que era mais que natural devido a um clima otimista que a opinião pública tinha do país.

Nas vésperas da Copa do Mundo da FIFA de 2006 jornais noticiam que “lixo nas ruas, creches fechadas e operações médicas canceladas continuarão fazendo parte do dia-a-dia dos alemães após o fracasso das negociações entre representantes dos governos estaduais e das organizações sindicais, neste sábado (11/03) em Berlim”²⁵. Não foi encontrado notícias relacionando a utilização da tática Black Bloc nos protestos contra a Copa do Mundo realizada na Alemanha.

Nessa Copa a FIFA muda as regras e dá um “chega pra lá” no Brasil – um jogo de corpo” em benefício da Alemanha – e pela primeira vez na história da Copa do Mundo, o defensor do título (Brasil) não se qualifica automaticamente. Os anfitriões (neste caso, a Alemanha) ficam com a vaga automática²⁶. Apesar do favoritismo, o Brasil, Campeão do torneio anterior e da Copa das Confederações, volta mais cedo para casa sem passar das quartas de final. Perdeu para França, cuja imagem que tinha se espalhado no Brasil meses antes, era de jovens universitários erguendo barricadas a enfrentar a polícia usando pedras contra bombas de gás lacrimogêneo²⁷.

²⁵ Fonte: <http://www.dw.com/pt/a-verdade-dos-protestos-e-greves-trabalhistas/a-1932913>

²⁶ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliminat%C3%B3rias_da_Copa_do_Mundo_FIFA_de_2006

²⁷ Ver: CABRAL, A. J. C. B.; A militância jovem em cena outra vez: o movimento anti-CPE na França e os discursos da mídia brasileira. In: CONECO - Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação do Rio de Janeiro, 2006, Rio de Janeiro. 1o Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação do Rio de Janeiro, 2006.

Jornais brasileiros ao noticiar essas ações chegaram a afirmar que “a França testemunhou um crescimento do movimento de protestos que muitos acreditavam impossível no atual mundo individualista” (SMITH, Carta Capital, p. 40 APUD CABRAL, 2006, P. 10).

Em meio à desilusão do hexacampeonato em 2006, numa disputa levada ao segundo turno entre PT e PSDB, Lula (PT) se mantém presidente com 60,83% dos votos brasileiros contra 39,17% de Geraldo Alckmin (PSDB). Luiz Inácio “Lula” da Silva é reeleito, com várias promessas a cumprir, inclusive de dar início às negociações que garantiriam as obras de construção/reforma de vários estádios de futebol.

Essa tendência de otimismo quanto às políticas do Governo Federal, flagradas nas sondagens de opinião pública, rearranja o Congresso Nacional num cenário favorável ao governo reeleito, num momento de renovação expressiva: a Câmara Federal tem 48% de novos integrantes. Já no Senado, das 27 vagas disputadas, renova 21, 78% do total de vagas disputadas, o equivalente a 26% de seus 81 participantes²⁸.

O Ano de 2007 começa politicamente tendo o PMDB (89) como maior bancada, seguido de PT (83) e PSDB (65) na Câmara Federal. Já no Senado, o PFL lidera com 18 parlamentares, o PMDB tem 16, o PSDB tem 15 e PT, 11²⁹. A “renovação” tem como símbolo, Fernando Collor de Mello³⁰, o ex-presidente “impeachmado”, que volta ao cenário político do país, como Senador, democraticamente, pelo “voto popular”.

Essa composição política, onde a aliança PT-PMDB garantia a maioria num embate político dentro do Congresso Nacional, seria responsável pelos primeiros acordos, manobras, arranjos e decisões que o país enfrentaria para dar início às mudanças estruturais das cidades, necessárias para sediar a Copa de Mundo.

Não houve muita resistência política em favor do povo que seria remanejado de seu local de pertencimento comunitário, que perderia suas casas para construções de novas pistas e estacionamentos, que trabalharia de forma insegura nas obras (9 mortos), pois o apoio dos mercados, dos empresários, dos especuladores internacionais e a forma ultraliberal com que o governo conduzia a política econômica garantiam o silêncio das mídias comerciais em relatar

²⁸ Essa diferença de cálculo ocorre porque o Senado é renovado parcialmente a cada eleição. Numa vez, são eleitos dois terços, na outra, um terço dos senadores. Neste ano, foi um terço. Para saber do funcionamento do Senado ver: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2014/09/09/perguntas-e-respostas-sobre-como-funciona-o-congresso>

²⁹ <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1294670-5601,00.html>

³⁰ <http://eleicoes.uol.com.br/2006/ultnot/2006/10/02/ult3749u893.jhtm>

com maior ênfase, ao público, as severas intervenções que as obras da Copa operariam nas comunidades mais pobres das cidades onde elas seriam realizadas.

O controle da informação pela mídia comercial, ávida sob a visão de lucro fácil na cobertura de um evento internacional no “quintal de sua casa”, é um ponto que trataremos mais à frente.

No dia 30 de outubro de 2007, os brasileiros recebem a notícia que depois de 64 anos voltariam a sediar outra Copa de Mundo de futebol. O então presidente reeleito, Luiz Inácio Lula da Silva, discursa em Zurique-Suíça, na cerimônia que anuncia o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014.

Mas eu tenho certeza, sete anos antes, de dizer para vocês: a coisa que mais irá empolgar os jogadores, os jornalistas e os dirigentes de futebol do mundo, mais os torcedores, não será Ricardo Teixeira, não serão os governadores, nem o presidente da República, não serão os Estados, mas será o comportamento extraordinário do povo brasileiro. O tratamento que esse povo dará, estejam certos que marcará a história das Copas do Mundo³¹

De forma a confrontar o que dizia o presidente, quanto ao “comportamento extraordinário do povo brasileiro na Copa”, descrevo abaixo um relato gravado em 27/03/2014 (4º Ato Contra a Copa) por uma ativista política paramentada na estética da tática Black Bloc:

A gente não vai deixar essa Copa passar em branco, entendeu? Ela não vai passar com bola rolando no chão, não é isso que o mundo vai ver. O mundo vai ver muito nego de preto na porta dos estádios arrebentando, você entende? É pra isso que vai servir a Copa, pra olhar pro Brasil, pro resto do mundo olhar pro Brasil e parar de pensar que esse país é um país de otário, um país que só pensa em carnaval, bunda e novela, entendeu? Vai falar assim: “Não! Tem gente pensando lá agora” (SUKITA)

Não foram raros os criminalizados, presos políticos e presos injustamente por manter esse discurso nos meses seguintes

Segundo tempo - da “marolinha” ao revés na opinião pública

Depois do sinal verde definitivo para a Copa as obras prometidas precisariam ser aceleradas para cumprir o estabelecido com a FIFA.

A exigências da FIFA com relação às mudanças estruturais nas cidades que teriam jogos da Copa começou a levar os movimentos sociais a questionarem outras estruturas e equipamentos sociais. Dentro de pouco tempo o termo “Padrão FIFA” vira piada na Internet e muitos movimentos sociais e militantes saem às ruas e levantam faixas com dizeres “educação padrão FIFA”, “escolas padrão FIFA”, “saúde padrão FIFA”, hospitais, transportes públicos e tudo mais que entendiam ter baixo padrão de qualidade no país.

³¹ Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 Zurique-Suíça, 30 de outubro de 2007. Baixado em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/2o-semester/30-10-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-anuncio-do-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014/> 20/12/2015

Essas manifestações de rua foram muito comuns no tempo que precedeu a Copa. E neste momento não posso deixar de enfatizar que nossa percepção se dá de forma empírica, devido às imersões no campo desta pesquisa, que é, também, um relato de observador participante nesse tipo de manifestação. No caso, um período entre 2013/2015.

Antes disso, em 2007, com a “bolha imobiliária” americana estourada e os mercados agindo como se estivessem em “carne-viva”, os brasileiros eram bombardeados com a informação de que estariam de frente com os astros de um esporte que representava uma paixão nacional – como sintetizado pelo presidente em exercício: “Eu estou aqui meio dividido, um pouco presidente, um pouco amante do futebol. O povo brasileiro é mais ou menos igual a mim, ou seja, o futebol não é para nós apenas um esporte, é mais, o futebol é uma paixão nacional”. (idem)

Mesmo para os setores mais reacionários, garantir o país como sede de uma Copa do Mundo de Futebol, era motivo de comemoração. Era a midiaticização do Estado e de um Mercado Interno estável, era a vitória de um país, vitória do povo brasileiro. Para o pensamento comum era a coroação da tradição em um esporte no qual sua fama internacional era a de um dos maiores campeões.

Mas o ano de 2008 começa com notícias da crise americana como calafrio que se alastra de mercado em mercado. Os discursos das mídias comerciais publicam inúmeras previsões e profecias econômico-mercadoológicas, uma cadeia de eventos faz a opinião pública contestar a solidez do país, do real e até da realização das obras para a Copa – e da própria Copa – em meio a possível onda de recessão mundial.

Contudo, a popularidade do presidente em 2008 (antes do anúncio da crise) garantia uma visão de otimismo quanto ao futuro. Mesmo com a desconfiança do mercado, Lula, afirma: “Eu estou muito confiante de que a crise americana, se ela chegar aqui, ela lá é uma tsunami, aqui ela vai chegar uma marolinha, que não dá nem pra esquiara”³²

Suas declarações de otimismo eram garantidas pela confiança em sua popularidade conquistada com algum avanço nas políticas sociais e de consumo dos primeiros anos do seu governo.

Antes da midiaticização da crise, o brasileiro pobre comum – o que se beneficiou pelo consumo –, em 2008, tinha acesso facilitado ao crédito, era incentivado a comprar veículos novos, tinha acesso a passagens aéreas, ia a restaurantes e *fast-foods*. E ainda que sua situação geral fosse a

³² <https://www.youtube.com/watch?v=nX0Q2a4w6Ao>

mesma – de classe subalterna –, esse conjunto da população, colocado como em ascensão, tinha a impressão otimista da ideia construída por governistas de estarem inscritos em uma “nova classe média brasileira”. Nas palavras do presidente Lula: “O pobre brasileiro aprendeu a entrar em shopping e comprar o que comer, comprar iogurte, que até outro dia era coisa de rico. No Brasil, só criança abastada podia comer iogurte”³³

Os brasileiros mais pobres, miseráveis ou quase isso – pelo menos os beneficiados pelos programas Bolsa Família – tinham se livrado do terror da fome. Isto que foi internacionalmente noticiado como o maior avanço nas políticas sociais do “Lulismo”, o combate à fome, certamente teve impacto na contabilidade das eleições que garantiram sua continuidade em 2006. Mas não só isso: o Bolsa Família, carro-chefe da campanha, foi criticado por alguns analistas como “indústria do voto miserável”. Porém, o discurso sobre sua necessidade e continuidade embora contestáveis, tem grande poder de barganha política e sua continuidade foi assumida por todos os candidatos à presidência desde então.

Nos anos seguintes os brasileiros considerados ricos - “alta classe” – continuavam beneficiados pelo avanço ultraliberal das políticas econômicas e de mercado adotadas pelo Governo Federal. Nesse período anterior a Copa (até 2013), também, os ricos ficaram mais ricos. Segundo Piketty (2015) em 2013 1% da população acumulava 27% de toda a renda familiar. *“Income in Brazil is highly concentrated, given that the top 1 per cent of the distribution accounts for about 27 per cent of total gross household income in 2013”* (PIKETTY, 2015 P. 18)

Sendo assim, em 2008, enquanto os lucros bancários no governo Lula eram recordes; enquanto os ricos gozavam de sólida estabilidade; enquanto os pobres podiam consumir e a maioria miserável já não passava fome; enquanto a onda recessiva da crise americana parecia apenas uma marolinha; enquanto a popularidade do governo mantinha-se em alta e a percepção de um futuro otimista era cultivada nas sondagens de opinião pública; enquanto se criava uma utopia primeiro mundista para o Brasil, o caminho para as empreiteiras, lobistas e agenciadores de todos os tipos era “ladrihado com pedrinhas de brilhante” para que a FIFA fizesse seu espetáculo. O anúncio da Copa e das obras fizeram muitos brasileiros acreditarem no “Yes, We Can! ”, como pregava a propaganda eleitoral de Barack Obama – eleito como primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos neste mesmo ano.

³³ SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso do presidente. Seminário Empresarial Brasil e Bélgica: Novas Fronteiras de Negócios. Bruxelas, Bélgica. 05/10/2009. Disponível em: <<http://www.imprensa.planalto.gov.br>>

Digamos que o otimismo da opinião pública foi o que deu uma falsa ideia de invulnerabilidade que transbordava no discurso do presidente Lula, ao declarar que a “onda recessiva” americana (tsunami no seu discurso) chegaria ao Brasil como uma “marolinha”. Expressão que nada mais queria além de que manter esse otimismo, principalmente o otimismo de consumo, que garantia os investimentos bancários na produção em troca do endividamento do cidadão comum. Contudo o consumo fez a economia manter os empregos, o que ainda era um crédito a favor do governo.

Em 2009 o incentivo moral do presidente, em seus discursos, não escondia a tentativa de manter o consumo em alta mesmo que a custo do endividamento do trabalhador.

Ora, se um trabalhador não pode comprar um carro em 36 meses, ele pode comprar em 48, ele pode comprar em 80. Então vamos fazer um jogo para que todo mundo ganhe e ninguém perca [...] e o povo possa comprar o seu carro. Resultado: a indústria automobilística está batendo recordes nas vendas de carro³⁴.

Não foi a indústria automobilística a principal beneficiária com a perspectiva de consumo – esta pelo menos garantiu os empregos –, mas sobretudo os bancos que financiaram o consumo. Surfando essa “marolinha” foi com que os governos (federal, estadual e municipal) conseguiram apoio político para prover os investimentos na estrutura do país em sua jornada como sede da Copa do Mundo da FIFA de 2014. E deram graças ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento), financiador da maior parte deles³⁵.

Essa marolinha de otimismo e a popularidade incondicional do presidente Lula garantiram votos para a vitória de Dilma Rousseff (PT) até então desconhecida do cenário político eleitoral. A propaganda de construção da candidata recebeu o enfático apoio de Lula, de longe, seu mais importante cabo eleitoral. Dilma Rousseff é primeira presidente da República do Brasil, “uma guerrilheira transformada em tecnocrata que jamais havia concorrido a qualquer cargo eletivo”, como colocado por Alexandre Fontes e John French em sua análise “A ‘Era Lula’, as eleições presidenciais de 2010 e os desafios do pós-neoliberalismo”³⁶.

Lula entregou o governo para Dilma numa situação que podemos chamar de “confortável”, no que se refere aos principais indicadores macroeconômicos. O forte crescimento registrado em 2010, os bons resultados do mercado de trabalho, especialmente a baixa taxa de desemprego e a estabilidade dos preços são elementos centrais deste cenário (CURADO & NASCIMENTO, 2015, P. 34)

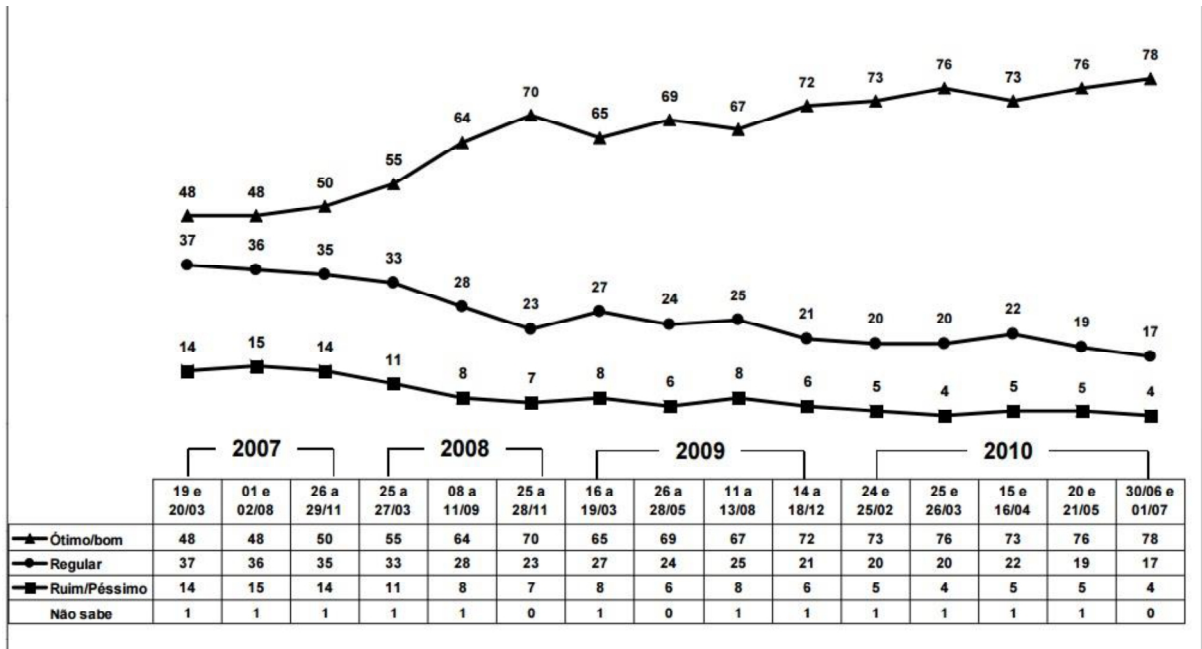
Dilma teria nas mãos a obrigação de administrar o país em meio ao declínio da economia

³⁴ SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso do presidente. Seminário “Investing in Brazil Summit: Identifying Opportunities in the New Economic Climate”. Londres, Inglaterra. 05/11/2009. Disponível em: <<http://www.imprensa.planalto.gov.br>>. Acesso em: 05/01/2016

³⁵ Para maiores informações sobre o valor empregado pelo BNDES nas obras ver: <http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/financiamentos/detalhe.seam?tema=6&assunto=tema>

³⁶ ver mais em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v24n1/11.pdf>

mundial e as obras para dois megaeventos de visibilidade internacional: Copa do Mundo da FIFA 2014 e Olimpíadas de 2016. Mas recebia um governo com o otimismo crescente nas sondagens de opinião, 78% avaliavam o governo – no qual seu mandato representava uma continuidade – em Ótimo/bom, como pode ser visto no gráfico abaixo.



Fonte: Na sua opinião o presidente Lula está fazendo um governo:ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?
Base: Total da amostra - Brasil

www.datafolha.com.br

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

Dentro de um cenário de otimismo, Dilma (PT), foi eleita em 2010 com 56,05% dos votos válidos contra 43,95% de José Serra (PSDB) e neste contexto o Congresso Nacional fica ainda mais favorável à bancada governista.

O PT voltou a ter a maior bancada de deputados (88 assentos), seguido pelo seu parceiro de coalizão, o PMDB (79). Os principais partidos de oposição (PSDB e DEM) sofreram declínios significativos, com a perda de um quarto das bancadas (de 131 para 96 assentos), sendo as maiores perdas sentidas pelo mais conservador deles, o DEM (de 65 para 43 parlamentares) (Hunter, 2012, p. 225-228 APUD Fontes & French, 2012, p.219)

Enfim, as eleições de 2010, indicam que governo contaria com maior apoio no Congresso Nacional e que o Partido do Trabalhadores, estaria governando o Brasil no período da Copa do Mundo. Porém, em pouco tempo, a presidente recém-eleita, Dilma Rousseff, logo enfrentaria situação parecida à que tinha enfrentado Jacob Zuma (então presidente da África do Sul) que sediou a Copa do Mundo da FIFA 2010.

Enquanto Dilma começava com certo “conforto” seu governo, a Copa de 2010, na África do Sul, era precedida de greves e protestos. Em 2009 trabalhadores da construção civil e mineração cruzaram os braços na luta por melhores salários e as obras da Copa do Mundo do ano seguinte

foram paralisadas temporariamente³⁷.

Em 2010, três semanas antes da Copa, eram os setores de transporte e energia que se manifestavam. O Sindicato dos Mineiros (NUM, na sigla em inglês) informa a paralização de seus associados na estatal energética Eskon. Assim, pouco antes da Copa de 2010, o medo de “apagões” de energia, sondava a África do Sul junto com a greve no setor.

Fato é que na África do Sul os protestos se multiplicavam antes da Copa (109 em 2009 e 54 em 2010). Em “township” (subúrbios habitados por negros) e favelas, milhares de pessoas se reuniam reivindicando moradias, emprego e serviços básicos como água e eletricidade³⁸. A Municipal IQ (que monitora questões locais no país) denuncia várias mortes por arma de fogo nos protestos das cidades de West Rand’s, Durban Deep, Tzaneen e Limpopo. Segundo a Municipal IQ 72% dos protestos de 2009 foram violentos, mas, já em 2010, o índice caiu para 68%³⁹. Em nota faz um apelo: “É fundamental que uma relação de confiança seja reconstruída entre as comunidades e a polícia e que os protestos não sejam criminalizados e sujeitos à brutalidade⁴⁰”. Uma frase que caberia bem aos brasileiros no período próximo a Copa de 2014.

Ainda com referência a Copa do Mundo da FIFA de 2010 na África do Sul:

Cabe notarmos que os problemas de crime e desigualdade sul-africanos foram extensivamente reportados na mídia internacional, enquanto a FIFA e os organizadores sul-africanos combatiam essas notícias ao focalizar nos objetivos desenvolvimentistas da Copa do Mundo. Não por acaso, inclusive, o governo sul-africano afirmou que o torneio viria a “acelerar o desenvolvimento e crescimento do país” (CORNELISSEN; BOB; SWART, 2011a, p. 305 in MARCHI JÚNIOR / et al., 2013, p.717)⁴¹

São muitas as aproximações que se podem notar na construção histórica das políticas que sustentaram a Copa 2010 (África) e 2014 (Brasil). Uma delas, o *discurso desenvolvimentista*, foi predominante em ambas as situações. O discurso dos “legados” foi ideologicamente inserido como símbolo do crescimento econômico e social, principalmente aqueles “em que a mídia adota uma visão de apoio aos discursos oficiais de políticos e organizações esportivas, e que, em oposição, críticas e resistências aos megaeventos esportivos são suprimidas” (HORNE,

³⁷ Fonte: <http://www.showdoesporte.com.br/noticias/futebol/73022/> visitado em 10/01/2016

³⁸ Fonte: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,greves-e-protestos-ameacam-a-copa-na-africa-do-sul,556444> 10/01/2016

³⁹ Municipal IQ condemns the use of excessive force in service delivery protests. Baixado em: http://www.municipaliq.co.za/index.php?site_page=press.php 10/01/2016

⁴⁰ No original “It is critical that a relationship of trust is re-built between communities and the police and that protests are not criminalised and subject to brutality”

⁴¹ MARCHI JÚNIOR, W.; BOLSMANN, C.; ALMEIDA, B. S.; SOUZA, J. COPA DO MUNDO FIFA NA ÁFRICA DO SUL/2010? COMO FOI A EXPERIÊNCIA E O QUE PODEMOS APRENDER COM ELA? Movimento (UFRGS. Impresso), v. 20, p. 711-733, 2014.

2007, LENSKYJ, 1996; 2000; 2002; 2004 APUD MARCHI JÚNIOR / et al./, 2013, p.718)

Outra aproximação entre África do Sul e Brasil é a mudança de características de representatividade – se comparados os estereótipos dos candidatos eleitos e o apelo da propaganda política/ideológica. Aqueles outrora tomados como radicais, muitas vezes marginalizados pela mídia corporativa e criminalizados pelos poderes do Estado constituído, em seus respectivos países, tinham ascendido, pelo caminho democrático-político-institucional, aos cargos de controle do mesmo Estado que os condenava. Foi com a característica dessa representatividade mais popular ao invés do estereótipo ultraliberal de candidato (rico, intelectual, branco, cisgênero) que se deram as Copas do Mundo de 2010 e 2014.

Num passado não muito distante, enquanto o Brasil, com a Nova República, ganhou força comemorando o primeiro presidente eleito pelo voto direto popular em 1990, depois de anos de ditadura civil-militar, a “África do Sul, com a “nova diplomacia” ganhou força com o fim do banimento das organizações da oposição e a libertação de Nelson Mandela e outros da prisão em 1990” (DÖPCKE, 1998 p. 177).

Em 1994 a África do Sul via o fim do Apartheid. Nelson Mandela, condenado à prisão perpétua, após 27 anos de reclusão é solto e eleito presidente da África do Sul. Neste mesmo ano de 1994, o Brasil, que vinha de uma forte recessão, com a implantação de vários planos econômicos infrutíferos, elege para presidente o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC), um exilado político autointitulado oriundo de raízes afro-brasileiras (FHC chegou a declarar: “basta olhar para mim para ver que branco no Brasil é um conceito relativo”) quando discursava em recepção ao presidente da África do Sul, Thabo Mbeki⁴². Certamente “mais afrodescendente” que o brasileiro.

Eram dois países que acabavam de sair de regimes políticos de muita violência contra a população: no Brasil, o “Regime Militar” na África do Sul o “Apartheid”. Enquanto o Brasil se estabilizava economicamente com FHC e o Plano Real, na África do Sul, Nelson Mandela – ganhador do Nobel da Paz de 1993 –, cuidava de unir brancos e negros através da promoção do esporte, o Rúgbi⁴³.

⁴² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1412200022.htm>

⁴³ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131206_mandela_esporte_rm

No que precede a 2010, tanto África do Sul quanto Brasil eram considerados países emergentes. O que atraiu o interesse da FIFA foi a emergência dessas economias e a insuficiência de obras (principalmente da mobilidade) nas principais cidades desses países. A FIFA é uma multinacional do esporte que tem por interesse promover o Futebol e melhorias estruturais nos países que sediam seus eventos, não sem lucrar com isso. Na África do Sul “estima-se que o evento de 2010 teve 2,5 bilhões de dólares em impostos livres para a FIFA, a Copa do Mundo mais rentável até então (DEIONNO, 2010, APUD. MARCHI JÚNIOR / et al., 2013, p.719). Para Marchi Júnior (2013): a Copa do Mundo 2010 representou um mês de um caro festival pago pelos sul-africanos em que a FIFA colheu lucros recordes.

No período de quatro anos de preparação para esse evento, essa instituição teve uma receita de US\$ 4,1 bilhões, sendo US\$ 3,89 bilhões somente relacionado ao evento de 2010, gerando um lucro de aproximadamente US\$ 600 milhões (MARCHI JÚNIOR / et al., 2013, p.719)

No Brasil, estima-se que a FIFA tenha arrecadado um montante maior, um novo recorde, em torno de 5 bilhões de dólares. Contudo, não são os benefícios da FIFA o que pretendo resgatar, mas o efeito dos discursos construídos para tendenciar uma opinião pública ultraliberal em seus confrontos e distanciamentos com os discursos que eram construídos pelos movimentos sociais que foram às ruas no Brasil no período que antecede a Copa do mundo.

Observa-se os acontecimentos na África do Sul (2010) como prólogo dos que vieram a eclodir no Brasil (2014). As proximidades quanto às mudanças políticas que a precederam, o crescimento econômico, o título de “emergente” o aumento em políticas sociais, e o próprio deslocamento da realização da Copa nos países ricos é um sinal para buscar e perceber quem são os que se beneficiam com um evento dessa monta.

(...) existe uma incompatibilidade entre os discursos oficiais/extraoficiais – construídos e evocados no sentido de afirmar que o evento trouxe uma gama de benefícios para a África do Sul e sua população – e a realidade propriamente dita dos fatos. Isso, por sua vez, nos sugere que megaeventos como a Copa do Mundo FIFA (inclua-se também os Jogos Olímpicos de Verão), estão pautados na reprodução de uma série de crenças sociais que obscurecem conflitos e, acima de tudo, tornam difíceis a compreensão de quem são os grupos esportivos, políticos e empresariais que se beneficiam mais diretamente com a realização de eventos dessa magnitude (MARCHI JÚNIOR / et al., 2013, p.720)

A mesma “marolinha” de otimismo do discurso de Lula era mantida nas sondagens das empresas de pesquisa de opinião e o Governo Federal continua seus efeitos de aprovação. Da sua posse até junho de 2012, exatamente um ano antes dos protestos de junho de 2013 no Brasil, a opinião pública, ou pelo menos o que as agências diziam, indicava a “Aprovação do governo Dilma” entre 67% e 77%. (CNI-IBOPE, 2012, p. 7)



Fonte: PESQUISA CNI-IBOPE AVALIAÇÃO DO GOVERNO - JUNHO 2012, p. 10⁴⁴

Neste momento a boa aceitação das políticas federais de governo era importante para garantir a tranquilidade dos investidores internacionais que promoviam as campanhas publicitárias da FIFA e das marcas que a patrocinavam no cenário do capitalismo global. A promoção das marcas é um ponto chave de defesa dos discursos ultraliberais no mundo todo, afinal sem essas entidades que investem pesado nos canais de comunicação comerciais, o que seria da imprensa internacional? A FIFA, como a entendemos, é usada como um dos principais veículos executores de políticas ultraliberais, nos campos materiais e subjetivos: além de propagar os signos (ou os discursos) ultraliberais, provoca, com seu evento, ações desenvolvimentistas nos governos, o que beneficia, num primeiro momento, os proprietários e acionistas de empresas privadas (a maioria multinacional). Ser um patrocinador da FIFA é ter a garantia de um tratamento diferenciado por parte dos que controlam a imprensa multinacional. Nas perspectivas do marketing global a FIFA garante a “boa” visibilidade da empresa.

Para isso, ela oferece proteção à marca, negociações com governos e possibilidade de exposição nacional, regional ou mundial. Com a grande quantidade de patrocinadores, no entanto, a Federação resolveu dividir as empresas por grupos com denominações diferentes. Assim, atualmente existem os “Parceiros da Fifa”, Os “Patrocinadores da Copa do Mundo da FIFA” e os “Apoiadores Nacionais” (Serrano, 2013, online)

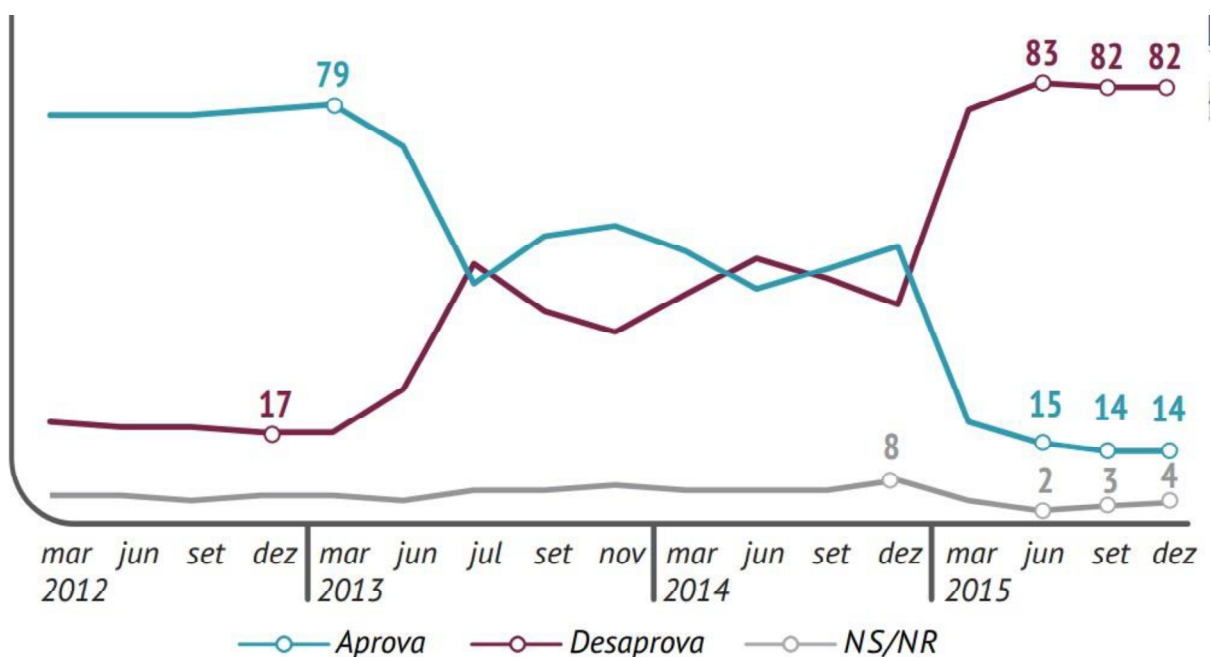
Nesse período eu traço um marco do otimismo com relação ao Governo. E aqui estabeleço o espaço-tempo desta pesquisa: um ano antes e um depois da Copa do Mundo da FIFA 2014. Antes de junho de 2013 eu estava fora dos protestos. Em 2015, um ano após a Copa do Mundo eu estava tão inserido nos processos políticos empíricos que lavavam as manifestações de rua, a ponto de quase colocar em risco até mesmo a finalização desta pesquisa.

⁴⁴ Baixada em: http://www.ibope.com.br/CNI_IBOPE_avalgoverno_jun2012_web.pdf 10/01/2016

Esse período 2013/2015, contudo, demarca uma inversão nos índices de aprovação do Governo Federal na visão das empresas de sondagem da opinião pública. A polaridade otimista da opinião pública inverteu-se e o pessimismo das sondagens foi massificado pelos canais de comunicação.

O que se pode notar, no gráfico a seguir, é que os índices se inverteram nesse período. Mas o que me pergunto é o que isso quer dizer? O que estaria no subterrâneo dessa opinião pública? O que nos diz o que não é falado?

Para isso vejamos o gráfico abaixo e busquemos alguns supostos entendimentos



Fonte: PESQUISA CNI-IBOPE AVALIAÇÃO DO GOVERNO - DEZEMBRO 2015, p. 10

Como já vimos anteriormente, as empresas de sondagem apontavam um otimismo com as ações federais do governo, que era cultivado até o período que antecede a Copa (e não se pretende aqui salienta que a Copa foi a causadora desses altos e baixos de otimismo). A primeira inversão entre otimismo e pessimismo se deu em junho de 2013, com as pesquisas realizadas em meio aos protestos contra o aumento da tarifa de transporte e contra a Copa do Mundo durante a Copa das Confederações.

As imagens disponibilizadas para a “opinião pública”, da presidente Dilma sendo vaiada em campo no estádio Mané Garrincha, em Brasília, em cerimônia para a abertura da Copa das Confederações, deram vazão a diversas reportagens relacionando as vaias com perda de popularidade do governo. Mas, um fato curioso, é que essa imagem de Dilma vaiada não

aparece no compacto distribuído pela Rede Globo aos veículos de comunicação que fizeram a cobertura jornalística da Copa das Confederações (pelo menos não antes de serem apresentadas no Jornal Nacional).

A Rede Globo era a empresa autorizada pela FIFA para cobrir os jogos da Copa das Confederações. Somente esta empresa podia produzir oficialmente as mercadorias audiovisuais destes jogos da FIFA no Brasil. A Lei Geral da Copa – aprovada pelo Congresso Nacional em 5 de maio de 2012 e sancionada pela presidente Dilma em 6 de junho do mesmo ano – determina que a Fifa "ou pessoa por ela indicada" (no caso a Rede Globo) editasse e distribuisse um vídeo com seis minutos a qualquer veículo que manifestasse interesse. No entanto, nesse compacto não continha a cena das vaias dirigidas a Dilma e a Blatter. Os demais veículos independentes da Fifa, viram cerceado seu direito de informar ao não poderem exibir a sequência das vaias nos discursos de Dilma e Blatter. No entanto, após reportadas nos veículos não detentores destes direitos, que são os veículos independentes da FIFA, criticando a Rede Globo, essas imagens foram disponibilizadas a toda a imprensa. Mas, antes de tomar a rede de comunicação elas foram apresentadas no Jornal Nacional⁴⁵.

Essas imagens se apoiavam mutuamente nos gráficos propagados pela imprensa ultraliberal. No entanto, a reversão se dá num período muito curto de tempo e só volta a ser mais pessimista que otimista em junho de 2014, no período da Copa do Mundo da FIFA. O que chama a atenção é a rápida ascensão otimista num período próximo às eleições de 2014 – otimismo que volta a cair quase que imediatamente após a vitória da presidente nas eleições de 2014.

Após as eleições/2014, a aliança governista PT-PMDB, manteve maioria no Congresso Nacional, mesmo sentindo significativas perdas – o PT perde 18 cadeiras na Câmara e 2 no Senado; o PMDB perde 13 na Câmara e 2 no Senado. Além da perda de cadeiras no Congresso, o Governo Federal teria de enfrentar uma ideologia mais conservadora do Poder Legislativo. O que traria mais tensão à pauta de movimentos sociais, principalmente os ligados as causas LGBT, de descriminalização das drogas, legalização do aborto e outras tanto quanto éticas.

O que se quer destacar não é a força de controle que exercem as redes de comunicação de massa, ou as mídias de massa, na construção de uma suposta “opinião pública”; ou como essa opinião é usada como produto de propaganda diária por esses canais, visando não apenas captar as opiniões coletivas, mas formá-las. O que se quer destacar é a disputa ideológica entre os

⁴⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1296067-globo-nao-inclui-vaia-a-dilma-e-blatter-em-video-a-imprensa.shtml>

discursos governistas e antigovernistas e a potencialização de discursos éticos pelos meios ultraliberais de comunicação.

Para tanto, é mister aqui explicar o que entendo por “sondagem de opinião pública”, como pensá-la dentro desta pesquisa que desemboca nas ações Black Blocs e seu desdobramento nos eventos relacionados à Copa do Mundo da FIFA de 2014.

Como já disse Bourdieu, “A opinião pública não existe”. Segundo as premissas desse autor, entendemos pelo significado de “opinião pública” que ela não é a simples somatória das opiniões individuais a respeito de um fato político. Esse autor questiona três postulados implícitos à opinião pública: (a) que todo mundo pode ter uma opinião / que a produção de uma opinião está ao alcance de todos; (b) que todas as opiniões têm valor (c) a hipótese de que há um consenso sobre os problemas / que há um acordo sobre as questões que merecem ser colocadas.

Para ele, “a sondagem de opinião, no contexto atual, é um instrumento de ação política. Sua função mais importante consiste talvez em impor a ilusão de que existe uma opinião pública como pura adição de opiniões individuais” (BOURDIEU, 1981 P. 318). Assim, “existe o fato de as problemáticas fabricadas pelos institutos de sondagens de opinião serem subordinadas a uma demanda de tipo particular” (BOURDIEU, 1981 P. 317). E o que precisamos interrogar de início é quem pode pagar uma sondagem de opinião, acrescentando a que poderes interessa o assunto.

Assim, a “opinião pública” nos termos que a entendem os veículos de sondagem é uma falácia, pois corresponde às premissas colocadas pela teoria de Bourdieu. Não cobre todas as opiniões, a não ser as de quem a produz. Para Bourdieu tais “sondagens” não encontram a real possibilidade de (a) que todos os entrevistados em uma pesquisa tenham opinião individual sobre as questões políticas no foco que as agências de sondagem aplicam; (b) que se possa equalizar a opinião de formadores de opinião e cidadãos passivos politicamente; (c) que os fatos políticos sondados sejam do interesse da maioria e não daqueles que pagam a pesquisa.

Aqui me valho da teoria de Bourdieu que diz, neste caso, que “a ideia de que existe uma opinião pública unânime é constituída para legitimar uma política e reforçar as relações de força que a fundam ou a tornam possível” (BOURDIEU, 1981 P. 318). As sondagens de opinião pública são mecanismo de normatização ideológica, uma ferramenta de controle.

Digo, esse mesmo mecanismo de controle, esse mesmo produto de comunicação de massa que indicou a inversão dos polos de aprovação do Governo Federal em 2013, foi usado contra os protestos – levando a descaracterização das manifestações de rua em 2013, que começaram contra o aumento da tarifa de transporte e, ao seu final, pela pauta desfocada dos “Direitos”. Ou seja, passo agora a discutir como essa ferramenta de controle interviu nos protestos de junho de 2013, ampliando a demanda de passe livre levantada pelo MPL para pautas desconexas e de forte apelo nacionalista, conservador e religioso.

Essa dispersão de pautas foi fortemente amparada e conduzida pelas pesquisas de opinião com efeito a causar impacto no que se discutiria como plataformas políticas dos candidatos às eleições seguintes (2014). E o ponto de problematização é o modo como foi utilizada no contexto histórico dos protestos de 2013/2015 para dar publicidade a um discurso mais conservador, implícito nas pesquisas de opinião pelas empresas de sondagem política no Brasil.

Para poder chegar ao ponto, passo agora a falar dos sujeitos e movimentos de 2013, voltando a esse ponto de modo a concluir o raciocínio.

1º tempo da prorrogação: quem são os sujeitos! Narrativas de Juventude?

À caneta – escrita de lembranças anotadas no canto da página de um diário de campo –, algo que alguém falou na passeata intrigava: “*A Black Bloc faz sucesso com os jovens*”. Mas como reconhecê-los jovens? A imagem cristalizada pela câmera de pesquisa mostra somente corpos – anônimos mascarados. “Tanto para os entrevistados quanto para as mídias de massa nada consegue representar tão bem esses Black Blocs quanto a palavra jovem” - foi a anotação abaixo.

Essa anotação trouxe um ponto problemático: esses atores anônimos, mascarados que não se deixam classificar como grupo, se deixariam “classificar” por juventude? A palavra juventude, mais que mulher, afrodescendentes, LGBTs, indígenas, operário ou proletariado, é colocada pelo censo comum como generalização daqueles que optam por agir politicamente pela tática Black Bloc. Talvez, pelo modo como essa tática é apresentada pela mídia comercial, ou seja, pela sua imagem de rebeldia (historicamente associada à juventude).

Focar na tática Black Bloc tinha a intenção de escutar seus agentes de ação, saber quem são, no que acreditam, o que os levou a ação direta. Uma abordagem mais individualizada, já que os que dela participavam alegavam que não eram um grupo. Contudo, o trabalho de campo levou a reconhecer a representatividade da juventude entre os atores, sua maioria (para não dizer totalidade).

Portanto, nesta pesquisa, se por um lado não se buscava estudar algo sobre os diversos tipos de juventude, por outro lado, as diversas dimensões de juventude eram apresentadas e comentadas pelas fontes entrevistadas. Digo dimensões como as mulheres jovens que participavam das Black Blocs, os jovens afrodescendentes, LGBTs, indígenas, empregados e desempregados com quem conversei nos protestos desses últimos anos (2013-2015). Essa multiplicidade encontrada trouxe uma dúvida sobre o que facilitava a identificação do jovem com a tática (e a estética, estilo, moda...) Black Bloc nos protestos, já que todas as dimensões desses atores partiam de uma auto identificação enquanto juventude.

A uniformidade da tática (e o próprio nome) pretende a formação de um bloco, uno, de atores não identificáveis, homogêneos, mas, no entanto, formado por atores sociais diversos, autônomos, independentes em relação ao coletivo. Quando esses atores anônimos se identificam como jovens tal relação (juventude-blackbloc) não pode ser deixada de lado na construção do sujeito da pesquisa. Em outras palavras, enquanto não se pensasse o que seria esse “sucesso com a juventude” e a relação juventudes Black Bloc, outras dimensões poderiam aparecer incompletas ou difusas para falar do sujeito da tática Black Bloc.

A estética anônima, de vestimenta preta, representando a rebeldia frente às câmeras mundo afora, vendeu muito jornal e livro da mídia comercial. E não é difícil de encontrar, nestes, muitas coisas relacionando a Black Bloc e à juventude. O foco desta pesquisa não é um estudo sobre juventudes, no entanto, seu produto final pode figurar como um documento relacionado às ações realizadas por jovens (como se consideravam os entrevistados) durante o período 2013/2015.

No campo do censo comum, para minha avó materna, Dona Brasília, a gente ficava jovem quando “gaiteava” a voz. Em sua explicação ela se referia ao fato de quando chegamos a puberdade o aparelho vocal cresce e se alarga resultando em uma voz mais grave. O termo “gaitear” seria uma nota desafinada no falar, uma frequência que variava do grave ao agudo (ou vice-versa) no meio de uma palavra expressada.

Ela tirava isso de ouvido, mesmo sem saber que geralmente a voz entre o menino e o homem varia com a puberdade em torno de uma oitava e a voz da menina para mulher em torno de uma terça – coisa que só aprendi com um tio músico, mais ou menos na mesma época. Foi nessa época (a puberdade) que começaram a me vigiar quando brincava de mamãe-papai com as minhas primas.

Do mesmo modo que minha avó não entendia de escala musical também não entendia das escalas sociológicas que tentam classificar os jovens em classes etárias, criando uma perspectiva etária/estatística da juventude que só serve a teorias hegemônicas ligadas aos setores dominantes.

Em sua forma simples de ver o mundo minha avó não relacionava juventude a uma idade específica, mas a uma mudança biológica – o timbre da voz – que trazia uma consequência cultural: a separação de meninos e meninas. Suas considerações sobre juventude é que esta acabava com o casamento, portanto meu tio músico, aos 30 anos, ainda era jovem, já que mantinha sua característica juvenil (roupas, corte de cabelo, gírias). Deste modo, meu tio, sendo solteiro e morando com os pais, era o jovem mais velho da família – e, nas regras dessa instituição (minha família), era um jovem diferente de mim. Uma análise da minha avó é que eu “tinha a vida inteira pela frente” e meu tio “tinha de crescer”. Isso levava a juventude a ser um período transitório variável socialmente entre o “mundo das crianças” (de dependência, cuidado e tolerância) e o mundo dos velhos (da vida adulta: trabalho, família, filhos...).

Assim, dentro desse período de juventude, havia algo a ser tolerado com relação ao comportamento, algo que garantia uma autonomia intelectual dentro de uma certa dependência material (e até afetiva). Um período de poder fazer agraciado com tolerância por parte dos “mais velhos”. Entre as frases: “tem a vida inteira pela frente” e “tem de crescer”, a juventude era colocada como um plano de tensão. Essa tensão era dada social e culturalmente e o período de tensão variava conforme a necessidade do trabalho e/ou da família. O que na maioria das vezes fazia os mais pobres se tornarem adultos mais cedo.

Essas preocupações comuns povoaram as teorias sobre juventude e invadiram as análises sobre o tema levando a pensamentos de que a juventude é atrelada a uma certa moratória, “um espaço de possibilidade aberto a certos setores sociais e limitados a determinados períodos históricos” (Margulis; Urresti, 2000, p.1).

Margulis e Urresti (2000) dizem que sujeitos agraciados por uma “moratória social” podem “postergar exigências – sobre todas as que provêm da própria família e do trabalho –, tempo legítimo para que se dediquem ao estudo e à capacitação postergando o matrimônio, o que lhes permite gozar de certo período durante o qual a sociedade lhes brinda com total tolerância” (MARGULIS e URRESTI, 2000, p.15). De outro modo, uma “moratória vital” é um conceito complementar de “moratória social”, pois neste sentido (moratória vital) “a juventude pode ser pensada como um período da vida em que está em posse de um excedente temporal, de um

crédito ou um “plus” (Margulis; Urresti, 2000, p.4). Portanto a “moratória vital” (como crédito temporal) é como o tempo contado feito areia numa ampulheta. Uma hora se esvai.

Assim, alguns analistas colocam a “juventude como uma condição ligada a uma característica biológica (idade, moratória vital), processada culturalmente (moratória social, classe, gênero...) (MARGULIS, 2001; APUD VINICIUS, P. 125).

Para minha avó éramos jovens diferentes (eu e o meu tio): meu tio resguardado por uma certa “moratória social” cuja “moratória vital” estava acabando, tinha de “crescer” (assumir responsabilidade, constituir família, trabalhar) e eu, entrando na puberdade, era garantido por uma “moratória vital”, “tinha a vida inteira pela frente” (tempo para gastar, energia, mocidade) estava só começando a juventude.

Contudo moratória vital e moratória social, quando reunidas, refletem um tipo de conceito que pode ser chamado de “moratória juvenil”. Este conceito, se não errado, é, no mínimo, incompleto, para tratar as diversas juventudes possíveis na sociedade. Este conceito acentua uma forma paradoxal existente nos estudos de juventude: a de “jovens não juvenis” e “não jovens juvenis”, como colocado por Margulis e Urresti (2000).

Jovens não juvenis seriam aqueles que apesar de gozar de uma “moratória vital” figuram entre os adultos – uma percepção muito ligada as relações de trabalho, abandono da escola e a constituição precoce de família. Os não jovens juvenis seriam aqueles que devido a condições econômicas e sociais, apesar de uma moratória vital desgastada, conseguem se produzir com os símbolos midiáticos de juventude, consomem a imagem de juventude, ou, pelo menos, os estilos de juventude vendido diariamente pelas mídias de massa; por serem geralmente das classes médias e altas conseguem se manter por mais tempo nos estudos, o que reflete posteriormente em sua relação de trabalho. Na maioria das vezes, esses atores assumem uma posição hierárquica mais alta do que a dos atores vindos das classes populares.

Margulis e Urresti (2000; p. 10-11) trazem outras perspectivas como “memória social incorporada”, resgatam a “condição de gênero” e “seu lugar nas instituições” afirmando de “recuperar certa “materialidade” e “historicidade” no uso sociológico da categoria “juventude”.

Para Margulis e Urresti (2000) não é possível (des)historizar as estruturas sociais, separá-las da experiência temporal dos sujeitos que as portam e realizam, deixando de lado a diacronia das mesmas que faz com que os atores se socializem em circunstâncias históricas diversas com independência do lugar que ocupam no espaço social. Assim, a geração, mais que a

coincidência na época de nascimento, remete-se a História, ao momento histórico, no que se tem sido socializado. (MARGULIS; ARRESTI, 2000, P.8). Como no meu caso, eu e o meu tio éramos jovens para minha avó, e mesmo para sociedade, contudo eu não tinha participado nos movimentos de juventude que estiveram nas ruas nas manifestações pelas eleições diretas para presidente, as Diretas Já, em 1983 e 1984. E o meu tio não tinha participado dos movimentos dos caras pintadas que acompanhei no movimento estudantil em 1992. Contudo nós marchamos juntos contra a instalação de um reator nuclear em uma base da marinha na cidade de Iperó (20km da minha residência), no meu aniversário de 13 anos em 26 de novembro de 1987. Essa relação geracional que permite que eu e o meu tio sejamos jovens nos afasta de certa forma pela experiência na relação sujeito-história.

Para Margulis a juventude depende também de gênero, do corpo processado pela sociedade e pela cultura, pois a condição de juventude se oferece de maneira diferente ao homem, à mulher, ao homossexual, transexual, etc. E assim podemos chegar a diferenciar preconceitos enfrentados pelos jovens (mas não só por ele) em dimensões sociais distintas: como raciais, culturais, religiosos, territoriais, etc.

Seguindo outro raciocínio, Melucci comenta que na contemporaneidade “a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade” (Melucci, 1996, in “Juventude e Contemporaneidade”. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 42). Assim a condição de juventude passa, também, a uma condição de identidade, de autovalorização, de enfrentamento aos padrões dominantes da vida adulta, de rebeldia, mas também de consumo de massa.

Bourdieu (1993) diz que a representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens, coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos. Neste sentido a juventude é colocada dentro de uma relação de poder: o jovem assume a rebeldia, a virilidade; o velho a sabedoria, o poder. Esta estrutura, que é encontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos, raças, classe...), lembra que a divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. Dentro das perspectivas históricas da modernidade toda repartição (divisão) de poder se dá de forma conflituosa.

Vinícius (2014; p.129) coloca que o conflito da juventude é uma forma de conflito entre poder constituinte e poder constituído, entre o processo do capital e o processo de autovalorização.



Figura 3 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo, 2015.



Figura 4 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo, 2015.

Assim considera que há um poder constituinte da juventude. A esse poder ele denomina: “forma-juventude”, um poder carregado de revolta política e rebeldia juvenil, ou rebeldia do proletariado em sua forma-juventude na sociedade de massa. Esse poder no capitalismo também se dilui em consumo, sendo que é através do consumo que essa forma-juventude, na sociedade de massa, ganha o proletariado. Para ele: “o poder da juventude, ou da revolta da juventude, vem da potencialização da sua condição transitória, das suas moratórias – fonte de sua autonomia. (Vinícius, 2014; p. 132).

Sua autonomia se liga ao campo da “produção cultural”, à experimentação e constituição de linguagens, signos, formas de vida, atividades, fazeres. Dá-se, portanto, como ampliação e radicalização da sua moratória: ela vai da moratória à defecção e ao êxodo tendo como ponte sua rebeldia (Vinícius, 2014; p. 132).

Para esse autor o projeto autônomo do proletariado na forma-juventude pode ser descrito como contracultura, porém devido a essa juventude não ter forjado um projeto intelectual e teórico próprios trazem, frequentemente, o anarquismo como síntese teórica “ou o arcabouço político-intelectual depois encontrado para dar sustentação teórica ao projeto autonomista da contracultura” (Vinícius, 2014, p.148). Assim:

Se no passado o impulso rebelde e autonomista do movimento operário deu origem ao anarquismo como teoria e movimento político, há pelo menos cinco décadas esse impulso, e o próprio anarquismo, têm se associado, nos centros urbanos, a uma categoria e forma social chamada juventude. (Vinícius, 2014, p.22)

Assim, o anarquismo reaparece em meio à estética, aos signos e comportamento desviante e dissidente de uma “rebeldia juvenil”, como um signo de rebeldia e como melhor sistematização político-teórica acessível do impulso rebelde e do projeto político autonomista dessa juventude. (Vinícius, 2014, p.161).

E de fato é no seio dessa juventude autonomista que é gestada a tática Black Bloc no final dos anos 1970. Pra Dupuis-Déri (2014; p.40) uma das principais características que difere a tática Black Bloc de outras unidades de choque (além da estética das roupas pretas) é a sua origem em um movimento de Berlim Ocidental: o *Autonomen*. “As origens ideológicas do *Autonomen* são variadas – marxismo, feminismo radical, ambientalismo, anarquismo – e essa diversidade ideológica era vista em geral como garantia de liberdade” (Dupuis-Déri, 2014, p.40). O *Autonomen* foi um movimento relacionado à revolução da contracultura alemã, no qual os jovens autonomistas se consideravam autônomos de sindicatos, partidos políticos, e ideologias oficiais, pois, coletivamente, não se afirmavam como marxistas ortodoxos, feministas, ou anarquistas ortodoxos, mas algo diferente (Dupuis-Déri, 2014b). O que se aproxima muito do pensamento de Vinícius (2014) sobre o fato, de que “a própria juventude autonomista

contemporânea deixa transparecer que ela não se reduz ideologicamente ou identitariamente ao anarquismo” (Vinicius, 2014, p. 15). Com liberdade até mesmo dos preceitos de um “anarquismo clássico” já que seu arcabouço teórico político vinha de discussão consensual entre diferentes grupos identitários, os jovens autonomistas alemães da década de 1980 entram em cena no que chamaremos de “*primeiro ciclo de ações diretas com a tática Black Bloc*”: ações de ocupações de edifícios para moradia, contra grupos neonazistas, contra a proliferação da indústria de energia nuclear (e seus depósitos de lixo radioativo), etc.

Dos *Autonomen* alemães à juventude autonomista no Brasil, um grande caminho a tática Black Bloc percorreu. “A tática dos Black Blocs se disseminou nos anos 1990, sobretudo através da cultura punk e de extrema esquerda, ou ultraesquerda, via fanzines, turnês de banda punk, e contatos pessoais entre ativistas” (Dupuis-Déri, 2014, p.50). Vale ressaltar “que o fenômeno punk parece ter tido essa capacidade de sintetizar uma expressão e expressar um sentimento amplamente generalizado na juventude, em termos mundiais” (Abramo, 1994, p. 97)

Essa forma de pensar da “juventude autonomista” se espalha pela Europa nos anos 80 e chega a um “*segundo ciclo de ações diretas com a tática Black Bloc*” (entre 1998 e 2002) nos protestos “anti/alter-globalização” no contexto das ações do movimento de Ação Global do Povos (AGP). Foi nesse período histórico que a ação direta pela tática Black Bloc ganhou reconhecimento da mídia mundial juntamente com o movimento “antiglobalização”.

Sobre esse período, Ortellado (2002), referindo se a um artigo de Barbara Epstein, que fala da forte influência das ideias anarquista no movimento de ação direta “antiglobalização”, manifesta, que nos Estados Unidos, a “comunidade” de ativistas radicais era formada por pessoas que normalmente se definem como anarquistas. O que não se trata de um anarquismo clássico, mas de um anarquismo difuso, baseado em ideias gerais de descentralização, democracia direta e decisão por consenso e uma desconfiança generalizada na autoridade. Contudo, existiria, é verdade, no seio dessa comunidade, um núcleo duro de anarquistas revolucionários, mas eles são apenas uma parcela dos ativistas “anarquistas” (assim, com aspas).

Ainda conforme Ortellado (2002) na maior parte do mundo os grupos de ação direta adotam o anarquismo, enquanto filosofia geral que inspira essas práticas de organização de base e ação direta e oferece identidade política para os grupos. No entanto, há lugares em que se define

especificamente como autonomista (Itália, Alemanha, Holanda) em oposição aberta às formas clássicas do marxismo e do anarquismo revolucionários.⁴⁶

Vinícius (2014) destaca que o núcleo que protagonizou junho de 2013, que o tornou possível, foi uma juventude autonomista, por ele retratada a partir do chamado “movimento antiglobalização até os primeiros anos do MPL. Junho foi o prolongamento no tempo do poder e do fazer dessa juventude autonomista” (Vinícius, 2014. p. 22). A esse prolongamento chamaremos de “*terceiro ciclo de ações diretas com a tática Black Bloc*”.

Segundo Sposito (1994:162) nos anos 90 as ações coletivas pouco sensibilizava os jovens, que também esvaziavam as estruturas de sindicatos e partidos políticos bem como as ações coletivas e lutas sociais.

Para aqueles investigadores interessados no exame das ações coletivas e das lutas sociais, o tema da juventude adquire visibilidade, estruturando várias questões. Ao lado de um certo refluxo das mobilizações de base popular que ocorreram e ainda são observadas nos bairros periféricos de cidades brasileiras como São Paulo, percebe-se que esta forma de constituição da ação coletiva tem pouco sensibilizado os setores jovens. Verifica-se, também, que outros canais da prática, como os partidos e sindicatos, ressentem-se de uma renovação geracional efetiva, em que o jovem poderia aparecer como elemento revitalizador do conflito e, desse modo, possibilitando a própria continuidade da ação coletiva (Sposito, 1994, p. 162)

Isso gera um contraste que pode ser entendido como algo geracional entre os jovens de 90 e dos anos 2000. Esse afastamento da juventude em relação aos sindicatos e instituições político-partidárias – e poderíamos colocar nesse bojo o movimento estudantil institucionalizado – teve como resultado nítido um descolamento. O distanciamento entre sindicato e partidos políticos dos grupos juvenis do movimento antiglobalização e contra o aumento das passagens era nítido mesmo quando ocupavam o mesmo espaço de luta. Num todo, o movimento estudantil partidário também esteve presente no interesse de alguns jovens, mas ficando como coadjuvante de outros movimentos nas lutas juvenis do século XXI.

Sendo o sujeito desta pesquisa um ator cuja rebeldia é latente em todos os aspectos de sua ação, e que historicamente pode ser relacionado a uma linha de acontecimentos que buscam na autonomia um novo modo político de poder-fazer, chamaremos esse sujeito de “jovem autonomista”, conforme a teoria de Leo Vinícius (2014), que entende a importância da autonomia desses jovens enquanto classe de poder político, contudo sem perder de vista suas

⁴⁶ ORTELLADO, Pablo. Aproximações ao movimento antiglobalização. Revista Possibilidades: Publicação do Núcleo de Pesquisa Marxista/UEG, 2005. Acessado em: http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/aproximacoes_ao_movimento_antiglobalizacao_pablo_ortellado.htm 2016

fragilidades enquanto militância de juventude. Em suas palavras o “quanto esses movimentos de característica juvenil, dependem do esforço ativista e militante de grupos mais ou menos restritos” (Vinícius, 2014. p. 336). Para ele a “fragilidade, é agravada quanto mais curta e qualitativamente menor for a moratória social e econômica desses jovens” (Vinícius, 2014. p. 336). Assim, “essa fragilidade quanto a moratória é o fator de instabilidade, descontinuidade e muitas vezes da curta duração dos próprios movimentos formado por esses jovens” (Vinícius, 2014. p.336). Esses jovens autonomistas seriam aqueles “que expressam em formas claras e em ideário a rebeldia contra um mundo que lhes destitui do controle de suas atividades, da participação no poder instituinte da sociedade; expressam a insubordinação contra um processo de redução e conformação” (Vinícius, 2014. p. 336).

[Assim] a dinâmica social” da sua autonomia – vinculada às suas moratórias – levou a essa autoafirmação e auto-organização que, embora frágeis quanto à continuidade e amplitude, se revelam ao longo das últimas décadas, sob determinadas circunstâncias, um importante impulsionador de lutas sociais e de vitórias em algumas delas” (Vinícius, 2014. p. 336)

Para Leo Vinícius, “se se trata de afirmar e reforçar o poder da insubordinação; dentro desta teoria, também, trata-se de valorizar, afirmar e reforçar a sua fonte: o fazer dessa juventude, e a autonomia que lhe condiciona” (Vinícius, 2014. p. 336).

Qualquer aspecto de juventude, não deixa de ser um campo escorregadio para se tratar numa pesquisa.

Um esforço intelectual adicional importante se faz necessário para delimitar os estudos sobre jovens como parte do campo acadêmico, pois alcançar relevância política e social não oferece garantia suficiente para sua legitimidade acadêmica, uma vez que os problemas sociais não são diretamente objeto de investigação científica (Lenoi, 1998; Machado Pais, 1990; Bourdieu, 1980, in Sposito, 2009, p. 18)

Como problematização dessa anotação feita em diário de campo, entre jovens e Black Bloc, está intrometida a palavra sucesso. Um sucesso que dá sentido de algo favorável.

[Do] Latim SUCCESSUS, “avanço, seguimento, resultado propício”, [vem] de SUCCEDERE, “vir depois, chegar perto de”, [é] formado por SUB-, no caso “depois, o seguinte”, + CEDERE, “ir, mover-se, deslocar-se”. O sentido de “resultado favorável” começou a se firmar no século XV⁴⁷

Talvez a melhor resposta a essa questão venha de Abujamra (2011): “Sucesso com os jovens, essa coisa que a propaganda inventou e que é tão sonhada, hoje em dia, pela mídia⁴⁸ (Antônio Abujamra. Entrevista com o cantor Lirinha - bloco 01, 2011, 1:25m)

A tentativa de dar a uma Black Bloc uma ideia de juventude não limita a complexidade de sua própria ideia como construção autônoma, violência simbólica e de confronto com os agentes do Estado. A liberdade do corpo é o que se busca no limite da tática. Esse corpo que agride ao

⁴⁷ Fonte: <http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/origem-da-palavra-sucesso/>

⁴⁸ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pusf6714rzA>

se libertar é certamente um corpo jovem. Mas um corpo jovem midiaticizado e explorado pelos canais de comunicação de massa. Um fator do espetáculo urbano que revela e dá publicidade aos investimentos do Estado na área da “Segurança Pública”, mas que em sua ação critica as estruturas urbanas, tenta tomá-las como seu território, tendo um discurso que pode ser traduzido na busca por maiores direitos sobre a cidade; de uma visão de cidade fora do sistema capitalista.

A Black Bloc é uma tática afetada pela ideia de “ter o diabo no corpo”, como dito por Bakunin, mas também é afetado pelo próprio consumo de sua imagem como produto da mídia de massa.

E com esse aporte tomamos como foco desta pesquisa a juventude autonomista como representantes desses atores sociais. Contudo, mesmo que não nos afastemos de fazer anotações pontuais sobre como as juventudes representam suas ideias através da violência simbólica e real, buscaremos, quando houver necessidade, o discurso da mulher, do afrodescendente, LGBT, indígena, trabalhador. Usaremos o termo juventude como a Black Bloc usa sua máscara: ora demonstrando um olhar juvenil ora com óculos de segurança protegendo se dessa visão.

Sendo o sujeito histórico dessa pesquisa o *jovem autonomista*, que sofreu transformações entre 1980 e 2015, mas que ainda conserva sua radicalidade, autonomia e rebeldia revolucionária passamos o olhar sobre o que orbita seu corpo. Os outros grupos de relação que ocupam o mesmo território de protesto. Deixando claro, no entanto, que por mais representação se possam ter as *juventudes* nos contextos narrados, esta análise que segue, é, sobretudo, sobre uma narrativa dos protestos, mais que uma narrativa juvenil.

2º tempo da prorrogação: o conjunto dos sujeitos que orbitam a Black Bloc

Tomarei como dimensão dos protestos um conjunto de ações coletivas que ocupam o mesmo local de protesto, uma multiplicidade de grupos que se juntam com a finalidade de se manifestar politicamente, tomando as ruas dos grandes centros urbanos.

Na impossibilidade de formular um mapeamento de todos os atores sociais e ações coletivas, interlocutores dos protestos onde a tática surgia, passamos a classificar alguns grupos ou ações coletivas que na nossa visão de observador participante, aparentam-se mais representativos para uma análise final.

Seriam eles: os autonomistas, participantes de movimentos sociais e ação direta (pacíficas ou não), movimentos partidários elegíveis e não elegíveis, advogados ativistas, socorristas ativistas, policiais, mídias alternativas e comerciais e o governo (federal, estadual ou municipal).

Esses formam um escopo de participações e discursos diferentes sobre a mesma manifestação. Mesmo os objetivos particulares sobre a sua representação social naquele espaço de protesto se torna bivalente: se por um lado as manifestações seguem o ritual de protestar contra um problema público específico, os atores, nos diversos conjuntos em que se subdividem, ou melhor: em grupos de afinidade, levam a cada grupo a uma participação particular com referência ao coletivo todo.

Muitos desses grupos mantêm um vínculo público de comunicação, seja em reuniões presenciais seja ele em páginas nas redes sociais.

A classificação desses subconjuntos tem um fator negativo: esconde a complexidade de como se relacionam esses vários grupos dentro do mesmo espaço de protesto. Na estrutura de um protesto de rua, alguns grupos tomam formas e posições relacionadas a uma especificidade dentro do coletivo. Essa trama comunicacional é cheia de interferências e ruídos levando à discórdia de grupos próximos engajados na mesma luta a militantes autônomos que participam ocasionalmente dos protestos.

Essas formas de comunicação também podem ser completamente antagônicas como no caso Black Bloc/Polícia Militar. No entanto, dentro desse território, onde a legislação oficial e as regras éticas e morais se tornam barreiras a serem transpostas e reconstruídas para que o discurso de protesto tenha certa eficácia dentro do espetáculo social urbano, revela-se uma certa ordem dentro de um espaço de transformações, muitas vezes, caóticas.

Os protestos são movimentos espetaculares, os personagens agem de forma definida dentro de seus nichos, cada qual adota um comportamento relacionado com o grupo de afinidades de sua proximidade, o que não impede a constante troca de grupos ou a participação em vários deles.

Esses conjuntos serão melhor detalhados no capítulo final que, além dos depoimentos recolhidos *in loco*, trata também as redes sociais, já que por essa via esses grupos revelam em discursos, fotos, vídeos etc. as potências discursivas com qual constrói sua comunicação.

Pênaltis: o recorte espaço/tempo São Paulo e o Movimento Passe Livre

Como colocado por Marcelo Pomar (2014) a bandeira do Passe Livre, entendida como direito de acessar gratuitamente o transporte público, foi uma reivindicação do movimento estudantil secundarista desde a reabertura política em 1985. Segundo ele, essa pauta dos movimentos estudantis foi instrumento de reorganização das entidades estudantis com o fim da ditadura civil-militar. “Antes disso há registros da luta pelo “meio-passe” desde os anos 1930” (Judensnaider... [et al], 2013, p.13)

Segundo Vinícius (2014) as origens do MPL (enquanto movimento) podem ser buscadas em fevereiro de 2000, na cidade de Florianópolis, quando quatro jovens menores de 20 anos e militantes do PT, iniciaram uma campanha pelo passe livre estudantil através da coleta de assinaturas para compor um abaixo-assinado.

Era a bandeira de luta escolhida por O Trabalho, uma corrente trotskista que integra o PT, para ser levantada pela Juventude Revolução de Florianópolis [JR], a organização de juventude ligada à OT. A JR seria assim a principal impulsionadora da campanha pelo passe livre estudantil na cidade (Vinícius, 2014, p.291)

Assim, os “primeiros anos da Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis marcaram a trajetória da Juventude Revolução de Florianópolis (JR) e da própria campanha no sentido de apostar e lutar por uma, independência e autonomia.

Ainda segundo Vinícius (2014), a Juventude Revolução de Florianópolis (JR) já apostava na autonomia e admitia ser uma frente de luta pelos Passe Livre que reunisse em torno dessa bandeira todos os indivíduos e grupos políticos que se identificassem com ela, ou seja, almejava já o apartidarismo que prega nos dias de hoje. Isso gerou uma divergência metodológica entre os adultos (partidários) dirigentes do O Trabalho (OT) e os jovens (em busca de autonomia) do JR. As discordâncias sobre os métodos da campanha se acirravam à medida que a Juventude Revolução de Florianópolis buscava a autodeterminação. “Para esses dirigentes a juventude, na prática, deveria reproduzir e ser uma correia de transmissão da direção adulta. Esses conflitos levariam a um afastamento recíproco e deixariam rugas” (Vinícius, 2014, p. 292).

Diante disso, os militantes mais envolvidos na campanha, aqueles que tinham passagem pela JR, resolveram apostar nos indivíduos e setores independentes da juventude (isto é, não filiados a partidos políticos). Segundo eles, foi a partir de então que a campanha deu um salto significativo (Vinícius, 2014, p. 292)

Do sul ao nordeste, um rastilho de pólvora acendeu, em outros pontos do país, a luta contra o aumento da passagem. O movimento contra o aumento da tarifa de transporte que surge em Salvador/BA assiste “A Revolta do Buzu”, precisamente em agosto de 2003, primeiro ano do governo Lula.

Milhares de pessoas ocupam as principais vias da cidade durante mais de três semanas. As ruas são o grande palco das manifestações, que tem protagonismo juvenil, mas que atingem toda a sociedade. Trata-se de uma revolta popular (Judensnaider... [et al], 2013, p.9)

Segundo Pomar (2014), na reta final desse episódio de lutas em Salvador, organizações tradicionais do movimento estudantil tomam a dianteira de um processo político que eles não iniciaram e não entendiam em sua essência. Imagens do documentário, *A Revolta do Buzu* de Carlos Pronzato e da cobertura do Centro de Mídia Independente (CMI) demonstram o desgosto dos manifestantes por essa ação das “organizações tradicionais do movimento estudantil”. A sinopse do filme na página do MPL também critica entidades estudantis porque “tomaram a frente do movimento do qual não faziam parte, e colocaram fim à luta negociando com a

Prefeitura pautas completamente alheias aos manifestantes” (<http://saopaulo.mpl.org.br>). Sobre esse aspecto Pomar escreve:

O levante também serviu para deixar luzes sobre aspectos importantes daquele momento histórico, como a insuficiência política das direções estudantis tradicionais, afastadas das bases das lutas sociais e em dissonância com essas; e a necessidade de organizar o movimento social de forma mais autônoma e independente, ousada e sóbria, capaz ao mesmo tempo de dialogar com as novas linguagens e formas de organização da juventude e de fazer política na sociedade, sem se deixar submeter a interesses outros que não os da própria luta (Judensnaider... [et al], 2013, p.9)

Vale lembrar que essas críticas, sobre o deslocamento do movimento estudantil das bases sociais, não são novas. O movimento estudantil que nos anos 60 fez da representação juvenil um poder gerador de críticas e lutas políticas e sociais, no final dos anos 70, em meio aos debates políticos se encontrava, segundo Abramo (1994, p. 77), uma profunda crise de modelos de sociedade e intervenção política”.

Paralelamente, verifica-se um deslocamento do peso e da importância do movimento estudantil frente aos outros movimentos sociais. Esse deslocamento é acompanhado por uma crise interna, que se abre logo após a reconstrução de entidades máximas do movimento (UNE, UEE), crise que tem a ver com a dificuldade das suas lideranças de se adaptarem à nova conjuntura, e também com a fixação de mitos que amarram a sua capacidade de criar novas respostas (Abramo, 1994, p. 77)

Voltando à ordem dos fatos, no ano seguinte, em 2004, novamente Florianópolis/SC, o aumento das passagens leva milhares de pessoas às ruas por duas semanas. Nesse ano, conforme Pomar (2014), as manifestações conquistam o que parecia improvável: derrubar o aumento das tarifas de ônibus.

Ainda segundo Pomar (2014), em 2005, sob intensa repressão do Estado, centenas de presos e feridos, o movimento conquista uma nova vitória contra o aumento na capital catarinense: novamente o reajuste do preço da passagem é derrubado. Mas foi em 29 de janeiro de 2005, no espaço Caracol Intergalática do Fórum Social Mundial, com apoio do CMI (Centro de Mídia Independente) que ocorre a fundação do Movimento Passe Livre (MPL). (Judensnaider... [et al], 2013, p.13).

Tratando a história do MPL como parte do fazer-poder da juventude autonomista – mais precisamente a do movimento “antiglobalização” - Vinícius (2014), faz um apontamento sobre a relação entre as vitórias contra o poder público de Florianópolis/SC e a luta do MPL de São Paulo em 2013:

Se é verdade que o MPL, e especificamente o de São Paulo, repercute essas experiências anteriores construídas e vividas por uma juventude libertária e autonomista, ele no entanto não existiria, nem como movimento nacional e nem com a composição e forma que existe hoje em São Paulo, se não fosse a experiência singular de Florianópolis. As revoltas e vitórias na luta pelo passe livre em Florianópolis, que tanto inspiraram jovens de outras cidades como São Paulo, foram fruto de mais de quatro anos de militância contínua pelo passe livre. (Vinícius, 2014)

p. 312)

Isso nos leva a colocar que mesmo a Black Bloc – surgida de modo espetacular nas manifestações de junho de 2013 contra o aumento da tarifa – não é mera exploração midiática. Tem sua construção histórica muito próxima das bases autonomistas de que se apropriaram da luta pelo passe livre, como colocado por Pomar (2014): não foi um raio em céu azul.

A Black Bloc, assim como o Movimento Passe livre, construíram suas bases bem antes de junho de 2013. Mas em 2013 se torna evidente uma rede de articulação nacional do movimento (pelo menos para a mídia de massa). Voltaremos essa discussão histórica mais à frente. Agora trataremos de combater a mídia no momento em que esses grupos são generalizados de forma espetacular como vândalos e arruaceiros pela imprensa.

O que decorre nesse período é um descolamento da “opinião pública” das pautas propostas pela imprensa de massa no Brasil. O que acarreta uma mudança de postura nos editoriais dessas empresas que sentem a necessidade de separar os vândalos dos manifestantes pacíficos, outrora generalizados em seus discursos apenas como MPL. Neste momento de rearranjo estrutural do discurso dirigido às massas, uma força de corrente ultraliberal, detentora de grande parte dos meios de comunicação no Brasil, observa que pode utilizar essa reestruturação para minar a positividade que os institutos de sondagem vinham tendo com relação ao Governo Federal. Essa corrente discursiva ultraliberal precisava desfazer a generalização do seu próprio discurso e assim opta por dicotomizar os aspectos centrais de violência nos protestos afim de potencializar a dispersão de pautas que trariam um caráter inflacionário e disperso aos protestos que se seguiram.

Para Moraes *et al.* (2014, p. 1), há uma grande disputa entre os intelectuais – por razões ideológicas e político partidárias – nas narrativas sobre o levante popular de 2013. Contrapõe seu texto, *A insurreição invisível*, ao de Singer (2014): *Rebellion in Brazil. New Left Review*. Denunciando como a forma de um discurso governista mistificava o levante de 2013 de modo a dar publicidade e/ou defesa ao Governo Federal. Segundo eles “a análise governista, da qual Singer é um dos representantes, deu o tom principal dos argumentos: os protestos de junho não teriam tido nenhum significado” (Moraes *et Al.* 2014 p. 4). O que foi curiosamente compartilhado tanto pela oposição de esquerda ao governo quanto pela sua oposição de direita que “confluíram” na tentativa de negar o acontecimento.

Em sua crítica classifica os principais discursos em Governista, Ultraliberal, Reformista (ou esquerda estatista, oposição de esquerda ao governo), Fascista e Revolucionária. O quadro I diz

respeito à composição de forças políticas que disputam protagonismo no discurso sobre os levantes de 2013/2014

Interpretações	Forças políticas que a compõem
Governista	Jornalistas dos oligopólios de comunicação de massa no Brasil; governantes, intelectuais e políticos dos partidos da situação: PT, PMDB, PCdoB, PDT. Sindicalistas ligados às centrais sindicais dirigidas por esses partidos. Empreiteiros, banqueiros, empresários e capitalistas em geral alinhados e apoiadores das ideias liberais implementadas pelo governo federal.
Ultraliberal (oposição de direita ao governo)	Jornalistas dos oligopólios de comunicação de massa no Brasil; governantes, intelectuais políticos dos partidos da oposição “oficial”: PSDB, DEM, PTB, PPS, PSB. Empreiteiros, banqueiros, empresários e capitalistas em geral alinhados às ideias ultraliberais.
Esquerda estatista (oposição de esquerda ao governo)	Intelectuais e políticos do PSOL, PSTU, PCB, movimentos sociais e principalmente sindicatos ligados a esses partidos.
Fascista	Integralistas – grupos minúsculos que reivindicam uma espécie de fascismo com matizes brasileiras e tropicais.
Revolucionária	Intelectuais e coletivos autônomos, anarquistas, libertários e marxistas não eleitorais/movimentos sociais ligados a luta pela moradia e outros.

Fonte: Moraes et al. (2014) p.7-8

Os autores fazem uma crítica minuciosa ao discurso “governista” de Singer. O que reflete muito do que esta pesquisa pensa sobre esse momento da história recente do Brasil (2013/2014). Talvez essa aproximação se dê além do fato de serem ambas análises de um observador participante.

Utilizaremos a classificação acima para separar os discursos que estudaremos nesta pesquisa. No entanto, focaremos nossa crítica no discurso “Ultraliberal” e o modo como foi utilizado contra as manifestações de 2013/2014, como complementar a esta análise de observador participante de fatos muito próximos: as manifestações 2013/2014. No caso desta pesquisa os discursos utilizados são das mídias ultraliberais do estado de São Paulo. Supomos que esse

discurso foi responsável pela dispersão das pautas dos movimentos que tomavam as ruas dos grandes centros na mesma medida que usavam as manifestações para a inversão de polaridade quanto a aprovação do governo pelas empresas de sondagem de opinião pública. Nossa análise não vai de encontro a defesa de qualquer discurso governista, mas se debruça para investigar os mecanismos que os setores “Ultraliberais” utilizam na luta pela significação dos protestos e ideologização dos setores populares.

Conforme demonstrado no gráfico II, página 45, é no mês de junho de 2013 que as sondagens de opinião indicam que um pessimismo com relação ao Governo Federal ultrapassa o otimismo que acompanha a governança do PT desde sua posse em 2003. O relato abaixo é um apanhado dos discursos em disputa de significados entre a mídia ultraliberal, governista e os protestos em São Paulo neste mesmo mês catártico que foi junho de 2013.

Era o dia seis de junho de 2013, quinta-feira, 18 horas. O primeiro passo do que seria chamado por alguns de “Jornadas de Junho” fora dado em frente a Teatro Municipal de São Paulo. Começa a luta contra um aumento nas tarifas de transporte de São Paulo. Era por vinte centavos – mas foram, talvez, os vinte centavos mais caros que os governantes municipais e estaduais tiveram de revogar.⁴⁹

Consta que uma das mudanças em relação as campanhas anteriores à 2013 foi “a concentração no movimento das responsabilidades sobre as decisões estratégicas das lutas” (Judensnaider... [et al], 2013, p.27). O poder de decisão que antes era compartilhado com outros movimentos, sindicatos e partidos passou a ser prerrogativa exclusiva dos atores do MPL. Isso para que interesses políticos de outra ordem não interferissem no planejamento das ações e passassem a comprometer a autonomia do movimento, desviando as atenções do foco das reivindicações.

Assim, em 2013, partidos políticos como o PSOL e o PSTU e movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Sindicato dos Metroviários entraram como aliados nas manifestações, mas sem poder de decisão sobre as questões cruciais como data dos atos, os trajetos das passeatas e a orientação da interlocução com o poder público (Judensnaider... [et al], 2013, p.27)

Deste modo, o MPL publica em sua página no Facebook o evento do “primeiro grande ato” contra a tarifa. No dia 6 de junho, às 18 horas, a passeata sai do Teatro Municipal em direção ao vale do Anhangabaú e por volta das 19 já havia tomado de assalto a 23 de maio. Logo depois, o pelotão de choque foi acionado e deu início a uma batalha campal no centro de São Paulo. Às 21 horas, pelas imagens registradas do helicóptero da Rede Globo, os telespectadores do Jornal

⁴⁹ Para tratar esses acontecimentos utiliza-se os textos de Elena Judensnaider, Luciana Lima, Marcelo Pomar e Pablo Ortellado, no livro: “20 centavos: a luta contra o aumento” Editora Veneta, 2013 e impressões empíricas do pesquisador, enquanto participante militante.

Nacional assistem policiais dando tiro de bala de borracha na direção dos manifestantes. No final, o comandante da operação policial dá o tom que sustentaria a notícia dos próximos atos: “Essas pessoas não estão a fim de se manifestar, mas sim de fazer baderna” (Judensnaider... [et al], 2013, p.31).

Assim se seguiu em toda grande mídia. No dia seguinte, os maiores veículos de comunicação retratavam a manifestação como atos de vandalismo, levados a cabo por pequenos grupos de extremistas motivados por interesses político-partidários. A tônica de violentos caía generalizante sobre todos os participantes da manifestação e o movimento como protagonista da violência era rechaçado como despolitizado e ilegítimo

Nessa leitura, os protestos seriam uma intervenção radical de grupos muito pouco representativos e sem legitimidade, que, desprovidos dos meios institucionais de atuação política, tentam se fazer ouvir bloqueando as principais vias da cidade e destruindo o patrimônio [...] Além dos meios abusivos, a pauta reivindicada pelos manifestantes era considerada completamente descabida, já que o aumento das tarifas tinha sido abaixo da inflação acumulada desde o último aumento (Judensnaider... [et al], 2013, p.33)

Amanhece o dia 7 de junho com o “segundo grande ato” já marcado para o final da tarde. As capas do Estadão e da Folha apresentam as imagens do dia anterior com um discurso que dominariam os noticiários dos dias seguintes:

A *Folha* apresenta manifestantes em meio ao fogo ateados a catracas de papelão bloqueando a avenida 23 de maio e o *Estado* mostra manifestantes encapuzados pulando sobre uma cabine da polícia militar derrubada em plena Avenida Paulista (Judensnaider... [et al], 2013, p.32)

Neste dia 7, durante o “segundo grande ato” contra o aumento das passagens o promotor Rogério Leão Zagallo, da 5ª Vara do Júri de São Paulo, incita o homicídio dos manifestantes pela tropa de choque usando seu perfil no site de rede social Facebook. Em suas palavras: “Por favor, alguém poderia avisar a tropa de choque que essa região faz parte do meu Tribunal do Júri e que se eles matarem esses filhos da puta eu arquivarei o inquérito policial” (Judensnaider... [et al], 2013, p.31). É neste dia que, pelo livro “Vinte Centavos”, aparece a primeira ação Black Bloc em conjunto com as manifestações do MPL na cidade de São Paulo em 2013:

A manifestação reúne cinco mil pessoas (segundo a polícia militar) e ocupa as vias laterais da marginal [Pinheiros] por cerca de 20 minutos [...] a atuação da polícia é pontual: com bombas de concussão e de gás lacrimogêneo [...] Nesse momento militantes do Black Bloc respondem à ação repressiva da polícia e evitam a dispersão dos manifestantes [...] Seja porque a polícia foi mais comedida seja porque o Black Bloc foi eficaz em contê-la, a manifestação terminou uma hora e meia depois sem incidentes de violência relevantes (Judensnaider... [et al], 2013, p.37-38)

Os dias entre o segundo e o terceiro ato transcorrem com a massiva desconstrução das manifestações populares pela imprensa nacional, sempre homogeneizando sua complexidade numa mesma linha de discurso: violência, vandalismo, medo, trânsito, reação policial, ameaças

de endurecimento por parte do Estado e do município: categóricos em afirmar que não há possibilidade de reverter o aumento da tarifa... Entre o dia 8 e dia 11, vários meios de comunicação pontuavam a violência dos manifestantes contra vidraças de banco, ônibus, latas de lixo – que chegaram até a ser incendiadas – para impedir a legítima e constitucional ação da polícia – apedrejada por vândalos e baderneiros.

O terceiro grande ato contra a tarifa, marcado para terça-feira, dia 11 de junho, saiu, no final da tarde, debaixo de chuva e enfrentando vários bloqueios policiais pelo percurso. Ao chegarem à Avenida Paulista, no vão livre do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), são atacados pela polícia militar. Aí, o que se segue são mais confrontos:

Por toda noite as ondas de repressão policial motivaram depredações, pichações e queima de sacos de lixo. Além de estações do metrô e agências bancárias, é depredada a sede do partido dos trabalhadores. Apesar da tentativa de militantes do MPL de impedir o ataque, o prédio tem seus vidros quebrados e o muro pichado [...] A quarta-feira [dia 12] amanhece com relatos de violência policial nas redes sociais e relatos de vandalismo dos manifestantes nos jornais – ambos disputando a narrativa do grande ato contra o aumento (Judensnaider... [et al], 2013, p.63-65)

Nos jornais televisivos é massiva a desconstrução do Movimento Passe Livre e das manifestações. Boris Casoy, ex-integrante do Comando de Caça aos Comunistas, comenta neste dia no Jornal da Band: “Mais uma vez a violência e o vandalismo caracterizaram as manifestações lideradas por partidos radicais de extrema esquerda”. Arnaldo Jabor, antes de dizer que “esses revoltosos de classe média não valem nem vinte centavos”, dá a dica que seria aproveitada para confusos protestos futuros, já sobre uma estrutura totalmente diferente e caótica, contra a PEC 37, contra a corrupção, contra o desmatamento, enfim, por “direitos”. No dia 12 a disputa pelo domínio da opinião pública e a intenção de enfraquecer o crescente aumento da participação popular nos protestos faz com que pautas dos grandes jornais do dia seguinte sejam preparadas com discursos duros, que revelavam o quanto seria perigoso participar do “quarto grande ato” contra o aumento da tarifa.

Dia 13. “Chegou a hora do Basta”, é o que manda o editorial do Estadão e finaliza com uma frase que seria desmentida antes de virar a folha do calendário: “O fato é que a população quer o fim da baderna – e isso depende do rigor das autoridades”. O editorial da Folha manda a polícia “Retomar a Paulista” e finaliza dizendo: “é hora de pôr um ponto final nisso”.

Este dia 13, pelo que entendo, é um “divisor de águas: o ponto em que se dá início a uma das batalhas midiáticas mais potentes na intenção de capturar o expectador em teias de determinados processos de subjetivação. Os discursos governistas, ultraliberais, estatistas de esquerda, fascistas e revolucionários disputam espaços de significação entre os participantes destes processos de manifestação política.

Todo discurso dos grandes jornais era de terror, aparentavam dar “passe livre” para que a ordem fosse reestabelecida a qualquer custo pela PM. O aumento da visibilidade da repressão policial, após a excessiva truculência da corporação no dia 11, preocupava organizações de direitos humanos como a Anistia Internacional e Repórteres Sem Fronteira que chegaram a emitir notas denunciando que a PM vinha agindo com “uso desproporcional de força”. A violência contra manifestantes só não era percebida pelo governador Geraldo Alckmin, que apoiava incondicionalmente a ação da PM. Neste dia Geraldo Alckmin publica no Twitter: “Depredação, violência e obstrução de vias públicas não são aceitáveis. O Governo de São Paulo não vai tolerar vandalismo.

Uma enquete no jornal televisivo Brasil Urgente revela, ao vivo, uma pesquisa de opinião que surpreende até mesmo o âncora deste telejornal. José Luiz Datena⁵⁰, mostrando ao vivo a concentração para o “quarto grande ato contra a tarifa”, formula uma pergunta aos seus telespectadores: “Você é a favor deste tipo de protesto? Que inclui depredação pública, com o pessoal andando nas vias públicas [...] Sim ou não? ” Alguns minutos depois defendendo que “não” era a favor a manifestações com “baderna”, o apresentador abandona a pesquisa acreditando que “formulou mal” e que provavelmente “o telespectador não estava entendendo a pergunta”. Quando boicota a primeira pesquisa o “placar” estava com 3023 pessoas dizendo-se a favor dos protestos e 1943 contra.

Em uma nova pesquisa, Datena reformula a pergunta para: “Você é a favor de protestos com baderna? ” Logo depois, visivelmente constrangido, de várias vezes gaguejar e sem uma construção verbal clara – peculiar aos âncoras de telejornal – Datena dá por finalizada a pesquisa e manda retirar do ar a enquete cujo placar de 2351 sim, em apoio aos “protestos com baderna”, vencia os 998 que diziam “não” apoiar esse tipo de protesto.

Alheios às tendências da opinião pública, nas ruas da capital, uma verdadeira operação militar foi montada próximo ao local da concentração dos manifestantes. As pessoas que passavam eram abordadas por policiais e revistas – mesmo antes dos protestos, cerca de 40 manifestantes já haviam sido detidos – e, no final, o saldo foi de 60 pessoas presas pela PM, quase todas por porte de vinagre (sic). Mesmo com a repressão a passeata sai pacificamente.

Com mais de 20 mil pessoas, a manifestação segue pela Avenida Ipiranga em direção à Avenida da Consolação [...] diante de uma barreira da polícia militar no local, a manifestação para. O MPL tenta ligar para o comandante da operação, como combinado anteriormente, e não consegue [...] Aos gritos de “Sem violência!” [...] No meio do impasse, sem qualquer motivo aparente [...] são respondidos com bombas de concussão, gás lacrimogêneo e tiros de bala de borracha. O quarto grande ato contra

⁵⁰ A matéria pode ser assistida em : <https://www.youtube.com/watch?v=AbyS6kx6zFQ>

tarifa é marcado, desde então, por uma violência policial sem precedentes no período democrático [...] Com ataques desmedidos e uso arbitrário da força policial, a PM parece cumprir a prescrição dos jornais no período da manhã (Judensnaider... [et al], 2013, p.94-95)

Ainda durante os confrontos as redes sociais se enchem de relatos sobre a violência policial nos protestos. Publicações e compartilhamento em tempo real. Mídias alternativas enviando imagens dos acontecimentos alimentavam via Twitcasting, fotos e depoimentos se multiplicavam no Facebook, mensagens via Twitter e WhatsApp não paravam um segundo. Um vídeo publicado no Facebook por Marcel Barri, no qual aparece policiais da tropa de choque atacando jovens cuja única manifestação de protesto eram os gritos de “Sem violência!”, ganha dezenas de milhares de compartilhamento ainda na noite do dia 13. “Outro vídeo que ganha rápida difusão na Internet mostra um policial quebrando o vidro da própria viatura, supostamente para incriminar os manifestantes” (Judensnaider... [et al], 2013, p.101)

A redes sociais ululam a violência da polícia contra manifestantes, jornalistas e até transeuntes desavisados ainda durante a manifestação. Publicações denunciando a violência policial são compartilhadas centenas de milhares de vezes, em pouco tempo, nas redes sociais. A imprensa ultraliberal usa toda sua força de comunicação para ampliar o discurso conservador e exigir providências mais rígidas contra os manifestantes. “Hoje [13/06/2013], às 17h, uma nova manifestação está marcada na região central e a polícia promete ser mais dura para reprimir vandalismos. A Corporação afirma que [...] não irá relevar nem atos isolados de depredação” (Judensnaider... [et al], 2013, p.89).

À noite, a cobertura dos telejornais evidenciava mais ações de vandalismo que a truculência da PM. Todos os editoriais defendiam as ações da PM contra a manifestação. Só no final da noite o Jornal das 10 da Globo News torna-se o precursor na mudança de discurso da grande mídia e da difusão de novas pautas para os protestos.

Paradoxalmente a toda polarização dos grandes veículos de imprensa brasileira, focados em criminalizar os protestos que estavam ocorrendo, uma pesquisa do Instituto Datafolha realizava uma sondagem de opinião, neste mesmo dia 13/06, na intenção de captar a opinião dos paulistas quanto ao apoio aos protestos que vinham confrontando o poder público nas ruas da capital do Estado. Segundo a pesquisa, “a maioria dos paulistanos (55%) é favorável aos protestos, 67% consideram o reajuste das tarifas elevado e 40% já condenavam o comportamento da polícia mesmo antes das denúncias de violência” (Judensnaider... [et al], 2013, p.106). Isso sem o desenrolar dos acontecimentos deste dia 13.

Não se pode afirmar que essa pesquisa de opinião pública – que se colocava contra o poder de sugestão da imprensa nacional em criminalizar os protestos – foi precursora de uma mudança nos discursos dos grandes canais de mídia de massa, mas podemos conjecturar que foi a partir daí que um discurso ultraliberal começa a se destacar à medida que é usado tanto contra as manifestações quanto contra o discurso governista. Certo é que nessa noite o Datafolha já tinha finalizado a pesquisa que seria publicada no dia seguinte e, certamente a informação já tinha chegado ao oligopólio da mídia de massa brasileira. Nesta noite:

A editora política da emissora [Globo News] e comentarista do telejornal [Jornal das 10] Renata Lo Prete, fala da necessidade de se fazer a distinção dos manifestantes pacíficos e baderneiros [...] a comentarista anuncia a diversidade de motivações nos protestos. Temos um primeiro sinal da dispersão de pauta colocada em curso pela imprensa [...] Diante de inúmeros relatos e vídeos que evidenciavam a forte repressão policial ocorrida nessa noite, as declarações feitas nas redes sociais começam a deslocar o eixo temático das manifestações da questão da tarifa para o direito de se manifestar (Judensnaider... [et al], 2013, p.100-101).

Deixando a superstição com o número 13 de lado, a mudança no discurso dos grandes veículos de imprensa, em favor das manifestações, depois desse dia 13, era de dar mau agouro em qualquer observador mais engajado. Como se fosse combinado, no dia 14 de junho, todos os veículos de comunicação da grande imprensa nacional tomaram posturas parecidas: condenaram a ação da PM, separaram os manifestantes em vândalos e pacíficos; e demonstravam que os levantes não eram pelos 20 centavos, mas por uma miríade de causas desconexas e de relevância duvidosa.

No sábado dia 15 de junho o Estadão começa a separar manifestantes pacíficos e violentos. Neste momento fica claro o combate ao discurso revolucionário que buscava espaço de compreensão na opinião pública. O discurso contra práticas e ideologias revolucionárias é comum nos discursos ultraliberais. No caso de identificar uma Black Bloc ele é sucinto “Anarquistas que praticam vandalismo” (O Estado de S. Paulo, 15/06/2013, p. A24).

No dia 16 de junho, os jornais ainda publicavam notícias da truculência da PM. Os jornais paulistas O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, preconizava a mudança do discurso dos governantes já condicionados, depois do Datafolha informar que a “opinião Pública apoiava os protestos: **“Protesto ganha apoio e polícia descarta Choque [...] Secretário diz que não vai usar balas de borracha [...] Após polêmica, polícia diz que vai liberar vinagre [...] Queremos que os manifestantes exerçam seu direito de manifestar** (Judensnaider... [et al], 2013, p. 156). Talvez o fato mais descabido deste dia e como clara mudança no discurso da grande mídia tenha sido a autocrítica de Arnaldo Jabor: “Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Sim, errei na avaliação do primeiro dia das manifestações contra o aumento da passagem em

São Paulo. Falei na TV o que me pareceu, um bando de irresponsáveis fazendo provocações por R\$ 0,20. E era muito mais que isso! (Arnaldo Jabor, 2013, Apud Judensnaider... [et al], 2013, p. 151).

Essa característica dos setores ultraliberais, proprietários das grandes mídias de massa brasileira, em combater os discursos visando a tomada do estado pelo voto, também não é uma coisa nova no Brasil. Na década de 90, diante da globalização neoliberal, a burguesia brasileira renunciou ao que, a rigor, nunca foi capaz de constituir: um projeto de desenvolvimento nacional. Então coube à imprensa a função de divulgar a agenda ultraliberal, alardeando sua superioridade e mostrando a crítica como mera resistência à modernidade (Fonseca, 2001, Apud Vieira, 2006, p.5).

Fonseca (2001, p.5) prossegue observando o período de redemocratização na década de 90 em que a grande imprensa, concebida como ator político/ideológico, devia ser compreendida como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, pois representa uma instituição em que se mesclam o público e o privado – onde os direitos dos cidadãos se confundem com os do dono do jornal. Para ele a imprensa representa uma das instituições mais eficazes na inculcação de ideias no que tange a grupos estrategicamente reprodutores de opinião – constituídos pelos estratos médio e superior da hierarquia social brasileira –, caracterizando-se (seus órgãos) como fundamentais aparelhos privados de hegemonia.

Os jornais aderiram à agenda “ultraliberal” devido a uma questão nacional irresoluta: o “descompromisso histórico das elites brasileiras com os projetos nacionais” (Fonseca, 2001, p.448 APUD. Vieira, 2006, p.5). As elites brasileiras executaram o que sua condição subordinada lhes acenava como mais vantajoso: “adesão a uma agenda que implicaria investimentos internacionais, mesmo que a contrapartida fosse a desnacionalização [...], o desemprego, o empobrecimento da sociedade e a renúncia à soberania” (Fonseca, 2001, p. 448 APUD. Vieira, 2006, p.5).

Para estes, os veículos de imprensa, além da clareza do poder ideológico que possuem, objetivam a veiculação de ideias que “influenciem a chamada *opinião pública*, os detentores do poder estatal, e ainda determinados segmentos sociais (dos quais, por vezes, são porta-vozes)” (Fonseca, 2001, p.5). O mesmo *modus operandi* foi utilizado para chamar os caras pintadas às ruas em 1992 e para alavancar os protestos do Movimento Brasil Livre (MBL) em 2015. Também foi usado da dispersão das pautas dos protestos entre 2013/2014. O mesmo discurso usado para marginalizar os movimentos que se levantavam contra a globalização econômica

ultraliberal, entre 1998 em 2005, foi usado para criminalizar ativistas que se levantaram contra os governantes entre 2013/2015. Esses mesmos discursos espalhados pelo oligopólio que se tornou a imprensa nacional na ditadura civil-militar, em 2014, focavam na defesa dos interesses comerciais e publicitários da FIFA. Justificando atos de repressão e conduzindo o discurso governista a um choque ideológico contra os ideais dos movimentos sociais, na tentativa de influenciar a opinião pública.

Nesta pesquisa, como já colocado, a “opinião pública” que não existe são essas sondagens/pesquisas expostas em gráfico diariamente pelos veículos de comunicação. Uma tendência do pensamento coletivo sobre o público sempre existe e é isso que gera uma tensão ideológica no âmbito político. As pesquisas (na forma apresentada pelas agências de sondagem) fornecem recurso imagético na intenção de fortalecer a “mercadoria notícia” e sua função de tendenciamento ideológico em circulação nos veículos ultraliberais de comunicação. Esses recursos (sondagem de opinião) são os subprodutos de uma “mercadoria notícia”. Compõe-na.

Entendo que esse subterfúgio, quando utilizados entre 2013/2015 no Brasil como um produto publicitário das ideias ultraliberais, depois de ganharem a forma de expressão na década de 90 – como subproduto da “*mercadoria notícia*” proposta por Fonseca (2000) – também passam a compor as tecnologias de poder que tentam expandir seus conceitos de ultra liberalidade na sociedade para tomada e reconstrução do Estado no seu modo de entender o mundo. Não obstante essa abordagem faz da grande mídia de massa um quarto poder, que em sua forma mercadoria, mais do que informar tende a influenciar:

[...] a **mercadoria notícia** possui uma particularidade ausente nos outros tipos de mercadoria. Sua utilização pode causar danos a grupos inteiros e mesmo às sociedades, na medida em que tem o poder de: a) fabricar e distorcer imagens e versões a respeito de acontecimentos, temas, pessoas, grupos sociais e sociedades; b) mentir; c) propagar boatos; entre outras possibilidades, paralelamente à sua função de informar

Isto nos leva a crer que os protestos de junho foram relevantes para dar intensidade aos discursos ultraliberais não só intenção de combater o otimismo em relação ao Governo Federal. Foi utilizado contra os protestos dando ênfase nos pontos de discórdia entre o governo e seus governados insurgentes. Pois, ao mesmo tempo que esvaziava o discurso dos movimentos sociais, criminalizava sua “radicalidade”, usava até mesmo os confrontos entre policiais e manifestantes para dar publicidade às precariedades sociais desta época. Tal discurso é recorrente à história da “ultra liberalização” nos meios de comunicação brasileiro desde o final da ditadura civil militar, e mudou pouco seu interesse desde então. Tanto hoje como naquela época:

[...] o papel da grande imprensa efetivamente não foi o de discutir ideias, embora seus órgãos afirmassem expressar as diversas “correntes de opinião”. Seu papel fundamental na conjuntura em questão foi obter a hegemonia, o que implicou um verdadeiro “vale tudo” político/ideológico, tal como numa guerra, que, no caso da contenda ideológica, manifesta-se como *guerra de posições* (Fonseca, 2001, p. 72)

O apito final

Busco com esse pequeno aporte histórico tentar responder uma pergunta, ou pelo menos tentar fazer algumas aproximações à essa pergunta que pode ter ficado de amarras soltas, sem respostas, sobre porque só neste momento (a partir de 13/06/2013) se faz a separação entre manifestantes pacíficos e violentos, identificando a Black Bloc como autora de uma violência que já era notícia (como veremos mais à frente) nos mesmos canais da mídia de massa, desde a Batalha de Seattle (1999).

Mas por que só agora? Devido a percepção de estar indo contra uma crescente tendência da opinião recorrente na sociedade em apoiar os protestos do MPL, que ganharam – por relações complexas de comunicação – maior visibilidade e força política do que esperavam outros atores políticos e, no intuito de reverter esse processo – que descolava a opinião pública do seu domínio subjetivo –, as mídias de massa ultraliberais, em conluio ou não, investiram pesado no marketing de retomada do seu espaço político (influenciar a opinião das massas).

É mister dizer que imprensa cumpre uma função social indispensável ao “Estado Democrático”, mas não é isenta de preferências política ou de uma visão ideal de mundo. Seu discurso é impregnado dessas relações ideológicas. No Brasil a comunicação é um oligopólio, uma grande indústria midiática de comunicação e imprensa, sua estrutura é controlada por empresas multinacionais e por menos de uma dúzia de famílias, mais que milionárias. A democratização dos meios de comunicação, a liberdade para que se possa produzir comunicação em todos os meios é emergente, necessária e possível. A democratização dos meios é uma luta pela autonomia de ser humano.

A tese central de Fonseca (2005), em “O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil”, indica o triplo papel desempenhado pelos periódicos brasileiros: aparelhos privados de hegemonia, empresas jornalísticas e “partidos do Capital Global”. Seguindo esses preceitos, pode então se descobrir que os jornais, sem exceção, simplificaram complexos problemas, reduzindo-os a uma polaridade dicotômica, desqualificando e estigmatizando as vozes contrárias à agenda “ultraliberal”. Todos os jornais analisados por Fonseca condenaram os conflitos de classe, combateram greves de trabalhadores em nome de

“valores universais” e apoiaram a “minimização do Estado nas relações econômicas”, apelando à repressão estatal pela aplicação da legislação herdada da ditadura (Vieira, 2006, p. 4).

Como tecnologia de poder sobre os corpos esses canais são instancias de controle que não podem estar alheios a tendência social. Ao perceber que seu discurso não acompanhava a tendência de seus expectadores – como mostravam as pesquisas de opinião do Instituto Datafolha em 13/06/2013 – investe em outra estratégia que, de saída, já agradaria a um público, o qual, junto com a expansão das igrejas evangélicas, tendencialmente, crescia: os conservadores.

As empresas de sondagem de opinião trariam nos seus próximos formulários perguntas éticas e emotivas. Potencializando a indução de um discurso genérico e afetado como contra corrupção, crise na Saúde Pública, Educação; ou patológico: volta da ditadura militar, maioria penal, “cura gay” e qualquer outra pauta que pudesse ser defendida por setores conservadores e ultraliberais em detrimento do sentimento autonomista (e porque não dizer revolucionário) que despontava nos movimentos que surgiam com outras pautas, como, por exemplo, o tarifa zero do MPL, o movimento Parque Augusta⁵¹, o movimento Xô Nuclear⁵², todos relacionados um outro modelo de cidade, ao direito à cidade e a um outro mundo possível. Contudo com propostas claras de transformação do público, da cidade, pelo comum no social e não pelo capital.

Deste modo, a dispersão de pautas após a revogação do aumento das tarifas de transporte foi construída sem uma relação histórica com os movimentos sociais e ações coletivas. A Grande mídia de massa, apodera-se dos símbolos desses movimentos sociais sem divulgar em profundidade as pautas contidas na sua luta. Produzem e distribuem suas mercadorias-notícias e a partir delas constroem significados que dizem respeito a uma interiorização dos conceitos ultraliberais como se fossem realidades imutáveis, passivas de compreensão e aceitação sem contestação. Todos os meios divulgavam as lutas de uma forma genérica e superficial quase sempre como crítica ao poder Executivo, sem quase nada focar nos outros poderes (Legislativo

⁵¹ Movimento Parque Augusta - o Parque Augusta, é contra a construção de três torres de prédios comerciais, pelas empresas Cyrela e Setin em um terreno de 24.750 m² entre as ruas Caio Prado e Marquês de Paranaguá, adquirido em dezembro de 2013. Conforme página do movimento no Facebook: “Queremos o Parque Augusta em sua totalidade, 24.000 m² e cerca de 600 árvores, muitas centenárias e de espécies ameaçadas da Mata Atlântica!” (https://www.facebook.com/movimentoparqueaugusta/info/?tab=page_info).

⁵² O movimento Xô Nuclear faz parte da Coalizão por um Brasil Livre de Usinas Nucleares e recolhe assinaturas para um Projeto de Emenda Constitucional (PEC) para a desativação das indústrias nucleares no Brasil. Conforme seu Twitter: “XôNuclear pretende banir o nuclear do Brasil, da bomba à fonte radioativa abandonada e ao lixo acumulado, passando pelo fim das usinas nucleares.

e Judiciário) ou mesmo nas reivindicações dos movimentos sociais, focando no discurso individualizado de transeuntes pegos de passagem próximo aos agentes da pesquisa.

Um exemplo é a Saúde Pública que, quando focada pela imprensa ultraliberal, aparece de forma genérica. Muitas vezes usando discursos *patológicos* dirigidos à população – assim como a identificação dos entrevistados somente com as mazelas dos equipamentos governamentais de Saúde administrados pelo SUS, extensamente exponenciada nos telejornais nacionais, e que sem dúvida afetam o cotidiano de quem utiliza esses aparelhos.

Periclitante, no caso da Saúde Pública, o discurso ultraliberal invisibilizava o discurso revolucionário dos movimentos sociais não dando ênfase às suas pautas e reivindicações. Colocava de forma generalizada uma bandeira Saúde e não incentivava o conhecimento das bases de luta desse setor. No caso da Saúde Pública podemos citar alguns exemplos invisíveis à essas mídias de massa ou às sondagens de opinião: a luta antimanicomial por um país livre de manicômio, pela ampliação das vagas públicas em universidades de medicina contemplando jovens das camadas populares da sociedade, por impostos estritamente direcionados ao sistema público de saúde que não fosse remanejado para outras áreas, etc.

Neste sentido o discurso ultraliberal procura proteger os interesses das empresas privadas e da indústria farmacêutica. Apenas mostrando os movimentos sociais de Saúde como resultado da indignação popular contra os governantes: pela falta de leito em hospitais, falta de remédio no SUS⁵³, falta de médicos nos pronto socorros, filas de meses para realização de exames... Esse discurso foi predominante nas narrativas gravadas durante o período de Trabalho de Campo que compõem esta pesquisa, o que também evidencia uma noção superficial de determinados problemas públicos por parte dos jovens que participam dessas manifestações (o que demonstra mais uma construção midiática por uma causa do que militante por uma reivindicação social propriamente dita), invisibilizando o cerne das lutas sociais e espetacularizando suas pautas ultraliberaes contrastando Saúde Pública e privada. Em outras palavras, combateram os discursos dos legados sustentado por governistas com a insurgência dos jovens em protestos. Assim transformaram os protestos em produtos da mídia e consumo de massa com forte apego cívico, nacionalista e sem autonomia na luta. Um golpe para dois coelhos.

Por que a necessidade de classificar os grupos em pacífico e uma minoria de vândalos para “entender a complexidade das passeatas”? A posição colocada pelos canais de imprensa em

⁵³ Sistema Único de Saúde

distinguir pacíficos e violentos e de pulverizar a pauta do MPL foi orquestrada e deliberada às pressas, mas de forma fulminante e ordenada. A primeira ação foi ação discursiva de o pedido de desculpas de Arnaldo Jabor em rede nacional. Depois, seguiu-se emitindo notas pela imprensa e redes sociais. A mídia ultraliberal, garantia, através dos discursos governistas, que não haveria mais violência policial nos protestos marcado para dia 17/06. Mesmo o governador Geraldo Alkmin, defensor das ações da PM, ordena “a suspensão de armas mesmo as menos letais” (Judensnaider... [et al], 2013, p.151). O Estadão publica neste dia: “após polêmica, polícia diz que vai liberar vinagre”. Atores “globais”⁵⁴, músicos da moda, personalidades esportivas e outras estrelas do “show business” apareceram nas televisões declarando seu tardio o apoio às manifestações. Foi um espetáculo de apoio. Essa propaganda de entrega das cidades para manifestação popular estimula uma comoção nacional e leva à rua pessoas que nunca tinham participado de manifestações. Assegurado de sua integridade física e feita as classificações generalizantes sobre os movimentos sociais, esse novo ator político, garantido por opiniões de maioria, busca as ruas podendo escolher se manifestar por qualquer pauta estimulada pela mídia.

Em 17/06, segundo pesquisas Datafolha: “A maioria (71%) deles participava pela primeira vez da série de protestos contra a tarifa de ônibus que têm ocorrido nas últimas semanas na cidade de São Paulo”⁵⁵. Quanto à dispersão da pauta o Datafolha publica: “Uma parcela de 40% disse estar no evento para protestar contra a corrupção, 31%, contra a repressão/violência policial e 27% mencionaram estar no protesto por um transporte de melhor qualidade”⁵⁶. Pesquisa realizada no dia 18/06 reitera a posição deste instituto de pesquisa em procurar dar sentido às pautas dispersas, fomentadas por ele mesmo enquanto classificação metodológica e divulgado exponencialmente pela imprensa.

Esponaneamente, sem alternativas pré-definidas, 67% dos paulistanos disseram que o motivo que levou cerca de 65 mil pessoas a protestarem em São Paulo, ontem, foi o aumento no preço das passagens do transporte municipal. Para 38%, as pessoas foram às ruas protestar contra corrupção. Para 35%, o protesto foi contra os políticos. Aparecem ainda como motivos a reivindicação de mais qualidade no transporte (27%), mais segurança (20%), contra a violência ou repressão da polícia (18%), pela tarifa zero ou passe livre (14%), pela saúde (7%), contra gastos com Copa das Confederações ou Copa do Mundo (5%), pela educação (5%), pelo salário mínimo ou salário (1%) e para fazer bagunça ou baderna, entre outros motivos menos citados. Como cada pessoa pode mencionar mais de um motivo, a soma das respostas é maior do que 100% (Datafolha, PO813688, 18/06/2013, p2)

⁵⁴ Funcionários da Rede Globo de televisão

⁵⁵ Fonte: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297654-largo-da-batata-reuniu-75-mil-a-maioria-novatos-na-onda-de-protestos.shtml>

⁵⁶ Idem 50

A imprensa primeiro isolou o MPL em seu estereótipo crítico/midiático – agora o MPL era pacífico –, depois deturpou sua pauta reduzindo sua força política perante a multidão estimulada a se manifestar: o MPL se tornaria o sujeito “contra o aumento que foi revogado” e a pauta “tarifa zero” cai junto com a revogação: “agora, já não é por 20 centavos, é por direitos” foi a legenda encontrada em muitas faixas que saíram às ruas no dia 17/06; ao trocar a difamação pela construção discursiva do MPL, a imprensa, na sua ótica, precisa desconstruir e remodelar seu discurso sobre a PM – que agora passa a representar o governo e não os pedidos de justiça da população.

O primeiro ato, na encenação desses canais, foi a conotação sobre a PM passar a exceder no uso da força. O que antes era pontual passou a ser violento no discurso dos jornais ao se referir à manifestação como um todo. A violência só era permitida contra uma minoria de manifestantes violentos, Black Blocs, na maioria das matérias, mas era denunciada dentro dos limites ultraliberais contra manifestantes e jornalistas: antes dos manifestantes as primeiras fotos que circulavam na grande mídia era a de seus funcionários atacados pela PM, No entanto, as ações da PM eram demonstradas como reação à minoria violenta. Depois do signo Black Bloc ser deflagrado no Estadão, tornou-se o responsável pelos ataques da PM. No entanto, o que se pode observar é que ocorreu no Brasil o que ocorreu em outros países. Os policiais começaram a ser acusados de utilizar da estética (e da própria tática) para incitar a reação da própria polícia contra os manifestantes⁵⁷. O segundo ato da mídia de massa reproduz o discurso do governo do Estado de São Paulo de não mais intervir nas manifestações com a tropa de choque. Depois deste momento, teve-se a expansão da massa de “gigantes acordados”, que tomaram as ruas em todo país. Era um desejo de fazer a história, de participar de algo que “bombava” na imprensa, rádio, TV e nas redes sociais.

Essa polarização realizada pela potencialização das notícias em sua forma ultraliberal, extrapola o caráter das notícias sobre os protestos contra o aumento das tarifas de transporte e dá subsídios subjetivos para que a relação entre sociedade/protestos seja invadida por uma fúria que leva até mesmo o MPL ser hostilizado por outros manifestantes na passeata que organizava. A revogação do aumento em 19/06/2013 que, sem sombra de dúvidas, foi uma vitória do Movimento Passe Livre, não dá um ponto final e os protestos proliferam nas ruas de São Paulo – agora, apoiado pelas mercadorias-notícias da grande imprensa ultraliberal do país. A revista

⁵⁷ Muitos arquivos podem ser encontrados no Youtube nesta perspectiva, segundo os manifestantes a corporação utilização de pulseiras e outros acessórios pra diferencia os policiais. Uma cena pode ser assistida no link: <https://www.youtube.com/watch?v=pVdioq7qxDo>

Veja no mesmo dia da revogação traz na capa: “A REVOLTA DO JOVENS: Depois dos preços das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade?” (Veja, 19/06/2013, capa). Não podemos dizer que a Veja tenha tido informações privilegiadas para saber que neste mesmo dia ia ser revogado o aumento. Mas podemos dizer que a colocação “depois do preço das passagens” a interrogativa “a vez da corrupção e da criminalidade?”, além de ser sugestiva à continuidade do processo de manifestação, dá diretrizes discursivas para criação de pautas ultraliberais e conservadoras (e históricas da direita brasileira).

Os protestos contra o aumento da tarifa foram inflados pelo chamado às ruas num modelo publicitário recorrente na história das empresas de comunicação brasileira: o “gigante acordou” tão fabricado quando os “cara-pintadas”, a “marcha da família com Deus pela liberdade” os protestos contra a corrupção do Movimento Brasil Livre (MBL) em 2014 e 2015. Nesse movimento de “miopização” dos fatos, os movimentos foram desconstruídos de suas pautas e o que restou por um tempo foi a revolta dirigida. Dirigida pelos discursos ultraliberais.

Não seriam estas contra o aumento da tarifa de transporte? Sim, a luta do MPL em junho de 2013, começou contra o aumento das tarifas de ônibus, trem e metrô, na grande São Paulo, espalhando-se, num curto espaço de tempo, por grande parte do território nacional. De um modo geral, a luta nacional do MPL tomou postura em favor da gratuidade no transporte público (um direito ligado ao direito de acessar o espaço urbano, um direito à cidade).

Mesmo declarando apoio a outros movimentos - como a luta por moradia ou melhores salários aos trabalhadores do transporte público – a pauta do MPL é sempre contra o aumento e em favor da gratuidade na tarifa, da livre mobilidade urbana. Seu lema: “POR UMA VIDA SEM CATRACAS”, reflete claramente sua posição política em favor de uma democratização nos modos de se acessar a cidade. Essa perspectiva, segundo a sondagem Datafolha do dia 17, aparece em 14% das respostas. Abaixo a corrupção (38%); contra os políticos (35%); e contra a violência da polícia (20%).

Tirando a homogeneidade das reivindicações dos protestos, a grande mídia de massa consegue tirar o foco das pautas dos protestos e focalizar em discussões mais relacionados com as notícias dos telejornais: essa dispersão levaria, num curto espaço de tempo, a uma *polifonia bulímica* criada por essas mesmas empresas de comunicação para desarticular e (des)potencializar ações que se desdobrassem pela autonomia do MPL.

Com a forte propagação de que não haveria mais violência policial e que a maioria a favor dos protestos era crescente e incluía reivindicações por todas as mazelas do Estado brasileiro, a

imprensa nacional colaborou com uma inflação nos espaços de protesto de um modo que os movimentos organizados não conseguiriam passar seus recados devidamente.

No dia 15/06/2013 quando o Estadão apresenta, em primeira página, o termo “Black Bloc”, também apresenta imagens de outro movimento que começava a tomar as ruas em repúdio aos gastos na Copa das Confederações: o movimento NãoVaiTerCopa, contra a Copa do Mundo da FIFA – que seria seguido daí em diante pelos adeptos das ações Black Bloc – seria acompanhado da difusão dessas demandas, que incluem Saúde, Educação, Transporte Público entre outras pautas que fizeram parte da discussão destes protestos.

Essas mudanças nos discursos da grande imprensa também causaram impactos nos movimentos da juventude autonomista. A separação entre manifestantes ordeiros e a Black Bloc também deixa os que não são ordeiros em evidência. Assim muitos jovens foram atraídos pela estética e pela identidade agressiva com que a mídia tratava a Black Bloc. O que acabou inflacionando o bloco colocando como tático grupo sem afinidade, levando muito mais a uma participação alegórica do que de uma ação direta simbolicamente violenta.

Tradicionalmente, os movimentos sociais radicais enfrentam um dilema em relação à cobertura da mídia: quando focados pela mídia de massa, perdem o controle de sua representação; pelas mídias alternativas, não conseguem entregar sua mensagem a um público mais amplo. Para Owen & Palmer (2003, p.335) a “World Wide Web supera esses problemas, permitindo que os movimentos criem os seus próprios meios de comunicação social com distribuição em massa”, contudo sua audiência tende às pautas da “grande mídia”.

Uma análise realizada em um dos sites do núcleo principal de comunicação anarquista americana, o Infoshop⁵⁸, revelou que a página recebia mais tráfego de rede após a midiaticização das manifestações nos telejornais. A tática Black Bloc, nos protestos contra a Organização Mundial do Comércio, em Seattle (1999), trouxe grande publicidade (embora negativa) ao anarquismo: “os anarquistas tiraram vantagem da grande audiência, criada pela má publicidade nas mídias de massa, para montarem uma campanha online de contra relações-públicas” (Owen & Palmer, 2003 p. 336). Isto impulsionou a identificação do movimento por expectadores, até então, alheios à sua organização, bem como, a divulgação das pautas do movimento para este público curioso, mais do que militante. Para Owen & Palmer (2003), isso traz duas de fraquezas

⁵⁸Um infoshop é uma loja ou centro social que serve como um nó para a distribuição de informação política subcultural e artes, normalmente sob a forma de livros, zines, adesivos e cartazes.

em si: atraem audiência e misturam a comunicação “*in-*” e “*out-group*”⁵⁹ ⁶⁰.

Grupos anarquistas brasileiros ganharam maior evidência nas mídias e redes sociais, em 2013, ao dialogar com jovens em busca de uma identidade radical – os jornais não ficaram omissos a isso e publicaram, ao seu modo, esses acontecimentos. Enquanto os jornais colocavam os coletivos anarquistas na berlinda da marginalidade, esses coletivos, por sua vez, eram apresentados para um público novo, ampliando o interesse sobre o assunto. Este aumento pode ser notado se observarmos as fotos da Feira Anarquista de São Paulo antes e depois de 2013⁶¹.

Segundo fontes entrevistadas, esses coletivos falaram não apenas sobre as ações de confronto direto ou ideologias políticas radicais, mas também sobre temas ainda pouco conhecidos de alguns jovens: como “economia solidária, veganismo, educação popular, violência simbólica... como se proteger com vinagre e leite de magnésio dos efeitos dos gases pimenta e lacrimogêneo, primeiro-socorros, legislação...”⁶².

A tática Black Bloc era praticamente desconhecida do público brasileiro até junho de 2013, ficando seu conhecimento restrito a um círculo limitado, em sua maioria, a anarquistas, anarcopunks, integrantes da AGP (Ação Global dos Povos) e outros militantes de movimentos sociais e ações coletivas que lutavam contra a ideologia de globalização do Banco Mundial, FMI, OMC, G-8, G-20, etc. Pouco se sabia sobre o Schwarzer Bloch ou Black Bloc ou Bloco Negro – seu significado nos idiomas alemão, inglês ou português só corroboravam em reforçar a estética visual: o nome não trazia uma especificidade além da sua radicalidade. No Brasil, entre os conhecedores, a imagem que pairava era a deflagrada pela mídia após os protestos contra a OMC (Organização Mundial do Comércio) em Seattle (1999). Mas esse não é o começo da história.

⁵⁹ Tradução: dentro do grupo e fora do grupo

⁶⁰ OWENS Lynn & PALMER L. Kendall. Making the News: Anarchist Counter-Public Relations on the World Wide Web, *Critical Studies in Media Communication*. Vol. 20, No. 4, December 2003, pp. 335–361. Baixado em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0739318032000142007?journalCode=rscsm20#.VRGLDPzF8ZM>, 20/05/2014

⁶¹ <https://feiranarquistasp.wordpress.com/>

⁶² Sarah

CAPÍTULO III - A Black Bloc: uma história entre movimentos sociais e as mídias de massa

Neste capítulo apresentamos os conceitos sobre a Black Bloc a partir de seus teóricos e de narrativas midiáticas. Transcreve-se um histórico possível da transnacionalidade da Black Bloc entre os movimentos sociais e seus períodos históricos de ação direta até a espetacularização da tática em junho de 2013 no Brasil. Atém-se às reportagens e à situação política em que está inserida pelo discurso da imprensa nacional. Nessa perspectiva traz diversas vezes diferenças nas pautas de movimentos sociais nacionais (ou seu silenciamento) e os movimentos onde as Black Bloc despontavam.

Mas, antes de discorrer sobre o que é a Black Bloc, precisa-se entender o que ela **não** é. Nas palavras de seus adeptos brasileiros em 2014: “A Black Bloc não é um grupo, não é uma organização ou um movimento social”. “Não é uma associação onde se tenha registro e carteirinha, nem um espaço formalizado para um modelo de transmissão de conhecimento”. “Não carrega uma proposta formal para se difundir um conceito ou uma ideologia”. “Não tem um quartel general ou campo de treinamento”. “Não tem *sites* na Internet nem páginas em rede social”. “Não existe uma liderança, um treinador, uma equipe avançada ou amadora da tática; tampouco um time ou uma seleção”. “Sua aplicabilidade não se dá fomentada em módulos teóricos graduais de ensino/aprendizagem, nem é restrita a determinadas classes sociais ou gênero ou raça”. “Não existe um idealizador, uma cabeça pensante ou uma liderança Black Bloc”. “A Black Bloc não tem uma metodologia a seguir nem de ação direta ou de choque ou de ataque/resistência”. “A Black Bloc não cria práticas vanguardistas, tampouco inéditas; ela

apenas se apropria de práticas utilizadas diversas vezes na história dos confrontos políticos que se dão entre o poder coercitivo de um Estado e sua população divergente”⁶³.

A Black Bloc é uma tática de confronto urbano que vem se transformando desde que surgiu na Alemanha nos idos de 1980, porém conserva seu modelo de ação direta de violência simbólica e sua estética. A indumentária, por exemplo, sempre foi a roupa inteiramente preta. No princípio, usada em conjunto com armaduras de espuma, capacetes de motociclista e jaquetas de couro, itens que saíram de moda dando lugar a blusas de moletom com capuz, óculos escuros e equipamentos de proteção individual (EPI). Para Dupuis-Déri (2014, p. 40) o que diferencia a tática de outras unidades de choque não é o recurso à força, nem a utilização de equipamentos defensivos e ofensivos em passeatas e manifestações; é sobretudo sua caracterização visual (roupa preta) e sua origem no *Autonomen*: movimento autônomo em Berlim Ocidental (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 40).

Fourment (2014), por sua vez, coloca que muitas vezes as mulheres eram invisibilizadas pelas pesquisas acadêmicas relacionadas aos movimentos mais radicais na Alemanha e pelas informações na imprensa e mesmo dentro dela. Violência, estupro, e a subjugação da mulher nos espaços ocupados não apareciam nos relatos sobre as lutas desencadeadas nos anos 70 e 80 (Fourment, trata principalmente dos movimentos autonomistas em Göttingen, Alemanha). Para esta autora “as pesquisas acadêmicas situam a Black Bloc como um movimento na linha dos *Spontis* – grupos militantes que se encontravam regularmente e se manifestavam espontaneamente na Alemanha (FOURMENT, 2014, p. 15).

Os *Spontis* “podem ser vistos como antecessores dos “autonomen”, no sentido que compartilham a mesma ideia de ativismo radical destinado a destruir “o sistema” pela ação direta e da luta para criar espaços “de esquerda”; quer pela tomada temporária da rua ou a ocupação de um squat (NIERADZIK, 2007, p. 43 in FOURMENT, 2014, p. 15).

No Brasil, a imagem que se tem da Black Bloc é a deflagrada pela mídia após os protestos contra a OMC (Organização Mundial do Comércio em Seattle (1999) – inclusive com o nome já traduzido ao inglês. A primeira publicação do termo no Brasil encontrada por esta pesquisa em um veículo de imprensa se deu em 09/12/1999, num caderno especial, referindo-se a “batalha de Seattle” iniciada e 30/11/1999:

⁶³ Noções referentes à pesquisa empírica realizada em oito atos protestos, anteriores e contra a Copa do Mundo de Futebol, no ano de 2014, na cidade de São Paulo. Era perguntado apenas as pessoas que utilizavam a indumentária estética Black Bloc (roupas pretas e máscara/capuz/bandanas impedindo reconhecimento facial): “o que é Black Bloc?”. Refere-se ao pensamento ativista de pessoas que utilizavam essa tática no período de fevereiro de 2014 a julho de 2014 (período das entrevistas)

O tempo fechou quando grupos dispersos de anarquistas, autointitulados “Black Bloc”, vestidos de preto e com lenços e capuzes sobre seus rostos, começaram a quebrar vidraças e depredar lojas, principalmente da Gap e Nike, acusadas de explorar mão de obra infantil [...] Mais tarde websites anarquistas afirmaram que seus integrantes vestidos de preto foram acusados, pelo grupo que arruinou seu tão bem elaborado plano de ataque, de promover pilhagem sem fim político. O Problema da anarquia é que ela foge ao controle” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/12/1999, p. 6)

A tática recebe acusações de que seus métodos exprimem violência mesmo pelos integrantes de movimentos altermundialistas – ou “anticapitalistas”⁶⁴ – institucionalizados. Coloca di Giovanni:

Muito provavelmente os manifestantes que formam os Black Blocs estão entre os que menos nutrem ilusões em relação à natureza do capitalismo e do Estado, mesmo em sua feição democrática. Seus métodos e práticas exprimem de alguma forma essa percepção, e, coincidentemente ou não, recebem por isso a pecha de "violentos" tanto pela mídia quanto por ONGs, partidos políticos, capitalistas de esquerda e de direita, liberais, sejam eles também manifestantes ou não (LUDD, 2002, p. 9)

Aqui cabe se colocar que a tática Bloc carrega, sobretudo, uma especificidade estética, uma imagem presa a um território: perfil anônimo, indumentária preta e transformação do espaço urbano com intuito de fomentar notícia nas redes de comunicação. A Black Bloc é uma tática que corrobora a máxima “uma imagem vale mais que mil palavras“. A força imagética de uma Black Bloc é o que mais impressiona os jovens e foi esse o gatilho para busca de conhecimento sobre a tática que se seguiu após junho de 2013. Uma imagem da Black Bloc pode ser formada através do texto de Dupuis-Déri:

Em meio a nuvens de gás lacrimogêneo, policiais fortemente armados enfrentam vultos nas ruas. Mascarados e vestidos de preto, esses vultos são os Black Blocs. A bandeira negra da anarquia ondula em meio ao voo de garrafas, pedras e, algumas vezes; coquetéis Molotov. Os policiais atiram granadas de gás lacrimogêneo e balas de borracha – às vezes, balas de verdade” (DUPUIS-DÉRI, 2014)

A tática Black Bloc que teve sua origem no movimento autonomista alemão na década de 80 acompanhou diversos movimentos sociais durante esses mais de 35 anos. Nesse tempo, foi internacionalizando e acompanhando pautas de diversos movimentos sociais pelo mundo. Seu início está atrelado às lutas contra o crescimento de grupos nazifascistas de extrema direita, por moradias e ocupações de edifícios vazios na Alemanha e na luta ambientalista antinuclear na Europa. Apareceu na América na década de 90 em lutas contra a primeira guerra no Iraque (Guerra do Golfo), em manifestação contra a comemoração do “descobrimento da América”, denunciando 500 anos do genocídio contra comunidades indígenas e também pelo direito das mulheres de mandarem em seus próprios corpos; sendo, finalmente, no interregno do século XXI, incorporada à luta contra ordem econômica vigente – em ações junto a Ação Global dos Povos – contra reuniões de “líderes” e organizações capitalistas mundiais, tendo seu ápice

⁶⁴ Mantém-se aqui o termo “antiglobalização” entre aspas por entender que esse termo é pejorativo e criado pelas mídias de massa. O termo é contestado por ativistas e movimentos sociais que lutam por um outro mundo possível (alterglobalistas).

mediático em 1999 em Seattle contra a OMC⁶⁵; No novo milênio alcançou a África e Oriente Médio: esteve presente no Egito, na Tunísia e na Turquia. Em junho de 2013 fica evidente suas ações no Brasil com a primeira relação feita pela mídia de massa entre Black Bloc e jovens brasileiros. No Brasil, mesmo que a tática já tivesse sido usada anos antes em manifestações, sua identificação pelo oligopólio das empresas de comunicação só se deu em 15/06/2013.

A princípio, a ação direta Black Bloc era tratada de forma generalizada pela mídia de massa como prática do MPL nos protestos. O comentarista da Rede Globo, Arnaldo Jabor, em rede nacional, rotula generalizadamente os integrantes de todos os movimentos que se encontravam nos protestos como “uma minoria de revoltosos que não valem nem vinte centavos”. No histórico de generalizações não faltaram, também, adjetivos inspirados, como desordeiros, arruaceiros, baderneiros e o clichê: vândalos... Mas a mídia de massa por si só não mantém o controle dos corações e mentes, a opinião pública pode tomar caminhos diferentes da proposta dirigida à massa. Como vimos no capítulo anterior, esse contraponto, em determinado momento, força as mídias de massa a uma reformulação do seu discurso, para se manterem críveis e comercializáveis.

Para Pablo Ortellado (2014)⁶⁶, “após a publicação da pesquisa Datafolha que confirmava um apoio de mais de três quartos da população aos protestos contra o aumento da passagem, a mídia de massa, passa a não mais generalizar os protestos de “vândalos”, mas mostrá-los como manifestações populares em atos cívicos legítimos e ordeiros”, onde manifestantes pacíficos se tornavam reféns de uma minoria violenta que incitava a ação policial contra uma população indefesa. Assim, tomando uma posição defensivas, os meios de comunicação de massa passam a jubilar uma manifestação pacífica e a focar a crítica em uma minoria violenta.

Até que pelas mãos do jornalista Bruno Paes Manso⁶⁷, relacionando a tática Black Bloc aos protestos no Brasil de 2013, deixa de generalizar as ações diretas violentas como prática do MPL por um substantivo composto: Black Blocs.

A “destruição de bens materiais” pode ser um instrumento poderoso para se fazer política. Essa crença, defendida pelos Black Blocs, espécie de tropa de choque anarquista dos manifestos, ajuda a entender a complexidade do caldo de ideias das últimas passeatas em São Paulo. (Estado de S. Paulo, 15/06/2013)

⁶⁵ Organização Mundial do Comércio

⁶⁶ Paulo Ortellano, professor do curso de Gestão de Políticas Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo na palestra A urgência das ruas - Salão de Ideias - Bienal do Livro SP. Debate realizado no dia 25/8 às 16h.

⁶⁷ MANSO, Bruno Paes. “Por dentro da 'tropa de choque' dos protestos” em 18/06/2013 na edição 751, Reproduzido do *Estado de S. Paulo*, 15/6/2013. Acessada em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed751_por_dentro_da_tropa_de_choque_dos_protestos. 10/01/2015

Não era uma palavra nova aos meios de comunicação, tais signos aparecem em vários jornais brasileiros desde 1999 indicando a rebeldia internacional dos jovens; ou mesmo das redes sociais de Internet, como por exemplo no Orkut, onde comunidades que datam de 2004 já discutiam a tática no Brasil.

Nas ruas a intensão de se usar a tática aparecia de forma múltipla: “A Black Bloc não é um grupo, ela é uma tática”⁶⁸ “Ela é libertária, é liberdade”⁶⁹ “Está sendo usada agora no Brasil... está começando”⁷⁰. “A Black Bloc é nós, tiu... a resistência que se coloca entre o povo e polícia”⁷¹. Estas falas emergem de entrevistas realizadas por esta pesquisa, em meio aos protestos que se estenderam durante o ano de 2014 até a final da Copa do Mundo da Fifa.

Na imprensa ultraliberal a perseguição ideológica foi mordaz e o signo Black Bloc tornou-se pivô de opiniões reacionárias: “Black Bloc não é partido é tática... de criminosos”⁷², aponta Ricardo Constantino, cronista da revista Veja. “Nos Estados Unidos foram descritos como o câncer violento que destruiu o movimento Occupy Wall Street. ”, informa o narrador de programa Sem Fronteiras, na Globo News⁷³. “Aquele movimento maravilhoso que aconteceu em junho foi destruído pelos Black Blocs”, diz Arnaldo Jabor para Vidi Blog Midia Alternativa⁷⁴. “Se manifestou nesse período [...] em grande parte como resposta à violência policial” André Takahashi, Carta Capital⁷⁵. Nas páginas do Facebook a “Black Bloc RJ” informava em seu perfil:

Black Bloc é o nome dado a uma estratégia de manifestação e protesto anarquista, na qual grupos de afinidade mascarados e vestidos de negro se reúnem com objetivo de protestar em manifestações antiglobalização e/ou anticapitalistas, conferências de representacionistas entre outras ocasiões, utilizando a propaganda pela ação para questionar o sistema vigente⁷⁶.

⁶⁸Entrevista milani

⁶⁹Entrevista anarco

⁷⁰Entrevista jonatas

⁷¹Entrevista sarah

⁷²Rodrigo Constantino, revista veja: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/lei-e-ordem/black-bloc-nao-e-partido-mas-uma-tatica-de-criminosos/> em 10/02/2015

⁷³In: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/07/black-bloc-nao-se-da-em-atacar-mas-em-se-defender-diz-jovem-do-grupo.html>

⁷⁴Em: <https://www.youtube.com/watch?v=FY1jUVtWm8>. Acessado em 16/02/15

⁷⁵André Takahashi, 31/07/2013 in <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-black-bloc-e-a-resposta-a-violencia-policia-1690.html>. Acessado 16/02/2013.

⁷⁶Página Black Bloco RJ: https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/info?tab=page_info em 14/03/2014

A origem

Como diz Dupuis-Déri (2014b) “não dá para ser preciso quanto à primeira vez que o termo Black Bloc foi usado. Porém é algo em torno de alguns acontecimentos” que aqui tento sintetizar conforme suas ideias e referências.

Como um período pré-histórico, em 1979, um bloco negro se formou para impedir uma marcha anual dos grupos nazistas na Alemanha. Segundo relatos “o tempo fechou em preto, com capacetes, almofadas de proteção e paus [...] e a marcha nazista foi impedida novamente” (Sturm und Drang, 2005, online). Devido a esse incidente um ano mais tarde teria vindo a primeira chamada oficial ao Schwarzer bloc⁷⁷. Alguns autores indicam que esta chamada aconteceu em Frankfurt⁷⁸, no protesto de primeiro de maio de 1980, quando uma panfletagem pedia a mobilização anarquista para se juntar contra grupos neonazistas⁷⁹; ou se foi no mês seguinte, na destituição de uma grande ocupação em protesto contra a instalação de um depósito de lixo radioativo na cidade de Gorleben⁸⁰. A ocupação ficou conhecida como a “república livre de Wendland”. Nos dias seguintes à desocupação foram organizados vários protestos em que as reportagens faziam referência a um “schwarzer bloc”⁸¹. Outra versão apresenta que foi quando o governo alemão fechou o cerco às ocupações urbanas, agredindo seus ocupantes e desmantelando vários *squats*. Essa ação do Estado alemão fomentou inúmeros levantes em confronto entre o Estado e os movimentos sociais. Em dezembro de 1980, a justiça alemã tentou inutilmente condenar seis ativistas presos por fazerem parte de uma suposta associação criminosa chamada de “schwarzer bloc”^{82 83}, cujo processo foi arquivado por falta de prova.

⁷⁷ Sturm und Drang (2005) ‘Der Papst ist tot! – 25 Jahre Schwarzer Block.’ Trend Onlinezeitung. 2009 em: <http://www.trend.infopartisan.net/trd0605/t370605.html>.

⁷⁸ Rahmani, Sina “Macht Kaputt Was Euch Kaputt Macht: On the history and the meaning of the Black Block” 2009 in <http://politicsandculture.org/2009/11/09/macht-kaputt-was-euch-kaputt-macht-on-the-history-and-the-meaning-of-the-black-block/>

⁷⁹ Costa, Jairo “A tática do Black Bloc”. Revista Mortal 2010 em: <http://www.scribd.com/doc/217228067/157424862-Tatica-Black-Block-Por-Jairo-Costa-Revista-Mortal-2010#scribd>

⁸⁰ A tradução brasileira do livro Black Bloc de Dupuis-Déri traz o nome dessa cidade errado (Gorbelen), já no original Les Black Block o termo aparece correto (Gorleben), conforme discussão via e-mail e por Skype com o autor.

⁸¹ Fracassi, Franco. “Black bloc. Viaggio nel pianeta nero”. Studio, 2011 em: <http://pdfitaly.com/tag/franco-fracassi/>

⁸² Dupis-Déri, Francis “Les Black Bloc”, 2010

⁸³ Em uma ação muito parecida com a que tivemos no Rio de Janeiro, na véspera da final da Copa de 2014, na Alemanha, em 1980/81 dezenas de prisões foram feitas em protestos contra a austeridade do Estado em relação às ocupações autônomas (*squats*). Seis pessoas foram acusadas de fundação e filiação em uma organização criminosa: der schwarzer bloc (black bloc) o caso entrou em colapso e as autoridades admitiram que tal organização jamais existira. As acusações foram retiradas e as investigações sobre a “organização criminosa” conhecido como o “Black Block” foi fechada, mas prevalece com a primeira introdução do termo como indicativo de criminalização de um grupo nos tramites oficiais do Estado alemão (Rahmani, 2009). No Brasil de

Dupuis-Déri (2014) recorre aos sociólogos Charles Tilly, Doug McAdam e Dieter Rucht para demonstrar como repertórios de ações coletivas e legítimas para a defesa e a promoção da causa circulam entre periódicos e lugares diferentes.

Esses repertórios são transformados e dimensionados ao longo dos tempos e entre fronteiras de um movimento social para o outro segundo a experiência dos militantes e as mudanças na esfera política. A tática dos Black Bloc se disseminou nos anos 1990, sobretudo através da contracultura punk e de extrema-esquerda ou ultraesquerda, via fanzines, turnês de banda punk, e contatos pessoais entre ativistas em viagens (Dupuis-Déri, 2014 p.49-50)

Neste contexto procuramos uma hipótese sobre a história que possibilitou difusão da tática a partir dos movimentos sociais cujas redes transnacionais incluíam os movimentos de ação direta alemão. Segundo Dupuis-Déri, apoiado nas pesquisas de A.G. Grauwerke, os grupos autônomos alemães eram bastante ativos nesse período entre 1979 e 1980, sendo, esses grupos, raiz precursora da tática Black Bloc. A.G. Grauwerke também foi criticado por Nieradzick (2007) e Fourment (2014) por invisibilizar o discurso feminista dentro de grupos como o *Autonomen*. Porém, segundo Dupuis-Déri o *Autonomen* recebeu forte influência das feministas radicais na Alemanha. Este grupo se expressava politicamente contra pagamento de alugueis, reapropriação de edifícios, ocupou universidades, enfrentou neonazistas e “policiais que protegiam usinas nucleares” (Dupuis-Déri, 2014. P 42). Assim nossas conjecturas partem de que a transmissão da tática se deu muito próximo aos movimentos ambientalistas antinucleares, pois dentre todas as lutas sociais no qual o *Autonomen* estava inserido, esta era a que mantinha uma rede de articulação internacional que cobria ações na Europa e nos Estados Unidos. Para isso seguimos um roteiro, onde o assunto é referente a esta perspectiva.

Na raiz da tática Black Bloc algumas localidades são citadas, entre elas a cidade de Frankfurt, Gorleben e a “República Livre de Wendland – locais que problematizam e disputam a raiz da tática Black Bloc. E por isso ficamos atentos aos confrontos entre governantes e governados (ou insurgentes ao governo) e as pautas públicas e sociais nessas localidades. A seguir, demonstraremos uma busca sobre o que os jornais brasileiros noticiavam a respeito dessas localidades, de modo a verificar como, historicamente, as ações diretas que aconteciam nas localidades próximas ao surgimento da tática Black Bloc e eram apresentadas pelos canais da imprensa nacional. Para tanto, tomou-se a seguinte tarefa:

2014/15 foram 849 detidos e 23 ainda estão sendo acusados de associação criminosa no caso: Black Bloc e 1 continua preso por “porte de material explosivo” (Pinho Sol)

(a) nos acervos digitais de dois grandes dos jornais de São Paulo – A Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo⁸⁴ – foi feita uma busca primeiro pelo termo Black Bloc e seu modo de aparição cronológica na imprensa brasileira. A intenção aqui é levantar um repertório histórico de notícias sobre Black Bloc até o ano de 2013 – quando é noticiado pela primeira vez seu uso por jovens brasileiros.

(b) seguindo alguns pesquisadores, faz-se um contraponto entre as notícias de jornais brasileiros e alguns textos que aproximavam a tática de ações coletivas e movimentos sociais. Ou seja, na intenção de trazer à tona um pouco de como os movimentos sociais, citados por esses autores, estavam organizados em torno das demandas políticas, analisa-se, na ausência do signo Black Bloc, os acontecimentos políticos mais relevantes cujas datas e as cidades surgem num contraponto entre os livros e os artigos de jornais da época.

Pedra de tropeço

– O procedimento “(a)” precisou ser repensado e refeito com a pesquisa em andamento, pois não previu outras grafias possíveis. Portanto, a mesma pesquisa foi refeita inserindo outras formas gráficas como: “blackbloc” e “blackblock” (seguidos ou não de “s”, enquanto substantivo simples) ou tratando como substantivo composto, trocando os radicais da segunda palavra para: “block”, “blocks” e “bocks” – independente de seus grafos estarem em maiúscula ou minúscula. Essas informações serão colocadas após a procura do signo “Black Bloc nos modos que se apresentaram ao pesquisador.

Frankfurt

Sobre Frankfurt, nas referências de Dupuis-Déri (2014), falam a respeito do primeiro de maio de 1980. O jornal Estado de S. Paulo não teve edição no dia dois de maio e não publicou nada sobre os acontecimentos do primeiro de maio alemão de 1980. Já o jornal Folha de S. Paulo publicou o seguinte:

Violência marca o primeiro de maio em Frankfurt e Oslo. FRANKFURT – centenas de manifestantes de esquerda saíram as ruas [...] manifestantes ocuparam um edifício não habitado em protesto pela falta de moradia no país. Os manifestantes entraram em choque com a polícia [...] segundo a polícia os manifestantes ocuparam um edifício que está para ser destruído e formaram barricadas com lata de lixo, paralelepípedos e carros. [Segundo a polícia] as pessoas que se encontravam na sua frente foram dispersadas por jatos d’água e as que estavam em seu interior a cassetetes e gás lacrimogêneo. (Folha de S. Paulo, 02/maio/1980 p.6 Exterior)

O discurso da Folha deixa nítido que a ideologia que se ocupava desse protesto no dia do trabalhador era de esquerda. De modo informativo coloca o motivo: falta de moradia, sem

⁸⁴ No caso do jornal Estado de S. Paulo teve de se adquirir uma assinatura mensal para poder acessar o acervo, o que foi feito graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, através de bolsa de estudo

qualquer indicação dos movimentos sociais (não cita nem *Autonomen*, nem Black Blocs). Contudo, o artigo deixa claro o *modus operandi* do poder coercitivo do Estado contra esse tipo de manifestante que ocupa edifícios, faz barricadas e enfrenta a polícia: é o mesmo tiro, porrada e bomba de todo histórico das lutas sociais.

O movimento autonomista alemão, neste caso lutava por questões internas com ênfase na falta de moradia, pouco tempo depois começa a se inserir numa rede transnacional de protestos. Essa rede que começa com os movimentos ambientalistas antiatômicos entra (de forma paralela) na lógica dos movimentos internacionais contra a globalização econômica de proposta ultraliberal.

Gorleben

De Gorleben, tanto no Estadão quanto na Folha, quando digitada esta palavra na “caixa de busca” as referências que aparecem são a partir de 1979. Busca-se, a partir de então, o cenário político que antecedeu o chamado à constituição de uma Black Bloc para o primeiro de maio de 1980, na intenção de entender de que modo os movimentos sociais se colocavam na tensão política internacional desse período.

E em 26 de janeiro de 1979, J. B. Natali, correspondente da Folha em Paris, escreve: “**França ameaça acordo nuclear**”. No texto, a preocupação com a renovação integral, pela Alemanha, do “tratado assinado com o Brasil em 1975”, referente à cooperação em pesquisa e desenvolvimento de usinas nucleares. Segundo ele, só restava ao Brasil aguardar inerte enquanto França e Alemanha negociavam suas “divergências” em questões de energia nuclear.

Em 1975 – ano em que o diretor de jornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog, curiosamente fugitivo da opressão nazista alemã, foi encontrado morto em uma simulação de suicídio nas dependências do DOI-Codi, em São Paulo –, no Brasil governado pelo General Ernesto Geisel, comemorava-se o “acordo nuclear”⁸⁵ fechado com a “República Federativa da Alemanha”, em Bonn.

Em 1979, o Brasil, que já vinha construindo sua primeira usina, Angra I, desde 1972, vinha, também, dependente dos avanços tecnológicos e da política sobre a energia nuclear estadunidense. A própria construção de Angra I, foi reflexo de um jogo de braços. De um lado, havia os que defendiam a importação da tecnologia americana; do outro, os que desejavam o desenvolvimento de uma tecnologia própria [...] como único caminho para se desenvolver uma

⁸⁵ “Acordo Nuclear” aqui são acordos entre países pela cooperação em ciência e tecnologia para execução de projetos ligados à “energia nuclear”, como: usinas termonucleares, venda de reatores nucleares, importação/exportação de materiais irradiados; etc.

política científica verdadeiramente nacional”⁸⁶. A americanização venceu e compramos nosso primeiro reator da empresa estadunidense Westinghouse Electric Corporation. Segundo Célia Maria Leite Costa, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), é nesse contexto que se insere o acordo assinado com a Alemanha:

A crise do petróleo em 1973, a expansão do mercado internacional de reatores nucleares e a brusca decisão dos Estados Unidos de suspender, em 1974, o fornecimento do urânio enriquecido para novas usinas, levaram o governo brasileiro a redefinir sua política nuclear e a adotar uma postura mais ousada, que incluísse a construção, no país, de centrais nucleares, responsáveis pelo desenvolvimento das diversas etapas do ciclo de produção de energia nuclear⁸⁷

Foi o “chega para lá” norte-americano em desenvolver tecnologia com o “Terceiro Mundo” a mola precursora para se buscar na Europa a parceria a esse tipo de desenvolvimento. Através do acordo nuclear Brasil-Alemanha, o Brasil se comprometeu a desenvolver um programa, juntamente com empresas alemãs lideradas pela Kraftwerk Union – KWU (Siemens) – a mesma empresa responsável pela construção do armazém nuclear em Gorleben que está numa das vertentes de aparição da tática Black Bloc. Esse acordo foi o embrião para construção de Angra II e Angra III. Esse comprometimento já custava bilhões de dólares aos cofres públicos do Brasil e estava prestes a minguar sem benefícios científicos e tecnológicos evidentes para o país.

Daí a temeridade do título do artigo: França ameaça acordo nuclear. Que seria renovado naquele ano e que, supostamente, traria benefícios até para a finalização da construção de Angra I - que entrou em funcionamento em 1985. Procurou-se nos arquivos de jornais se a repercussão da construção de Angra I – como evento paralelo a construção de Gorleben – trouxe levantes significativos ou protestos contra o poder do Estado brasileiro, mas nada foi encontrado. Talvez, por estarmos vivendo sob os coturnos da ditadura nossos protestos políticos tinham motivações diferentes, veladamente, muito contra o regime político nacional, numa época de proibição aos protestos de rua. No entanto foram encontradas críticas em veículos de comunicação. De título: **Fim à Vergonha e Visita à energia perversa** do jornalista Luiz Alberto Bahia membro do Conselho Editorial da Folha:

Ainda bem, que nossa democracia nuclear, se não permite manifestações de rua contra a energia perversa, possibilita a exibição de contrastes entre certa visão limitada da “revolução industrial” [...] A “revolução industrial” do programa nuclear teuto-brasileiro já nasce obsoleta (Folha de S. Paulo, 19/05/1979.p.7)

⁸⁶ Ver o artigo de Célia Maria Leite Costa: “Acordo Nuclear Brasil-Alemanha” em <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AcordoNuclear> (acessado em 11/09/2015)

⁸⁷ Idem 67

O Chanceler Saraiva Guerreiro não nos tranquiliza quando diz que o Brasil não tem intenção de utilizar, por enquanto, a energia nuclear para fabricação de explosivos com fins pacíficos [...] Mais tranquilos estaríamos se a democracia tupi autorizasse a militância de movimentos antiatômicos. Hoje, na Alemanha, ativistas antinucleares ocupam a área para depósito de lixo radioativo de Gorleben, perto de Hamburgo (Folha de S. Paulo. 02/06/1980. P. 2-Opinião)

Por esse viés podemos observar que mesmo as mídias de massa, à época em censura civil-militar, denunciavam que a militância antiatômica e as manifestações de rua contra a energia nuclear era estritamente proibida, além de levantar a crítica sobre a obsolescência do programa nuclear contratado entre Brasil e Alemanha.

Para o governo brasileiro, à época, perdendo apoio estadunidense e em meio a construção de Angra I, o acordo com a Alemanha, era saída para uma crise: a defasagem científica e tecnológica no campo da energia nuclear. E manifestações de repúdio público ao desejo de tecnologia nuclear era tudo que não permitia o governo dos generais brasileiros. As negociações franco-alemãs sobre a construção de um depósito de “lixo radioativo” em Gorleben podiam mudar o acordo Brasil-Alemanha e consequentemente atingir os planos estratégicos do governo militar brasileiro de deter tecnologia “atômica”. Finalizar Angra I, com reator estadunidense sem ter perspectiva de apoio do governo norte-americano colocava nossos generais contra a parede e uma saída para crise era continuar o “programa nuclear brasileiro” com apoio tecnológico Alemão. Mas a preocupação Francesa com a construção do depósito em Gorleben poderia fazer com que a Alemanha desacelerasse as negociações com países de Terceiro Mundo. “E o Brasil com isso?” Era a pergunta que fazia Natali em seu artigo:

Nas escalas de prioridades políticas que Paris e Bonn fixaram para resolver suas divergências políticas, um acordo sobre as condições em que os países de Terceiro Mundo terão acessos sensíveis ocupa a segunda posição (Folha de S. Paulo, 26/01/1979, p. Nacional -5)

Para ele a “primeira – a prioridade maior – resume-se às complexas precauções próprias aos estoques de plutônio” na França. A crescente falta de espaço para “combustíveis irradiados” e os acordos fechados com outros países levava Alemanha e França a estreitarem seus laços diplomáticos, tomando precauções conjuntas:

A usina de La Hage, as condições para que os alemães construam Gorleben, critérios técnicos para a assinatura de apólices de seguro relativas a transportes de combustível irradiado, proibição de se exportar o plutônio obtido, importação por clientes europeus escolhidos a dedo, de plutônio dos EUA (Folha de S. Paulo, 26/01/1979, p. Nacional -5)

Indiferentes às expectativas brasileiras, a Europa se preocupava mais com decidir se sustentaria seus acordos internacionais de retratamento de “combustíveis irradiados” e como tratariam seus próprios resíduos radioativos – e como lucrariam em capital e poder político – enquanto uma

forte manifestação popular, contrária à proliferação das usinas nucleares, fazia pressão tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. A França, na época, “correu um risco calculado” para obter a hegemonia mundial no campo do retratamento de resíduos nucleares.

Assinou contrato com sete países que devem desembolsar mais de dois bilhões de dólares nos próximos dez anos para retratar quatro mil toneladas de “lixo atômico”. Como La Hague [França] não possui ainda capacidade para atender a demanda, o lixo vem sendo estocado enquanto se toca em frente o projeto e sua ampliação (Folha de S. Paulo. 26/01/1979. P. Nacional – 5)

Natali diz que, segundo sua fonte, essa posição de hegemonia mundial no campo do tratamento de resíduos nucleares, ainda que em paralelo com o avanço tecnológico, também tinha se dado pela “centralização das decisões a um número reduzido de cabeças impermeáveis às pressões políticas internas”. Essas pressões internas estavam se internacionalizando, juntando movimentos sociais e partidos políticos que combatiam a proliferação das usinas nucleares. Em suas palavras, um caso que retrata acontecimentos flagrantes em 1979:

E, de fato, 18 organizações – de grupos ecológicos a partidos políticos – tentaram inutilmente impedir essa semana que o cargueiro “Pacific Fisher” descarregasse no porto de Cherbourg a primeira remessa das 1.600 toneladas de “lixo” que o Japão encaminhou para COGEMA (Companhia Geral de Matéria Nuclear) (Folha de S. Paulo. 26/01/1979. P. Nacional – 5)

Os movimentos sociais ecologistas estendiam sustentáculos na Europa e na América do Norte. O fluxo internacional de ativistas trazia contribuições e fortalecimento às lutas em vários países, somando forças inclusive nas fileiras autonomistas contra o desmantelamento da ocupação do terreno onde seria erguido o depósito de “lixo atômico” de Gorleben.

De fato, La Hague, na França, que estava em operação há três anos, não tinha capacidade para processar todo “lixo atômico” produzido na Alemanha, Japão, Bélgica, Suíça, Itália, Espanha e Holanda e via seus espaços de armazenamento ficarem apertados. O depósito de “lixo radioativo” que seria instalado em Gorleben (Alemanha) seria uma mão na roda nesse armazenamento, isso se os acordos entre os dois países fossem ajustados.

Contudo já se notava, mesmo pelos jornais brasileiros, que a população próxima a esses empreendimentos radioativos, ou que ficavam no entorno do fluxo de transporte dos produtos ali processados, começavam a se levantar contra suas instalações, devido ao medo de uma calamidade pública – medo que se agravou após a explosão da usina nuclear estadunidense

Three Mile Island⁸⁸, em março deste mesmo ano de 1979 e cuja tecnologia era a mesma nesses dois países e no Brasil.

Conforme as futuras instalações de Gorleben já contava com protestos organizados neste mesmo ano. No final do mês de março de 1979, reuniram 40 mil pessoas em Hannover para protestar contra os planos do governo da Alemanha Ocidental de construir seu depósito de “lixo” atômico em Gorleben (O Estado de S. Paulo, 03/04/1979. P.14). O caldeirão onde se fervia esses acontecimentos político-sociais – na tensão entre as decisões do estado e os desejos da população, apoiada por agentes ecologistas internacionais – estava sempre em plena ebulição. E em conexão internacional contra as políticas de proliferação da energia nuclear.

República Livre de Wendland

A “contra cultural” República Livre de Wendland⁸⁹ foi criada da ocupação do terreno onde seria construído o depósito de “lixo” atômico de Gorleben. A ocupação ocorreu do dia 03 de maio, portanto, logo após os incidentes do primeiro de maio alemão. Há de se supor que muitos militantes autônomos que participaram dos protestos de primeiro de maio também estiveram presentes, em algum momento, na “cidade” montada para resistir aos avanços da instalação nuclear em Gorleben, ou melhor dizendo. à República Livre de Wendland. Segundo Solange Ayres (2001)

No meio da floresta, na chamada “perfuração 1004”, local das prospecções para construção do depósito de lixo atômico, foi organizada uma grande resistência ao projeto. Agricultores, moradores das cidades e vilas vizinhas, declararam em 4 de maio de 1980, aquele pedaço de chão, o primeiro “Die Freie Republik Wendland”, isto é: a República livre de Wendland e decretaram guerra contra o governo⁹⁰

A ocupação que começou com fazendeiros e moradores da região teve em torno de cinco mil pessoas dividindo o espaço de forma autônoma e solidária. Antes, durante e depois da reintegração de posse por policiais alemães o que ficou marcado foi a resistência pacífica com que se apresentou ao mundo. Neste local o trânsito internacional de ativistas também foi notório.

The resistance opened up their kitchens and living rooms, stables and fields. Adversaries of nuclear power from all over the world – writers, scientists, even Native

⁸⁸ Sobre os acidentes nucleares ver: Whitaker, Chico. “Por um Brasil livre de usinas nucleares: por que e como resistir ao Lobby Nuclear / Chico Whitaker, Ildo Sauer e Joaquim Francisco de Carvalho; Chico Whitaker (org.); Prefácio de Alfredo Bossi e Ecléa Bossi. – São Paulo: Paulinas, 2012 (coleção avulso)

⁸⁹ Fonte: German History Docs em : http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=1915

⁹⁰ Idem

American chiefs from Canada and the United States – are coming to Gorleben to learn from the people who are resisting here⁹¹

A resistência abriu suas cozinhas e salas de estar, estábulos e campos. Adversários do poder nuclear do mundo todo – escritores, cientistas, inclusive chefes nativos americanos do Canadá e dos Estado Unidos – Estão vindo à Gorleben para aprender com as pessoas como estão resistindo aqui

[...]

The “Gorleben women” are known as far away as the United States: Rose Fenselau was asked by an anti-nuclear power initiative to travel to Chicago. She cannot accept the invitation [...], but she keeps receiving visitors from all over the world. Like many farms and weekend cottages in the Lüchow-Dannenberg area, Rose’s quaint little apartment in Vietze is constantly filled with guests.⁹²

As “mulheres de Gorleben” são conhecidas à distância como nos Estado Unidos: Rose Fenselau foi convidada por uma iniciativa contra o poder nuclear para viajar à Chigado. Ela não pode aceitar o convite [...], mas continua recebendo visitantes de todo mundo. Como muitas fazendas e casas de fim de semana na área de Lüchow-Dannenberg, o pitoresco e pequeno apartamento de Rose em Vietze, está constantemente cheio de convidados

No “Estadão” pode se encontrar um registro da desocupação da República Livre de Wendland, em Gorleben, mesmo que o nome da ocupação não apareça. É uma curta passagem desse acontecimento repercutida por um veículo de comunicação brasileiro.

Polícia impede manifestação na Alemanha HANNOVER – a polícia alemã retirou ontem à força cerca de dois mil manifestantes, que ocupavam desde o dia 3 de maio um terreno destinado à construção de um depósito de resíduos nucleares na cidade de Gorleben, na Baixa Saxônia [...] Os manifestantes instalaram uma verdadeira cidade na área, com rádio pirata, passes para moradores e barricadas em toda volta. (O Estado de S. Paulo, 05/06/1980. P.9)

Esses relatos compreendem que a política internacional calcada na luta antinuclear e ambientalista, em meio à corrida armamentista da “Guerra Fria”, contra a proliferação da utilização público-privada da tecnologia atômica por indústrias do setor de energia, levavam os movimentos sociais, à época, a manter um frequente diálogo e ações conjuntas, mesmo no âmbito internacional. Com o passar dos anos esses links e fluxos comunicacionais também foram úteis nas transformações das lutas políticas que acompanhavam o deslocamento deste para o foco de novos movimentos que vinha surgindo. Nesse ínterim, que compreende os anos 80, ações diretas, violentas ou não, foram utilizadas em diversas partes da Europa.

Black Bloc na Folha

No dispositivo de “busca detalhada” do Jornal Folha de S. Paulo⁹³ foram feitas buscas na caixa “com as palavras Black Bloc” entre os períodos de 01/01/1980 a 31/12/2013 que resultaram em 188 páginas, todas foram analisadas e percebeu-se que havia um problema que falseava o

⁹¹ Ibidem

⁹² Ibidem

⁹³ http://acervo.folha.com.br/busca_detalhada/

resultado: muitas das páginas traziam somente a referência “Black” outras somente a “Bloc”, fazendo junção com outras palavras: ex, Black and Decker, Bloc Party. Portanto foi separada por períodos e analisadas uma a uma. O primeiro período de 1980 a 2000, depois de 2001 até 2010 e por fim de 2011 a 2013.

PERÍODO	NUMERO TOTAL	FALSOS	VERDADEIROS
1980 – 2000	16	16	0
2001 – 2010	41	34	7
2011 – 2013	131	1	130

Uma outra perspectiva pode se notar ao recolher esses dados: são os períodos em que a Black Bloc é notícia e quando seus feitos são tratados apenas como ações de “manifestantes”. Até 1999 o signo “Black Bloc” não aparece como notícia nos jornais brasileiros. Seguiu uma tendência midiática colonizada, dependente da internacionalização pouco democrática da imprensa internacional.

Black Bloc alcançou o Brasil pela mídia mundial, negatizando seus feitos contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) na chamada “Batalha de Seattle” 1999. O que não significa que as ações Black Blocs não tenham sido noticiadas nos jornais brasileiros sob a forma invisibilizada de protestos violentos (ou seus agregados).

A Primeira inserção da tática na imprensa nacional se deu pelo símbolo “Black Block” em 1999, a grafia pela qual é conhecida hoje “Black Bloc” aparece nesses veículos de imprensa dois anos mais tarde; em 2001. Assim vamos seguir a grafia “Black Bloc” até reencontrar “Black Block” conforme se apresentou a esta pesquisa. Assim em 2001 a primeira inserção diz o seguinte:

Violentos Black Bloc grupo anarquista formado inicialmente nos Estados Unidos, mas que tem ramificações na Europa, principalmente no Reino Unido e na Itália. Foi o principal responsável pelas manifestações violentas ocorridas nas ruas de Genova ontem. (Folha de S. Paulo, 22/07/2001, p B3).

Assim se passa o ano de 2001, com o signo publicado em cinco páginas da Folha⁹⁴, rondando apenas o assunto de Genova, até o dia 15 de agosto. A Black Bloc reaparece em 2002, com duas páginas, uma no dia 28 e outra no dia 29 de janeiro, às vésperas do Fórum Econômico Mundial em Nova York e cai de novo no esquecimento. Foram cinco páginas sobre Genova e duas sobre

⁹⁴ Muitas vezes se opta pela forma popularizada (e midiaticizada) no modo de tratamento desses veículos de imprensa, portanto, quando aparecer Folha, ler Folha de S. Paulo e quando aparecer Estadão, ler O Estado de S. Paulo.

Nova York e nada mais nesta década (2000-2010). O signo Black Bloc só volta a aparecer, na Folha de S. Paulo em 16/10/2013, quatro meses depois das Jornadas de Junho. Daí para frente tem inserção quase que diária neste veículo de imprensa: de 16/10 a 31/12/2013 aparece em 130 páginas. Depois de mais de onze anos sem ser noticiado, nesta mídia o signo Black Bloc aparece da seguinte maneira na página C-1

Foram os primeiros atos que acabaram em violência após medidas mais duras dos governos paulista e fluminense principalmente contra os “black blocs” (que pregam a destruição de patrimônios) desde a semana passada [...] A PM formou um cordão de isolamento e foi atingida com pedras atiradas por adeptos do “black bloc” [...] Em troca atirou bombas de efeito moral e de gás lacrimogênio e balas de borracha [...] Policiais militares do Rio de Janeiro usaram armas letais para dispersar manifestantes [...] Apesar do contato com a assessoria da PM, a corporação não respondeu se o comando autorizou o uso de munições letais (Folha de S. Paulo, 16/out/2013, p. c1)

Black Bloc no “Estadão”

No dispositivo de busca do jornal O Estado de S. Paulo na web os registros podem ser divididos em notícias, fotos, podcasts, TV Estadão e acervo. Utiliza-se apenas os registros contidos em acervo para igualar ao modo de pesquisa feito na Folha de S. Paulo. O acervo do Estado de S. Paulo tem um filtro que separa uma edição “Brasil” de uma edição “São Paulo”⁹⁵. Opta-se nesta pesquisa não usar nenhum dos dois filtros e acessar o acervo por completo. Quando se percebe duplicidade analisa-se as duas notícias: descarta uma se forem idênticas e explicita se houverem diferenças entre as edições.

O mesmo problema verificado no programa de busca do acervo digital da Folha de S. Paulo também se apresenta no do Estado de S. Paulo: nem toda indicação de notícia sobre o objeto procurado se refere ao objeto em si e seguem o mesmo exemplo supracitado. E mesmo indicando que o termo “black bloc” tem ocorrência de notícia desde a década de 50, a primeira indicação sobre o objeto de pesquisa só vem após os anos 2000. Deixando de lado também a Batalha de Seattle, evento apontado como o pico midiático que levou a tática Black Bloc ser conhecida internacionalmente. Este jornal também só deflagra o signo ao falar das manifestações, contra o G-8, na cidade de Genova em julho de 2001.

A primeira indicação do signo “Black Bloc”, pelo acervo digital do jornal O Estado de S. Paulo, foi atrasada em relação ao jornal Folha de S. Paulo. O Estadão publica explicitamente o termo Black Bloc um dia depois da Folha, em 23/07/2001. No dia 22/07/2001, o Estadão noticia assim

⁹⁵ **Diferença entre as edições Brasil e São Paulo**-Para que o jornal seja entregue em todo território nacional em um horário razoável, a edição precisa ser concluída até o início da noite. Como o jornal é todo impresso em São Paulo, precisa de tempo para que seja transportada por caminhões e aviões a todos os seus destinos. Entretanto, para os jornais entregues na Grande São Paulo, essa urgência diminui, já que o tempo para o transporte é muito menor. Logo, a Redação tem mais tempo para concluir a edição, o que permite ainda mais refinar o noticiário. Essa edição, concluída mais tarde, é a “edição São Paulo”, enquanto a outra, edição nacional, é concluída mais cedo: <http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/Black+Bloc/Acervo/acervo>

os responsáveis pelos distúrbios civis: “Os grupos mais radicais, classificados como anarquistas pelas forças de segurança, tentaram romper as barreiras de concreto e metal armado em torno da chamada zona vermelha” (Estado de São Paulo, 22/jul/2001, p.14).

Já o dia 23/07/2001 este mesmo jornal explicita o termo Black Bloc da seguinte maneira:

Caça aos desordeiros – A polícia começou a investigar os grupos anarquistas que provocavam a violência em Genova, entre eles o Black Bloc, que durante dois dias entrou em choque com policiais italianos. O Black Bloc surgiu na Alemanha no fim dos anos 70, mas atualmente tem vários membros britânicos” (Folha de S. Paulo, 23/jul/2001, p. A10)

Se por um lado o jornal O Estado de São Paulo demorou mais a publicar o termo, por outro, acertou quanto suas origens – questão que a Folha de S. Paulo publicou errada.

No dia 9 de agosto de 2001 o Estado de S. Paulo publica outra vez o termo Black Bloc, tratando o episódio da invasão à escola Armando Diaz pela polícia italiana – que se deu no dia 22/07/2001, ainda durante a “Batalha de Genova”. Esta reportagem adquirida do The New York Time, com o título “**Jovens foram surrados e humilhados**”, fala sobre uma história na qual todos os jovens alojados em uma escola saíram feridos pela ação de policiais italianos. A reportagem conta que “92 jovens foram arrancados de sua cama” e que, desse grupo, sessenta manifestantes foram “originalmente descritos pela polícia italiana [e publicado nas mídias] como anarquistas saqueadores”, mas, logo depois, em comunicados oficiais, os mesmos foram descritos como “manifestantes pacíficos” pelas autoridades genovesas. Segundo a reportagem, os canais de televisão não participaram da cobertura do incidente. Chegaram depois da ação policial (sic), e só filmaram as “poças de sangue e dentes arrancados durante a ação policial”. Mas o jornal faz menção ao que aconteceu: “estudantes se encolhiam enquanto eram chutados escada abaixo”, “cortes e ferimentos no pescoço e três ossos da mão quebrados”. A justificativa: “haver entre os manifestantes na escola membros do grupo anarquista Black Bloc” (O Estado de S. Paulo, 9/8/2001, p. A18). O Estadão não publica mais o termo “Black Bloc” nesta década (2000-2010).

No período de janeiro de 2010 a dezembro de 2013 a primeira aparição do termo foi em 25/07/2013 páginas: a21 e a22: “O grupo anarquista Black Bloc participará do evento” (a21) “**Confronto. Integrantes do Black Bloc enfrentam Choque no palácio Guanabara, na segunda**” (a22) (legenda de foto). Essa passagem merece um parêntese por fazer parte de um dos mais atozes – e equivocados – episódios contra o direito de livre manifestação que aconteceram devido aos protestos de junho de 2013 – e talvez pensando em seus desdobramentos entre Copa do Mundo e Olimpíadas. A manifestação no dia 25/07/2013 foi contra a criação da Comissão

Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas – CEIV, pelo decreto N° 44302 de 19/07/2013 e publicado no dia 22/07, de autoria do governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral⁹⁶. Um golpe à liberdade de expressão intimamente ligado aos meios de comunicação. O decreto, chamado de “fascista” não só pelos adeptos da tática black bloc, mas por diversos outros manifestantes, além da criminalização dos movimentos, cria dispositivos anticonstitucionais aplicados contra a privacidade de relação, comunicação e dados de qualquer cidadão brasileiro na mira desta comissão. No caput, o Governo do Estado do Rio de Janeiro decreta, considerando:

os recentes e reiterados acontecimentos envolvendo atos de vandalismo perpetrados por grupos organizados, causadores de danos à incolumidade física de pessoas e destruição do patrimônio público e privado; e a necessidade de as instituições públicas incumbidas da defesa do Estado Democrático de Direito se organizarem para promover uma maior eficiência na investigação e na tomada de providência para a prevenção da ocorrência de novos atos de vandalismo e punição das práticas criminais já perpetradas (Decreto N° 44302, caput)

Após essas considerações o governador Sérgio Cabral compõe a CEIV com as instituições: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, Polícia Civil e Polícia Militar. Os chefes destas instituições indicarão os integrantes dessa comissão (CEIV), “composta por tantos membros quantos por elas considerados necessários”; A Presidência da Comissão caberá a um dos representantes do Ministério Público, indicado pelo Procurador-Geral de Justiça (à época o procurador era Marfan Martins Vieira, acusado de corrupção passiva junto com Lindenbergh Farias⁹⁷); as requisições de pessoal e infraestrutura deveriam ser atendidas com prioridade. O Secretário Chefe da Casa Civil acompanharia os trabalhos da Comissão (à época Regis Fichtner, hoje investigado na operação Lava Jato da Polícia Federal acusado pelo “delator premiado” Paulo Roberto Costa de corrupção passiva devido ao recebimento de propinas⁹⁸). A Comissão teria por finalidade a otimização dos trabalhos de investigação, “não importando na alteração das competências e prerrogativas legais das Instituições dela integrantes”, de acordo com o texto aprovado. Pelo seu artigo segundo, o decreto traz:

Caberá à CEIV tomar todas as providências necessárias à realização da investigação da prática de atos de vandalismo, podendo requisitar informações, realizar diligências e *praticar quaisquer atos necessários à instrução de procedimentos criminais com a finalidade de punição de atos ilícitos praticados no âmbito de manifestações públicas*⁹⁹ (Decreto N° 44302, Art. 2°).

⁹⁶ Ver: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=256720>

⁹⁷ <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/09/maquina-de-bcontar-dinheirob.html>

⁹⁸ <http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2015/03/stj-autoriza-abertura-de-inquerito-para-investigar-pezo-e-tiao-viana.html>

⁹⁹ Grifo nosso

O Decreto traz ainda que as solicitações e determinações da CEIV teriam “prioridade absoluta” sobre qualquer outra atividade de competência ou atribuição dos “órgãos públicos e privados no âmbito do Rio de Janeiro”. Como se não bastasse, o decreto finaliza de forma explícita e autoritária contra as empresas de comunicação: “As empresas Operadoras de Telefonia e Provedores de Internet terão prazo máximo de 24 horas para atendimento dos pedidos de informações da CEIV” (Decreto N° 44302, Parágrafo único).

Esse decreto foi criticado por diversas instituições e juristas, inclusive a Ordem dos Advogados do Brasil OAB, obrigando ao governador Sérgio Cabral (PMDB) a dar um passo atrás e refazer o Decreto. Assim, o decreto N° 44302 de 19/07/2013 é revogado pelo decreto N° 44305 de 24/07/2013¹⁰⁰, conforme reporta a referida matéria de O Estado de São Paulo.

Pressionado por questionamentos – e possíveis ações judiciais – da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o governador do Rio, Sérgio Cabral, deu um passo atrás e publicou uma nova versão do decreto de criação da Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas (CEIV) (O Estado de São Paulo, 25/07/2013, p. a-21).

Segundo Ronaldo Cramer, vice-presidente da OAB-RJ, essa nova versão continuava inconstitucional pelo motivo de “que apenas a lei federal pode criar um órgão com poderes investigatórios, e também só a lei federal pode estabelecer prioridade para investigação criminal” (O Estado de São Paulo, 25/07/2013, p. a-21). Mesmo após a Casa Civil do Rio rebater os argumentos de inconstitucionalidade do “novo” decreto ele é revogado pelo Decreto N° 44409 de 26/09/2013¹⁰¹.

No entender desta pesquisa o *modus operandi* de investigação proposto pelo governador do Rio, Sérgio Cabral, invadindo dados particulares pelas empresas de celular e internet, interferindo no sigilo comunicacional, foi levado a cabo pela Delegacia de Repressão a Crimes de Informática (DRCI), que deflagrou uma operação de repressão que fez a detenção e a prisão de vários manifestantes na véspera da final da Copa do Mundo da FIFA em 2014.

A tática – entre substantivo simples e composto, seguidos ou não de “S”

Continuando o estudo, investigando surgimento de outras grafias possíveis: blackbloc, blackblock e black block (seguidos ou não de “s”). No acervo do Jornal Folha de S. Paulo, dentro do período total do acervo, a grafia “blackblock” não existe. Já a grafia “blackbloc” traz

¹⁰⁰ Ver: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=256823>

¹⁰¹ Ver: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=258841>

duas indicações, uma antes e outra após 2013: (a) a primeira, na página do caderno “Folha Mundo” edição de 23/07/2001:

Essa imagem simboliza o que se passou na escola Sandro Pertini [na sala onde estudavam os alunos da 4ª série C, a cruz estava no chão, entre cadeiras e mesas reviradas, e a imagem de Cristo trazia manchas de sangue] na madrugada de ontem, quando a polícia italiana invadiu o local sob o argumento que o Fórum Social de Genova dava abrigo a extremistas do grupo BlacBloc [...] O Fórum Social, que condena a ação do BlackBloc exibiu na tarde de ontem vídeo que mostra policiais italianos conversando calmamente com ativistas vestindo as camisetas negras, com símbolos anarquistas do BlackBloc, após os confronto de sábado [...] “Esse é um indício que policiais estavam entre os BlackBloc para estimular enfrentamentos e justificar agressões”, disse o italiano Davide Ferrario, autor das imagens (Folha de S. Paulo. 23/07/2001, p a7)

É pertinente aqui se fazer uma observação sobre essa passagem histórica: invasão da escola em Genova. O jornal Folha de S. Paulo informa que o nome da escola invadida é “Centro de Educação Sandro Pertini” e o Estado de S. Paulo “Escola Armando Diaz”. Sandro Pertini (1896-1990) foi fundador do partido comunista na Itália e Presidente da República Italiana de 1978 a 1985, eleito por esmagadora maioria, com 832 votos de um total de 995 eleitores¹⁰². Seu nome não aparece em pesquisas que referenciam o ocorrido (Dupuis-Déri (2014), Ludd (2002), Di Giovanni (2008)). O nome da escola que aparece nas referências desses autores é Escola Armando Diaz. Mais uma vez o Estado de S. Paulo parece estar mais próximo dos fatos históricos, segundo as referências apuradas por essa pesquisa.

A segunda notícia, (b) quando se busca a grafia “Blackbloc” nos acervos da Folha de S. Paulo, encontra-se na edição de 17/10/2013 que traz um artigo dos professores Esther Solano e Rafael Alcadiyani, na página C7. O título do artigo reflete certo paradoxismo na identidade do adepto brasileiro da tática: “Violência ‘black block’ visa chamar a atenção de um estado ausente. Na versão dos jovens, “descaso público com o cidadão é verdadeiro vandalismo”. A maioria dos escritores anarquistas sustenta ideologicamente que este tipo de Estado capitalista precisa ser destruído e não cobrado por suas ausências. Esse paradoxo entre teoria e prática também é demonstrado por Dupuis-Déri (2014) e está estreitamente relacionado ao que cada grupo de afinidade tem como percepção política. Muitos desses grupos de afinidade, no Brasil, nessa época, não tinham uma relação próxima dos espaços das ações coletivas ou grupos anarquistas, tendo como referência, na maioria das vezes, apenas o que se adquire de forma autodidata nos canais de comunicação, redes sociais e sua aplicação nos espaços de protesto. No entanto, se

¹⁰² Ver: <http://www.centropertini.org/biografia.htm#giove>

colocado em movimento estético, acabavam criando vínculos que os levavam a ideias anarquistas contemporâneas, ou autonomistas em algum caso.

A busca realizada pela grafia “black block”, no Jornal Folha de S. Paulo, encontrou o que se acredita ser a primeira referência à tática Black Block num veículo de imprensa brasileiro. A publicação do termo se deu em 09/12/1999, num caderno especial, referindo-se à “batalha de Seattle” iniciada em 30/11/1999:

O tempo fechou quando grupos dispersos de anarquistas, autointitulados “Black Block”, vestidos de preto e com lenços e capuzes sobre seus rostos, começaram a quebrar vidraças e depredar lojas, principalmente da Gap e Nike, acusadas de explorar mão de obra infantil [...] Mais tarde websites anarquistas afirmaram que seus integrantes vestidos de preto foram acusados, pelo grupo que arruinou seu tão bem elaborado plano de ataque, de promover pilhagem sem fim político. O Problema da anarquia é que ela foge ao controle (Folha de S. Paulo, 09/12/1999, p.6)

Na década seguinte (2000-2010), por essa grafia, encontra-se mais quatro indicações da tática no acervo da Folha. A primeira em 16/09/2001 vem logo após o atentado de onze de setembro e traz a preocupação de ativistas que atuam contra a ordem capitalista. O jornal procura traduzir essa preocupação dizendo que “os ativistas antiglobalização, que combatem o capitalismo dentro do próprio capitalismo, foram diretamente atingidos pelos atentados contra o World Trade Center e ao Pentágono” (Folha de S. Paulo, 16/09/2001, p. A-9). Pablo Ortellado, hoje professor na USP, à época citado neste jornal como “um dos organizadores dos movimentos anticapitalistas no Brasil”, dá seu depoimento desta forma:

Mesmo o ‘black block’ (anarquistas radicais), não defende a violência [...] Mas, num momento como esse, os países aprovam leis que fortalecem o poder e limitam a liberdade de manifestação [...] As corporações americanas são o centro do capitalismo mundial e impõem seus valores e interesses para todo mundo (Folha de S. Paulo, 16/09/2001, p. A-9)

Neste mesmo exemplar a Folha faz um apanhado dos protestos contra a ordem capitalista nas cidades de Seattle (dez./1999), Washington (abr./2000), Praga (set./2000), Davos (jan./2001), Québec (abr./2001) e Genova (jul./2001), mas publica o termo “black block” apenas quando trata os protestos em Praga:

Praga (Rep. Tcheca, setembro de 2000). Os protestos contaram com a forte atuação do chamado ‘black block’, formado por anarquistas radicais que promoviam quebra-quebras. Lojas do Mc Donald e bancos foram depredados. Os protestos terminaram em confrontos violentos e levaram ao encerramento, um dia antes do previsto, do encontro do FMI e do Banco Mundial com autoridades internacionais. Estima-se em 20 mil o número de manifestantes, vindos de vários países da Europa. Cerca de mil ativistas foram presos e houve denuncia de tortura nas delegacias (Folha de S. Paulo, 16/09/2001, p. A-9).

Em 30 de janeiro de 2002 o caderno “Folha Ilustrada” traz sob o título “Caos Organizado” um editorial sobre os livros da Coleção Baderna da Conrad Editora. O termo é usado duas vezes na matéria uma devido a publicação do livro “Urgência das Ruas” – uma compilação de textos

organizados por Ned Ludd e traduzidos por Leo Vinícius, bastante referenciado nesta pesquisa, e outra na seguinte maneira:

Quem acompanhou as notícias dos protestos de Seattle, Praga e Genova – onde um manifestante, Carlos Giulliani, foi morto pela polícia – certamente já ouviu falar dos Black Blocks, pequenos grupos de manifestantes mascarados que abandonam as vias pacíficas assim que avistam a primeira vidraça de uma loja do McDonald's intacta (Folha de S. Paulo, 30/01/2002, p. E-1)

Em seu caderno “Dinheiro” no dia 11 de setembro de 2003, a Folha de S. Paulo publicou a morte de outro manifestante em protesto contra a OMC (Organização Mundial de Comércio). O sul coreano Lee Kyang Hae, 55 anos, matou-se com uma facada no peito, após exibir um cartaz com a frase: “A OMC mata agricultores”. Neste caderno, mais citado que o suicida, somente a Black Bloc:

A repressão se deu, sim, contra outros manifestantes, a partir do momento em que o grupo anarquista Black Block tentou romper a barreira, derrubando parte da grade de isolamento e atacando policiais com pedras tiradas do calçamento [...] as coisas começaram a esquentar quando, nas ruas do centro de Cancún, cerca de 200 jovens do grupo Black Block vestidos de preto e com máscaras antigás tentaram romper as barreiras que separam a cidade da península onde ocorrem as reuniões. Os policiais usaram gás lacrimogêneo e cassetetes para detê-los [...] os ativistas, porém, revidaram usando blocos de concreto, garrafas e cartazes em chamas (Folha de S. Paulo, 11/09/2003, p. B-7)

O sistema de busca do acervo do jornal Folha de S. Paulo acusa mais uma indicação da grafia “black block” nesta mesma data na página B-6, porém após verificação percebe-se que o termo não aparece. E mais nenhuma inserção desta grafia aparece nesta década (2000/2010).

No período de 01/01/2011 até 31/12/2013 a grafia “Black Block” aparece mais três vezes, todas após o mês de junho de 2013 (04/08, 23/10 e 14/12/2013).

O “Estadão” e a primeira notícia de uma Black Bloc no Brasil

No acervo do jornal Estadão a grafia em substantivo simples “blackbloc” só aparece após agosto de 2013. Já a grafia “blackblock” aparece curiosamente em 30/12/1959 por se tratar do nome de um tenista australiano chamado John Blackblock. Nesta maneira (substantivo simples) aparece mais uma única vez neste veículo de comunicação, só em 28/07/2013, duplicado nas duas edições: nacional e São Paulo.

Tratando-se do substantivo composto “black block” em todo acervo do “Estadão” encontramos a primeira indicação inserida em 12/09/2001. A matéria “Nos bastidores do movimento antiglobalização” faz menção a um produto cinematográfico rodado por cineastas italianos. O documentário que teria versões para TV e cinema era divulgado desta maneira: “Um grupo de 33 cineastas italianos, entre eles Scola, Pontecorvo, e Moniceli, finalizaram “Um outro mundo é possível”, documentário sobre as manifestações em Gênova, durante o encontro do Grupo dos

Oito” (O Estado de S. Paulo, 12/09/2001, p. D-10). As filmagens, entre os dias 16 e 22 de julho de 2001, recolheram documentos importantes¹⁰³, mas também a fúria de supostos agentes black blocs” E o texto continua:

Tentamos dialogar com o pessoal do Black Block, mas fomos agredidos, eu fui insultado e minha câmera destruída”, testemunhou um dos diretores, Pasquale Scimeca. Ele coloca em dúvida que se tratasse de verdadeiros militantes do Black Block. Filmamos grupos que carregava uma bandeira preta com símbolos fascistas, gente que quebrava vitrines logo atrás dos cordões da polícia sem que ela intervisse e uma passeata de manifestantes – cuja única arma simbólica eram os escudos de plástico transparente - [eram]surrados pela polícia (O Estado de S. Paulo, 12/09/2001, p. D-10).

Depois de mais de dois anos sem aparecer nesta mídia a Black Bloc retorna por esta frase: “Eles são oito, nós somos muito mais, é o lema dos manifestantes” (O Estado de S. Paulo, 30/05/2003, p. b6). Este é o título da notícia sobre as manifestações contra a reunião do G-8 na França. A reportagem fala de uma manifestação com cerca de 4 mil pessoas, ocorrida em 29/05/2003, na qual “membros do Black Block, grupo de ativistas extremistas, atiraram objetos sobre os policiais, que não reagiram” (O Estado de S. Paulo, 30/05/2003, p. b6). Mais nenhuma inserção do tema nesta década (2000-2010).

Da França 2003 para Inglaterra 2011. O casamento de Guilherme de Gales (William) e Catarina Middleton (Kate) foi um evento britânico de proporções mundiais, assistido por 2,5 bilhões de pessoas em todo o planeta. A cerimônia religiosa em 29 de abril de 2011, foi assunto que atraiu a atenção do público, da mídia¹⁰⁴ e de alguns grupos de manifestantes.

Enquanto o mundo se prepara para ver a boda real inglesa [...] grupos diversos ameaçam com protestos em Londres [...] os anarquistas do Black Block prometeram levar o caos à capital britânica. Foram eles os responsáveis pela destruição do centro da cidade há algumas semanas, em movimento contra cortes no orçamento decididos por David Cameron. E em dezembro do ano passado os BB entraram em forte choque com a polícia (O Estado de S. Paulo, 29/04/2011, p. D2).

Da Europa à América Latina o “Estadão” revela, pelo termo “Black Block”, no dia 15 de junho de 2013, sua utilização por jovens brasileiros. Chega-se ao que se acredita ser a primeira menção desta tática pela grande imprensa paulistana, indicando grupos de manifestantes brasileiros. Na primeira página se coloca que “grupos que protestam vão desde movimentos sociais tradicionais, sindicatos e partidos de esquerda à tropa de choque anarquista chamada

¹⁰³ Esse empreendimento rendeu alguns documentários, o mais divulgado pode ser assistido por esse link: https://www.youtube.com/watch?v=o5f8sdkg_QM

¹⁰⁴ Buscou-se uma fonte externa ao jornal, pois na página encontra-se apenas referências superficiais sobre o evento. Fonte complementar: https://pt.wikipedia.org/wiki/Casamento_de_Guilherme_de_Gales_e_Catarina_Middleton

Black Blocks, para quem a destruição é um instrumento político” (O Estado de S. Paulo, 15/06/2013, p. A1)

O chamado no alto da página, em preto e vermelho, destaca: “**Reportagem Especial* Black Blocks de SP**”, e, ao lado de uma figura de preto com máscara de gás, continua: “**Estética: Máscaras, roupas pretas e jaquetas de couro fazem parte dos trajes Black Blocks, inspirados no visual punk**” (O Estado de S. Paulo, 15/06/2013, p. A24).

Pelas mãos do jornalista Bruno Paes Manso se inicia a manchete em letras garrafais “POR DENTRO DA TROPA DE CHOQUE DOS PROTESTOS: Grupo que liderou depredações na terça-feira ajuda a entender complexidade das passeatas”.

A24 | **Metrópole** | SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 O ESTADO DE S. PAULO

DIA SEGUINTE: Guerra no centro de SP Imagens repercutem no mundo, pág. A27 }

Repercussão
 “Cheguei em casa... com a certeza de que o protesto não é mais contra o aumento do ônibus: é contra o estado autoritário” ANDRÉ KENDI, NO FACEBOOK

“São Paulo não para de lutar, a luta tem de nacionalizar”
CANTO DE MANIFESTANTES NO RIO DE JANEIRO

“O que os jovens estão fazendo é se levantar contra esse modelo insustentável (de transporte) e retomar a rua, espaço que lhes é de direito”
MARCELO FURTADO, DIRETOR-EXECUTIVO DO GREENPEACE BRASIL

Reportagem Especial*
 Black Blocks de SP **Estética**
 Máscaras, roupas pretas e jaquetas de couro fazem parte dos trajes dos Black Blocks, inspirados no visual punk

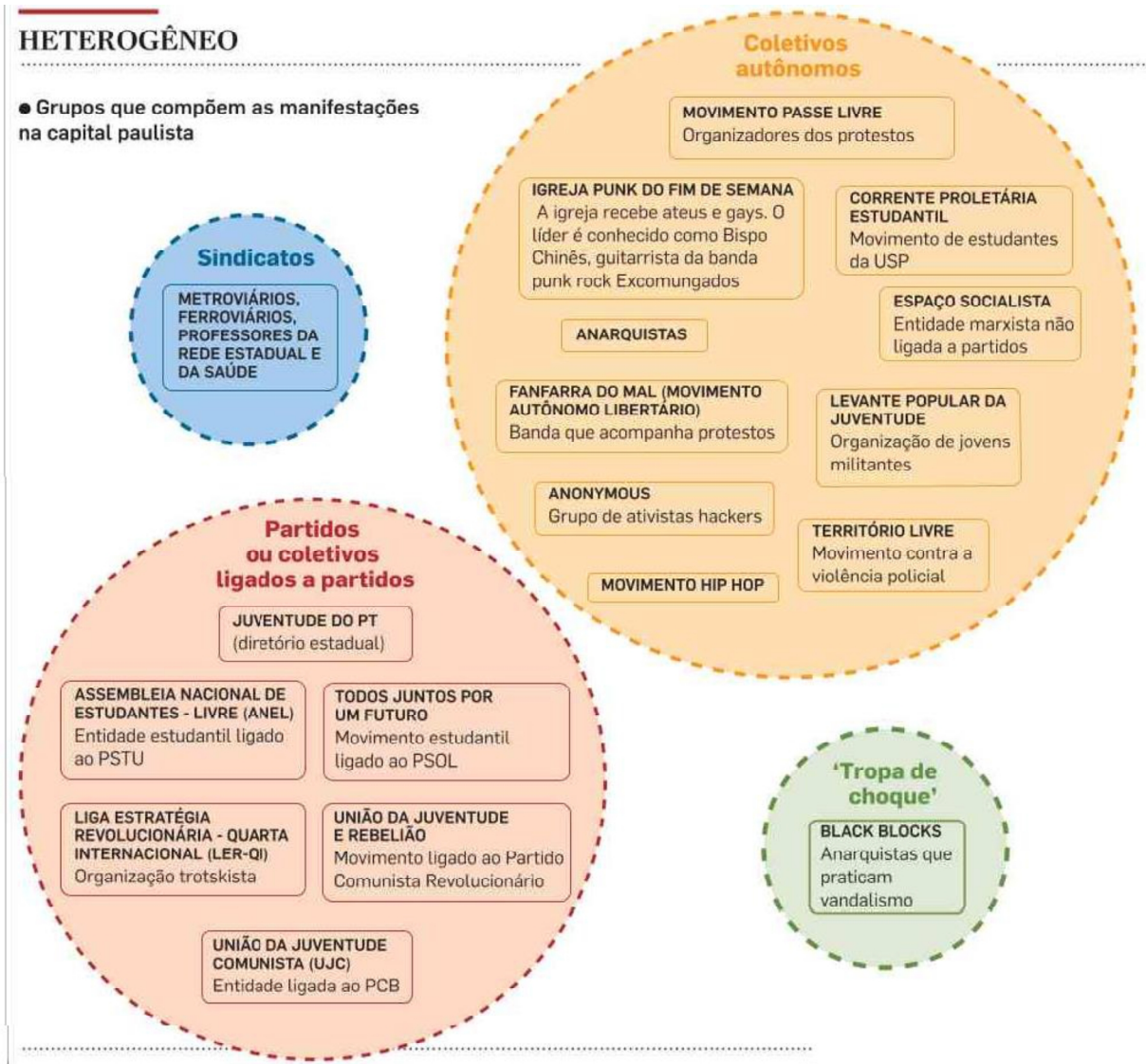
POR DENTRO DA ‘TROPA DE CHOQUE’ DOS PROTESTOS

Grupo que liderou depredações na terça-feira ajuda a entender complexidade das passeatas

Fonte: O Estado de S. Paulo, 15/06/2013, p. A24

Neste momento, mesmo que a tática tenha sido usada no Brasil anteriormente nos atos contra a globalização econômica, pela primeira vez a imprensa nacional relaciona o espetáculo das Black Blocs aos “jovens brasileiros”.

Como resultado da explosão midiática dada ao símbolo Black Bloc nos noticiários, deflagra-se uma disputa pelo seu significado dentro do contexto histórico em que surgia. Deste modo o Estadão segue na separação entre a “Black Block” e os movimentos que compunham os protestos de 2013. Como pode ser observado na figura abaixo



Fonte: O Estado de S. Paulo, 15/06/2013, p. A24

O jornal O Estado de São Paulo (OESP) recorre a um discurso que estereotipa a Black Bloc brasileira como “Anarquistas que praticam vandalismo”, por uma visão “universal” (ou unilateral) do ultra liberalismo internacional. Assim invisibiliza a multiplicidade de coletivos anarquistas de São Paulo como se fossem todos iguais. Além de tratar a Black Bloc como “Tropa de choque”, ou seja, um grupo organizado e treinado para ação de contato físico, tenta reunir argumentos para os discursos de “formação de quadrilha” que seriam muito recorrentes nos meses seguintes, quando o governo procurou criminalizar e minar a resistência da ação direta contra a Copa do Mundo da FIFA.

A mídia de massa ultraliberal combateu o discurso revolucionário acompanhando os discursos governistas que tentavam se eximir das críticas levadas contra o Poder Executivo devido aos

desvios de projeto que tinham as obras da Copa (sempre estouradas em prazos e custos – um ano e meio após a final da Copa as obras ainda não estavam 100% concluídas).

Os discursos governistas eram evasivos com relação a reurbanização ultraliberal causada pelas obras da Copa e da Olimpíada e se apoiavam na responsabilidade dos Estados – São Paulo e Rio de Janeiro principalmente – de resolverem a crise de forma militarizada. Diversas vezes o Governo Federal foi à imprensa oferecer os serviços da Força Nacional e até das Forças Armadas em auxílio aos Estados, caso estes não fossem capazes de conter os distúrbios dos governados. Na verdade, não se via tanta violência policial contra as manifestações de rua desde a última ditadura civil militar.

Nem O Governo Federal, nem os estaduais sabiam lidar com o descontentamento da “nova classe média”, que saiu em defesa da cidade e do setor popular mais oprimido: os cidadãos que moravam nas áreas atingidas pela gentrificação proporcionada pelas obras dos grandes eventos de 2014-2016, em projetos que utilizavam serviços públicos precários; que carregavam uma carga tributária inflacionada pela urbanização ultraliberal, que, além de deixar claro uma crise de moradias, também deixava claro a inversão nas políticas de transferência de renda (dos mais pobres para os mais ricos).

Essa classe média (baixa), que não ganhava mais do que dois ou três salários mínimos, foi maioria nos protestos brasileiros desde 2013, como pode ser verificado na sondagem de opinião Datafolha do dia 18/06/2013. Não foi uma revolta proletária, ou dos trabalhadores, nem somente da juventude como querem colocar os discursos Ultraliberais e Governistas, muito menos um chamado cívico para que as forças armadas voltassem a governar o país, como rezava a cartilha dos discursos Fascistas – que nos deram duas ditaduras no século passado. Nem um pedido de socorro a socialismo neoliberal que se diz esquerda do governo.

Os movimentos de protestos tomaram perspectivas autonomistas – de reuniões abertas e decisões por consenso entre participantes e movimentos sociais. O que se viu em 2013 contra a tarifa, em 2014 contra a Copa do Mundo e em 2015 contra a reestruturação das escolas secundaristas, é, sobretudo, uma insubordinação de cunho autonomista, com pessoas de renda média/baixa, mais do que uma pequena burguesia que saiu a bater panelas na Avenida Paulista, em São Paulo.

Foram estas pessoas oriundas de camadas populares que saíram em defesa da cidade, dos seus habitantes mais pobres, em protesto contra a deterioração do equipamento público social. Essa comunidade, no entanto, sempre esteve sob o forte ataque da mídia e do seu público

conservador – pessoas que se sentiam confortáveis com as políticas ultraliberais e que na proteção do seu conservadorismo atacavam os manifestantes que não seguiam as normas da convivência tradicional. Além de colocarem a pecha de desocupados nos participantes de alguns movimentos, fortaleciam o coro contra programas do Governo Federal que chamavam de populistas.

Como política de defesa publicitária, o discurso governista ficou na defensiva, pronunciando-se pouco sobre a crise política que se instalava com a desafinação entre as bases sociais e as políticas conservadoras do novo Congresso – que passa a usar a mídia pra demonstrar que o governo tinha perdido o controle da situação e que o conservadorismo estava na rua para defender sua visão política para o futuro do Brasil – marchas verde-amarelas chamadas pela televisão, passeata da Maçonaria e de religiosas invadiam os noticiários como fruto da mesma insatisfação causadora dos levantes contra o aumento da tarifa ou contra a Copa.

Esses levantes de “direitos”, com forte discurso Fascista, foram midiaticizados por todos os canais de comunicação da grande imprensa como parte das reivindicações populares desde 2013. Os convites, que vinham pelas redes sociais, eram fortemente promovidos pela Rede Globo e outros canais de TV. Nesse núcleo de discurso Fascista e Ultraliberal a bandeira de luta era a corrupção generalizada e o uniforme do movimento era a camisa oficial da NIKE, estampada no peito verde-amarelo, com logo da FIFA e da seleção brasileira de futebol.

Enquanto isso os discursos ultraliberais davam publicidade às sondagens de opinião pública, cada dia mais carregadas com a distorção das reivindicações sociais que vinham de forma autônoma, com o propósito de estabelecer mal-estar entre os manifestantes na rua. Em pouco tempo, esses dois “tipos” de manifestantes estavam se digladiando nas ruas e nas redes sociais.

Enquanto uns manifestantes tiravam *selfies* (autorretratos) com policiais, outros se envolveriam com as acusações de violência, desacato, resistência à prisão, porte de artefato explosivo. E foi assim, numa inversão de papéis, que a violência da polícia, na expressão dos defensores do continuísmo, passa a chamar-se “uso progressivo de força” ou “uso proporcional de força”, legitimando a ação violenta da polícia contra os movimentos sociais.

A publicidade dessa violência tinha a intenção de fazer passar despercebido o impacto das críticas dos movimentos quanto às políticas de urbanização ultraliberal que as cidades brasileiras vinham implementando e que havia propiciado o desconforto de alguns setores sociais mais pobres, não atingidas pelo benefício creditado a grandes obras milionárias, onde as empreiteiras privadas eram financiadas pelo BNDES com dinheiro público.

Não existem grandes vencedores em manifestações de rua, onde não se despontam líderes a serem eleitos, ou quando não há possibilidade de uma revolução comum dos governados. Contudo, aqueles que dirigem o poder e que estão acima do Estado controlando os mercados globais, levam o discurso dos campeões a todos os governados. Seu poder bélico contra massas é evidente, mas o capitalismo não funciona mais sob a mira dos fuzis. Os novos fuzis são psicológicos e as “balas” emocionais atravessam os corpos todos os dias pelos canais de comunicação do grande oligopólio da comunicação mundial. Democratizar os meios de comunicação é um começo para tirar os alvos de nossa cabeça.

Para finalizar, olhando para essa cadeia de eventos históricos propomos que a Black Bloc seguiu num vértice peculiar até se apresentar ao público brasileiro, vemos que foi um importante fluxo social de movimentos, práticas e experiências, mas, sobretudo, de comunicação. A Black Bloc não é uma ação muda. Ela é, em si, uma ação discursiva revolucionária. Uma linguagem. Uma linguagem internacional muito utilizada pelos autonomistas por ser ela também autônoma de ideologias políticas. A Black Bloc fala através de ações. São diferentes as ações nesses mais de 35 anos de discussão, mas elas aparecem sobretudo quando uma crise autoritária pode ou está a se espalhar pelas arestas de uma pseudodemocracia. As vidraças quebradas em Frankfurt diziam frases diferentes das de Seattle; as pedras atiradas no Egito dizem frases diferentes das pedras que sobrevoavam Istambul; e mesmo os coquetéis molotov que brilharam em São Paulo diziam frases diferentes dos que iluminaram as noites cariocas.

Uma proposta em rede para a Black Bloc

Não existe subsídio para tratar de toda complexidade entre seu surgimento na Alemanha e sua aparição no Brasil depois de 33 anos. Mas podemos – e é o que tentamos aqui – fazer aproximações.

Supomos que seus agenciamentos e negociações, cruzamento de ideias e atividades consensuais se deram em duas esferas: nacional e transnacional; e em três períodos de lutas internacionais: 1º no cerne contra cultural e ambientalista; 2º contra a globalização econômica ultraliberal; 3º dentro de uma ação em rede de comunicação transnacional de fronteiras sobrepostas muito ligadas à urbanização, à percepção de perda de direitos políticos e a luta pelo direito à cidade. Essa ação em rede se deu em meio à retomada de políticas ultraliberaes espalhadas pelo globo, em crise evidente, após o estouro da Bolha Imobiliária Estadunidense: esta foi a “marolinha” internacional que inundou as ruas após 2008.

O primeiro período de lutas com a tática **Black Bloc**

Manmade power, manmade pain, Nagasaki nightmare
 Deadly rain, deadly rain, Nagasaki nightmare
 They'll do it again, shower us in rain
 Deadly, deadly, deadly rain
 Nagasaki nightmare, Nagasaki Nightmare

(Crass - Nagasaki Nightmare, 1981)

O primeiro período de lutas com a tática Black Bloc, começa durante a Guerra Fria através das lutas ecologistas contra a proliferação da indústria de energia nuclear. Essas redes ativistas tinham relações de contato e trocavam informações entre a Europa e a América, formando, além da estrutura de comunicação, um fluxo de ativistas que se deslocavam internacionalmente dentro desses espaços de militância social e política. Nesse período a articulação dos governos Reagan (Estados Unidos) e Thatcher (Reino Unido) levaram a cabo modelos econômicos ultraliberais muito ligados a teoria de Friedrich Hayek¹⁰⁵ e, na medida que estruturavam seu controle econômico a nível global apoiando os Bancos internacionais, asseguravam-se de dar publicidade aos acervos nucleares como garantia de soberania militar ou como um velado apoio “diplomático” para políticas econômicas internacionais. As políticas implementadas nesse período causaram uma resistência transnacional.

O crescimento bélico nuclear e as empresas de energia atômica que davam suporte às pesquisas que se desenvolviam neste campo, não eram imunes às falhas (técnicas e humanas), quando acidentes nucleares começaram a acontecer causaram um temor social pelo avanço desmedido desta tecnologia (e até mesmo de guerras)¹⁰⁶.

Esse temor se refletiu no aparelhamento dos movimentos sociais da época que se organizaram contra a proliferação dessa indústria que além da produção de armas e energia ainda necessita de uma logística de transporte e armazenamento com perigos reais às comunidades que ficavam

¹⁰⁵ A maior contribuição teórica de Hayek é a sua teoria da ordem espontânea do mercado entendida como uma teoria da sociedade, isto é, o mercado como inteligibilidade da ordem social. Sua teoria do mercado suscita o enfrentamento de múltiplos desafios: em primeiro lugar porque se trata de uma teoria assentada numa cosmovisão da sociedade, em que vários saberes se articulam. Em segundo lugar porque fornece contribuições metodológicas atuais, estabelecendo através das regras e das instituições um fino diálogo com a heterodoxia. Em terceiro lugar porque se constitui numa apurada crítica à formulação matemática do mercado autorregulado da teoria neoclássica, apresentando-se como uma alternativa mais sedutora do que os pesados modelos matemáticos da ortodoxia. Finalmente, e não menos importante, sua teoria traz articulada a si uma ambição política e ideológica neoliberal: a de fornecer uma estrutura teórica considerada como a melhor forma de organização social para as sociedades contemporâneas que substituirá a utopia socialista pelo mercado como fim da história (Ganen, 2012, p.99)

¹⁰⁶ Para um aprofundamento maior sobre os acidentes nucleares deste século ver: “POR UM PAÍS LIVRE DE USINAS NUCLEARES: Por que e como resistir ao lobby nuclear”. Chico Whitaker (org.), Ildo Sauer e Ecléia Bossi.

no caminho. Esse medo se apoderou dos alemães que ocuparam Gorleben e resistiram na República Livre de Wendland. E como vimos no Capítulo 3, o lixo nuclear cruzava oceanos. Navios saíam do Japão para descarregar na Alemanha resíduos radioativos que teriam de ser armazenados por milhares de anos ou até que as próximas gerações conseguissem resolver o problema da radioatividade. Muitos dos gritos na multidão ecoavam afirmando que a melhor maneira de resolver seria parar de produzir mercadorias radioativas.

Dupui-Déri (2014, p. 42) coloca que a tática Black Bloc, em sua origem, foi utilizada nas lutas contra os policiais que protegiam usinas nucleares e que sua migração intercontinental se deve muito ao contra cultural movimento punk.

O faça-você-mesmo (*do it yourself*) coloca em movimento contrário da normatização ultraliberal pautada na mercantilização da vida. A rebeldia punk que tanto em estilo quanto em discurso circulava entre os jovens nesta época fez parte do discurso político antissistema e anticapitalista que atravessou gerações e fronteiras. Fronteiras estas que estão cada dia mais muradas e militarizadas, protegidas por equipamentos bélicos e tecnologias de segurança... A geração autonomista que viu a queda do muro de Berlim se mistura às que viram outros muros serem erguidos de seus entulhos.

A trajetória do punk remete a reflexões sobre um estilo da rebeldia juvenil. A mesma rebeldia juvenil está ligada “a rebeldia do proletariado na sua forma-juventude na sociedade de massa” (Vinícius2014, p.161). No Brasil o movimento punk tinha uma especificidade particular que o diferenciava de sua raiz inglesa: “[...] no Brasil os punks constituem uma ‘subcultura’ derivada da cultura juvenil internacional, que assumiu os contornos da classe proletária, ao contrário de serem uma “subcultura da classe operária” que teria assumido uma conotação juvenil” (Abramo, 1994, p. 85).

O movimento de contracultura punk internacional foi muito engajado na luta antinuclear na década de 80. Dave Jannings (2012) explora a reação da indústria musical sobre medos reais de um holocausto nuclear que existiram durante os anos 70 e 80. Dave, faz um apanhado de sons punks (entre 1980 e 1985) que, no seu julgamento, revelam os protestos (e os medos) antinucleares nesta época¹⁰⁷. Para ele, “Two Tribes”¹⁰⁸ (Frankie Goes to Hollywood, 1984), “Tomahawk Cruise”¹⁰⁹ (TV Smith’s Explorers, 1980), “Last in the House of Flames”¹¹⁰ (UK

¹⁰⁷ Fonte: <http://louderthanwar.com/top-ten-anti-nuclear-songs-from-the-early-80s/>

¹⁰⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=K2QAMqTgPKI>

¹⁰⁹ https://youtu.be/bsXwNu4_QXs

¹¹⁰ <https://youtu.be/SC9HEBPiul4>

Decay, 1981), “Living Through Another Cuba”¹¹¹ (XTC, 1980), “Generals”¹¹² (The Damned 1982), “North Winds Blowing”¹¹³ (The Stranglers 1985), “Flame of the West”¹¹⁴ (Big Country 1984), “Do You Believe in the Westworld?”¹¹⁵ (Theatre of Hate 1982), “Warhead”¹¹⁶ (UK Subs, 1980), “Nagasaki Nightmare”¹¹⁷ (Crass, 1981), seriam o top 10 das músicas punks antinucleares desta época. E mesmo que os registros da Black Bloc não cheguem ao Brasil nesta década de 80, o discurso antinuclear aparece na perspectiva transnacional pela contracultura punk. Segundo Nascimento (2007, online) houve em 1986, em Recife/PE, um show “Antinuclear”, muito próximo à cena que daria origem ao movimento anarco-punk em João Pessoa/PA em 1988¹¹⁸.

Neste meio tempo estabeleciam contatos com pessoas de Campina Grande identificadas com a proposta e postura punk e formava-se, em 1988, a banda “C.U.S.P.E.". O estilo era, no início, metal, passando logo para hardcore. A C.U.S.P.E. promoveu em 1991 um show aberto no coreto de uma praça central em Campina Grande. O show chamava-se "1º Anti-Nuclear" (Nascimento, 2007, online).

Nos Estados Unidos “jornais anarquistas como o *Love and Rage* ajudaram a tornar a tática conhecida em toda a comunidade anarquista norte-americana” (Dupuis-Déri, 2014, p.50). Neste contexto “acredita-se que tenha surgido pela primeira vez na América do Norte, em janeiro de 1991, durante uma manifestação contra a Primeira Guerra do Iraque” (Dupuis-Déri, 2014, p. 50) e assim seguem outras manifestações mais de caráter local como em São Francisco (EUA), no mesmo ano de 1991, numa manifestações do dia de Descobrimto da América, denunciando os 500 anos de genocídio dos povos indígenas; outro surgiu em Washington (EUA) pelo direito das mulheres em mandar em seus próprios corpos; outro em 1993, no seio da Anti-Racist Action (ARA), movimento antiautoritário e antirracista nos Estados Unidos e Canadá que lutavam com grupos neonazistas e seguidores da Supremacia Branca; em 1999, na Filadélfia (EUA) uma Black Bloc de 1500 pessoas exigindo a liberação de Múmia Abu-Jamal, um Pantera Negra condenado à morte acusado de matar um oficial da polícia (Dupuis-Déri, 2014, p.50-51).

Deste modo, segundo Dupuis-Déri, a tática Black Bloc pode adquirir um sentido especial que varia dependendo do contexto local. Por exemplo: [...] no México dos anos 1990, os anarcopunks se interessavam especialmente pelo visual dos Black Blocs, sobretudo pelo uso

¹¹¹ <https://youtu.be/zdpbVUiRcr4>

¹¹² <https://youtu.be/CPUEyuTrZWw>

¹¹³ <https://youtu.be/fg-QbuMCpGA>

¹¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=IDjMrVzJolG>

¹¹⁵ <https://youtu.be/HASmSRz7eHg>

¹¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=mW2Z0QvxAPc>

¹¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=u2krsHnrxWI>

¹¹⁸ http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/anarcopunk_no_nordeste.htm

das máscaras, uma vez que essa também era a característica do Exército Zapatista de Libertação Nacional (Dupuis-Déri, 2014, p. 54)

Ortellado (2002), falando sobre as origens dos movimentos de ação direta, que entraram em cena nos protestos intitulados pelas mídias ultraliberais de “movimento antiglobalização”, diz que “nos Estados Unidos, a origem deste movimento está em primeiro lugar no movimento ecológico e antinuclear que se desenvolveu nos anos 70 e foi o responsável por grandes campanhas contra usinas nucleares” (Ortellado, 2002, online). Para ele foi lá que o movimento antiglobalização adquiriu os contornos que foi visto em Seattle (1999): “a ênfase na decisão por consenso em oposição ao voto por maioria, a organização por grupos de afinidade (prática recuperada da organização anarquista durante a guerra civil espanhola) e a prática da desobediência civil estritamente não violenta” (Ortellado, 2002, online).

Em vários outros lugares do mundo os movimentos de ação direta dos jovens adotaram essas práticas ainda que a origem dos seus movimentos seja diversa. Na Argentina e no Brasil, por exemplo, os movimentos de jovens independentes e autônomos só se consolidaram nos anos 90, fruto da definitiva politização do movimento punk (Ortellado, 2002, online)

Mas para Ortellado (2002) e Dupuis-Déri (2014) foi a partir de 30 de novembro de 1999 com as ações diretas levadas à cabo conta a “rodada do milênio” da Organização Mundial do Comércio (OMC) que surge a Black Bloc para compor os movimentos alterglobalistas (por uma outra globalização) mais do que “antiglobalização”. Para Pablo Ortellado

[...] nenhum desses ou qualquer outro nome é suficiente para dar conta da sua pluralidade e complexidade. Esse movimento múltiplo, de estruturas soltas, fronteiras sobrepostas e alianças temporárias, não consegue se deixar apreender por definições simples. O que ele permite [...] são algumas aproximações (Ortellado, 2002, online)

Assim pra Ortellado (2002, online) “esse movimento se deu em uma ampla e sólida coalisão entre ONGs, grupos de ação direta e sindicatos (dentro de uma relação complexa e transnacional entre o movimento e os atores sociais que o compunham) ”.

Assim, neste contexto, os grupos de ação direta se dividiam em duas atuações: uma simbolicamente pacífica, que é um pacifismo não passivo, sem violência, mas com uma característica de enfrentamento; outra, simbolicamente violenta: sua característica é flagrar a violência do Estado pelos modos com que esse faz valer as leis impostas aos governados. Sua ação é uma crítica ao espaço urbano, principalmente relacionada à propriedade e à ocupação deste espaço. Ortellado (2002) falando dos grupos de ação direta que atuaram em Seattle (1999), faz a seguinte colocação a respeito desta discussão:

[...] os grupos de jovens de ação direta que atuavam em diversas frentes, mas, sobretudo no movimento ecológico, começaram a se reunir numa rede que chamaram de DAN (Rede de Ação Direta). Um pouco como dissidência das táticas de ação direta da DAN (bloqueios estritamente não-violentos) um outro grupo de ação direta foi formado, o Black Bloc, voltado para táticas de destruição de propriedade de grandes

empresas. Mas, após um longo e desgastante debate, essas duas vertentes dos grupos de ação direta aprenderam a coexistir pela ideia de “diversidade de táticas” (Ortellado, 2002, online).

Dentro do movimento antiglobalização inúmeras ações coletivas transnacionais se articulavam numa rede complexa de relacionamentos e experiências conjugadas. Como já colocado era um movimento de movimentos, pois cada uma delas tinha sua trajetória histórica e experiências anteriores a Seattle (1999). No entanto é comum a todas elas, pelo menos, um mesmo momento de potência midiática: Seattle (1999). Os grandes protestos contra as reuniões da Organização Mundial do Comércio vêm de uma relação plural de inúmeros movimentos cada qual com sua história. A relação entre seus atores tomava formas complexas de uma rede de atuação que aparece em múltiplas vertentes.

No entanto, segundo Ortellado (2002), se um evento realmente merece aparecer como pioneiro do “movimento antiglobalização “esse evento foi o levante zapatista, no México.

Esse levante dos mais oprimidos e necessitados, com práticas exemplares de democracia direta, igualdade entre os gêneros e autonomia, inspiraram a esquerda em todo o mundo. Quase que imediata e espontaneamente, comitês de solidariedade aos zapatistas se espalharam pelos quatro cantos (Ortellado, 2002, online).

A história da tática Black Bloc é uma das que perpassam esses eventos de protestos que compunham a luta pela alterglobalização em Seattle (1999). “Quando aconteceram os protestos de Québec, os muros da cidade diziam: “Não começou em Seattle, não vai terminar em Québec”. Tudo bem. Seattle foi apenas a vitrine do movimento. Foi a grande explosão de visibilidade midiática” (Ortellado, 2002, online), mas não foi nem o começo nem o fim do movimento alterglobalização nem da história da tática Black Bloc.

O segundo período de lutas com a tática Black Bloc

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel

Perdido en el corazón
De la grande babylon
Me dicen el clandestino
Yo soy el quiebra ley

(Manu Chao, Clandestino, 1998)

O segundo período de lutas com a tática Black Bloc é o período em que ela aparece no contexto americano de ações dirigidas contra a construção de um mundo ultraliberal e nos espaços onde se propunha uma outra globalização que não fosse a dos mercados mundiais. Mais precisamente nos Dias de Ação Global (DAG) da Ação Global dos Povos (AGP).

A primeira relação da Black Bloc num protesto contra as perspectivas ultraliberais de “globalizar” economicamente o planeta foi em 1987. Bem antes da Ação Global do Povos: “Uma Black Bloc apareceu neste ano em Berlim Ocidental nas manifestações contra a visita de Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos” (Dupuis-Déri, 2014, p. 44), que junto com a primeira ministra britânica Margaret Thatcher formavam o casal ultraliberal da política internacional; os pais de uma globalização hayekiana que nascia com a cara dos Banqueiros Globais. Outra relação da Black Bloc contra as ações globalizantes da economia ultraliberal na Alemanha foi “quando o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) se encontraram em setembro de 1988, também em Berlim Ocidental” (Dupuis-Déri, 2014, p. 44-45).

No entanto, dentro do contexto nacional alemão, após a midiaticização da tática de forma mundial em Seattle (1999), surgiu um fenômeno dentro dos movimentos nazifascistas da Alemanha: os blocos negros de autônomos-nacionalistas. “Nos anos 2000, grupos “autônomos-nacionalistas”, ou de ação “antiantifascista” de extrema-direita [...] se apropriaram do estilo Black Bock [...] esses blocos autônomos chegaram a reunir cerca de mil fascistas em grandes manifestações” (Dupuis-Déri, 2014 p.47). Em outros países policiais também foram acusados de se paramentar ao estilo Black Bloc na tentativa de justificar ataques a manifestantes.

Em Seattle, após o dia 30 de novembro, foi que a Black Bloc apareceu para os espectadores globais da mídia de massa, dentro da complexidade de táticas que se articulavam contra a globalização ultraliberal dos mercados internacionais. Isso coloca a Black Bloc como uma vitrine nos espetáculos midiáticos e deste modo foi apedrejada pelas agências internacionais de notícias – controladas pelos setores que buscavam a hegemonia global através de grades e algemas econômicas.

Seattle (1999) apresentou a Black Bloc para o mundo evidenciando os ataques aos símbolos do capitalismo global (Ludd (2002), Ortellado (2002), Di Giovanni (2007), Dupis-Déri (2014)). Um problema dessa exposição também coloca na berlinda os agenciamentos entre adeptos da tática Black Bloc e os movimentos sociais de ação direta simbolicamente pacífico.

A exposição apenas da violência simbólica contra as fachadas do Capital faz com que os canais de comunicação gerem documentos que desfocam as ações coletivas e as reivindicações de outros movimentos. Por outro lado, provocavam a discussão de quanto era violento um Estado para manter-se numa relação de poder com seus governados.

Dentro dos espaços de protesto as ações diretas pacíficas e as Black Blocs entravam muitas vezes em conflitos éticos sobre o poder da mediação da violência ou da própria violência nas manifestações políticas em si. Uma visão que causava discussão entre os militantes na década de 1990 era de que “as táticas de ação direta pacíficas tinham se esgotado porque a desobediência civil não tinha como gerar efeitos políticos sem a cobertura da violência policial pela imprensa” (Ortellado, A Black Bloc e a Violência, in Solano, 2014, online).

“Calorosos debates do início do ano 2000 foram resolvidos por meio da ideia da “diversidade de táticas”, isto é, da ideia de que as diferenças táticas tinham de conviver, respeitando umas às outras” (Ortellado, O Black Bloc e a Violência, in Solano, 2014, online). “Para isso foi necessário o entendimento de que “a Black Bloc também participava da tradição de não violência, pois não atacava pessoas, mas coisas” (Ortellado, O Black Bloc e a Violência, in Solano, 2014, online).

Esse marco fez a Black Bloc continuar seguindo os protestos da Ação Global dos Povos (AGP). Esteve em Washington em abril de 2000, na Batalha de Praga em setembro deste mesmo ano e manteve sequência em suas aparições. No ano de 2001, apareceu contra o Fórum econômico de Davos, no dia 21 de janeiro; dia 26 de fevereiro em Cancun; no final de março deste ano em Nápoles; em 21 de abril em Quebec contra a ALCA e no Cerco de Gênova em julho de 2001 (Ludd, 2002, p. 119).

Neste *segundo período de lutas com a tática Black Bloc*, os grupos de ação direta, que atravessaram os primeiros dez anos do novo milênio perseguindo as “lideranças” e as instituições ultraliberais em suas cúpulas globais, cada vez mais belicamente protegidas, sentem, ao final da década, o arrefecimento de suas ações.

No princípio, os bloqueios e as ações de rua resultaram em atrasos e cancelamento dessas “cúpulas”, como pode ser acompanhado em Ludd (2002), Ortellado (2002), Di Giovanni (2007) e Dupis-Déri (2014), porém, com a proteção civil e militar dada pelos governos, a forte campanha mundial das agências de notícias internacionais (que quando não eram contrárias simplesmente invisibilizavam o movimento social), bem como, o ataque às torres gêmeas estadunidense (World Trade Center) em 11 de setembro de 2001, intensificaram a repressão e a invisibilização dos protestos. Até que estes foram perdendo a aderência na cena Mundial, o que não quer dizer que tenha se extinguido, mas não carregam a mesma massa e proporção que os tornavam espetaculares nos anos 2000.

No entanto, foi nesse período de lutas por uma alterglobalização no começo dos anos 2000 que os movimentos simbolicamente pacíficos e simbolicamente violentos entraram em consenso que uma vidraça, uma fachada de loja, uma loja de carros importados não carregava qualquer violência contra outro ser humano. E é principalmente nesta perspectiva que a linguagem da Black Bloc pode ser ouvida: quando há espaços para se ampliar a democracia.

No entanto na onda de mobilizações globais que começou em 2011, parece que esse aprendizado foi esquecido e duros ataques aos Black Blocs reapareceram no Occupy Wall Street, na insurreição no Egito, nos protestos na Grécia, e também no Brasil. Os ativistas que compunham os Black Blocs foram tratados como arruaceiros inconsequentes, ludistas irracionais e bandidos oportunistas (Ortellado, O Black Bloc e a Violência, in Solano, 2014, online).

Acredito que é dentro de uma onda de revoltas que começa em 2008 (e não em 2011 como proposto por Ortellado) que as notícias mundiais fortalecem a propaganda da Black Bloc num cenário mundial, porém mais fragmentado em relação às lutas alterglobalistas. Solano (2014, online), diz que a tática já tinha sido usada diversas vezes no começo do século. Que esse fenômeno que surge nas ruas do país está mais ligado às tecnologias de comunicação que à própria transferência de cultura internacional de protesto. Para isso proponho que o aparecimento da tática no Brasil é um reflexo de contra discurso à dominação hegemônica do ultra liberalismo internacional e se dá num ciclo novo de protestos, denominado o *terceiro período de lutas com a tática Black Bloc*. E está mais relacionado com discursos de direito à cidade que aqueles do movimento alterglobalização.

O terceiro período de lutas com a tática Black Bloc

*Desconfio de qualquer autoridade
política, religiosa, científica ou moral
que elege os ignorantes e os detentores da verdade,
cria um muro que impede de ver o mundo se abrindo colossal.
Se para ser feliz devo manter algum padrão,
eu vou seguir na contramão.*

(Baia, Lado Oposto, 2013)

A tática Black Bloc ganha espaço na mídia brasileira somente no *terceiro período de lutas*. O sociólogo Cihan Tuğal¹¹⁹ faz referência a uma onda de revolta que começou na Grécia, Islândia e outros países ocidentais em 2009. A revolta depois se espalhou para Tunísia e Egito, e depois volta para o Ocidente, em 2011, com os Estados Unidos, Grécia e Espanha, no meio. Quando a onda parecia diminuir, a Turquia e o Brasil entram em erupção em 2013 (Tuğal, 2013, p. 157).

¹¹⁹ Cihan Tuğal, "Resistance Everywhere: The Gezi Revolt in Global Perspective," *New Perspectives on Turkey* 49 (2013): 157–162. Baixado em: <http://sociology.berkeley.edu/sites/default/files/faculty/tugal/Cihan%20Tuğal,%20NPT-Gezi%20Revolt.pdf> 10/01/2016

Essa nova onda de protesto se refere a uma crise do modelo neoliberal que potencializa a desigualdade. Para David Harvey (2015) as tendências para uma maior desigualdade social foram recentemente documentadas, portanto:

Há possibilidades e potencialidade populares emergindo da crise da urbanização planetária e seus múltiplos mal-estares. Isso ocorre mesmo em face da aparentemente implacável força da acumulação infundável de capital, crescendo a uma taxa exponencial insustentável e apesar do poder que atravessa classes sociais vir sendo manejado por uma oligarquia global cada vez mais escancarada e intransigente (Harvey, 2015, online).

“Os chamados Black Blocs de Seattle, Praga e Gênova, como em outros protestos, eram diferentes entre si e em sua composição, com formas de ação e provavelmente com formas organizativas particulares” (Di Giovanni, 2007, p. 72). Essa observação demonstra o quanto a tática Black Bloc independe de um agenciamento constante entre pessoas para ser utilizada. Ela não escapa de ser uma ação coletiva, mas realmente escorrega se tentarmos colocá-la como um grupo, ou mesmo uma estrutura ideológica, pois como já vimos não importa a ideologia, nem mesmo se a colocarmos como extrema esquerda ou direita, pois dentro das perspectivas de violência real a Black Bloc não chega a ser extremista contra qualquer sistema, tendo em vista que não utilizam da violência contra pessoa.

Na Grécia, o protesto se desenrolou no contexto de um capitalismo de compadrio desigualmente integrado nas estruturas políticas e económicas europeias. Bem como nos casos turcos e egípcios, a violência policial foi fundamental para a explosão: o tiro fatal que acertou um jovem de 15 anos em dezembro de 2008 foi o gatilho inicial para a explosão dos protestos. (Tuğal, 2013. P. 149).

Andreas Grigoropoulos, foi o jovem grego de 15 anos baleado por um policial, depois que um grupo de jovens atacou a pedradas uma patrulha da Polícia. O chefe do governo dizia que a situação dos protestos violentos requereria que "todo o mundo político condenasse de forma unânime e firme os responsáveis por estas catástrofes". Segundo o jornal ateniense "Elefteros Typos": “a imprensa criticou duramente o governo por deixar o país nas mãos do anarquismo”. O "Kathimerini" pede a renúncia do Executivo "se não for capaz de controlar a situação", já o "Ta Nea" afirma na primeira página que a Grécia é "uma sociedade sem governo"¹²⁰.

Durante os protestos na Grécia, grupos de manifestante se rebelaram contra as reformas do governo de direita em torno da seguridade social. Em toda a cidade de Atenas uma pichação se repete insistentemente: "Somos a imagem de futuro". Os fatos reais, o que ocorrem nas ruas,

¹²⁰ <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL915977-5602,00-GRECIA+TEME+NOVA+ONDA+DE+VIOLENCIA+EM+ENTERRO+DE+JOVEM+MORTO+PELA+POLICIA.html>

nas assembleias, nas ocupações de edifícios públicos, é algo que nenhum partido pode canalizar. Logo após a morte de Andreas Grigoropoulos, grupos de jovens atacaram um prédio usado pela polícia de trânsito em Atenas e entraram em confronto com seus os agentes. Estudantes bloquearam ruas e dezenas de adolescentes se reuniram ao lado de fora de uma prisão de segurança máxima, onde jogaram pedras nos policiais. Aulas foram canceladas em mais de cem escolas de ensino médio e diversas universidades do país foram ocupadas. Estudantes chegaram a interromper um noticiário de TV em protesto. Em Zografu (Cidade Universitária de Atenas), um grupo realizou um ataque com coquetéis molotov contra o edifício central da polícia antidistúrbio – queimaram vários carros e um furgão da polícia. Na cidade de Serres, cerca de 40-50 pessoas ocuparam o edifício da Fazenda Pública para expressar sua solidariedade às pessoas presas. Na cidade de Arta, uma grande manifestação estudantil que começa no centro da cidade, quando chega à delegacia, ataca o edifício com pedras e laranjas. No bairro ateniense de Exarha, onde o jovem morreu, centenas de moradores se aproximaram do quartel da polícia e pediram seu fechamento¹²¹.

Na Tunísia, a revolta começou após o dia 17 de dezembro de 2010, quando Mohamed Bouazizia, ateou fogo ao corpo em protesto ao confisco de sua mercadoria por autoridades tunisianas¹²². Mohamed Bouazizia, não era um militante político, era um jovem vendedor de frutas e legumes que sustentava uma família de oito pessoas com menos de US\$ 150 (cerca de R\$ 278) por mês¹²³. Tuğa (2013), diz que o suporte ocidental das ditaduras e seus programas de desenvolvimento neoliberal entrou em colapso, e sua recuperação tem sido até agora acidentada. Nos meios de comunicação ultraliberal brasileiros era informado da seguinte maneira:

[...] um jovem vendedor de frutas e verduras ateou fogo ao próprio corpo publicamente depois de ter sua mercadoria confiscada pela polícia. Seu protesto se alastrou como a chama que o levou à morte, dando início às revoltas da Primavera Árabe. A exemplo de Tunísia e Egito, Líbia, Síria e Iêmen clamam pela saída de seus ditadores do poder (Veja, 2011, online).

As redes sociais entraram como apoio aos protestos à medida que conseguiam espalhar o discurso dos manifestantes¹²⁴. De acordo com as reportagens de veículos de comunicação digital, Mukhtar Trifi, diretor de Liga Tunisiana de Defesa dos Direitos Humanos, o Facebook virou uma forma de expressão para a maioria dos jovens desempregados da Tunísia, apesar do

¹²¹ <http://directation.blogspot.com.br/2009/01/protestos-na-grcia-chegam-ao-11-dia.html>

¹²² http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2011/12/111217_primavra_arabe_bg.shtml

¹²³ http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2011/12/111217_primavra_arabe_bg.shtml

¹²⁴ <http://tecnologia.terra.com.br/internet/ativismo-na-internet-acelerou-queda-de-ditador-na-tunisia,0f28a740fe1ea310VgnCLD20000bbcceb0aRCRD.html>

medo e repressão. "Vários problemas assolavam o país, todos sabiam, mas ninguém falava a respeito. Nesse cenário, o Facebook virou a arma da juventude", disse ele ao site americano *The Huffington Post* (Tariq Saleh, 2011, Ativismo na internet acelerou queda de ditador na Tunísia, online).

No Egito, uma conta no Twitter e uma página no Facebook apareceram em 24 de janeiro de 2013 anunciando que o recém-formado "Black Bloc" egípcio organizaria uma marcha na praça Tahrir um dia antes dos protestos para o segundo aniversário da Revolução de 25 de janeiro. No mesmo dia, o grupo liberou um vídeo intitulado "A primeira declaração do Black Bloc", que delineou sua razão de ser: derrubar os desmandos da Irmandade Muçulmana. Apenas cinco dias depois, o Procurador Geral Talaat Abdallah emitiu um mandado de prisão a qualquer um envolvido com o que ele chamou de "grupo organizado praticante de atos de terrorismo". No dia seguinte, em meio aos protestos do segundo aniversário, o "Black Bloc" produziu manchetes em vários jornais porque eles teriam incendiado a sede do website da Irmandade Ikhwan, bem como outras propriedades do grupo islâmico no centro do Cairo. O "Black Bloc" no Egito é o primeiro capítulo local a ser gravado no mundo Árabe. Com as engrenagens nacionais alertas para os protestos em todo o país no primeiro aniversário de gestão do presidente Morsi, o "Black Bloc" anunciou na semana passada através de uma das suas páginas do Facebook, que seus membros não vão usar violência, mas protestar pacificamente. Eles também alegaram que iriam parar suas operações contra a Irmandade Muçulmana¹²⁵

Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street (OWS) se revela parte dessa onda de protestos resignificados contra o capital em sua forma ultraliberal de subjugar a sociedade global. "O movimento se declara inspirado por revoltas populares no Egito e na Tunísia, e tem como objetivo lutar contra o mais rico 1% das pessoas que estão escrevendo as regras de uma economia global injusta que está impedindo o nosso futuro"¹²⁶.

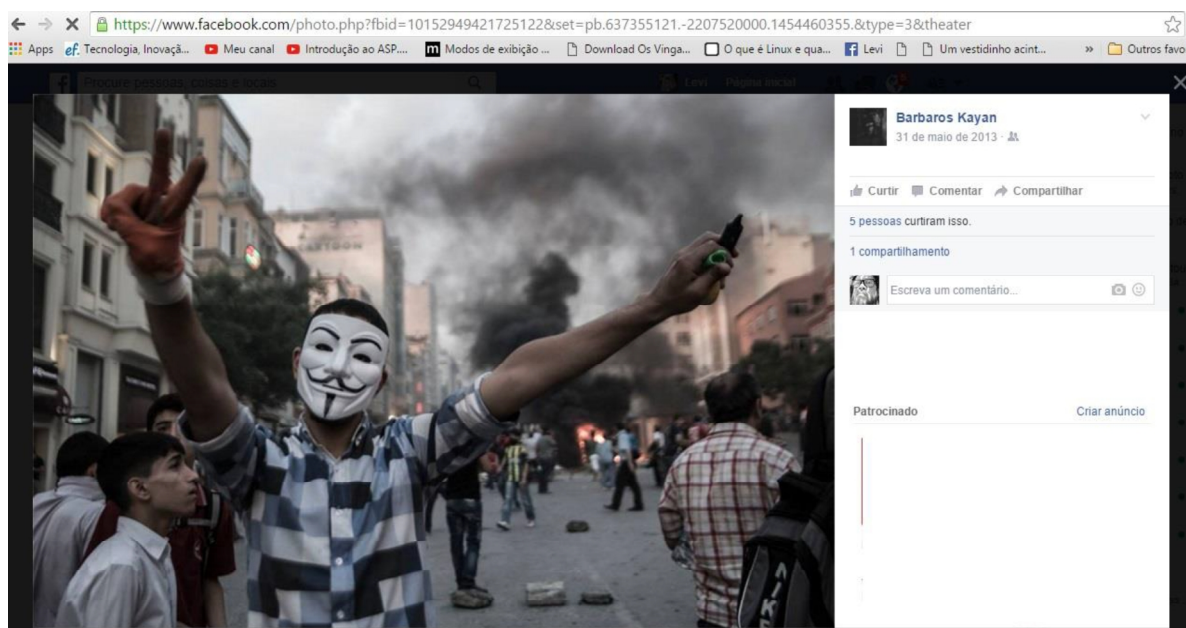
¹²⁵http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2013/07/01/conheca-o-black-bloc-mais-falado-grupo-de-oposicao-radical-do-egito/&gws_rd=cr&ei=SpK2Vu2eCsmOwgSq37qIBA

¹²⁶ Ocupe Wall Street (OWS) é um movimento de pessoas-empodeiradas que começou em 17 de setembro de 2011, em Liberty Square no distrito financeiro de Manhattan, e se espalhou para mais de 100 cidades nos Estados Unidos, com ações em mais de 1.500 cidades pelo mundo. O OWS está lutando contra o poder corrosivo de grandes bancos e corporações multinacionais sobre o processo democrático, bem como contra o papel de Wall Street na criação de um colapso econômico que causou a maior recessão em gerações. O movimento é inspirado por revoltas populares no Egito e na Tunísia, e tem como objetivo lutar contra o mais rico 1% das pessoas que estão escrevendo as regras de uma economia global injusta que está impedindo o nosso futuro.

Na Turquia, Tuğ̃a (2013, p. 147) Diz que um dos slogans da revolta de Gezi: “*Everywhere is Taksim, resistance everywhere*”, [Todo lugar é Taksim, resistênciã em todo lugar] e um slogan que apareceu nos levantes brasileiros em 2013: “*The love is over, Turkey is right here*” [O amor acabou, a Turquia é bem aqui] ressaltam os vnculos entre Turquia e Brasil, e sublinhou a centralidade da Gezi, neste ciclo de revoltas, na Turquia.

As revoltas se explodiram em torno da disputa do parque Taksim Gezi, entre governo e ambientalistas¹²⁷.

As situações, mesmo que reivindicativamente diferente, refletem uma noçãõ muito usada em países um pouco mais democráticos, que é o Direito à Cidade. Mesmo uma foto tirada em Istambul demonstra que os símbolos populares da juventude, como a máscara de Guy Fawkes, são usuais em protestos dessa época. Isso se deve à facilidade de compartilhar símbolos cultivados pela juventude em uma rede social digital.



Manifestante Turco, 2013

O que observei em 2014 nos protestos contra a Copa do Mundo da FIFA 2014 foi uma “marolinha” destas revoltas que inundaram as ruas de São Paulo. Talvez não fosse esse o tratamento que desejava Lula em seu discurso na ratificação do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014 e talvez as manifestações não representem todo esse povo que se entretém

¹²⁷ Noções tiradas de conversas com o Fotografo (e colega) Barbaros Kayan em encontro realizado na Casa Fora do Eixo em 2014. A foto ilustrativa foi solicitada via Facebook.

consumindo o futebol como mercadoria de massa, mas certamente reflete o tratamento daqueles que foram afetados pelos aspectos de gentrificação, de segregação.

David Harvey (2015, online) fala que¹²⁸:

[...] as manifestações no Brasil e na Turquia diferiram dos protestos anti-austeridade e das greves que dominavam nas praças gregas e espanholas. Também diferiram das erupções de violência em Londres, Estocolmo, e nos subúrbios parisienses por parte das populações marginalizadas e imigrantes. E todos esses se mostraram diferentes dos movimentos “Occupy” em muitas cidades ocidentais e dos levantes pró-democracia que ecoaram de Túnis, Egito e Syria passando pela Bósnia e a Ucrânia (Harvey, 2015, online).

Mas também coloca que “todas, por exemplo, foram centradas no espaço urbano” (Harvey, 2015, online).

Mesmo que as revoltas de 2009-2013 tenham sido reações a vários aspectos da mercantilização e autoritarismo, houve variações, especialmente em relação aos quais aspectos passaram a ser enfatizada. As revoltas na Islândia, Grécia, Espanha, e nos Estados Unidos desenvolveram-se como respostas diretas ao colapso financeiro de 2008, mas também debaixo de muitas queixas especificamente nacionais (Tuğal, 2013, 149).

Istambul e São Paulo lutam contra a privatização ou estatização do espaço público na cidade. Em São Paulo o Movimento Parque Augusta, que já mencionamos, é uma luta contra a construção de torres comerciais em uma área preservada de natureza dentro de uma metrópole. É a exploração capitalista da especulação imobiliária prevalecendo politicamente em detrimento do benefício da comunidade (que usufrui do espaço verde dentro do urbano).

O Movimento Parque Augusta diz em sua página no Facebook: “Queremos o Parque Augusta em sua totalidade, 24.000 m² e cerca de 600 árvores, muitas centenárias e de espécies ameaçadas da Mata Atlântica!”¹²⁹. É um movimento pelo direito à cidade da mesma ordem que foi a ocupação do Parque Taksim Gezi, em Istambul, na Turquia.

No caso das aproximações de Brasil e Turquia, as políticas neoliberais (ou ultraliberais como chamamos) também era referência para análises destes protestos.

Despite the multiplication of the slogans and emerging chaos about the aims of the protesters, it is important to note that the protest of both Turkey’s and Brazil’s urban youth are first and foremost a response to the ruling regimes’ grandiose neoliberal projects of urban transformation, gentrifying schemes, with the aim of creating high-tech malls, skyscrapers, and expensive giant high-tech stadiums. All this is part of “the violent neoliberal attack upon the public provision of social public goods over the last thirty years or more (Gökay & Schain, 2013, p. 66).

Apesar da multiplicação dos slogans e do emergente caos sobre os objetivos dos manifestantes, é importante notar que ambos os protestos da juventude urbana da Turquia e do Brasil, são, em primeiro lugar, uma resposta à grandiosos projetos

¹²⁸ Fone: <http://blogdaboitempo.com.br/tag/urbanizacao/> 10/01/2016

¹²⁹ <https://pt-br.facebook.com/movimentoparqueaugusta/info/10/01/2016>

neoliberais de transformação urbana, esquemas de gentrificação, com o objetivo de criar shoppings de alta tecnologia, arranha-céus, e caros estádios gigantes de alta tecnologia. Tudo isso é parte do "ataque neoliberal violento contra a provisão pública, de bens públicos sociais ao longo dos últimos trinta anos ou mais"

Esses protestos eram frequentemente publicados nas redes sociais aproximando os esquemas de protesto. Quando a Black Bloc chega ao Brasil está fortemente associada imageticamente com essa perspectiva. No entanto, a mídia, numa tendência ultraliberal de dirigir os discursos para a “opinião pública”, só consegue enxergar o que está fundamentado no seu portfolio, ou seja, só vê a Black Bloc como produto da midiaticização da tática em Seattle (1999).

A globalização levada a cabo pelas tecnologias da internet ganharam força com as redes sociais digitais e de repente o mundo começa a aparecer na palma da mão, ao vivo, desde que se tenha dinheiro para sustentar os avanços dessa tecnologia. Deste modo a visibilidade dos protestos e da Black Bloc começavam a sair do âmbito de poder televisivo e disputar espaços dentro das redes sociais de internet.

Quando O Estado de S. Paulo (2013) coloca a tarja de “anarquistas que praticam vandalismo” busca encontrar como alvo grupos ideológicos extremamente contrários ao ultra liberalismo (uma política de ataque frontal a um discurso revolucionário). Estes não eram manifestantes por direitos comuns, pregavam somente a desordem e “anarquia”¹³⁰ e precisavam ser combatidos com o rigor das leis.

O manifestante mesmo, como induz a mídia de massa, lutava pacificamente contra um governo que não garantia certos direitos básicos – como propunha sua propaganda comunitarista de país. Esses últimos precisavam ser colocados como protagonistas de um desencanto com as ações do Governo Federal e seriam o gigante que acordou contra toda “tirania socialista levada a cabo pelo PT e seus aliados” (agradando visões fascistas, a imprensa toma discursos conservadores já usados pelas ditaduras no país).

Como já colocado, essa conotação é totalmente falaciosa. A construção da ação direta Black Bloc não se dá somente sob o signo da anarquia clássica, mas, sobretudo, a uma autonomia peculiar aos movimentos sociais contemporâneos.

Depois da revogação do aumento da passagem em junho de 2013 os movimentos sociais continuaram levando às ruas bandeiras legítimas de reivindicações, mas seus protestos eram inundados por atores levados a se manifestar sem qualquer relação com a luta política.

¹³⁰ Num sentido pejorativo que levava a uma compreensão do anarquismo como bagunça generalizada

A forma do discurso ultraliberal tratar a situação foi fazendo as pautas se chocarem com uma verdadeira babel de opiniões pouco críticas, de atores entrevistados em meio às manifestações de rua, mas sem qualquer relação político-militante ou conhecimento sobre o tema geral do protesto que participava. O mesmo se viu com a Black Bloc, que midiaticizada não ficou imune a uma inundação de atores que não tinham a menor ideia do que seria agir de forma autônoma sob as premissas da tática Black Bloc – o que causou inúmeras reportagens que eram verdadeiros deboches aos adeptos da tática, como a reportagem de Roberto Cabrine¹³¹ no Conexão Repórter (SBT).

Os jornais ultraliberais brasileiros tratam os movimentos sociais, ou ações coletivas que perpassam seus noticiários, simplificando uma complexidade de outros atores, até então, desconhecidos do grande público. A própria dimensão dos protestos e a dimensão da violência policial divulgada foi fator determinante para que, num curto espaço de tempo, o discurso ultraliberal tomasse conta de grande parte dos noticiários.

Foi na tentativa de debruçar sobre como os jovens brasileiros se identificaram com a prática de se manifestar usando a tática Black Bloc que este pesquisador se insere nos contextos das manifestações no Brasil.

Tomar uma rua em passeata, ocupar um espaço público ou privado, destruir fachadas de empresas capitalistas internacionais como bancos, redes de fastfood, comércio de mercadorias multinacionais, são divulgadas em rede mundial como violentas em detrimento da invisibilização da violência do Estado cada dia mais militarizada e armada contra sua população de insatisfeitos.

Nesses tempos precisamos saber o tamanho do castigo aplicado pelo Estado por quebrar uma vidraça. Nos espaços que observei em São Paulo, o castigo para uma vidraça era a violência física, não só um confronto, pois, sobretudo, quando as vítimas já estavam algemadas e imobilizadas, continuavam sendo agredidas por policiais.

¹³¹ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=wSS64iJAwn8>

NARRATIVAS DE PROTESTO

1º ATO

Quando o ano de 2013 terminou, alguma coisa lá no fundo me frustrava. Como se eu tivesse realizado uma mudança, onde eu tinha saído de uma casa menor para uma maior. Ainda estava com todos os meus cacarecos empacotados, móveis amontoados e sem saber ao certo onde estava meus óculos pra poder procurar algo perdido. Estava sentado na bagunça de uma casa menor e em meio ao espaço vazio de uma casa maior. Era um não sei o que de nostalgia, de solidão, de preguiça e coisa pra fazer.

Estava escrevendo um texto para a professora Dulce, finalizando as aulas que fiz como aluno especial em Educação, Política e Sociedade; ainda não tinha certeza se ia conseguir a vaga pra poder cursar Educação na UFSCar; estava de férias do Centro Paula Souza. Tinha perdido o contato com a minha amiga Suki¹³², que se embrenhava cada vez mais na selva de pedras que é São Paulo.

Foi convidado para um primeiro ato contra a Copa do Mundo que ia ser dia 25/01/2014, nem dei muita bola, estava meio sem grana e cada vez que eu ia pra São Paulo eu gastava pelo menos 10% da minha bolsa de estudo. Não estava podendo gastar atoa e estava quase decidido não ir, já que não conseguia contato com a Suki. Mas o Facebook é uma coisa que atormenta a gente e toda hora aparecia o tal do protesto na minha *time line*¹³³. Aí, me dava vontade de ir, nem que fosse de turista. Na sexta-feira, 24, depois de meia dúzia de cerveja já tinha combinado com uns quatro amigos de ir à São Paulo, no dia seguinte, para participar da manifestação contra a Copa.

No dia seguinte, no local combinado, só havia eu de ressaca, sentado no ponto de ônibus, esperando o Cometa¹³⁴ para São Paulo. A Suki, nada de atender o telefone ou responder uma mensagem. Mesmo assim eu fui. Estava indo mais pra ver se me animava um pouco antes do começo das aulas e na esperança de encontra minha amiga e saber como andava os protestos em São Paulo, que não participava desde junho, ficando limitado as informações recebidas pelas redes sociais.

¹³² Todos os nomes usados são fictícios, uma máscara preservando a identidade daqueles que conheci por trás das máscaras.

¹³³ Linha do tempo

¹³⁴ Viação Cometa é a empresa de ônibus mais popular nas viagens de Sorocaba – São Paulo.

Chegando na capital, desci na estação Barra Funda e fui de metrô até o centro - ria por dentro por achar chique andar de metrô. Cheguei no vão livre do MASP (Museu de Arte de São Paulo) ainda de dia, era horário de verão, o sol estava estralando. No vão livre tinha algumas barracas e comecei a andar sozinho num ambiente muito pouco conhecido. Olhava as pessoas e só encontrava um conhecido quando passava alguém com a máscara de Guy Fawkes.

Torci o nariz, achei que tinha pouca gente – um estigma que perdi depois que percebi que não importa a quantidade de gente pra fazer um manifesto, claro que é sensacional um milhão e meio de pessoas nas ruas, mas quando se precisa manifestar politicamente os movimentos precisam fazer ser ouvidos, mesmo que com poucas pessoas; nem que seja como um “exército de um homem só”, como o cara na Praça da Paz, em Pequim.

Durante minha passagem por esses protestos vi que a força está na ação e na persistência; e elas vão até o ponto em que a “democracia” permite. O que temos visto ultimamente é que o governo democrático está precisando utilizar cada vez mais seus aparatos militares contra seus governados. Essas ações estão cada dia mais tecnológicas, caras, armadas e violentas. Pesquisas mostram que até mesmo a maioria dos policiais se sentem despreparados. A perspectiva de um outro mundo possível está cada vez mais ameaçada, marginalizada, criminalizada, invisibilizada. Após a concepção do período democrático no Brasil pós ditadura, que democracia temos? Que seria democracia senão esse desejo coletivo de autonomia pelo bem comum na participação das decisões públicas e políticas?

Andava refletindo e meio desligado. Rodei, rodei, mas não vi a Suki. Antes mesmo do início tinha alguns mascarados pelo meio da concentração, fiz uma aproximação pra ver se a encontrava, mas não a encontrei. Também fiquei sem jeito de ficar ali no meio, não tinha abertura pra começar um diálogo com esses grupos, talvez, mais por receio meu. Se tivesse lido o capítulo da Esther Solano no livro Mascarados, eu teria agido de outra forma, ela realmente conhecia o caminho pra se aproximar desses jovens.

Algumas faixas eram erguidas: “NÃO VAI TER COPA – VAMOS RESISTIR ATÉ O FIM”; “SEM O FIM DA PM SEM COPA”; “#NA COPA VAI TER LUTA”; “FORA FIFA! QUERO SAÚDE, EDUCAÇÃO, TRANSPORTE, MORADIA”.

A passeata saiu ainda dia. Segui fotografando e puxando papo com desconhecidos pra matar o tempo. Eu lá, andando sem conhecer ao certo o rumo ou onde estava, ficava observando as gírias, o modo de falar, a moda e os corpos. Achei que com a quantidade de policiais envolvidos na repressão a caminhada ia ser mais fitness, menos treta. Ledo engano. Aqueles mascarados

que se misturavam as pessoas no começo da manifestação formavam mesmo um bloco quando as coisa começavam a andar. Às vezes, de causar medo a quem não conhece. A indumentária, o estilo meio punk e os EPIs¹³⁵, garantiam uma forma espetacular ao aglomerado de corpos anônimos. Nessa época eu ficava bem de longe das tretas. Tinha tomado uma pancada dia 13 de junho de 2013: quando tentava entregar uma flor a um PM fui agraciado com uma costela quebrada, depois dessa cena fiquei desmotivado.

Alguma coisa aconteceu. Não sei quem foi, quando e onde, só entendi quando as bombas estouraram perto de mim. Tomei a decisão mais sensata: sai correndo... O pior é que eu nem sabia pra onde estava correndo. De repente parecia que tinha mais gente mascarada do que eu havia reparado. Foi muita treta. Pra surpresa dos policiais os manifestantes começaram a resistir. Pedras voavam, placas de trânsito eram arrancadas do chão e atiradas contra algumas vidraças. Vi um carro da Guarda Civil Metropolitana de ponta cabeça com um cara mascarado encima. Eu corria não sei de que, não sei pra onde, estava só, mas correndo em grupo - e dependendo da galera que eu seguia uma barreira pior que a outra aparecia. O impressionante é que eu saía de um grupo numa rua e encontrava outro na outra. Colocando fogo em lixo e puxando os sacos para o meio da rua pra dificultar a passagem dos carros. No cruzamento da rua não sei onde com a não sei o que, alguma coisa aconteceu no meu coração: foi apenas um susto - quando passei da esquina tomei um tapa, pegou meio que de raspão no canto da orelha. Encolhi esperando apanhar mais, mas nada aconteceu. Olhei pro lado e um guarda que estava mais assustado do que eu, corria buscar abrigo dentro das linhas da PM.

Acho que pensou que eu estava com uma galera que vinha logo atrás de mim. Ele que estava sozinho e ia me pegar por alguma coisa que não sei, quando viu a galera da Black Bloc, amarelou, virou e saiu correndo até se refugiar numa coluna de PMs vestidos com coletes listrados de branco e verde limão fosforescente. Foi nessa hora que vi meu primeiro coquetel molotov. Explodiu no chão a uns 10 metros de mim, na direção da PM. Caiu no chão não machucou ninguém. Mas eu o vi caindo, o brilho, o barulho, o cheiro de combustível. Vi que isso realmente assusta o policial, afinal ninguém quer morrer queimado.

Não houve informação de policiais ferido, mas 128 pessoas foram detidas e um jovem baleado duas vezes por um policial militar(uma bala atingiu o tórax, outra o pênis). Vandalismo, basicamente foi esse o discurso das mídias de massa. Não encontrei a Suki e voltei pra casa com a sensação de que tinha perdido 150 reais pra tomar um tapa na orelha.

¹³⁵ Equipamento de Proteção Individual

Só quando cheguei em casa que vi que a violência tinha sido maior do que eu supunha. Não tinha dimensão do acontecido: quando se está no olho do furacão não se sabe ao certo o estrago que ele está fazendo. Teve protestos em várias cidades sedes com estádios padrão FIFA. Das 26 capitais estaduais do Brasil 12 tiveram protestos neste dia, sendo ao todo 18 cidades com manifestações de rua. Em São Paulo a Secretaria de Segurança Pública colocou 2000 policiais (fora os disfarçados de manifestante) para acompanhar cerca de 1500 pessoas conforme contagem da polícia, pra mim sempre tinha mais.

Enquanto o silêncio dos telejornais sobre os protestos era homérico, o espaço da imprensa era carregado com notícias de falta de leite no SUS, escolas precárias, superlotação nas estações de ônibus, trem e metrô... Isto sem contar as horas a fio em que o âncora dava a palavra nacional para que alguns acusados de corrupção acusassem – muitas vezes sem provas - os corruptos da política brasileira. Generalizando e naturalizando este crime em todos os níveis de governo, começando pelo Poder Executivo, depois Legislativo e por último o Judiciário – sempre mais enfáticos com estes do que com empresa e empresários coautores do crime. Nenhuma cena das que vi nas redes sociais sequer foram mencionadas nos noticiários que assisti, decerto, se passaram, foi só à nível da capital. Nos maiores jornais do Brasil a manchete foi simples: “Ato em SP contra a Copa termina em vandalismo” (Folha de S. Paulo, 2014, P.1), “Protesto contra a Copa tem atos de vandalismo” (O Estado de S. Paulo, 2014, p.1)

Nos dias que se seguem acompanho as notícias via Facebook¹³⁶, porque os telejornais e a grande imprensa colocaram uma pá de cal encima das notícias da manifestação. Voltei a ter a mesma sensação de ódio que sentia quando via as notícias serem distorcidas em junho de 2013.

A página Contra Copa 2014 - que chamou o 1º ato -, publica, à partir do dia 27/01/2014, várias denúncias, inclusive filmadas, da violência da PM. O primeiro post que publica após o ato trata da ação da PM na rua Augusta¹³⁷. Como presenciei, dou que foi uma selvageria que não tinha presenciado desde o dia 13/06/2013 - quando todos os canais da imprensa brasileira incitaram a violência da polícia. A discussão desse fato, publicada abaixo do post, é aberta para quem queira expressar sua opinião sobre o assunto. Nas discussões uma polarização contra a PM toma conta das narrativas, não que representantes do discurso da PM estejam ausentes na discussão, mas são combatidos de igual pra igual - não dá pra jogar spray pimenta pela internet.

¹³⁶ As discussões retiradas do Facebook não são lineares, de cada post é retirado uma discussão proposta por um usuário da rede e são escolhidas respostas que não tenham xingamentos e palavrões intencionando ouvir as opiniões que realmente se propõe a discussão

¹³⁷ O vídeo pode ser acessado em : <<https://www.facebook.com/contracopa/videos/645574005481132/>>

Marcelo Barletta Eu estava aí participando da manifestação de cara limpa, tive de sair correndo como um bandido. Pobre PM analfabetos fardados!!!!
[Curtir](#) · [Responder](#) · [10](#) · [27 de janeiro de 2014 às 01:44](#) · [Editado](#)

Leticia Matarazzo só quem estava dentro pra saber , eles atacaram a bomba dentro do estacionamento , quase morremos sufocados ! foi tenso demais
[Curtir](#) · [Responder](#) · [3](#) · [27 de janeiro de 2014 às 11:12](#)

Cristina Peviani E o carro do senhor que vcs queimaram????quem vai pagar um pra ele,pois era um senhor simples e vcs quase queimaram a familia dele.Depois vem falar mal da PM??? BANDO DE BANDIDOS VANDALOS MESMO
[Curtir](#) · [Responder](#) · [2](#) · [27 de janeiro de 2014 às 02:34](#)

Wesley Silvestre Rosa isso já esta sendo providenciado, e o carro não foi queimado, ele se queimou por conta que o dono tentou passar pela barricada em chamas igual a outros carros.
[Curtir](#) · [Responder](#) · [27 de janeiro de 2014 às 02:44](#)

Percebe-se que muitas postagens foram deletadas por seus autores ou os autores foram deletados pelo Facebook - atitude comum desta empresa. Como o Facebook proíbe perfis fake¹³⁸, de quando em quando deleta os que entende que são falsos. No período desta pesquisa tive 6 contas deletadas pelo Facebook, bem como duas páginas midiativistas.

Durante o 1º ato uma outra ação da Polícia Militar é filmada por moradores locais e disponibilizada na página do Contra Copa 2014. Nela aparecem várias viaturas próximas à rua Paim, com policiais chutando e xingando uma mulher, quando a manifestante estava conseguindo se levantar é atropelada propositalmente por uma motocicleta da guarnição¹³⁹. A página faz uma colocação interessante sobre o crime do policial “Ação padrão feita nas favelas todos os dias”. Esta publicação feita no dia 28/01/2014 tem 1257 compartilhamentos no Facebook. A discussão que se segue é proposta por um policial militar do estado do Rio de Janeiro e começa com sua própria manifestação:

Ricardo Vilete Chudo Toda ação causa uma reação, o vídeo não mostra o que aconteceu antes nem áudio. É certo que a agressão é ilegal, mas não gratuita.
[Curtir](#) · [Responder](#) · [10](#) · [28 de janeiro de 2014 às 07:55](#)

Contra Copa 2014 você tem capa de antiga marcha que logo se tornou em um golpe [a capa no Facebook de Ricardo era uma foto da Marcha da Família com Deus pela Liberdade], você é muito burro em pensar que as pessoas irão aceitar um golpe sem ao menos reagir. não queremos golpes e sim melhorias no governo. se for assim irão matar muitas pessoas. Ricardo Oscar.
[Curtir](#) · [Responder](#) · [6](#) · [29 de janeiro de 2014 às 01:13](#)

Celso Moreno sr. ricardo, como o sr. diz "a agressão é ilegal", só teria legalidade se feita em legítima defesa, a reação no caso é pura covardia, temos infelizmente uma polícia despreparada, que sobre pressão perde o controle, acho que esse país vai virar de cabeça pra baixo esse ano e as autoridades não estão preparadas para lidar com isso, o povo está acordando
[Curtir](#) · [Responder](#) · [3](#) · [29 de janeiro de 2014 às 07:38](#)

¹³⁸ Fake = Falso, Fake é como chamam os perfis criados como heterônimo, subterfugio que garante o anonimato ou apenas uma identidade virtual mais descolada.

¹³⁹ O vídeo pode ser acessado em: <<https://www.facebook.com/contracopa/videos/646082845430248/>>

[Valtécio C. Soeira](#) vc tá de brinqs, né? Nada, nada, nada justifica, mesmo diante da lei da ação e reação. [...] PS: ah, e não sou nem um pouco a favor do que os Black Bocs estão fazendo diante destas depredações e dando porrada em capitão/tenente. Não é revidando e com violência nestes parâmetros que vamos resolver a questão Quer dar porrada, quebrar algo ou (recomendo) se manifestar? Talvez seja melhor encontre um político - deputado, senador, vereador, prefeito, governador. ELES É QUE ESTÃO ESCULAXANDO TUDO, inclusive com a nossa própria educação
[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 · 29 de janeiro de 2014 às 13:21 · [Editado](#)

Dentro das intemperes da Policia Militar com a recorrente agressão, não só a manifestantes, mas também a jornalistas, fotógrafos e pesquisadores, uma outra denúncia em vídeo depõe contra a legitimidade no uso da força por essa corporação. Neste caso é flagrada até nas mídias ultraliberais.

Imagem mostra PM agredindo fotógrafo em manifestação. Um vídeo divulgado na internet com imagens da invasão do Hotel Linson, na Rua Augusta, centro de São Paulo, pela Tropa de Choque na noite do último sábado, mostra um policial militar agredindo com um tapa na cabeça o repórter fotográfico Sebastião Moreira, da agência internacional EFE. Ele trabalhava na cobertura do protesto contra a Copa, estava sentado no chão, carregava uma câmera fotográfica nas mãos, uma identificação profissional no pescoço, e usava máscara de gás¹⁴⁰

Importante deixar claro que esse tipo de agressão é praxe em todos os países onde manifestações desarmadas atentam contra seus governantes. O papel das polícias nestes casos é única e exclusivamente servir ao Estado e seus governantes na repressão a essas manifestações. Por mais senso comum que possa parecer, as palavras do Capitão Nascimento, personagem de Wagner Moura em Tropa de Elite, refletem a posição do policial em relação às suas ordens: “O policial, não aperta o gatilho sozinho”, a responsabilização dos Governadores do Estado e do Secretário de Segurança Pública é fundamental que seja cobrada para regredir o processo de violência contra o direito de se manifestar.

Basta lembrar do massacre do Carandiru, no qual foram presos somente os policiais que cumpriram ordens, enquanto os que ordenaram foram hipocritamente testemunhas de acusação. Alguns protagonistas deste episódio permaneceram servindo ao Poder Público; Coronel Ubiratan elegeram-se deputado estadual, Fleury (governador de São Paulo, na época) deputado federal e Pedro Franco remanesce Procurador de Justiça. Resultado é o uso historicamente político da Instituição, refletindo em policiais perdidos, sem saber o que fazer, como agir, prontos para o bode expiatório (Donato, 2014. Online)¹⁴¹

No rol dos que sofreram com a truculência e ameaças policiais neste protesto está a imagem do advogado ativista, aqueles que acompanham as manifestações visando garantir o direito dos seus participantes. Este não foi um caso isolado e no decorrer da explanação outros serão trazidos à discussão.

¹⁴⁰ Imagens: MAURO DONATO <<http://www.estadao.com.br/.../cidades,imagem-mostra-pm-agredindo-fotografo-em-manifestacao,1124572>>

¹⁴¹ Texto “A hierarquia do despreparo” Advogados ativistas: acessada em: <<https://www.facebook.com/AdvogadosAtivistas/photos/a.497841050285794.1073741828.495852747151291/587419904661241/?type=3>>

Este caso também abre paralelo para as irregularidades legais cometidas por policiais civis, sob a ordem da Secretaria de Segurança Pública e do governador do Estado de São Paulo, tentando se apoderar de responsabilidades exclusivas do Ministério Público, como imputar e enquadrar conduta criminosa. O envolvimento de delegados de polícia tomando depoimentos sem valor legal, remete-nos às ações do DOI-CODI, nos áureos tempos da Ditadura Civil-Militar.

Os advogados de Fabrício Proteus, jovem baleado por policiais militares na manifestação do dia 25, relatam que foram ameaçados de morte por seu envolvimento no caso. Apontam também irregularidade na colheita de depoimento realizada pelos delegados logo após Fabrício ter deixado o coma induzido. Segundo eles, o depoimento não possui nenhum valor legal (Contra Copa, 2014, online)¹⁴²

Conforme publicação na página Advogados Ativistas¹⁴³ no Facebook a “situação dos policiais civis e militares é dramática”. A publicação da pesquisa realizada pela FGV revela que 64% dos policiais assumem não ter treinamento adequado para lidar com os protestos. Para esta página “mais da metade dos policiais que estão nas ruas não sabem o porquê de estarem lá – para reprimir, controlar, acompanhar, bater, enfim, qual ação eles devem tomar diante de uma manifestação” (Advogados Ativistas, 2014, online)

Esse discurso reflete até mesmo nas narrativas recolhidas de ativistas que usaram a tática Black Bloc. Em uma entrevista realizada na Praça Roosevelt uma de minhas fontes relata a seguinte perspectiva após ser estimulado com a pergunta: como você vê a ação da polícia nesta Copa?

É isso que é contraditório, a polícia não consegue compreender por quem que realmente ela tá lutando. A função da polícia é só estabelecer o Estado pra continuar a repressão. Eles mesmos são tão explorados ou até mais que a população operária e trabalhadora. Eles não entende qual é o papel disso e isso que eu acho um absurdo. Porque eles ouvem isso, eles escutam isso da gente e até treinam os policiais hoje pra ouvirem esse discurso e ignorarem. Ignorarem o fato de que a gente está falando de que eles também são explorados (Speed)

2º ATO

Não fui no 2º ato contra a Copa que foi no dia 22/02/2014. Com esse ato começa um período de discussões temáticas: Educação, Saúde, Transporte, etc. que ficaram mais conhecidas com: “SE NÃO TIVER DIREITOS NÃO VAI TER COPA”. Minha amiga Suki, enfim, deu o ar da graça. Tinha participado do ato e me contou que a manifestação foi barbarizada pela PM. “Os caras chegaram a desfilar provocando a gente”, me disse com muita raiva na voz. A informação na página do Contra a Copa 2014, no Facebook, é sobretudo uma narrativa de protesto contra o comportamento dos policiais de São Paulo e as mazelas do serviço público.

Nota do coletivo: “Se não tiver direitos não vai ter Copa”

¹⁴² A entrevista completa com os advogados ativistas pode ser acessada em: <
<https://www.facebook.com/contracopa/videos/646971022008097/>>

¹⁴³ <https://www.facebook.com/AdvogadosAtivistas/timeline>

A manifestação do dia 22 de fevereiro na praça da República foi organizada para ser sem violência. Nossa pauta, a educação é justamente o oposto da violência. Entretanto, a Polícia Militar com grande efetivo veio de antemão para agir com violência. A manifestação não chegou ao fim por conta de sua abordagem usual: bombas, balas de borracha e agressão física que inclusive quebrou o joelho de um manifestante.

Desde o princípio, antes do início da marcha, fizeram um desfile militar provocando manifestantes, semelhante ao da época da Ditadura, para tentar amedrontar os manifestantes. Não conseguiram. O ato seguiu forte, composto por diversos grupos, até a altura do metrô do Anhangabaú quando o efetivo desproporcional da PM se lançou sobre um grupo de manifestantes. Agressão, transgressão dos direitos e prisão em massa. Advogados presentes que acompanhavam a abordagem absurda foram agredidos por policiais e impedidos de realizar o seu trabalho. No envelopamento da Polícia Militar foram abordados primeiramente todos os manifestantes negros e mulheres foram ofendidas. Esses fatos denunciam o racismo e o machismo do Estado. Repudiamos a ação da Polícia Militar e dos governos aos quais ela é subordinada. Continuaremos nas ruas por direitos sociais, contra a repressão, contra a Copa e pelo direito democrático de manifestação.

Convocamos todos os indignados contra o estado de exceção que se instala aos poucos no Brasil. Este é o momento de vir para as ruas. Venham agora para a Praça da República onde continuará a ocupação até amanhã. Em breve, chamaremos o Terceiro Grande Ato “Se não tiver direitos não vai ter Copa”¹⁴⁴

Além das discussões temáticas uma novidade neste ato seria a “tropa do braço” ou “tropa ninja”, composta por policiais que lutavam Jiu-jitsu (acusados por um manifestante de roubo do seu salário). Além dessa tropa de elite braçal da PM, a polícia civil, em apoio a desmobilização dos protestos, começou a intimar os manifestantes presos no 1º ato contra a Copa. Alguns dos que tinha sido fichados pela polícia em 25/01 (cerca de 21 ativistas) foram intimados a comparecer à delegacia e prestar depoimento no mesmo dia e horário em que estava marcado o 2º ato¹⁴⁵.

Em torno de 1200 manifestantes na conta da PM (3000 dos organizadores) participaram do ato. Parte deles foram cercados por policiais numa abordagem que nos remete as manifestações onde surgiram as Black Blocs na Alemanha junto ao movimento antinuclear.

PM de São Paulo usa a tática proibida na Alemanha conhecida como "Caldeira de Hamburgo" (Hamburger Kessel) para prender manifestantes. A tática consiste em cercar os manifestantes por quanto tempo for necessário até que possam levá-los detidos. Durante o cerco, os manifestantes são impedidos de comer, beber ou ir ao banheiro. A primeira utilização da "Caldeira de Hamburgo" foi em 1986 e levou 13 horas para a polícia deter os manifestantes que protestavam contra a energia nuclear em Hamburgo (Alemanha). Os quatro policiais responsáveis pelo caso de Hamburgo foram condenados por crime de privação de liberdade¹⁴⁶

Vários direitos civis foram negados inclusive de socorro médico, No vídeo¹⁴⁷ que mostra o cerco policial pode se ver pedidos de ambulância enquanto um jovem agredido pela PM sangrava pela cabeça. Sem receber qualquer auxílio do comando da PM, os manifestantes gritavam pedindo ambulância em vão. Uma a uma as pessoas foram revistadas, nada de

¹⁴⁴ <https://www.facebook.com/contracopa/posts/657766924261840>

¹⁴⁵ <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/segundo-protesto-contra-a-copa-tem-mais-de-120-detidos-3703.html>

¹⁴⁶ <https://www.facebook.com/contracopa/videos/659456184092914/>

¹⁴⁷ idem

irregular foi encontrado. A humilhação e violência novamente foram por nada. Uma nítida demonstração da educação nazifascista recebida na doutrinação dos policiais paulistas ou a cega obediência às ordens superiores?

No post da página Contra Copa 2014 a discussão tem as forças mais equilibradas. Se por um lado estar por fora me faz enxergar a situação sem o corpo afetado, por outro as redes sociais abrem o leque de narrativas de protesto que consigo me aproximar. A discussão sobre o tema na página foi seguiu assim:

Dalton Souza Provavelmente, um dos objetivos da polícia com o método kettling no último ato era conseguir um flagrante. Era preciso encontrar, pelos menos um manifestante portando algum tipo de “armamento”, como rojões, ou coquetéis. O plano não deu certo e o Governador não pôde fazer uma declaração pública afirmando que a “tropa do braço” ou “tropa ninja”, havia cumprido sua missão de sabotar o terrorismo dos Black Bloc. O governador adoraria prender o “líder” do vandalismo, mas não. O máximo que a tropa do braço apreendeu foi o salário de um dos participantes do ato. O mínimo que o trabalhador conseguira garantir para si de todo valor que produzira, ficou nas mãos do Estado por meio da intervenção policial. O maior suspeito de todos aqueles que foram cercados, constrangidos e violentados portava seu salário.

A possibilidade de que um P2 plante novas provas nos próximos atos não está descartada, a Copa do Mundo/FIFA exige ordem. A ordem e o progresso do país exige que se encontre alguma forma de transformar os manifestantes em inimigos da opinião pública, alimentando o medo do vandalismo e mostrando como isso é absolutamente diferente da pacífica e dócil opinião pública.

Para os negócios da Copa do Mundo andem tranquilamente, será preciso cindir a simpatia ao movimento. Existe no horizonte a possibilidade de um movimento de massas, como em junho último, o que transformariam os vândalos em inúmeros e não haveria braços na tropa do braço para tantos manifestantes.

Mas, antes de tudo, é preciso reconhecer que a população no geral não é contra a Copa, ela está bastante indiferente aos resultados efetivos da Copa, o máximo de benefício que esperam é algum feriado durante os jogos da seleção canarinho. Mas isso também não significa uma rejeição significativa.

De uma coisa podemos ter certeza, o que um P2 irá plantar não será um salário no bolso de algum trabalhador manifestante.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [14](#) · [26 de fevereiro de 2014 às 15:41](#)

Jose Verdan Silva Apoio a polícia, porque isso só tem baderneiros que matam cidadãos, destroem lojas, carros, motos ou seja, só fazem porcarias

[Curtir](#) · [Responder](#) · [26 de fevereiro de 2014 às 16:14](#)

Livia Lima A Globo News noticiou como "black blocs cercados" e ainda acusou todos ali de estarem depredando a região, o que legitimou a ação policial. Só pra se ter uma idéia de como está sendo passada a informação pro povo.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1](#) · [27 de fevereiro de 2014 às 17:41](#)

As ações Black Bloc escaparam do mata leão dado na manifestação e nem a tropa de jiu-jitsu da PM conseguiu imobilizá-los. Bancos e lojas foram destruídos em reação a violência sem medida do Estado. A imagem do jovem sangrando sem socorro pelas autoridades é um reflexo do descaso contra a integridade física e a vida que tem as tropas do governo quando invadem uma favela ou uma periferia pobre.

Os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo desinformam descaradamente: “três jornalistas sofreram agressões de policiais. Pelo menos 120 manifestantes foram detidos” (Folha de S. Paulo, 23/02/2014, p. 1), “Protesto acaba em confronto e prisão de cem pessoas” (O Estado de S. Paulo, 23/02/2014, p. 1). Na realidade foram detidos 230 manifestantes, 5 eram jornalistas, os feridos não podem ser contabilizados com facilidade, não dá pra acreditar no relatório da PM de que foram 2 militares e 5 civis. Um advogado ativista que apoia os manifestantes, Luiz Guilherme Ferreira, disse que um dos membros da Tropa de Choque lhe tomou o celular das mãos durante a prisão dos manifestantes. "Tomei uma gravata", afirmou¹⁴⁸. Na página do Advogados Ativistas, um dia antes da manifestação é discutido o direito de usar máscaras em manifestações públicas.

O hiperismo Estatal encontra ressonância em determinados setores da sociedade que bradam - a Constituição veda o anonimato e, por isso, “os mascarados” já estão contra a lei. Fundamenta-se com este argumento novas leis que proíbem o rosto coberto em manifestações.

O dispositivo constitucional a que tais elementos fazem referência é o artigo 5º, inciso IV, que diz: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”.

Como toda lei, deve-se observar o contexto das determinações que existem nela. A Constituição tem entre seus objetivos a inviolabilidade da honra, o ressarcimento moral e o direito de resposta condizente com a ofensa. Esta é a real intenção deste inciso, impedir que uma possível manifestação pejorativa à honra ou imagem de alguém saia incólume sob o manto do anonimato. Ou seja, este artigo constitucional não trata de anonimato para finalidade de reunião, mas simplesmente para garantir que outra pessoa não ofenda alguém anonimamente e saia impune. [...] Se a Constituição já vedasse as máscaras por que seria necessária outra lei que a criminalizasse? A resposta é óbvia, porque a Constituição não a veda.

No Facebook as opiniões contra as máscaras demonstra um grande ranço dos usuários contra o uso de máscaras, as discussões vão desde a auto afirmação daqueles que querem protestar de cara limpa àqueles que querem que os policiais usem identificação nos protestos e se apresentem também sem as máscaras usuais nos pelotões especiais como BOPE e GARE.

Nádia M. Varitchenko Eu não preciso de máscara e sou contra. Sempre mostrei quem sou. Sempre enfrentei tudo na minha vida de cara limpa.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [13](#) · [21 de fevereiro de 2014 às 15:04](#)

Irene Tserdanis Eu vejo as máscaras como um símbolo, para sinalizar, a insatisfação e desagrado em relação às ações ou falta delas do governo. De qualquer maneira, acho que isto não importa, com ou sem máscaras, esta posição não vai mudar até que o governo mude a sua postura com o povo.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [5](#) · [21 de fevereiro de 2014 às 15:54](#)

Octavio Dantas AAs : Mesmo que a Constituição não proíba, o bom sendo aconselha !

[Curtir](#) · [Responder](#) · [5](#) · [21 de fevereiro de 2014 às 14:17](#)

Thiago V. C. Soares Se a finalidade é impedir que o direito à manifestação seja exercido abusivamente, o preceito da CF se amolda perfeitamente aos casos de

¹⁴⁸ <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2014-02-22/manifestacao-centro-de-sp-segundo-ato-contra-a-copa.html>

manifestantes que, abusivamente, MATAM pessoas e DEPREDAM o patrimônio alheio, pretendendo fazê-lo de forma anônima. Na verdade, vejo como sendo de aplicação direta ao caso tal preceito. MAS, ainda que haja cegos, é perfeitamente aplicável a analogia ao caso, haja vista não se tratar de norma penal.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 · 21 de fevereiro de 2014 às 14:57

Haroldo Lago É hora de dar um basta! Violentado em seus direitos, roubado em seus recursos e humilhado em sua dignidade, o povo se manifesta e protesta! A consciência da cidadania acordou de vez! O que se vê é a feroz repressão policial. Policiais despreparados, desequilibrados e mal comandados, tratam manifestantes sem nenhum respeito. Pancadaria e tiros a queima roupa já se tornaram banais. A mídia vendida se cala, omite e manipula. Não estão ligando a mínima para as reivindicações populares. Até agora nada fizeram no sentido de atender minimamente o que se cobra nas manifestações. Corrupção, impunidade, educação, saúde, insegurança, transportes e moradia só fizeram piorar. A violenta repressão que promovem contra o povo não é para evitar janelas quebradas e muros pichados. É PARA EVITAR AS MUDANÇAS! Eles sabem que sem o poder, tornar-se-ão réus. Assim sendo... Com lei, sem lei ou contra a lei, nós vamos protestar! E se houver repressão, haverá reação! Dane-se a copa!

[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 · 21 de fevereiro de 2014 às 22:02

A criação da lei que proíbe máscara em manifestações foi sancionada pelo governador Geraldo Alckmin em 29/08/2014. A lei não considera o ato como crime, mas dá o direito da polícia “pedir para o manifestante retirar”. A ONG Conecta, ligada ao Conselho de Direitos Humanos da ONU, diz que é inconstitucional e a disposição contra o uso de máscaras, também indica que o estado de São Paulo vê os manifestantes como potenciais criminosos¹⁴⁹. A inconstitucionalidade nunca foi problema para os governos brasileiros, ou emendam a constituição em conchavos políticos, ou simplesmente ignoram sua existência e criam leis que muitas vezes precisam ser discutidas no Supremo Tribunal Federal, como vimos no capítulo III, quando o governo do Rio de Janeiro tentou criar leis inconstitucionais para poder fazer a repressão legalizada contra militantes políticos.

3º ATO

Quando cheguei no ato do dia 13/03/2014, marcado para sair do Largo da Batata as 18h. encontrei a Suki logo na saída do Metrô. De cara vi que ela estava meio desanimada. “E aí, mina, qual é?”, perguntei enquanto a gente se abraçava. “Cê vai vê a pá de coxa¹⁵⁰ que tá na praça, tô cabrêra, esses putos vão querê dá o bote quando a gente se morfar¹⁵¹”. Quando saímos do metrô em direção ao largo da batata fiquei impressionado com a disposição dos carros, motos e ônibus da polícia. Acho que porque o Largo da Batata é um lugar espaçoso, um campo aberto de concreto no centro de São Paulo, a sensação que tive é que a manifestação era da PM.

¹⁴⁹ <http://www.conjur.com.br/2014-ago-30/sancionada-lei-proibe-mascaras-protestos-sao-paulo>

¹⁵⁰ Abreviação referente a coxinha: modo como são apelidados policias e patriotas em São Paulo

¹⁵¹ “Morfar” é a palavra usada para designar a ação de se vestir na estética Black Bloc, “morfe” é como chamam a indumentária, “estar morfado” significa estar esteticamente pronto no caso da necessidade de precisar se valer da ação direta.



Figura 5 - Manifestação contra a realização da Copa do Mundo da FIFA, São Paulo, 2014.



Figura 6 - Figura Manifestação contra a realização da Copa do Mundo da FIFA, São Paulo, 2014.

Sem árvores nem nada que seja útil ao público, apenas mais um espaço pra futura especulação imobiliária, o Largo da Batata, tinha realmente mais policiais que manifestantes. Contudo, não notei nenhuma agressividade, assim, de cara.

Ficamos de longe fumando e conversando do passado, dos amigos que ela não via, da vida dela na capital e da sua aproximação com a Black Bloc. Até esse dia não tinha decidido que minha pesquisa seria feita sobre a tática Black Bloc. A praça ia enchendo e eu acompanhava com o canto do olho os policiais revistando quem chegava. Não revistavam todos, apenas os de roupa preta ou jovens de corpo esbelto. Essa perseguição ao estereótipo era muito comum nos protestos que acompanhei, a polícia abordava de forma seletiva, Eu mesmo, por mais que estivesse inserido, não era tão perseguido como a galera mais jovem do que eu (pelo menos em moratória vital).

A passeata se formou pra sair, fomos nos juntando a manifestação e comecei a ser inserido aos grupos de afinidades em que ela me apresentava, na sua maioria de mulheres. Ela me apresentava, eu cumprimentava, ficávamos ali batendo papo, eu mais calado do que elas, na maioria das vezes, só complementava alguma ideia e sorria. Sofro de timidez crônica - sempre fui muito tímido e pra me socializar tinha dificuldade. Pra mim é mais fácil conversar com estranho do que fazer amizade. Desde criança criava meu mundo antes da fazer um amigo, assim tive poucos amigos de verdade; outros ficavam numa esfera em que eu não me expunha. Depois de jovem criei um personagem: *LeviAthán*, tinha esse “mote” desde que comecei me socializar via redes sociais, ainda no antigo MSN (Messenger), época em que eu jogava RPGs¹⁵² online. De certo modo a relação com as redes sociais me ajudou com a composição da minha identidade, ou de sua libertação. Quando estava no serviço público, fui diagnosticado com transtorno dissociativo de identidade, o que acarretou em algumas sessões cansativas de psicoterapia, somadas a (no meu caso) inúteis antidepressivos. Parei com os dois e encontrei abrigo na rede social, não sei porque mas as crises de ansiedade, e algumas confusões, foram minimizadas quando eu podia me expressa sem ser eu realmente. Debaixo de um heterônimo algo que estava em mim podia falar sem censura.

Neste dia segui calado, tinha concentração só pra rir, acenar positivamente (ou negativamente) com a cabeça e pouca coisa mais que isso. Até porque tinha medo que os arquétipos machistas da minha constituição corporal, estética e muitas vezes pré-conceituais - homem cisgênero,

¹⁵² Role-playing game - “jogo de interpretação de papéis” ou “jogo de representação” é um tipo de jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativas. (Wikipédi)

ruivo, voz grave e de barba - entrasse em conflito com o grupo de mulheres militantes, feministas, autonomistas que estavam paramentadas sob a estética Black Bloc. Eu, muitas vezes, representava a imagem do opressor.

Segui as meninas por algum tempo me separando logo depois pra tirar fotos e gravar algumas imagens. Gravava até conversa alheia, ou entrevistas que repórteres e midiativistas tomavam no percurso do protesto. Esperava a hora do quebra-quebra pra correr. E toda hora buscava estar perto de um ponto de fuga. Encontrei com algumas pessoas que eu tinha conversado no 1º ato e percebi que o espaço de protesto é igual a um clube, quando você começa a frequentar, naturalmente, começa a ter uma relação social que, na maioria das vezes, não ultrapassa aquele ambiente. Tinha mais facilidade pra conversar com desconhecidos do que pra me socializar ao grupo específico de conhecidos da minha amiga.

Os diálogos dos desconhecidos eram bem parecidos com os que ouvi depois, dos adeptos da Black Bloc, todos tinham uma real insatisfação com a decisão da Copa. E, por mais invisível que foi deixada esta indignação, ela era recorrente desde logo depois dos anúncios dos custos da Copa. “Ninguém tá triste com a Copa”, falou um (des)conhecido: “a gente sabe que é gasto 20 vezes mais por ano com Saúde e Educação, mas poxa vida, onde está esse dinheiro? Estudo em escola estadual e tá caindo aos pedaços, tem goteira, tem tudo de ruim”.

A gente andava entre uma coluna de policiais, muitos deles sem identificação, normalmente eram esses que a corporação destacava para começar a treta. Eu, particularmente, sempre acreditei que essa ação fosse deliberado pelo próprio comando da PM, autorizado pelo secretário de Segurança Pública e com o aval do governador Geraldo Alckmin.

Neste dia a falta de identificação é notada até pela mídia comercial da Folha-Uol: “Mais uma vez, a **Folha** constatou policiais sem identificação. Um destacamento com 45 policiais, de farda mais escura, estava inteiramente sem identificação”¹⁵³. Bom, se constatou não tirou nenhuma foto. No Jornal do dia seguinte as manchetes falavam em Mensalão e cartéis de trem na área federal potencializando as discussões contra o governo. Na Folha de S. Paulo apenas uma foto com legenda representava o que tinha sido o protesto: dois malabares, um fotógrafo e pelo menos trinta policiais representavam imagetivamente a manifestação. A legenda, como sempre, falava em detenção. “BRINCANDO COM FOGO Vigidos por policiais, ativistas fazem malabarismo na avenida Paulista em ato anti-copa; com mais PMs que manifestantes, protesto

¹⁵³ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/03/1425275-terceiro-ato-contr-a-copa-em-sp-termina-com-cinco-detidos.shtml>

teve 5 detidos, momentos de tensão, mas choques das últimas marchas não se repetiram” (Folha de S. Paulo, 14/03/2014, p.1), No estádão o sucinto: “Mai PMs que manifestantes” (O Estado de S. Paulo, 14/03/2014, p.1)

Essa estratégia da mídia ultraliberal foi insistentemente usada para alertar a opinião pública que ir em manifestação contra a Copa era ser minoria e relação a polícia. Além do mais ir a manifestação seria passível de prisão, agressão, de ser considerado vândalo e possivelmente ter manchado seu nome com a justiça. Muitos foram os que tiveram medo de ser fichado na polícia e ter de ficar indo em delegacia responder inquéritos, mesmo sem participar de violência alguma.

Essa preocupação fez do coletivo de advogados ativistas tentar protocolar um Mandado de Segurança, visando proteger os manifestantes da truculência policial.

Protocolamos nessa tarde um Mandado de Segurança (Autos nº 1009554-89.2014.8.26.0053 - 14ª Vara da Fazenda Pública) com o objetivo de garantir para esta quinta-feira, no Terceiro Ato Contra a Copa – SP, o Direito de Manifestação, respeito às prerrogativas dos advogados e dos profissionais de imprensa, o fim do cordão de isolamento, da tática Kettling, das prisões para averiguação, dos policiais sem identificação e das revistas pessoais sem fundamento¹⁵⁴

Logicamente que Mandado de Segurança foi liminarmente indeferido, mesmo porque o ato foi de ativismo político: os Advogados Ativistas protocolaram em papel que remete, imagneticamente, aos documentos da Ditadura Civil-Militar. Os próprios advogados fazem a explicação: “A estética desgastada da peça foi criada propositadamente, com o intuito de remeter o Juiz a uma época distante de um Estado Democrático de Direito”¹⁵⁵. O resultado não podia ser outro, o judiciário continuou com a mesma visão da que tinha na ditadura.

O Tribunal de Justiça negou todos os nossos pedidos.
Negou o fim do cordão de isolamento;
Negou o fim da tática Kettling;
Negou o fim das ações policiais preventivas contra manifestantes;
Negou o fim das prisões para averiguação;
Negou o respeito às prerrogativas dos advogados;
E negou a liberdade de imprensa, que permite os jornalistas acompanharem e relatarem as detenções.
Em suma, lamentamos profundamente que o Judiciário tenha chancelado as práticas anti-democráticas e inconstitucionais que vem sendo amplificadas desde junho de 2013.
Esta não só é uma derrota dos Advogados Ativistas. É mais um capítulo obscuro diante da nossa construção democrática.

O saldo de 5 pessoas detidas não é algo a se comemorar, o modo como foi reprimido as manifestações de rua e a massificação dos jornais de São Paulo em descaracterizar as

¹⁵⁴

<https://www.facebook.com/AdvogadosAtivistas/photos/a.497841050285794.1073741828.495852747151291/602523449817553/?type=3&theater>

¹⁵⁵ iden

mobilizações, as ações coletivas e movimentos sociais, só fez afastar muita gente dos protestos. Os dois primeiros atos tiveram mais de 350 pessoas detidas e muita gente no hospital, isso afastava o cidadão comum. No entanto o saldo Black Bloc continuava o mesmo: uma agência e a estação Trianon-Masp foi atacada. Só a PM viu a bomba caseira que o jornal Estadão transformou em coquetel molotov, Não vi confronto, mas vi a polícia ser xingada durante toda manifestação.

Voltei pra casa com a ideia de fazer a pesquisa sobre as mulheres que participavam dos protestos no estilo Black Bloc. Queria me aproximar dos estudos de gênero e talvez fosse essa uma oportunidade, por outro lado eu estava feliz fazendo fotos e filmagens e as teorias de comunicação certamente me ajudariam com o modo como eu já estava inserido. Bom, primeiro eu tinha de ver se podia. Não ia ser difícil na linha de pesquisa que eu tinha acabado de entrar: Educação, Comunidades e Movimento Social.

4º ATO

O quarto ato Contra a Copa 2014, aconteceu em 27/03/2014 e tem uma mudança importante: pela primeira vez, chego às ruas como pesquisador do tema Black Bloc. Não tinha equipamento próprio, porém carregava uma câmera emprestada do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar-Sorocaba que utilizei mesmo depois de ter comprado a minha. As primeiras entrevistas foram um fiasco. Se pudesse começar novamente faria diferente. Eu ainda estava construindo minha autoimagem como pesquisador e cometia gafes imperdoáveis.

Revendo meu acervo percebo que estava impregnado em mim a emoção de ter entrado no programa de pós graduação de uma universidade federal, de cursar gratuitamente algo que almejava com muito desejo, de ter conseguido uma tão disputada bolsa de estudos, enfim, eu estava muito cheio de mim. O que me fez entrar tropeçando nas pessoas que queria conhecer.

Essa entrada desequilibrada me fez reavaliar o modo que via a própria pesquisa e a encarar com humildade que os saberes que carregava não cabiam naquele espaço. Não podia deixar que atitudes ‘pseudointelectualóides’ interferissem como relação de poder entre o Eu e o Outro. Tinha de aprender com o outro, tinha de ter a responsabilidade de ouvir e compreender inclusive o silêncio que se fazia quando eu dava uma bola fora. Tinha de ser afetado com o outro e ser afetado com aquilo que o afetava. Não tinha de me transformar no outro, mas tinha de estar atento aos seus sentimentos, suas expressões, suas lágrimas. Tinha de saber parar quando percebia no outro um nó na garganta. E, as vezes, deixa-lo explodir em palavrões e insultos contra o que quer que o afligisse. Não podia me colocar como exemplo, ou totem de seja lá o

que. Estava lá pra entender, não pra ser entendido. Aprendi muito comigo mesmo, assistindo as imagens que gravei no dia a dia. A auto-reflexão foi um exercício constante que passei a utilizar.

Foi a partir deste dia que comecei a entrar numa outra etnografia, de fazer parte da rede social daqueles que eu entrevistava, isso me ajudou com desequilíbrio, não era um total desconhecido para o entrevistado nem ele pra mim. Por mais que existem diferenças gritantes entre as redes associativas que se formam na internet e no mundo da vida, foi a internet o fator preponderante para as aproximações sociais.

Com as entrevistas ia conhecendo as pessoas e entrelaçando com relações no Facebook, a maioria dos que eu entrevistei/falei/conversei fazem parte dos amigos que cultivo enquanto Levi Athan – lá nos protestos o meu outro eu é desconhecido. Essa foi a fase de aproximação de uma relação cotidiana que se vai além da pesquisa, mas que certamente ajudou a compor o outro em tudo que analisei. Além das pessoas que começavam a fazer parte desta rede de amigos, acompanhei as páginas: Contra Copa 2014¹⁵⁶, Advogados Ativistas¹⁵⁷, GAPP, Black Girls¹⁵⁸ Libertárias e Black Bloc São Paulo¹⁵⁹. Alguns já apresentei na discussão dos atos anteriores.

Deste modo, com a etnografia proposta para esta pesquisa, incluí uma inserção nas redes sociais, ou seja, no campo que chamam de etnografia virtual ou etnografia digital. Não posso deixar de analisar com cautela, e isenção, a ampliação de algumas vozes que disputavam significado também neste local. Nas mídias de massa convencionais, onde a comunicação vem numa via de mão única, tentando induzir sentidos pela repetição e intensificação do enunciado, é mais nítida a relação de poder do que nas redes sociais, pois estas utilizam da própria complexidade interativa, pra produzir o mesmo efeito de indução de entendimento que as redes convencionais produzem.

Também foi por volta do 4º ato que um repentino avanço dos discursos ultraliberais começaram a ser massivamente colocadas no Facebook, disputando as interpretações sobre os protestos da Copa do Mundo de 2014. A forte polarização nas redes sociais de uma enxurrada (pra não continuar a metáfora da marolinha) de publicações contra o PT e o Governo Federal começam a se multiplicar nas discussões dos eventos que chamavam para os atos Contra a Copa 2014.

¹⁵⁶ <https://www.facebook.com/contracopa/>

¹⁵⁷ <https://www.facebook.com/AdvogadosAtivistas/>

¹⁵⁸ <https://www.facebook.com/blackgirlslibertarias/>

¹⁵⁹ <https://www.facebook.com/bbSaoPaulo/>

De uma maneira geral essas vozes contra o governo petistas já existiam, mas não tinham tanta inserção no comentários das publicações dos eventos Contra a Copa e na página do coletivo que chamava a maioria dos atos. Acompanhei algumas páginas e nas discussões verifiquei que esse aumento do discurso anti-governista vinha mais de setores nacionalistas (ou Integralista/fascista) do que dos próprios discursos revolucionários (não que esse também não fizessem severas críticas ao governo), a diferença estava que essa enxurrada não vinha criticando somente o governo, mas a própria incapacidade de revolução das manifestações contra a Copa, ou seja, fez o papel de apoio ao discurso ultraliberal dentro das redes sociais.

Combinei com a Suki de nos encontrarmos na praça do Ciclista, cheguei cedo demais e fiquei aprendendo a mexer na câmera. Filmei a saída do metro e o cotidiano da avenida Paulista antes do protesto. Tinham várias manifestações culturais: pinturas em camiseta, banda de rock fazendo ataque cultural com geradores de energia e até uma banda de músicos da velha guarda tocado com instrumentos de sopro e acústicos. A praça do ciclista começa a encher com jovens de movimentos variados. Policiais começam a chegar de ônibus e a tomar posição nos dois lados da avenida.

A Suki chegou e começamos a caminhar por entre os manifestantes, saindo de uma roda de conversa para outra. A noite foi tomando conta e as luzes da Paulista começaram a brilhar. As bandas agora eram dos coletivos jovens que marcavam o tom das marchas durante a manifestação. “Hora de morfar”, ela me disse e se afastou junto com um grupo que foi se paramentar debaixo de uma árvore, num pequeno jardim que tem na praça. Quando voltam carregam uma faixa preta com o (A) símbolo internacional da anarquia, chamei o jovem que estava segurando uma das pontas começamos a conversar e eu pedi pra gravar um depoimento dele pra minha pesquisa, ele aceitou, eu liguei a câmera e perguntei: [POR QUE NÃO COPA?]

Devido a todos os investimentos absurdos que eles fizeram na Copa. Hoje o SUS está aí numa situação precária. A educação está aí numa situação precária. Tem gente morrendo na fila do SUS quase que todo dia. Tem gente que fica passando fome aí nas ruas. O que ele poderiam ter feito é investimentos em saúde, educação e moradia. Não! Ao invés deles investirem em Saúde, Educação e Moradia, o que é que eles fazem? Eles derrubam as casas pra eles fazerem estádios. Eles despejam as pessoas que lutaram a vida inteira pra construir uma casa, pra eles construir estádios. E Isso é revoltante! Por isso não à Copa! Não à Copa e em que buscar investimentos agora, infra estrutura (And)

Desliguei a câmera e ficamos conversando, ele era um estudante da USP, e estava com alguns amigos nas manifestações desde 2013. Tinha realizado algumas ações diretas mas não tinha sido preso. Suas maiores preocupações no entanto estavam em arrumar um emprego pra continuar estudando, já que os deslocamentos pela cidade e a alimentação começavam a pesar

no orçamento da família. Gostava de sair, curti o visual e o som punk, lia sobre anarquismo e pesquisava na internet as formas de ação da tática. Depois dessa ocasião nos encontramos várias vezes e vi que ele sabia fugir dos cercos da polícia. Pois do mesmo modo que estava na maioria das barricadas e enfrentamento também estava ausente nas figuras que filmava saindo nos ônibus da PM. No mais ele era um jovem que se compadecia com as cenas cotidianas dos grandes centros: crianças passando fome, população de rua, coisas que os olhos urbanos cada dia mais tornam corriqueiras e invisíveis. Nos despedimos e ele se juntou a uma galera na frente de um cordão da PM com a faixa que tinha o símbolo da anarquia, só aí consegui ler que estava escrito: LUTA LIBERTÁRIA.

Continuei caminhando entre a multidão e logo voltei ao mesmo ponto, que começava a ter uma aglomeração de pessoas esteticamente paramentadas no visual Black Bloc. Eram todas muito jovens, tinham ainda muita moratória vital pra queimar, muitos não chegavam nem a maioridade. Encontrei a Suki segurando a mesma faixa de LUTA LIBERTÁRIA. A gente conversou um pouco em grupo ela me apresentou a umas pessoas e depois chamou um rapaz com um tapa olho. Vi que era um ferimento de protesto, quando perguntei ele me respondeu como se tivesse respondido aquilo um bilhão de vezes: “Foi no sete de setembro em frente a câmara dos vereadores”. Aí me toquei que era uma rapaz que esteve em várias páginas por ter sido uma das vítimas da violência da PM em 2013. Ele não estava morfado, mas tinha uma relação de muito respeito entre os que ali estavam. A Suki explicou pra ele que eu era pesquisador e que estava filmando um depoimento e ele aceitou gravar um depoimento. Eu continuei na minha fala: [POR QUE NÃO COPA?]

Porque é o seguinte. Muitos perguntam por que vocês não protestaram antes de ter a realização? Galera, a gente protestou só que não teve visibilidade. O momento é agora. O Não Copa é tudo que já estava engasgado. A gente gaste dinheiro em milhões em elefantes brancos, superfaturamentos, dinheiros e desvio de verba pública. E a gente não tem sequer uma auditoria pra saber onde vai esse dinheiro. A gente já tem a corrupção normal, imagina quantos bilhões foram roubados nessa Copa. Então, por isso que não vai ter copa. Enquanto a gente ver que há uma possibilidade de parar a Copa a gente vai lutar pra isso (Vitinho)

Encontrei com o Vitinho (esse era o modo como todos o chamavam) em praticamente todas as manifestações que participei. Engraçado perceber que mesmo entre os autonomistas alguns se destacam. Não consigo encontrar palavra para uma “liderança” autonomista, mas acho que ele a representaria se essa palavra existisse. Talvez seja mesmo um espírito livre de luta. A gente percebe pelas redes sociais que ele enfrenta todos os problemas comuns aos jovens de sua idade. Como a relação de dificuldade de emprego, escola, relacionamento, etc. As redes sociais deixam transparecer muitas coisas, mas também facilmente te levam a um julgamento que não é real. O que é real é que sua luta - talvez pelo modo como foi afetado ao perder um olho pela

bala de borracha da polícia – possa tê-lo colocado em movimento de emancipação ao sistema que emprega tal violência. Mesmo que a palavra liderança seja incabível neste caso, a palavra respeito certamente pode ser usada para designar a opinião de todos que conheci quando se referiam a este rapaz.

Fiquei com meus pensamentos e vi que ele saiu organizar alguma coisa com a galera, estava sempre cercado de amigos e pronto pra dar apoio quando as coisas ficavam críticas. Tão logo ele saiu eu me perdi da Suki. Fiquei parado no meio da concentração de Black Blocs, então alguém grita: “Levi!”, isso foi transformador, morfei na hora que ouvi meu heterônimo, não como Black Bloc, mas como o LeviAthán dos jogos de RPG. Virei, era Vera, amiga feminista que tinha conhecido no ato passado. Ela era talvez a pessoa mais arisca e desconfiada que conheci. Entrava e sumia dos protestos sem explicar nada, entrava e saía das redes sociais deletando um perfil atrás do outro, alternando o personagem fake que criava, mas tinha razão pra essas atitudes. Tinha sido fichada em manifestações passada e morria de medo de ser levada novamente pela polícia. Mesmo assim não deixava de participar de ações diretas inclusive das ações que levaram ao fechamento do Instituto Royal, na cidade de São Roque, que fazia teste com cães da raça beagles. Ela é uma moça bonita e mesmo morfada conservava o delinear do corpo feminino como expressão de liberdade. Não foram raras as vezes que sem máscara tirou a camisa em manifestação contra o machismo e a dominação estatal sobre o corpo da mulher. Eu a vi na Marcha da Vadias, em manifestações pela legalização do aborto, contra homofobia, etc. Ela me apresentou seu amigo, o Tom. Logo percebi seu bom humor, a máscara não consegui esconder seu sorriso. A Vera foi quem convenceu ele de me dar uma entrevista, porque ela mesma não queria me dar, apesar de toda minha insistência. Ele aceitou e eu liguei a câmera e continuei com a pergunta padrão que tinha separado para o dia: [POR QUE NÃO COPA?]

Por que eu não sou a favor da Copa? Porque eu acho que precisa de investir em coisas mais importantes básicas do que na Copa do Mundo. 30 bilhões de reais pra quê? Pra eles vim e ir embora... É meu pensamento básico porque eu leio muito, tá ligado. [risos] Mano, nós precisamos de coisas básicas aqui, Educação hospital, quase morri no hospital esses dias! [E O FUTEBOL?] Eu mesmo não sou fã, mas não tenho nada contra, acho da hora. Acho que é coisa boa. Mas gastar o meu e o seu dinheiro nisso não é legal. Eu acho que não é legal e por isso eu que estou aqui. E já era! (Tom)

O tom era uma cara da periferia, negro, tinha terminado o segundo grau, fazia alguns bicos na área de construção civil, enquanto procurava um emprego melhor. Cuidava, junto com a mãe, de uma família de 5 pessoas, veio ainda pequeno do nordeste e morava no Capão Redondo. Convivia, segundo ele, diariamente, com a pobreza, com a violência e com o tráfico de drogas. No pouco tempo que conversamos me contou sua vida toda. Era o tipo de pessoa alegre que ria da própria desgraça. Semanas antes foi parar no Pronto Socorro Municipal, com fortes dores, o

médico receitou “alisador” (foi o que anotei) e o mandou de volta para casa. A febre não baixava, veio a ânsia de vômito e outro corre-corre atrás da saúde pública. Desta vez em um hospital, porque não tinha médico no plantão do pronto atendimento do bairro. Chegou hospital e deu entrada com um caso grave de pneumonia. Dormia num beliche com quatro irmãos: “a gente tem de dormir de valete¹⁶⁰ igual na cadeia”, dizia rindo. Como ele dormia na parte de cima ao lado da janela, acabava sempre tomando sereno, porque a janela não tinha vidros. Sua percepção do Estado, dos governos e da cidade, é de descaso total. De “propaganda enganosa”, como disse, seu “bairro tinha a administração do Primeiro Comando da Capital, não do PT”. A polícia só entrava pra duas coisa “matar preto e pegar o arrego de tráfico”. Ele estava ali, naquela manifestação, com uns amigos e todos mais ou menos inseridos na mesma realidade social. Não era anarquista ou autonomista, estava ali pra protestar e usava o anonimato para poder ir à forra contra a polícia, “xingava com gosto e se pudesse atirava pedra sem dó”, e disse arrematando: “Os caras (PM) não tem dó de ninguém”. Usava máscara porque, no seu entender, “não iam (PM) perdoar o negão se o reconhecesse na quebrada¹⁶¹”. Conversamos até a hora do jogral, nesse tempo, o bloco já tinha se locomovido da frente dos policiais e se colocava ao redor do grupo que ia ler o que era repetido pelos outros.

Como o pessoal ainda estava se ajeitando resolvi entrevistar alguém de outros movimentos pra poder comparar depois como os discursos se aproximavam ou distanciavam. Encostei perto de um grupo de amarelo com a camiseta do JUNTOS. Escolhi esse grupo porque os que eu conhecia comentava que eram do PSOL e que na hora da treta eram os que primeiro corriam, ou seja na opinião daqueles que conhecia existia uma diferença muito grande entre os jovens do JUNTOS e os Jovens que usavam a Black Bloc. Não eram rivais apenas tinha métodos (ou táticas) diferentes. Aproximei do rapaz, explique o que estava fazendo e ele concordou me tratando com muita educação. Eu liguei a câmera e fiz a pergunta do dia. [POR QUE NÃO COPA?]

Porque a Copa do mundo é um investimento desnecessário de bilhões de reais em estádios que não vão nos beneficiar a população. A Copa mesmo não vai beneficiar a população que não vai poder comparecer aos jogos. E tem tantas demandas de investimento que estão sempre atrasadas, sempre colocadas em planos longitudinais. Investimentos igual como educação, saúde pública, transporte, diversas coisas. Além disso a Copa do Mundo ela favorece à corrupção. Porquê, todos os estádios foram construídos através de convênio com empreiteiras particulares. Que superfaturaram as obras e sobrefaturaram a construção de fato. Encheram o bolso com isso. E encheram os bolsos dos políticos corruptos. (J.)

¹⁶⁰ Analogia a carta de baralho que tem a imagem de dois jovens (valetes) cada um com a cabeça de um lado.

¹⁶¹ Gíria usada em São Paulo pra designar os bairros pobres e precários da periferia.

Não pudemos conversar muito porque ele estava no grupo que ia ajudar a ler o jogral. Agradei e sai para fumar um cigarro, quando encontrei dois jovens no visual da tática e perguntei se podiam me ajudar com uma pesquisa, eles concordaram meio desconfiados, mas cederam então eu liguei a câmera e perguntei¹⁶². [POR QUE NÃO COPA?]

(M1) Porque tá investindo o nosso dinheiro nessa bosta! (M2) Fala direitinho sem palavrão. (M1) Tá gastando o dinheiro público pra fazer Copa, num dá né mano. (M2) Não tem Saúde nem Educação. (M1) As nossas escolas estão todas feia, manos, as nossas escolas estão numa situação toda ferrada. [O QUE VC ACHA QUE DAVA PRA FAZER COM ESSE DINHEIRO?] (M2) Não ter investido na Copa. (M1) Dava pra arrumar escolas, dava pra arrumar hospitais, uma pá de coisa, né mano? [E O FUTEBOL] B1 – (M1) O futebol acho que deveria ser a última coisa. (M2) Eu odeio futebol! (risos)

Não consegui manter um diálogo para saber mais dos dois porque a manifestação já estava se deslocando e eles não queriam ficar pra trás, trocamos Facebook e seguimos a passeata. Corri na frente pra pegar umas imagens do pessoal saindo, esperei o “abre alas” passar e me juntei ao grupo de afinidades que usavam o visual Black Bloc, onde estava a Suki. O pessoal parou para umas fotos e eu convenci a Suki de me dar uma entrevista. Depois de muita insistência e chantagem emocional ela aceitou. Liguei a câmera muito contente e perguntei [POR QUE NÃO COPA?]

A questão da copa ela não é uma questão só pelo evento. O Evento é bom, eu não vou negar. É um evento que vai ser... que é muito alegre que todo mundo vai se unir. O Brasil vai sentir orgulho. Mas a questão é de que o dinheiro que a gente não tem está sendo gasto com coisas supérfluas. Não era pra ser gasto. A gente tem coisa muito mais importante pra gastar como saúde educação o transporte público mesmo, que não tem porra nenhuma de público, merda nenhuma – nada é público aqui na verdade. Então não é só questão de: não vai ter copa? Vai, claro que vai ter copa! Isso daí, acho, é uma coisa que é muito boba de se pensar. Vai ter e os estádios estão terminando, tá ligado? Só que o negócio é: a gente não vai deixar essa Copa passar em branco, entendeu? Ela não vai passar com bola rolando no chão. Não é isso que o mundo vai ver. O mundo vai ver é muito nego de preto na porta dos estádios arrebetando. É pra isso que vai servir a Copa: pra olhar pro brasil. Pro resto do mundo olhar pro Brasil e parar de pensar: esse é um país de otário, é um país que só pensa em carnaval e bunda e novela, entendeu? Vai falar assim: não, tem gente pensando lá agora (Suki)

Certamente, de todas as pessoas que conhecia, ela era a que eu mais tinha afinidade. Nos conhecemos em 2012, numa reunião de um grupo de Sorocaba que se chamava RDS (Real Democracia Sorocaba), não éramos do núcleo organizador, mas, talvez a afinidade com ideais autônomas nos aproximaram desse coletivo. O RDS, sem sombra de dúvida me ajudou a ser quem sou hoje. Esse grupo que começou em 15 de outubro de 2011, trazia propostas autonomistas à uma cidade que até os dias de hoje prefere a linha partidária, deixando os jovens subalternos de decisões políticas e dependentes de estruturas que financiem suas ações.

O papel de um coletivo não é ganhar fama, status, e muito menos servir de cooptação e manobra política, mas juntar os iguais para de maneira organizada promover eventos que a população necessite. E é isso que devemos e vamos fazer. Libertar para ser

¹⁶² Coloquei M1 e M2 pra indicar Manifestante 1 e Manifestante 2 e assim separar suas narrativas.

libertado. Sem partidos, sem rótulos, sem jogo de interesses ou virar massa de manobra. Somos o povo, não temos rosto, somos anônimos, e é assim que tem que ser. Rebelai-vos (RDS, 2012)¹⁶³

Nessa época tudo era muito confuso pra mim, foi uma época de ruptura política, desemprego e recomeço. Eu que tinha uma formação política ligada a participação na UJS (União Juventude Socialista), mas tinha perdido o contato com qualquer tipo de militância desde 1992 (20 anos). Tinha um discurso carregado do senso comum daqueles que se entregam a servidão pela necessidade do trabalho e ao perceber um movimento de jovens que se desvincilhando de amarras institucionais, sentia que também me libertava.

A Suki também estava nesse movimento de se rebelar - mais natural nela que em mim, afinal, ela é mais nova, pelo menos, 20 anos em relação a mim. Era uma menina que perdeu o pai muito cedo, morava com a irmã, o cunhado e os sobrinhos, num conjunto de apartamentos, na periferia de Sorocaba. cursava engenharia mecatrônica com bolsa do Proni¹⁶⁴. Vivia, como eu, sem grana e participava de grupos hacktivistas e conspirações contra grandes sites de mercado ou político. Era administradora de conteúdo de diversas páginas anonymous, mas muito tímida também nas reuniões que participava em Sorocaba.

Buscando uma nova vida foi morar com seu irmão em São Paulo, deixou a faculdade e começou a trabalhar pra poder se manter na cidade grande. Em Sorocaba sua militância nas páginas anonymous a levava a organizar ações coletivas como a Operação Mais Pão Menos Opressão. Essas OPs, como são chamadas acontece em várias cidades do território nacional e carrega como símbolo a máscara de Guy Fawkes, utilizada pelo protagonista do filme V de Vingança (ou V de Vendeta) que é uma adaptação para o cinema dos quadrinhos de Alan Moore . Nelas os participantes levam alimentos, agasalhos, diversão e carinho às comunidades sem moradia que vivem em situação de rua. Esses movimentos são bastante integrados em rede e a comunicação entre eles é constante. Ao chegar em São Paulo, através da conexão que tinha com outros “anonymous”, começou a participar das OPs no centro de São Paulo. Dessas relações foi se aproximando dos protestos de rua da capital e, por fim, de grupos de afinidade com a tática Black Bloc.

¹⁶³ NOTA OFICIAL DO COLETIVO REAL DEMOCRACIA SOROCABA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES CONTRA O PASSE DE ÔNIBUS. < <https://www.facebook.com/groups/manifestosorocaba/>>

¹⁶⁴ O Programa Universidade para Todos (ProUni) do Ministério da Educação, criado pelo governo federal em 2004, oferece bolsas de estudos, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. <http://siteprouni.mec.gov.br/o_prouni.php>

Suki, apesar de tímida, nunca foi passiva e quando precisava fazia valer a sua voz, enquanto manifestante e enquanto mulher. Era radical nos enfrentamentos o que lhe causou inúmeras detenções e processos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

A Black Bloc não é um grupo, mas do modo que era realizada com regularidade em São Paulo, fazia com que as pessoas que a utilizavam começassem a nutrir amizades e inimizades. Vi nas ruas e nas redes sociais, diversas vezes, conflitos que surgiam e acusações que nada traziam de benefício a luta libertária que eles buscavam. Outras vezes as rixas fugiam do campo dos protestos e entravam em picuinhas particulares, que de uma forma ou de outra minavam alguns grupos de afinidade com a tática. Numa dessas rixas pessoais, por acontecimentos que não cabem aqui relatar, fez quebrar um certo elo que unia Suki a alguns jovens do seu grupo de afinidades. Ainda que tenham relações rompidas nas redes sociais, e fora das manifestações, nas ações de protesto a Black Bloc se conservava.

De alguma forma a tática, quando entra em ação, faz com que essas rixas pareçam não existir, por outro lado, existem muitas discussões que podem ser relacionadas a inimizades dentro dos grupos ou simplesmente do medo que o confronto gera. Uma das principais discussões podemos relacionar à frase “ninguém fica pra trás”. Ouvi essa frase diversas vezes nas reuniões, nos protestos e nas redes sociais. Ela muitas vezes é empregada pra fortalecer e outras de forma irônica pra indicar aqueles que correm sem prestar ajuda a outro adepto. “Deixar pra trás”, ou se relaciona ao medo, ou a inimizade gerada pela convivência dos adeptos em outros espaços. Não cheguei a um consenso sobre essa frase, nem com a ajuda do pessoal que conheci.

Neste dia a Black Bloc apenas se manifestou alegoricamente. Não teve violência e nem teve prisões, nos grandes jornas apenas a notícia num modo que tinha se tornado praxe: uma foto grande das manifestações somente com legendas e acusações contra o governo federal. Esse dia não causou nem discussões nas redes sociais. Apenas o discurso integralista/fascista invadia a página do evento pra dar sua opinião que era muito pouco curtida, mas também muito pouco rebatida. Segue uma discussão que demonstra o quanto as ânsias eleitoreiras começara a se fazer presente. Esta discussão está no evento criado para chamar o público para o 4º ato, em 27/03/2014.¹⁶⁵ E são também uma narrativa de protesto.

Enquanto a FIFA lucra uma fortuna com a Copa do Mundo 2014, milhares de famílias pobres vivem o drama de falta de moradia digna em nosso País. Conheça as pessoas que levam a vida em comunidades próximas aos estádios que custaram rios de dinheiro para receber partidas do evento esportivo:
[...]

¹⁶⁵ <https://www.facebook.com/events/414417175369869/>

Vilson Soder A FIFA NÃO VEIO PARA O BRASIL FOI LULA QUE SE CANDIDATOU E PAGOU PROPINA PARA TRAZER A COPA ACORDEM ESSE É O ANO QUE OS PETRALHAS VÃO AGIR ENQUANTO QUE O POVO ESTA DE OLHO NA COPA VÃO FAZENDO LEIS E MAIS LEIS PROIBINDO NOSSA LIBERDADE A DITADURA COMUNISTA JA ESTA OCORRENDO ESTAMOS VIVENDO UMA DEMOCRATURA DITADURA DISFARÇADA DE DEMOCRACIA ACORDEM GENTE É SERIA A COISA

31 de março de 2014 às 20:10 · [Curtir](#) · 1

Nadja Helena Freitas Lima Pena de brasileiros como esse aí, coitado... Tudo que ele quer é gritar golzinhos, babar com as jogadinhas do Neymar e continuar vivendo sua vidinha medíocre de cada dia...

1 de abril de 2014 às 00:54 · [Curtir](#) · 1

Eunyce Aparecida Silva VOLTO A DIZER. SOU CONTRA TUDO QUE VEM DE LULA, DILMA E SEUS ASSECLAS. ABAIXO PT. ACORDA POVO BRASILEIRO, TEMOS UMA ELEIÇÃO PELA FRENTE E NÃO PODEMOS PERDER. FORA PETRALHAS, FORA LULA, FORA DILMA.

1 de abril de 2014 às 11:34 · [Curtir](#)

Rodrigo Ribeiro Não vou defender o pt, não sou partidário do pt e nem o apóio, mas existe uma histeria absurda contra o partido (basta ver algumas figuras neste evento). Aí eu penso quem eles gostariam que governasse o país, por exemplo. Quem eles acham que seja melhor.

1 de abril de 2014 às 16:03 · [Curtir](#)

Wilian Miron Ah, sim. Rodrigo, cada um tem o seu candidato. O meu é o Eduardo Campos, mas cada um vota em quem quiser. Enfim, não acho que há uma histeria contra o PT. Acho que há histerias contra todos os partidos e candidatos. A grande diferença é que as hostilidades contra o PT têm origem em ações difusas, feitas por pessoas que não se sentem representadas pelo governo. Já as ações contra os adversários do PT têm origem no partido, são muito bem organizadas e direcionadas. Veja que os caras usam sempre os mesmos argumentos.... as ações são pensadas e distribuídas estrategicamente e tal.

1 de abril de 2014 às 16:15 · [Curtir](#) · 1

Marta Goulart a questao toda nao se reduz somente a partidos, eh isso q a população tem de enxergar, nao sao times de futebol para torcida, tipo gosto desse ou daquele...mas sim conscientizar a população de paga esses servidores para trabalharem em prol do cidadao, de seus problemas, e isso o povo nao tem, consciencia, e um erro nao justifica o outro, qdo se fala do Pt dos desmandos q vem ocorrendo e aí estao escancarados para q todos vejam, la vem eles com aquela...de o PSDB, os tucanos, etc, etc, entao quer dizer q um roubo justifica outro ! nao...hj estao a fazer pior do q seus antecessores...entao tudo esta errado...eh isso q ninguem quer ver...eu sou a favor daquele q realmente queira e prove q trabalha para o povo...e nao nos trata somente como pagadores de impostos...so isso...

1 de abril de 2014 às 17:53 · [Curtir](#)

Não entraremos em delongas sobre o discurso integralista, parece que ele precisa tanto aparecer que só é colocado em caixa alta. Vale pontuar que esse discurso começou dentro dos protesto da Copa partir desta data e foi reforçado pela imprensa nacional. Enquanto a imprensa usava o discurso ultraliberal para garantir vantagens eleitoreiras, o discurso integralista/fascista apoiava de forma invasiva buscando aumentar a bancada da bala no congresso nacional. O maior desejo dos integralista era a volta do “governo” militar. O ódio neste caso ajudou muito a combater o discurso governista, ausente e enfraquecido pela quantidade de ataques que sofria cada vez que

tentava se pronunciar. O discurso revolucionário, por outro, lado começou o movimento pelo “Voto Nulo” e pelas questões sociais, vale lembrar que os protestos contra a Copa 2014 levantava a bandeira: “SEM DIREITOS, NÃO VAI TER COPA!”.

5º ATO

A terça-feira amanheceu chovendo naquele 15 de abril. Quando peguei o Cometa pra São Paulo fui dormindo. O dia tinha cara de preguiça. Estava levando duas câmeras de vídeo, pois não tinha bateria sobressalente. Cheguei na Paulista estava um pouco frio, mas quando saí do metrô vi que não estava chovendo. Tinha muitas nuvens e o sol aparecia de quando em quando.

Cheguei no MASP ainda dia, tinha uma galera fazendo uma performance. Estavam com gases e esparadrapos enrolados ao corpo; com manchas de tinta vermelha e maquiados como doentes.

Passei a tirar umas fotos das pessoas confeccionando faixas. Cumprimentei alguns conhecidos, mas como estava de dia, poucos estavam morfadados. Geralmente esses jovens não ficavam em grupos de mais de 4 ou 5 pessoas. Tinha alguns grupos afastados conversando e como o clima da outra manifestação tinha sido tranquilo nem os policiais estavam se portando de forma ofensiva.

Anoiteceu e nada da Suki. Achei que nem vinha. Mas quando tudo já estava escuro debaixo do vão livre do museu eu escuto alguém me chamar: “Levi!”, virei pra ver quem era, agora menos afetado já que estava bem conhecido, tinha me acostumado com a identidade que havia construído e sentia que tinha liberdade pra conversar com qualquer grupo, mesmo que ficasse mais à vontade perto dos que tinha conhecido através da Suki. Era alguém que eu não conhecia pessoalmente, tínhamos conversado pelo Facebook e ele tinha me reconhecido e queria dar um depoimento. Procurei um local com mais luz pra poder filmar e fiz a pergunta que tinha separado para fazer aquele dia. [O QUE É A BLACK BLOC BRASIL HOJE?]

É um movimento que está aí começando pra ser, praticamente, uma proteção popular. Não é um grupo ainda é uma tática, mas cada dia estamos aperfeiçoando mais. [SUA LUTA É ANARQUISTA?] Um pouco de anarquismo e não também. Porque eu sou contra o sistema e o sistema vem tirando o direito do povo, né. E o povo é que tem o poder. E o povo nas manifestações pacíficas, antigamente vinham sendo agredidos e agora nós estamos nos mobilizando pra fazer como se fosse a proteção(A4ZZ)

Vi, nitidamente, quando eu ligava a câmera ele ficava nervoso e de alguma forma suas palavras travavam. A câmera enquanto ferramenta de poder pode destruir a imagem de uma pessoa como bem usada pode criar amados ditadores. Fizemos duas tentativas em que ele pediu pra recomeçar. Gravei o depoimento e salvei somente o que ele não tinha pedido pra cortar. Desliguei a câmera e ficamos conversando.

Ele não era da tática a muito tempo, entrou por uma relação com ações que praticava através de uma célula da ALF (Animal Front Libetration). Ele tinha realizado algumas ações diretas na região de Sorocaba. Tinha sabotado o rodeio de Salto de Pirapora, soltando todos os bois do rodeio que se espalharam pela cidade causando muita confusão para os organizadores. Em São Roque tentou impedir um festival sertanejo, que na abertura tinha uma carreata, em que os animais iam puxando carroças com cada vez mais gente encima. Nesta cidade também tinha participado de uma das ações diretas mais bem sucedidas da causa animal em 2013: o fechamento do Instituto Royal em 2013. Durante alguns dias acampou na porta da empresa e entraram em confronto com a polícia - disse que tinha uma foto encima do carro da polícia que tinha sido queimado naquele dia. Nesta ação quando a polícia deixou as dependências da empresa, a mesma foi invadida por diversos militantes da causa animal.

Ficamos lembrando desses acontecimentos e ele foi se abrindo ao diálogo mais informal. Estava desempregado por conta própria, vivia de vender balas, doces e coisas miúdas em trens, metrô e praças da cidade. Tirou a toca e me mostrou um moicano azul e sua cabeça tatuada de um lado com o símbolo da anarquia. Tinha o braço todo tatuado e no punho a sigla A.C.A.B.¹⁶⁶

Ele não pertencia aos grupos de afinidade que eu conhecia, só o vi mais uma vez depois desse dia. Foi no largo da Batata, logo após a loja da Mercedes ter sido destruída por uma ação Black Bloc no dia 19 de junho de 2014. Ele passou por mim no meio de uma nuvem de gás, cumprimentou e acendeu um rojão que atingiu o peito de um policial da tropa de choque que vinha no meio dos carros. Pra quem conhece o jogo Street Fighter foi um Hadouken¹⁶⁷. O brilho espalhou faíscas pra todos os lados. O policial, de armadura, não demonstrou sequer uma reação de dor, continuou a atirar bombas na praça. Daí ele sumiu e nunca mais o vi.

Neste dia, no MASP, chamou um amigo seu e insistiu pra que falasse comigo. Depois de muito custo e tendo a certeza que eu não era de nenhum jornal comercial aceitou a falar, mas antes de falar me ameaçou dar uma surra se eu usasse suas palavras pra ganhar dinheiro. Eu aceitei e ele me perguntou: “O que você quer saber?”. Eu liguei a câmera e fiz a pergunta que escolhi para o dia. [O QUE É A BLACK BLOC BRASIL HOJE?]

¹⁶⁶ All Cops Are Bastard (em português, todos os policiais são bastardos)

¹⁶⁷ Hadouken é uma palavra japonesa cujo significado literal é “punho ondulatório”. Consiste em um ataque especial utilizado pelas personagens Ryu Hoshi, Ken Masters, Sakura Kasugano, Akuma e Gouken, da série de jogos eletrônicos Street Fighter. O termo é também conhecido como “aduguem”
<<http://www.significados.com.br/hadouken>>

Não dá especificar o que é a Black Bloc porque a Black Bloc, na verdade, como a gente sempre fala, ela é uma tática. Então não é uma coisa que você possa determinar de grupo ou procurar líderes, coisas assim. As ações Black Blocs acontecem justamente como um ato anticapitalista. Porque o Capital ele é justamente o que escraviza e tira a liberdade e qualquer chance que as pessoas tem, de viver a própria liberdade escolhida por elas. A galera fala muito de quebra-quebras, fala muito em liderança e essas coisas. Só que existe um motivo por traz e é uma coisa que parte orgânica. Que isso é só o povo se rebelando porque as suas questões não foram atendidas. Não tem escolas, não tem Educação, mas todo resto de futilidade e luxúria tem pras outras pessoas. Então a tática ela é... É difícil falar que você é anticapitalista, mas você pode falar que é contra o excesso dele, é justamente o que causa isso. E a Black Bloc São Paulo eu não tenho como falar por todos até mesmo porque não é uma organização, não é um grupo, ela é uma tática. [SUA LUTA É ANARQUISTA, LIBERTÁRIA?] Eu sou anarquista libertário a 4 anos. Saí de casa larguei tudo, empregos, estudos. E acredito numa causa acredito na liberdade. De que é imposto, pra gente sobreviver, a forma como que eles propõe a sua vida. O que eles impõe a você goela abaixo não é certo. As pessoas falam que é utopia Pode ser na cabeça de muitos. Mas já em existem diversos lugares diversas coisas. E na prática a Anarquia, na forma mais pura, ela funciona melhor do que o governo, melhor que o comunismo, melhor que o socialismo, melhor do que qualquer outra coisa. Eu, sim, sou simpatizante, tenho muitas ideologias, não posso me denominar 100%, mas eu luto por isso e eu acredito nisso [“QUEM DESEJA MAIS O ESTADO QUE A LIBERDADE NÃO DEVE BRINCAR DE REVOLUÇÃO” – A REVOLUÇÃO É PRA NÃO SER ORIMIDO POR NADA?] #10 Sim. Eu creio que você tem a sua liberdade de escolher a sua liberdade e viver ela sem críticas, sabe? Dentro de um bom senso, dentro de uma coisa aceitável a todos. Até porque eu falei, tem pessoas que gostam de matar e pessoas que são totalmente contra. Paradoxos acontecem, mas quando você realmente põem na sua cabeça um ideal, uma coisa a seguir, uma coisa que é realmente múltipla, uma coisa que é realmente para todos. A Anarquia ela na verdade ela não precisa ser estudada ela só precisa ser vivida. É a forma mais pura de compartilhamento sem nenhuma cabeça pensante, sem alguém que vai impor que vai mandar na sua vida, e nos diversos (Belani)

Desliguei a câmera agradei, perguntei qual era o Facebook dele, ele me disse que não usava. Deu por encerrada nossa conversa, perguntou ao amigo se ia ficar o amigo disse que não, me cumprimentaram e se misturaram com outros mascarados.

Sai dali muito pensativo fui pra perto de onde estavam as pessoas se maquiando e resolvi entrevistar aquela manifestação artística. Falei que estava fazendo uma pesquisa e que gostaria muito de gravar um depoimento deles. Dois deles aceitaram falar só se fossem juntos, eu não implique, queria mesmo era ter algum registro, então liguei a câmera e perguntei [POR QUE NÃO COPA?]

A1 - Não tem saúde... A2 - Foi gasto bilhões nessa copa poderia ter melhorado o sistema e saúde precário que nós estamos vivenciando aí. Mairiporã, Rio de Janeiro, o Brasil inteiro de ponta a ponta tem gente lutando contra a merda dessa copa que tá ferrando todo mundo A1 - Tem muita gente doente, não temos médico, no Brasil não temos médico pra trabalhar no Brasil. Não temos pessoas para nos ajudar. Estamos doentes, precisando de trabalho, precisando de médico e de ajuda. Muito obrigado! (A1 E a2)

Antes mesmo de terminar de colher o depoimento senti uma mão gelada na minhas costas. Quando virei vi a Vera rindo muito da minha cara de assustado. Ela estava com a Suki e uma outra que se apresentou como Russa. Todas impecavelmente maquiadas e perfumadas, com chapinha e esmalte vermelho e preto. Demoraram porque estavam se arrumando. Conversamos

um pouco de besteira, mas nenhuma quis gravar comigo. Mas me ajudaram chamando um amigo ativista que estava sempre presente nas concentrações dos adeptos Black Bloc. Nos cumprimentamos ele aceitou na boa gravar comigo, despediu de outros adeptos e fomos para um lugar com luz pra poder grava. Perguntei: [O QUE É A BLACK BLOC SÃO PAULO HOJE?]

A Black Bloc São Paulo hoje ela é libertária, é liberdade. É lutar por direitos adquiridos pelo homem. É lutar pelo poder do povo para o povo. Nós queremos liberdade quando se fala em direitos, saúde, educação, respeito e dignidade pro povo que trabalha. Nós estamos aqui pra resistir. Resistir para este povo. Garantir que esses direitos sejam estabelecidos. Naquilo que é deles. [É POR UMA QUESTÃO ANARQUISTA?] Quando a gente fala em anarquia a gente fala em subversão, quando a gente fala em subversão a gente fala em liberdade. Isto é, luta libertária. Não é por uma questão anarquista. Como eu disse antes é uma questão de lutas por direitos e dignidade. Nós entendemos que todo mundo é livre pra poder trabalhar, pra poder ir e vir. Sem censura nas palavras sem leis pra nos oferecer lições. Então não é por uma questão anarquista. É questão de liberdade. Pro povo ter direito à moradia, pro povo ter direito ao trabalho, à livre escolha! De querer aquilo que ele quer pra ele. Dele ter direito de dizer: Não! Essa é a questão. Não pra tudo isso que eu vô dizê que o país tá fazendo, nós temos uma má administração pública no país e isso é fato. É fato, é fato e por que? Veja bem o que aconteceu na TELERJ no rio de janeiro: chegaram lá, um povo trabalhador, povo que já foi expulso de favela pra virar estacionamento pra copa do mundo. Isso aí é uma falta de respeito. É humilhação ao povo. Eles foram pra um prédio que é de uma indústria chamada OI, empresa de telecomunicação, faz parte do Capital. Eles foram lá, a polícia do Rio de Janeiro, e bateram até em criança. Isso pra mim não é tratar o povo com dignidade, isso é humilhar o povo. Então não é por uma questão anarquista é por uma questão de liberdade. Libertar o povo de tudo isso aí! (Anark)

Desliguei a câmera e ficamos de bate papo. A esse hora tinha começado a garoar, ele me contou que era da periferia, não especificou o bairro mas disse ser do o extremo sul. Tinha emprego, mas não queria falar da sua vida pessoal. Me disse que teve um irmão assassinado pela PM e que lutava por uma cidade mais justa, humana e fora do capitalismo selvagem que a gente vivia. Ficamos amigos no Facebook e acompanhei muitas ações que realizava junto à comunidade do extremo sul de São Paulo. Nos vimos em diversas manifestações e acabamos, acredito eu, nutrindo respeito mútuo.

Antes da passeata sair uma reunião com pelo menos 20 adeptos da tática se formou de vários grupos de afinidade. Era um modo de unificarem as ideias mesmo que não fossem seguir um a ideia do outro na hora do confronto.

Já que a tática tá aqui hoje vamo começa começa a conversar que nem gente grande. Tática não começa confronto com PM, Entendeu? A gente é a defesa do povo, não é pra correr. Se vocês acham que é só colocar uma máscara não é. Não vamos começar confronto com a polícia. Nós somos a resistência, não é pra correr. Chega de correr. Botou o pano preto no rosto, é pra fazer resistência e pronto. Gente, vamos manter o bloco unido não é pra se separar, por que a gente sabe, unido a gente é bem forte. Dispersado a gente não á ninguém, se for pra dispersar, tira a máscara preta da cara. Porque se é pra unir, se é pra ser um que seja um de máscara e na resistência, no meio da treta. Não vamos nos dispersar, não vamos nos desunir [...] não vamos sair um de perto do outro. Esse pano preto aqui simboliza a unidade, ele não simboliza outra coisa [...] No último ato que aconteceu, ficou todo mundo agachado lá na hora da

leitura do jogral e a polícia simplesmente zombando, táva um prato cheio, se eles quisessem pegar a gente ali, pegava. Tomar cuidado que a gente não tá ali pra manifestar, tá pra fazer outra coisa que é a resistência. E a partir do momento que tiver alguém agachado ali, na leitura do jogral, fazendo alguma coisa ali no fronte, já deixa de ser resistência. Ficar agachado demonstra fraqueza, ninguém tem que ficar agachado. E tem outra coisa também, aqui tá cheio de criança então é um olhando pelo outro. Aqui todo mundo é irmão, ninguém fica pra trás. Resistência sempre! RESISTÊNCIA! UHUHUUHUUHUH! (Filmagem)

Eram vários jovens. A maioria se juntava em torno da bandeira de LUTA LIBERTARIA, como foi uma discussão rápida de vários atores transcrevi como uma narrativa só, porém pode ser vista na íntegra no filme que acompanha esta dissertação.

Quando o pessoal se dissipou vi uma aglomeração entre gente da tática com policiais. Achei que era treta e sai correndo para acompanhar. Muito pelo contrário do que imaginei. Alguns policiais passavam de grupo em grupo de adeptos da tática buscando abrir um diálogo pra evitar confrontos violentos e desnecessários. Quando cheguei com a câmera ligada flagrei o diálogo entre o policial e o manifestante que passo a transcrever abaixo:

POLICIAL – A gente veio conversar com vocês pra ver se a gente chega num acordo em regredir o processo de violência.

MANIFESTANTE – Vocês que são violentos.

POLICIAL – Então a gente vai conversando pra ver se a gente tira o processo de violência, basicamente. Vocês são legítimos dentro de um processo de manifestação, Eu acho que é uma proposta que deve constituir uma cidadania.

MANIFESTANTE – A gente não quer compor risco pro trabalhador.

POLICIAL – Sim, claro. Se a gente conseguir regredir o processo de cidadania a gente venceu. Acho que foi uma grande vitória. Ok? A gente já tem exemplo disso na Venezuela que está um exemplo caótico...

MANIFESTANTE – É, lá é um caso o Brasil é outro. A gente, assim, não quer a violência. O nosso inimigo não é a Polícia Militar, é o Estado. Sim, certo. A gente almejamos a paz, mas também estamos pronto pra guerra. Nos estamos aqui pela Copa do Mundo. Por um ato que é um roubo contra nossa nação. Então da sua parte da nossa parte vamos tentar ao máximo não ter violência.

POLICIAL – Pode garantir que a gente vai estar aqui pra manter a manifestação de vocês de forma ordeira e segura. É esse nossopropósito. E a gente vai fazendo interlocução e na medida em que surgir um senão, eu quero que vocês me procurem, eu vou estar à testa da manifestação circulando e vamos conversando pra evitar qualquer aresta, está bem? (filmagem)

Depois desse diálogo fiquei muito curioso de ver o ponto de vista de um policial, principalmente de alguém que rompendo várias barreiras se submete a tentar dialogar ao invés de, simplesmente, partir pra violência, que, diga se de passagem, tem todo apoio legal pra acontecer. Quem eram aqueles se se dispuseram ao diálogo. Segui os policiais e pedi pra gravar um depoimento. O que pra minha surpresa, foi dado de bom grado. Perguntei [QUAL O MOTIVO DA POLICIA MILITAR ABRIR O DIÁLOGO COM A BLACK BLOC?]

Olha, veja bem, o policial está cansado desses desentendimentos sem razão. Aqui temos pais de família, mães, que também não concordam como modo que os governantes administram o país. Muitos até concordam que essa Copa não veio em boa hora. Destacar um policial para cobrir uma manifestação pode ter certeza que na maioria das vezes não vai agradar o profissional. Ele sabe que vai ser xingado, cuspidado e que muitas vezes vai ter de entrar em confronto. Só uma pessoa vil poderia gostar

do confronto e nesse nível podem existir dos dois lados [policiais e manifestantes]. Apelar para o bom senso não vai tirar nada de ninguém. Garanto que a maioria dos policiais não querem estar protagonizando a violência. Sobre a violência a atividade policial já é muito complicada no controle da criminalidade, quando a violência é inserida nas mobilizações sociais como legitimadora de direitos agrava-se ainda mais a atividade policial, sobrecarregando o processo preventivo das políticas de segurança (POLICIAL)

Transcrevi esse depoimento após autorização deste oficial da Polícia Militar, via e-mail. O mesmo solicitou que não fosse divulgado nome ou patente por ser uma resposta particular e que não representava uma informação oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo. O e-mail foi compartilhado com a orientadora desta pesquisa Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo a fim de corroborar a veracidade da informação.

Infelizmente veio a chuva, a lente da câmera embaça, o tênis fica encharcado, a roupa em sopa e a caminhada não rende. A passeata foi cansativa, durante todo trajeto as canções eram mais contra a PM de que contra a Copa. Chegando na Vital Brasil a manifestação a manifestação começa a dispersar. A Suki, corre pro meu lado e fala: “Se liga, vai ter catracasso¹⁶⁸”. Troquei de câmera, pois a bateria da primeira estava acabando. Ela correu na frente eu, que já não aguentava foi me arrastando atrás. A polícia já estava indo embora quando alguns meninos começaram a depredar um banco antes da entrada da estação Butantã. Liguei a câmera, tirei algumas fotos, filmei a ação. Eram dois jovens muito novos. Quando vi que olharam pra trás e correram pensei: “vou ser preso”, estava de preto e dentro do pequeno banco. Quando eu olhei uma tropa de uns 150 policiais vinham correndo como se fosse uma massa cinza ocupando todos os espaços da rua à uns 200 metros de onde eu estava. Não tive outra reação, corri com todas as forças. Mas a roupa encharcada, o tênis molhado e com as pernas travadas não corri muito rápido. Eu corria com a câmera ligada escutando o barulho da tropa chegar mais perto. Pensei: “Agora que eu tomo um pau”. Quando estava quase na esquina do Butantã a tropa me alcançou, e vinha gritando. Coloquei a mão na cabeça pensando em me defender, mas os gritos diziam: “Sai, Sai, Sai da frente gordo desgraçado”. Me senti tão humilhado que parei, toda tropa passou correndo sem nem esbarrar em mim. “Não estou valendo mais nada”, falei pra um desconhecido na esquina enquanto acenda um cigarro.

Quando chequei na estação estava fechada. Das vidraças dava pra olhar uma garota de cabelo moicano rosa rosa cercada por uns 50 policiais. Ficou ali um bom tempo. Outros estavam num lugar onde eu não conseguia enxergar. Algumas meninas sentaram na frente da tropa de choque e foram chutadas pelo pelotão. Alguns repórteres da imprensa comercial eram enxotados por

¹⁶⁸ Pular a catraca do serviço de transporte em forma coletiva de protesto ao pagamento da passagem

manifestantes. Os advogados exigiam acompanhar os presos, mas só com muito custo conseguira exercer seu direito. Eu fiquei lá, assado, molhado, perdido e sozinho. Só fui embora quando os manifestantes presos foram em fila colocados no ônibus da polícia. 54 pessoas ao todo, pelo menos desta vez a Suki não estava entre eles. Voltei embora mais cansado que de costume. E fui me refugiar nas redes sociais para ter uma visão mais abrangente do ocorrido.

Muitos que estavam no DEIC foram humilhados, xingados e por aí vai, recebemos alguns relatos que ocorreu lá dentro.

Disseram para os responsáveis que os menores estavam na manifestação 'black bloc'. Tinha um jovem com o nariz quebrado e sangrando, o delegado olhou e disse :

Quebrou?

Jovem: Não

Delegado: Eu perguntei se quebrou o cassetete, foda-se o seu nariz, quebrou?

Jovem: Não

Delegado: Sorte sua, se não seria dano ao patrimônio público seu filha da puta.

A maioria lá nem sequer trabalha, alguns ficam andando de um lado pro outro, outros ficam no facebook, uma das investigadoras disse 'vocês me encham o saco, eu estava tranquila aqui e vem inventar de manifestar...'

O tempo todo ameaçando, um 'investigador' olhou pro outro e disse 'quero ver eles fazerem isso na ditadura' o outro 'investigador' respondeu 'relaxa, esses aí ainda vão virar filme' como dizendo que iríamos morrer.

Um dos investigadores não sabia escrever 'depredação', a falta de educação reflete pra eles também.

Disseram para os pais dos menores que se não buscassem os filhos em 2 horas todos iriam pra fundação casa, estranho que nos seguraram muito mais que 2 horas lá e até as mães dos menores que foram tratadas com total desrespeito.

Quem tentava explicar algo eles ameaçavam agredir, não se podia abrir a boca, só ficar parado encostado o nariz na parede de pé, sem tomar água, sem comer nada, durante horas em quanto eles riam da nossa cara, passavam comendo coisas o tempo todo e falavam como estava gostoso aquele alimento.

Um dos investigadores o todo tempo chamando todos de 'black bosta' sendo que a maioria ali nem de preto estava, dizendo 'quem vai voltar dia 29? Ninguém né? Seus cuzão'

Mas temos um recadinho pra ele..

DIA 29 ESTAREMOS LÁ NOVAMENTE, ABAIXO A REPRESSÃO !¹⁶⁹

Depois deste 5º Ato as narrativas tornam-se recorrentes e as situações repetitivas. Os jornais e a internet continuaram usando sua força de inserção social para desmoralizar as manifestações utilizando-se do medo de prisão e confronto. Chegaram até a propor enfrentamento entre manifestantes e a torcida organizada do Corinthians, levando ao entendimento da despolitização das torcidas organizadas que no Egito foram essenciais na luta contra a opressão. O discurso integralista/fascista interviu como apoio deslegitimado da mídia. Enquanto faziam o papel de pedir intervenção militar eram reduzidos a sua própria ignorância nos noticiários, quando eram demonstrando as mazelas do governo eram tratados como comentários cívicos e patriotas de bom tom. O discurso revolucionário se envolveu demais com os movimentos sociais reformistas e muitas vezes lutava para que direitos, como saúde, educação, moradia, transporte, etc. fossem melhorados dentro da estrutura do estado, pouco se atentando na transformação

¹⁶⁹ <https://www.facebook.com/events/529099743869421/permalink/538380539608008/>

política do não-estado, ou da destituição do Estado. O discurso autonomista ainda prevalece ao do anarquismo clássico como desejante de um dever categórico que tem na luta contra o voto sua mais significativa bandeira. A força midiática que contém uma rede social ainda é tacanha se comparada ao grande oligopólio das empresas de comunicações. Por mais que tenha a força para mobilizar em alguma medida as ações coletivas não carrega o foco dirigido as massas tornando mais complexas as relações sociais. E no mesmo modo que decentralizam o poder da grade mídia de massa tornam-se também em si vulneráveis a repetir o que está sendo operado para manutenção do *status quo*. Deixo anexo algumas anotações feitas em diário de campo na tentativa de ampliar o espectro de entendimento de quem se dispões a ler este trabalho que não acaba aqui. Certamente será completado com outras narrativas que começam a surgir sobre a juventude autonomista que anda persiste em tomar para si a responsabilidade de não baixar a cabeça para o ultraliberalismo que toma conta das cidades e que demonstra que essa nova fase do capitalismo é responsável por uma desigualdade no acúmulo de riqueza que pode garantir a sua própria ruína.

ANEXOS

Caderno de Campo II – Diário de Bordo

Dia 10/06/2014 – Em meio às controvérsias entre UFSCar e UFSor, em forma de protesto, os Centros Acadêmicos da UFSCar, campus Sorocaba, ocupam uma sala na Área de Convivência. Depois da ocupação refrigerante com Doritos deram sabor a uma noite mal dormida em colchonetes pra garantir a posse do local. Alunos e integrantes dos centros acadêmicos de Geografia, Pedagogia, Biologia, Turismo e Educação assinaram um manifesto que foi entregue nas mãos do reitor, no dia seguinte.

Dia 11/06/2014 – O discurso acalorado que proferiu, após protesto do movimento estudantil, num clima de explicações autoritárias e desavença com alguns dos professores, à favor e contra a transformação da UFSCar em UFSor, o reitor, num movimento para angariar o apoio do movimento estudantil, garante a posse do cômodo ocupado. Vitória. O movimento estudantil tinha garantido um teto, um abrigo, um local de união.

Num clima festivo foi que combinei com algumas amigas uma carona para São Paulo, no dia 12 de junho, dia de abertura da Copa do Mundo. Iríamos em cinco, eu, Aline Isidoro, Lena Nascimento, Camila Seixas e a Mari Mendes...

12/06/2014 - Só eu e Mari Mendes nos encontramos na Padaria Panini. Tomamos um café com a presença de um professor da Ufscar, o mesmo que tinha sido pivô nas discussões do dia anterior. Um dos representantes da comissão que se colocou na luta por transformar a UFSCar, campus Sorocaba em UFSor, Universidade Federal de Sorocaba. Nós e nosso café, sérios, com ele na mesa ao lado, nem sorrimos. Só a Aline decidiu enfrentar conosco esse dia de sol que já estava começando quente.

Pela estrada afora, fomos os três. Os papos políticos e os afazeres do dia pareciam pintar um cenário de tranquilidade, como um dia de trabalho, como se cada um tivesse indo para uma reunião cotidiana num dos vários coletivo que participávamos. Protesto era lugar comum à todos, sabíamos nossas pautas e estávamos ali como se não fosse a primeira vez. E não era.

Éramos militantes, combativos em nossas causas, vínhamos potencializados pela última conquista. Ocupamos, resistimos e conquistamos o espaço desejado dentro de uma universidade federal. Sabíamos que não era a primeira manifestação de ninguém, e que não seria a última. Cada qual tinha seu rumo traçado, amigos a encontrar. A impressão que eu tinha era que os caminhos seriam diferentes: elas iriam para uma reunião com integrantes do seu partido, o PCR, no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviário de São Paulo; eu, pra cobrir a ação Black Bloc no metrô Carrão. Mal sabia eu que o destino nos colocaria na mesma nuvem de gás lacrimogêneo.

O verde-amarelo, o verde-oliva, o vermelho, o cinza, e o preto

“O Carrão tá tomado pelos coxinha”, foi a mensagem que recebi pelo Whatzap na hora que estacionei meu carro na USP. Atravessei o portãozinho que dá acesso à estação da CPTM, mais ligado no celular que na conversa com as meninas. Iríamos juntos até a estação Tatuapé, lá, um amigo, levaria as duas à uma reunião e eu seguiria meu rumo.

Pegamos o trem na estação Cidade Universitária, tudo tranquilo. Mesmo o reforço policial, ali, não era notado. Alguns patriotas de verde-amarelo transitavam sempre com pose de quem iria ao jogo entre Brasil e Croácia.

Descemos em Pinheiros, no carrossel entre as escadas rolantes a movimentação era pouco intensa, nada comparado a hora do rush diário, quando tudo se congestiona, o indivíduo vira massa e engasga na logística do transporte público. O feriado em São Paulo havia transformado uma quinta feira cotidiana num domingo agitado.

Entrando na linha amarela percebi uma maior movimentação de roupas cinzas. Entre os transeuntes verde amarelados, fantasiados de copa, a farda da Polícia Militar destacava cinzenta e bem passada. Ostentava o rigor dos tipos que mantinham a ordem pública como brilho no seu coturno: lustrosamente sistemático, padrão quartel.

Descemos na Paulista e o surgimento de alguns gringos reforçava no imaginário a pluralidade cultural dos turistas que aportavam em São Paulo para curtirem a Copa de Mundo de Futebol. Como “novos baianos”, diferentes de nós, estes, podiam curtir numa boa.

Ao desembarcar na estação República meu celular não parava: “vão fechar o Carrão, chega logo”; “A polícia já bateu num moleque”; “tá foda aqui, vamo circulá”...

Pegamos o metrô da República ao Tatuapé sob os olhares da Força Nacional. Armados de fuzil,

em suas fardas, entre o camuflado e o verde-oliva, esses seres se destacavam no ambiente urbano do metrô paulistano. Tentando manter discrição buscavam pouca visibilidade, porém pareciam Teletubbies coloridos num campo aberto verdejante. Mostravam-se pacientes com o assédio dos turistas. Muitos fotografavam - como turistas que levavam um souvenir do ambiente, como tendo atrás a Torre Eiffel ou uma favela carioca, um plano de fundo para histórias de viagem.

Discretos, como rosa-choque, porém frios e sombrios, fitavam todos com olhos canibais. Tirei uma selfie, afinal, sem o AI-5, a periculosidade desse tipo de tropa é quase nula, seria mais uma alegoria de segurança para garantir a boa impressão dos gringos. Essa minha verdade seria falseada antes do final do dia. O exército serve à repressão. E a repressão estaria protegida das câmeras neste dia. Camuflada, pelo flash da grande mídia que focaria mais no evento que em todo resto. A segurança pública garantiria a ordem nas ruas no estilo Valesca Popozuda: “só tiro, porrada e bomba”.

Enquanto isso, em sua tela plana, o povo, veria cenas de pessoas sorridentes, bandeiras agitadas, camisetas multicoloridas, louras tientes de times estrangeiros, replay de todos os lances, gritos de gols, e uma torcida organizada, hegemonicamente branca e burguesa, nos estádios ainda cheirando à tinta, e sangue de operário.

Pelos sofás do Brasil a televisão comprada a prestação preocupava mais do que poucos manifestantes exaltados sendo presos pela polícia. Meu olhar focou num outro prisma. Tive uma outra visão. Um deslocamento implicado no sentimento de pertencimento, desterritorializando e territorializando um espaço pouco definido. Era o habitar, numa coexistente relação de poderes, potências que assumem forças que não só se repelem e se atraem, mas se sobrepõem no mesmo local, interagindo e se afetando num processo de transformação atemporal, onde o instante é o imprevisível. Nas micropolíticas de um protesto todo mundo é ator e instrumento de um tribunal de rua, imagético e corporal. Ali se faz, ali se paga, tudo junto e misturado. Espólios humanos são arrastados aos hospitais como efeitos colaterais da vacina democrática contra a patologia social da desobediência civil; outros levados à cadeia, feito troféus corpóreos expostos à potencialidade maquínica das forjas de opinião; das redes oligopólicas proprietárias do espaço sibercomunicativo público nacional.

Tal era a relação de corporalidade em conflito, que o imaginário era criado à exaustão pelas grandes mídias. Com um jorrar de cenas de contados críticos corporais. Reinventava-se, o já tão explorado corpo/produto, em seu módulo implicante de protesto – ora em uma massa

fardada, ora em uma marcha popular, ora ferido por bala borracha, ora cuspidado na cara, ora abraçado e cantando, ora preso chorando, ora queimando bandeira, ora queimando no fogo de um coquetel molotov, ora arrastado por um camburão, ora algemando e espancado, ora com um rojão na nuca, ora caído no chão... era o corpo que em sua imagem e semelhança ao meu afetava mentes até pela sua ausência: como no caso do desaparecimento corpóreo do pedreiro Amarildo, não era o indivíduo ou o sujeito, mas sobretudo o corpo em ação -, mais do que qualquer outro símbolo (como a escrita ou a fala) era a imagem dos corpos que prendia o telespectador até os intervalos comerciais. A mente implicada nos protestos vagava numa imaginação povoada pelo acaso, pelo descaso, pelos encontros e desencontros, pela nulidade de uma verdade histórica e materialidade ectoplasmática do inexistente. Era a mente misturada na realidade e na fantasia. O real e o virtual copulavam promiscuamente numa lucidez esquizofrênica, espalhando seus óvulos e seus espermatozoides pelas redes subjetivas da internet, parindo e abortando seus fetos numa malha de desinformação criada pelo excesso em estímulos comunicativos de subjetivação. As realidades individuais transversalizavam de sentido as relações sentimentais ao infectar-se, freneticamente, através dos celulares, tablets e afins. Uma massa de purulência coletiva, de contágio rizomático; anormal ao corpo mas significativa ao cérebro; ramificada no poder de afecção instituído pelos dominantes da tecnologia; suplantada nas mentes conectadas, em contrário ao pensamento livre do usuário. O corpo levado à enfermidade dos excessos de estímulos virtuais; a mente à patologia complexa da loucura coletiva. Era o peso falacioso da neo democracia em choque com a carne humana. Com os olhos rasos de água chorei na avenida, não era uma emoção, mas efeito de gás pimenta.

Chegamos ao Tatuapé. Um sujeito magro esperava as meninas (nunca soube o nome dele, ou, se soube, jamais guardei na cabeça). Neste momento fechavam o metro Carrão, não era possível continuar sobre trilhos. O sujeito magro, que morava a mais de dez anos no local, perdeu-se no seu território nos colocando no caminho contrário da ação. A essa hora meu Watzap parecia despertador, só meu coração tremia mais do que ele. Onde estariam meus amigos? “Tamo saindo do Carrão, já batemo de frente cos cochas”; “Vamo nos agrupa na rua de traz da radial”; “corre porra!”; “KD VC???”; “Vamo fazê resistência na rua de traz”; “balearam uma mina, jornalista, tá no posto de gasolina, o GAPP tá dando socorro”; “Ô tiu, avisa os advogados que prenderam um moleques e tão botando no camburão”... Não consegui mais acompanhar a conversa, a última postagem que vi resumia “É MUITA TRETA!”.

Com uma desvantagem de dois quilômetros corri pela radial leste do Tatuapé ao Carrão seguindo o ângulo de visão dos os vários helicópteros que rodeavam feitos moscas no esterco.

Deixei minhas amigas no sindicato dos metroviários, nessa hora a tropa de choque estava chegando pra fechar o acesso à radial e o carro de som do sindicato gritava palavra de ordem: “A marcha é pacífica, vamos tomar a radial e fazer nossa manifestação sem confronto com a PM”. A PM, por outro lado, já tinha recebido ordens de não deixar a manifestação sair. Era parte do percurso que o ônibus da seleção brasileira tomaria até o estádio. Área de segurança para polícia, área de protesto para os militantes. Um campo de batalha entre forças desiguais. De um lado o poder coercitivo do estado, transpirando democracia, do outro, sindicalistas e jovens, desentendendo-se na luta.

A confusão que teve início no Carrão tomou as ruas próximas. Saí da radial pela rua prof. Carlos Zagotis e entrei na primeira rua paralela que fazia fundos com o Sindicato dos Metroviários, a rua Platina. Sem máscara, sem capacete, nem óculos de segurança foi como se caísse numa atmosfera ácida. De um lado bombas de efeito moral, balas de borracha e gás lacrimogêneo; do outro: pedras, paus, lixo e as bombas que conseguiam ser chutada de volta na tropa de choque. Eu caí no meio. No olho do furacão. Apanhando dos dois lados, escolhi correr pro lado da Black Bloc. Nessa hora vi a tropa de choque que tinha entrado na Platina recuar pela Carlos Zagotis até a radial pra passagem da cavalaria.

Todos os meus sentidos estavam avariados, a visão, o tato, o olfato queimavam, eu, vagava trôpego e sem rumo por entre os escombros na rua. Minha audição buscava um guia em algo que não fosse o barulho gigantesco das hélices dos helicópteros que estava logo acima da minha cabeça. As vozes serviam para guiar o meu olhar turvado pela fumaça química. Seguia alguns meninos de preto que iam na minha frente e que gritavam em coro: “Eu vi o Choque correr do Black Bloc! Eu vi o Choque correr do black Bloc!”.

Com a câmera emprestada da UFSCar sempre ligada eu tentava respirar. O primeiro efeito que senti foi a respiração travar, algo como se um efeito muscular impedisse o funcionamento dos pulmões. Os olhos lacrimejavam copiosamente. O nariz e a garganta ardiavam de uma maneira que eu nunca havia sentido. A pele do rosto, suada, queimava uma queimadura química. Sem fogo, mas sem alívio.

Virei a direita na rua Serra do Japi e estava, novamente, na rua do sindicato. Caminho até o carro de som na frente do prédio enquanto a cavalaria e a tropa de choque toma a esquina da rua Platina, cercando a manifestação por trás. À frente a PM já tinha reforçado a linha que impedia a manifestação de tomar a radial. Estávamos cercados. Uns garotos tinham tirado a máscara e se misturado a movimentação do sindicato: Como se fosse possível misturar o preto

no vermelho. Quando cheguei no portão principal vi sindicalistas e Black Blocs trocando soco. Pelas costas escutei meu mote: “Levi, Levi”, era Sarah, minha melhor amiga, vinha, redentora, a me salvar das dores. Passou a mão no meu rosto e toda ardência diminuiu, era leite de magnésio... tirou do bolso uma máscara de pano, molhou no vinagre e a colocou sobre minha boca e nariz. Foi como se estivesse num videogame, de repente eu tinha enchido minha “barra de vida”.

Ficamos ali recobrando as forças e nos felicitando, alguns amigos dela se juntaram a nós e passamos a observar a movimentação. Às nossas costas e na esquina da Platina a linha do pelotão de choque se organizava para debandar a manifestação. Ao nosso lado os sindicalistas, vestidos de vermelho, impedindo a entrada de pessoas vestidas preto no portão do sindicato. Enquanto algumas senhoras balançavam bandeiras vermelhas o cara do microfone gritava: “senhores policiais, vamos manter a calma... vamos manter a calma”. Mas a calma acabou com a primeira bomba de gás lacrimogêneo. Minha câmera estava ligada. Filmava, como de costume, a expressão dos policiais por detrás dos escudos e capacetes. Foram eles a atacar primeiro. Aos sindicalistas só restou correr. E chorar.

Por cima da minha cabeça, no ângulo de visão da minha câmera, filmo a primeira bomba a explodir na porta do sindicato. A euforia e o desespero tomaram conta dos manifestantes de vermelho. Homens fogem correndo para dentro do sindicato, deixando o portão desprotegido para entrada de qualquer um; as mulheres que agitavam as bandeiras desmaiam e são arrastadas por companheiros até o sindicato; o cara do carro de som abandona o posto e deixa o microfone para outro de maior coragem. Por todo lado jovens de vermelho gritavam, corriam e se escondiam pedindo calma. Na frente do sindicato, agitando uma bandeira preta, só alguns adeptos da tática Black Bloc resistiam. Decerto por estarem com equipamentos de segurança.

Com a câmera em punho, já sendo envolvido pela nuvem lacrimogênea, filmo o comandante da tropa de choque a gritar com os subordinados: “Para” Para! Para!”. A bomba fora de algum PM mais exaltado. Alguém que se precipitou à ação sem uma voz de comando ou uma ordem superior. Alguém, ali, como eu, à flor da pele.

Seguia Sarah com os olhos e me mantinha na sua companhia. Encontramos outros do nosso grupo de afinidades, conhecidos de outros protestos, amigos de Facebook, cumprimentamo-nos e entramos no sindicato. No meio do tumulto encontro a Aline que me diz que o pessoal estava

pedindo que todos permanecessem dentro do sindicato até que pudessem sair para o metrô em segurança. Foi a última vez que a vi nesse dia.

Dos que estavam no mesmo grupo, uns pularam as grades no fundo do sindicato, outros ficaram em cima do muro vendo a movimentação da tropa de choque, esperando, certamente, um momento de fuga. Num grupo menor acabamos saindo do sindicato pelo portão da frente, a rua estava quase vazia, exceto por alguns militantes de vermelho e uns participantes da Black Bloc que faziam uma manifestação de forma pacífica, limitando-se a gritos de guerra e ao agitar de bandeiras. A atmosfera química era pouco amenizada pela máscara com vinagre, não estávamos sob ataque, mas o clima de tensão tinha subido consideravelmente. Por todo lado as expressões de ódio era uma crescente: “O filho da puta me deu um soco na cara”. “Quem? A PM?”. “Não! O pelego do sindicato”. “deixa, vamo dá área, tamo cercado”. “deixa esse cara, conheço ele, mó pilantra”. “Deixa quieto porra, não dá corda”. “Os caras tão estragando nosso ato”.

No carro de som praticamente abandonado a voz de um cara de vermelho negociava uma saída do sindicato até o metrô Tatuapé. Aos poucos a cavalaria se afasta, a rua Platina é desobstruída e se abre caminho para o esvaziamento do ato no sindicato dos metroviários. Um desterro de emoções profundas ficou exposto, desenhado na face de cada manifestante que saia escoltado em direção ao metro. Como se o semblante fosse riscado por algum sentimento muito forte, rasgando rugas de angústia e impotência perante a força da democracia armada brasileira. Uma vitória muito mais da ordem que do progresso.

Na esquina eu continuava atônito, ao meu lado discutiam como passar despercebido pela tropa de choque. No pequeno grupo que se formara estavam Manu, Hill, Fer, Harley, Sarah, eu e outros que não consigo lembrar o nome. Esse grupo foi ganhando maior corpo durante o desenrolar do dia até ser enquadrado pela força policial quase na hora do jogo do Brasil. Mas aí já éramos quase cem pessoas.

A travessia

Parados na esquina da Radial Leste com a rua Serra do Japi, decidimos acompanhar a “desocupação” do sindicato e passamos a seguir a massa em direção ao metrô Tatuapé. Viramos na rua Platina, andamos um quarteirão e estávamos todos sedentos. Senti como se estivesse pecando, contrariando minhas ideias e ideologias anti-capitalistas, quando uma Coca-Cola descia gelada pela minha garganta. Depois de tanta bomba e gás tóxico um refrigerante e uma dor de consciência não pareciam fazer o menor mal.

Passamos pela praça Santa Terezinha dividindo uma pet de dois litros. O perímetro da praça

estava lotado de gente. Entre irritadas e desiludidas me pareceram estar todas as rodas de conversa: “o povo do sindicato amarelou”. “Meu, que porra, você num viu que a PM chegô já tacando bomba?”. “Mas se num fosse essa mulecada vândala ninguém tinha sido atacado”. “Esses caras tem de entender que Copa é bom pro Brasil”. “Uh! Patriota! Uh! Idiota”. “Meu, esses caras da FIFA vem e todo político do Brasil vai servi cafezinho... você acha que não tem corrupção nesses estádios?”. A movimentação era grande e plural, mas não pude enxergar nenhum policial acompanhando o cortejo.

Atravessamos a rua Fernandes Pinheiro e percebi que nosso grupo tinha aumentado em mais alguns meninos e meninas de preto, ou no visual punk. Na esquina da rua Visconde de Itaboraí um dos meninos encontra no lixo alguns capuzes pretos, máscaras de gás e garrafas com gasolina. Uma das minas grita: “Num mexe porra deixa onde está, é dos cara, mano”. Muito rápido os equipamentos voltara ao seu esconderijo original. Percebi que alguns do grupo estavam tensos com seus aparelhos moveis de comunicação. Nessa hora me dei conta de como estava carregada a rede naquela área. Será que a polícia monitorava tudo?

Seguimos em frente ainda pela rua Platina até alcançar a rua Cel. Joaquim Antônio Dias. Ali, um reagrupamento tático. Era uma Black Bloc. Num ponto estratégico para ação direta. Não sei de onde juntou tanta gente querendo revidar contra a polícia. Mas acho que estavam todas ali. Um local fresco, um oásis, naquele sol de depois de meio dia paulistano. A praça Cel. Sandoval de Figueiredo era cheia de árvores e obstáculos para se proteger, pontos de ônibus com cobertura e bancas de revistas. Uma clareira na selva de pedra. Com jardins dos dois lados forma um espaço de três ruas entre a Cel. Luiz Americano e a Cel. Joaquim Antônio Dias, cortadas na mesma direção da rua Platina. Tanta diversidade torna este o local mais indicado, tanto pra fuga quanto resistência, à um quarteirão do metrô Tatuapé. Vejo alguns conhecidos, cumprimento algumas pessoas e me sinto num campo de batalha em comunhão plena com compas que lutariam até a morte um ao lado do outro. Os comentários eram de guerra: “A gente segurô os vermes até onde deu... mas fico só nós.. o resto correu”; “que porra é essa! ...não é pra correr! Botou o pano preto no rosto é pra fazer resistência... e ponto!”. “então, vamo segurá os cara aqui”. “Na pedrada mesmo?”. “a gente vai faze um catracasso no metrô”. “tem PM a rodo lá! Nem rola...”. “...tem que fazer uma barricada nessa porra de radial”. “Vamo pará tudo!”.

#sujos

Foi nessa hora que escutei um grito que eu acompanharia até o final do dia: “SUJOS!”, olhei

pra trás era a Manu. A Sarah me puxou: “Vem!” e eu me vi num grupo menor correndo de encontro ao metrô Tatuapé. Próximo da Tuiuti, antes da esquina com a Domingos Augustim vi cair a primeira bomba de efeito moral. Um estilhaço da bomba acertou a perna do cara que estava do meu lado. Virei a câmera e me vi no caminho da tropa de choque. Um PM levanta a arma e atira na direção da câmera na minha mão. Eu me viro. A bala passa raspando e atinge o cara do meu lado. Bala de borracha. Quase sorri aliviado. Tentei correr, mas o PM, enfim, acertou. Entre as costas e as costelas senti o impacto queimar minha pele. Perdi o ar, achei que estava sangrando, coloquei a mão e percebi que não sangrava, também que onde a bala pegou já não tinha mais pele. Ardia muito. Um cara do meu lado olha rindo, exclama: “Nossa tá na carne viva! Ahahah!”. Respondi educadamente: “Filho da Puta! Ahahah!”

Na porta do metrô perdido e dolorido me embrenhava por entre as pessoas que corriam para entrada. Escuto novamente: “SUJOS!”. Foi como se minha mãe me chamasse, corri com confiança de ter ali um porto seguro. Entrei no metro com a câmera apontando todos os lados. Os gritos e palavras de ordem pareciam ecoar mais forte pela acústica do ambiente. Do meio da escada vi um confronto desigual. A tropa da PM, em número maior, encurralou alguns manifestantes e os batia de cassetete. Foi uma ação enérgica, que pareceu durar horas. A polícia, em choque, batia indistintamente à exaustão, todavia, demorou pra conter alguns manifestantes extremamente exaltados. Outros, mais rápidos, escaparam em direção a radial. Vi o trivial que não me acostumo, como gente presa e arrastada pelo asfalto. Gente imobilizada recebendo, nos olhos, jato de gás pimenta; mulheres e jovens sendo revistados com truculência desproporcional, humilhação, tapa na cara e gritaria. O modus Operandi da Segurança Pública ao zelar pela ordem do Estado. Num determinado momento uma algazarra se fez do outro lado. Corremos.

O grupo que tinha escapado da polícia partiu pra uma ação direta mais incisiva. Fecharam a radial incendiando material da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), amontoando lixo, paus e pedras na avenida. O coro dos manifestantes dentro do metro aumentava conforme subiam as chamas da barricada no meio da pista. O fogo não durou muito tempo, mas a sua imagem e da fumaça preta que subia, tomando conta do ambiente, e espantando os helicópteros, serviu pra dar potência à manifestação que precipitou em invadir o metrô (fechado desde manhã).

Mas as portas seriam defendidas à força contra a manifestação. As entradas se manteriam trancadas por um contingente de guardas patrimoniais do metrô; seguras por uma tropa da Guarda Metropolitana; pelas armas das polícias Militar e Civil; pelos soldados da Força

Nacional. Gente armada o bastante pra começar uma revolução. Mas se prestavam ali para defender o livre acesso de torcedores até a Arena Corinthians.

Na ação de defender a logística da Copa o espaço físico limitava as tropas do estado. Nos portões de acesso aos trens não cabiam mais que dez policiais ladeando seus escudos. Visivelmente nervosos os policiais eram insultados e cuspidos pela turba: "...que vergonha que vergonha deve ser... espancar trabalhador pra ter o que comer! Que vergonha que vergonha deve ser...". "... em cada morro uma história diferente e a polícia muita gente inocente!". "Ei PM! Vai tomá no cu!"... as vezes alguma coisa era jogada, um policial se irritava e saía da formação desprotegendo os demais. Chovia cusparada. Vi alguns caírem e serem chutados. Vi-os chutarem alguém caído. Eram policiais e manifestantes quebrando os ossos do ofício.

"Sujos!", segui automaticamente. E me peguei indo e vindo várias vezes pelo corredor principal. Encontrei pessoas novas, entre elas a Carminha e o Rafael Lusvarghi (ostentando feito medalha dois tiros de bala de borracha no peito) - soube mais tarde que Rafael era protagonista de um dos casos mais explorados pela grande mídia. Resistido a prisão, mas já imobilizado recebe no rosto um jato de gás pimenta. "Comandante diz que PM se excedeu ao agredir jovem imobilizado", foi a manchete no Jornal Folha UOL -, também conheci o Biral advogado ativista, o midiativista Lúifer e outros. Descemos a escada de forma tranquila, sem muita aglomeração, conservando-nos em grupos pequenos. Saímos do prédio do metro pela escada lateral até a rua Tuiuti.

Era a rua Tuiuti, mas do lado contrário ao que entramos, do outro lado dos trilhos. Seguimos pela Tuiuti, passamos a Gonçalves Crespo. Estávamos em pelo menos trinta pessoas. Parei comprar água na lanchonete Morango & Açaí. Logo chegou a Sarah e o Biral, tomamos água juntos e ficamos pra trás. Seguimos conversando pela rua Martins Pena atravessamos a Teixeira de Melo, quebramos a direita na Cel. Carlos Oliva e a esquerda para a rua Artur Mendonça. Ali pudemos avistar o grupo no paredão rosado da Praça Pádua Dias. Era o acesso que o grupo tinha para pegar o viaduto Carlos Ferraci e voltar a importunar, do outro lado, na Radial Leste. Não lembro de ter visto mais o Biral dali em diante.

Êxodo

Atravessamos o viaduto Carlos Ferraci em fila indiana e andando muito depressa. Passamos por cima dos trilhos do metrô e pela Radial Leste em direção a Av. Azevedo. Nesse trajeto cerca de dez viaturas da ROTA começou perseguir o grupo. Em fila a corrente de pedestres era acompanhada de perto pelos policiais da ronda ostensiva. Logo na saída do viaduto a fila de

pedestre quebra na ruazinha de paralelepípedo que liga a Av Azevedo a Radial Leste. Saindo bem abaixo do viaduto. As viaturas aceleram e alguns policiais saem do carro com a arma na mão. Pensei que ia ser enquadrado e encostei no alambrado que protege a parte de baixo do viaduto já esperando tomar um tapa. Tarde demais os manifestantes já tinha tomado a Radial e o problema da polícia passou a ser outro. Controlar o trânsito. Me deixaram de lado e começaram a interditar as pistas onde havia gente na rua. Segui correndo pela calçada até alcançar um grupo de conhecidos. Logo em frente passamos pelo sindicato, já às moscas, fechado de corrente e cadeado. Todos os manifestantes saem da pista e começam uma marcha forçada em direção ao metrô Carrão. A polícia logo desobstrui a pista e passa seguir a marcha. Mesmo com tanta viatura os caminhantes em fila indiana dificultavam a ação policial. Acaso tentassem a ação de parar o deslocamento ele seria efetivo para pouco mais de um terço dos manifestantes. Perderiam tempo com alguns e deixariam outros livres na zona mais crítica para a segurança: a rota do ônibus da seleção brasileira. Caminhando num sol causticante. Uns já sem camisa, outros ainda de preto, demonstravam desgaste de uma jornada corrida pela manhã. Alternava-se de quando em quando o lado da pista para dificultar o acompanhamento da polícia. Paravam na sombra, gritavam, xingavam os carros que passavam enfeitados de seleção, conversam com pessoas nos semáforos, nos postos de gasolina, na frente das lojas de conveniência e pontos de ônibus sobre o que achavam da copa: “Vei... cê num tá vento que né só pra roubar a gente?”. “Enquanto tá aí pagando de gatão tem gente morrendo no hospital”. “Uh! Patriota Uh! Idiota”.

A fila andava, não parava muito, diminuía a velocidade nas sombras, mas não perdia o ritmo. Passamos a entrada do Metrô Carrão e seguimos em frente. Depois de alguns quilômetros começamos a encontrar torcedores do Brasil, estrategicamente posicionados para acenar pra seleção. Parados nas esquinas, nos pontos de ônibus e nas sombras, homens de todas as idades, mulheres, crianças, uns em cadeira de roda, de muletas, com faixas de apoio aos “heróis da pátria”, como nos diria o ex ministro dos esportes Edson Arantes do Nascimento (vulgo Pelé).

Quando os grupos se encontravam se afetavam contrariamente e os enfrentamentos eram frequentes. Bate bocas no viaduto Conselheiro Carrão quase acaba em briga generalizada. Parar o ônibus da seleção era a meta que surgia no imaginário dos manifestantes; acenar para os ídolos e ter um segundo de fama na Rede Globo era a meta dos torcedores. Andei com muita atenção, procurando guardar os diálogos e gravando com filmadora as discussões mais interessante. Mais emoções do que carro passavam enquanto eu caminhava: “Sobe na costa do pai pra você vê o Neymar”. “Vamo pará o busão, a gente deita na pista”. “Abana a bandeira filho”. “Brasil!

Brasil!”. “Grita aí! Mãe tô na Globo!”. “Uh! Idiota! Uh! Patriota!”...

Na hora “H” a comitiva da seleção muda de rota deixando frustrados tantos os que queriam uma ação direta contra o maior símbolo popular da copa do mundo, quanto os torcedores verde amarelados que perderam horas do seu dia disputando lugar nas poucas sombras da avenida. Vi lacrimejarem olhos revolucionários quando o ônibus da seleção desvia sua rota a 50 metros atrás de onde estávamos. Foi quase... andando mais um pouco e já estávamos em frente à estação Penha de metrô.

Abre-te, sésamo!

Passando o canteiro central vimos o entra e sai do metrô acontecendo normalmente, quando tomamos a direção da entrada, antes que atravessássemos a rua e colocássemos os pés na calçada em frente à estação, um grupo de policiais militares e guardas patrimoniais correram a se colocar na escadaria impedindo nossa entrada. “Foi clara a reação preconceituosa dos agentes”, comentou alguém enquanto outro perguntava: “o que aconteceu?”. Até quem não era do grupo começou a reclamar: “mas o que que é isso e meu direito fica onde?”. “Sei não cidadão, a ordem é manter o metrô fechado”. “Mas como se tava aberto agorinha”. “Tava mais fechado”... Foi o primeiro diálogo com as autoridades no local.

O problema que essa guarnição enfrentava era mais complexo. A ação notoriamente precipitada, não esperava enfrentar outros atores fora “uma molecada baderneira”, com simplificou uma senhora ao meu lado. Estavam sendo saraivados de questionamento por pessoas que vieram para tentar acenar pra seleção e que agora estavam desiludidas e estressadas querendo ir embora. Juntavam se outros transeuntes que também estavam se sentindo prejudicado pela repentina impossibilidade de usar o metrô. Quanto mais a PM tentavam ponderar suas ações e explicá-las a essas pessoas, mais os jovens criticavam: “meu direito de ir e vir fica onde?”. O policial até tentou colocar alguns senhores de idade, mas esses se esquivaram consternados: “como que pode, o direito é igual pra todos, tem de abrir pra todo mundo, o senhor tá fazendo seu serviço errado... não vou me dar a esse desfrute”, disse o homem de cabelos brancos. “É isso mesmo! Isso é abuso de autoridade”. “Tem criança pequena aqui”. “tenha compaixão”...

A aglomeração estava aumentando e a situação se tornando insustentável. Os que reclamavam sabiam que o metrô estava aberto há alguns minutos, alguns alegavam que tinha acabado de subir por ali. Começou uma seção de fotografias e filmagens de celular: “ah! Mas vô colocar no Youtube”, exclamou alguém do meu lado. Quando coloquei a câmera à procura das

identidades dos policiais nem me surpreendi: todos estavam sem identificação. O clima começou a ficar tenso. Nessa hora o Brasil se preparava pra entrar em campo. Os policiais não queriam perder o jogo e decidiram abrir espaço para as pessoas passarem. Abriam o Metrô, mas com uma condição. Que todas as bolsas fossem revistadas. Era nítida a avidez com que revistavam as bolsas de alguns jovens descaracterizados de torcedores e a apatia com que revistavam a dos que estavam com a camiseta da seleção. Veria essa cena de diversas formas até o final do dia. Uma represália policial a todos que não se vestissem de verde amarelo. Ou melhor, que vestissem preto.

Descemos as escadas, os amigos foram se juntando, há espera por alguém que demora, despedida de algum que vai tomar outro rumo. Por algumas vezes ligo a câmera no corredor. Vendo as imagens, num outro momento, percebo o quanto a polícia me preocupava. Eles sempre estavam, pelo menos, dentro do plano de filmagem.

Subimos uma escada à direita até a passarela e passamos por baixo da Radial até os trilhos do outro lado. Chegamos todos junto e lá estava. Parado, de portas abertas, o último vagão de um trem do metrô.

Todos entram e se dividem dentro do vagão, devíamos estar num número reduzido quinze ou vinte pessoas. Nitidamente alguns seguranças e PMs entram em grande número no vagão a frente. As portas se fecham.

A tranquilidade dentro do trem era notória. Um alívio nas emoções, um desapego das ansiedades (pelo menos na superfície). Enquanto as portas estivessem fechadas e o trem andando o momento era nosso. Gostaria de falar o nome de todos que estavam ali, mas prefiro me lembrar da expressão de suas faces. Os nomes nunca conseguiriam me dizer isso, naquela hora os semblantes expressavam sentimentos múltiplos. No território daquele vagão muitos mundos coabitavam, coexistiam, se afetavam, e interagiam-se na complexa malha de encontros e desencontros de um momento cristalizado e protegido pelo movimento do carro do trem. Guardei seus rostos naquele agora, onde jamais seus nomes denominariam o ser que ali existia e sentia. Da Penha até o Carrão pareceu-me mais tempo do que foi. Ou o trem estava lerdo, ou eu. A conversa diminui. Na freada do trem, parou.

Na porta, alguém coloca a cabeça para fora como que pra espiar o carro seguinte. Algumas cabeças, na outra porta, são postas pra fora num movimento de espelho. Ficamos nos olhando só com a cabeça pra fora, nós num carro e os policiais no outro. Juro que quase me mijeí de rir quando a porta fechou. Tinha-se alguns minutos pro Tatuapé. Algumas teorias começaram a se

formar. Um “dos caras invadir e deter a gente por alguma coisa idiota, sem prova de nada e a gente ia aparecer na mídia maldita que explorava a desgraça dos outros (quando não só as desgraças)”; outra “se vierem a gente resiste”; tinha a que pregava: “se vierem a gente sai tudo correndo um pra cada lado”; a que dominava era a que dizia “espera, vamo esperar o momento certo”. Nessa hora imaginei que alguém queria chegar em algum lugar. Eu não sou local, desconheço completamente o fluxo da cidade (eu me deslocava mal até de GPS), sabia que ia seguir alguém que me facilitasse chegar em algum lugar. Não sei onde, mas fora da estação de metrô. Não queria acabar meu dia numa delegacia no primeiro dia da Copa.

O freio acionado do carro do trem se chamava silêncio. Mais uma vez a porta abre, mais uma vez as cabeças apontam, pessoas se olham e retornam no fechamento da porta. Belém também. Bresser, Brás, Pedro II... Na Sé muita tensão: nem nós nem o grupo de guardas e policiais haviam saídos dos seus respectivos vagões. Já estava me acostumando com a ideia que sussurrava “fique venô, vai sê a gente sai e os cara enquadrá”, quando passamos o Anhangabaú já nem ligava. O próximo apertar de freios chamou-se: “Bora! Bora! Bora! Vamo sai todo mundo junto rapidinho”. As portas se abriram e saímos juntos andando depressa, mas em ordem, sem correr. Os policiais que estavam no carro desceram tranquilamente quase sem olhar pra gente. Quase.

Conforme subíamos o policiamento aumentava. “Policiais do Estado de São Paulo nunca tiveram Padrão Fifa”. Quando vinha PM com o botão da arma aberto eu escutava: “Tiu, vai deixar cair não! Tá desabotoada... lembra do POP's” (o POPs eram o Procedimento Operacional Padrão que o policial tinha de seguir como metodologia de ação de segurança pública). No labirinto da estação República eu seguia alguém, encontros e desencontros, uma direção comum, mas que eu não havia traçado.

Eu estava perdido geograficamente na selva de concreto que é o centro de São Paulo. Não via mais os vermelhos, nem os verde olivas. A minoria de preto caminhava, junta, entre poucos verde-amarelos e muitos cinzas. Vejo a luz do sol e ligo a câmera (precisava me ver saindo dali debaixo da terra). Na minha frente umas vinte ou trinta pessoas. Certamente tinha mais gente que no vagão que eu estava. Percebi isso na alegria dos reencontros. A potência que só a felicidade pode dar; a dos “bons encontros”. Começou um: Uh! Uh! Uh! Uh!... (Sonorização que ouvi e gravei muito no tempo em que acompanhei as Black Blocs de São Paulo)... Alguma voz mais preocupada grita: “Parô aí! Vamo sai fora!”

Mão na cabeça e documentos

Sáimos pela avenida Ipiranga no sentido centro. Por onde passávamos os atritos com torcedores do mundo todo eram inevitáveis. Quase na rua Eptácio Pessoa tinha um barzinho aberto. Seleção na tela de Led 42 polegadas se preparava em campo antes do jogo, comercial, uma propaganda das casas Bahia e a voz do Galvão Bueno falando sozinha. Uma galera estava parada na frente e já tinha se abastecido de doces, salgados, água, cigarro e álcool. Sentados na sarjeta, no chão ou nos degraus de um prédio à frente pareciam descontraídos e tranquilos. A fila de gente que saiu do metrô se dilui numa massa maior de conhecidos, e tudo parecia um confraternização. Todo mundo tinha algo pra contar, uma ação, um amigo, uma cicatriz, uma gargalhada, um gole disso um trago daquilo. Era um grupo bem maior agora.

Fui um dos últimos a chegar, minhas pernas estava dormentes e eu não aguentava mais andar. Estava cansado mesmo. Encontro a Sarah e entro no bar da Eptácio Pessoa, peço um salgado, um refrigerante e um chocolate. Aguardo olhando hora a televisão hora o ambiente: eram poucas mesas, um senhorzinho bem popular com boné roto e barba por fazer; uns manos bebendo cerveja com a indumentária típica dos fãs de rape. Várias prostitutas, umas sentadas outras circulando entre as mesas e o balcão. O cara demora pra atender. Quando me serve esquece o chocolate. Estava procurando o vidro de pimenta pra colocar no salgado quando vi que o pessoal estava se levantando e começando a subir a Ipiranga, em direção à Consolação. Com o salgado na boca vejo vários carros de polícia vindo pela Eptácio, engulo o pedaço com o que restava na garrafinha KS de Coca-Cola, peço a conta, pago e quando saio estavam vindo outras viaturas, agora pela Ipiranga. Dou meia volta e ligo a câmera. A Sarah me fala, “filma aí só tem você de mídia”, virou as costas e saiu em direção ao grupo que começava a ser abordado pelos policiais que desciam das viaturas de arma na mão. O número de viaturas aumentava na proporção da fila que se formava pra ser revista. A maioria já com as mãos para o alto. Contei oito viaturas até chegar no outro lado da pista, onde tem um murinho e uma grade no canteiro central. Dali fiquei filmando o que acontecia. Em alguns minutos a ruas estava tomada por policiais e a fila da revista já era de quase cem pessoas.

Os policiais mantinham as pessoas com as mãos na parede, mesmo antes do ato da revista, em garantia da própria segurança. Pessoas que passavam de verde-amarelo eram conduzidas por fora, enquanto outras, em trajes comuns, eram colocadas na parede. Apesar da minha opinião achar uma discriminação percebi que esse tipo de ação faz parte da rotina policial, no Rio de Janeiro, na véspera da Final da Copa do mundo, na Lapa, a segurança dava enfase em revistar os negros, enquanto loiros eram polpados em nome da hospitalidade brasileira.

Todos que estavam ali tinham me afetado, de alguma forma, durante o transcorrer do dia. De quando em quando chegava mais perto pra acompanhar alguma revista que gerava polêmica. “Eu sou mulher, não aceito ser revistada por homem”, falava a travesti para o policial. “isso não é comigo, fala pra quem for te revistar”, responde o policial. “Não aceito, não quero ser revistada por homem nenhum”. O que vinha na apalpando as pessoas perguntou: “você é operada?”. Achei a pergunta estranha. “Não”, foi a resposta. “Se tem pinto é homem, bota a mão na parede, já!”. Vi a travesti transtornada tentar argumentar, mas de forma muito rápida o policial a dominou, virou-a de costa e a revistou à força. Não acredito que conversem sobre gênero e sexualidade nas carteiras do curso de formação de praças da polícia militar, se tiver na cartilha é mais uma coisa que precisa ser melhor abordada. A força usada causa algumas reclamações, principalmente de um grupo de meninas e me aproximo com a câmera pra saber mais. Logo sou cercado por três policiais: “O senhor vai ficar causando?” diz pra mim o homem com a pistola automática na mão, enquanto outro de fuzil cerca minha saída de volta à rua “eu não te mandei ficar pra lá!”. Caminho de costas, ainda filmando, até a banca de jornal. Dou a volta e volto a filmar do outro lado da rua, em pé na mureta do canteiro central. Vejo uma amiga chegar filmando e fiquei aliviado de não ser mais o único que estava ali de “mídia”. Saio da mureta, chego perto dela: “Oi Carol”, foi o que disse até perceber dois policiais já me tocando. “Parô ai!”. Levanto o braço e grito: “pera aí, pera aí, sou pesquisador, estou identificado, porque tão impedindo meu trabalho?”. “Se for ficar aqui vai ser revistado”. Permite, só que não. “Que tem na mochila?” “O senhor pode abrir por favor?”. “Claro, mas vou continuar filmando”. “fique a vontade”...

Nesse dia filmei dois policiais revistando meus apetrechos. Na bolsa documentos, papeis soltos, comunicação do Centro Paula Souza e das escolas que dava aula, provas e trabalhos de alunos, um livro do Walter Benjamin, um do Malatesta, o Manifesto Comunista e o Cabeça bem feita do complexo filósofo Edgard Morin. Mantive o sorriso escondido quando fui intimado a responder: “E esse aqui, é coisa de maconheiro? Com certeza, “Cabeça Bem Feita”... só pode ser”, limitei a responder sério que era sobre educação, ele continuou com um sorriso maroto de como se me pegasse na mentira. No dia seguinte coloquei essas imagens no Youtube, foram mais de mil visualizações em menos de doze horas.



Figura 7 - Manifestação na abertura da Copa do Mundo da FIFA, praça Roosevelt, São Paulo, 2014.



Figura 8 - Manifestação na abertura da Copa do Mundo da FIFA, praça Roosevelt, São Paulo, 2014.

O gol contra

Enfim, “... e nessa altura como parte da rotina o pistão vira surdina e bota as coisas no lugar...” tocava num bar não tão distante, o quadro tinha acabado e todos saíam desconfortáveis. Atravessamos a rua e chegamos na praça Roosevelt. Era o céu do “contra-copa”, se é que possa denominar a multiplicidade de desejos que se afetavam numa potência criadora e destruidora, uma força motriz autônoma que borbulhava seus desejos na praça. Da pista de skate lotada vi a praça escura com tanta gente de preto. Era um protesto de sorriso e paqueras. Encontrar velhos conhecidos, fazer novos amigos. Conheci umas cariocas que vieram para os protestos contra a abertura da copa. Filmo algumas faixas que estavam esticadas no chão em forma de protesto. A tarde descia morna depois do dia fervente, os ânimos esfriavam com a cerveja e o cheiro de canabis perfumava levemente o local. As pessoas riam, conversavam alto e se abraçavam. Cumprimentava umas as outras e se conheciam. Na porta do bar da esquina da Gravataí com a João Guimarães Rosa, sai um tiozinho na porta do bar, visivelmente bêbado. Injuriado grita em direção a praça:

- Gol da Croácia! Começamo perdeno...

Um furacão varreu a praça. Aos dez minutos de jogo, um gol contra do Brasil fez o chão da praça Roosevelt estremecer mais que em qualquer lugar na Croácia. A gritaria de gol unidas a um universo complexo de palavrões ecoava na praça. Uns corriam, outros pichavam a praça, várias bandeiras foram queimadas, um casal de punks tiram fotos com a bunda de fora, uma alegria contagiante sob o slogan “FIFA GO HOME”.

Passo um tempo a fotografar e a filmar. Tentando, cá e lá, alguma entrevista. Aqueles jovens eram muito performáticos, as fotos sempre retratava uma ação direta muito mais cenográfica que violenta. No contexto a Bandeira Nacional e o álbum de figurinhas da copa assumiam o mesmo valor simbólico, e esse valor era o menor possível. Na busca por uma entrevista ou uma declaração filmada gritei, com a câmera ligada, pra um “Guy Fawkes” que passava perto: “Que acha da Copa?”

“A copa não se acha, a copa é que procura a gente. A copa que veio pra cá e interveio, entendeu... desse país gigantesco que é a FIFA, que é tipo uma nação particular, tá ligado? Que faz suas próprias regras e dita as regras no Brasil. Absurdo assim. É a demonstração clara que a população não tem autonomia, que democracia é só um discurso barato pra deixar o povo ser explorado de novo”. No meio da entrevista o gol do Brasil veio a desconcentrar entrevistador e entrevistado.

Nenhum dos gols seguintes teve mais importância a não ser pelos frequentadores dos bares as margens da praça. A noite cai o ódio sobe. Discussão com representantes da polícia que entraram na praça para dialogar, numa clara demonstração repressiva. Os policiais saem e uma conferência horizontal começa, ela traça os rumos da noite. Pediram pra não filmar.

Alguns caminhos e nomes de rua que eu não conhecia eram citados, e tudo se dividia. Uns queriam ir pra Paulista, outros enfrentar um grupo de “carecas”. Não sei da decisão, mas segui um grupo que estava mais próximo pela consolação sentido Paulista. Não tive de caminhar muito: logo na esquina da Marquês de Paranaguá um pelotão da força tática da PM encosta as viaturas, já com as portas abertas.

Não teve conversa. Escutei os tiros e senti as balas de borracha a cantarem próximo ao meu ouvido. Virei de costa lembrando das pessoas que ficaram cegas nesse tipo de ação. Bombas de efeito moral explodiam do meu lado, rasgaram minha calça jeans e atingiram a batata da minha perda. Corri feito louco e antes de virar a esquina da rua Caio Prado, pra sair da Consolação, um projétil atinge minha cabeça com muita força, vejo quando uma lata passa por mim e explode no chão. Mais um estouro, mais estilhaços. Sorte que não explodiu na minha cabeça. Corri pela Gravatai e voltei pra praça Roosevelt. Mais tensão, policiais por todos os lados. Uns de um lado outros de outro, e a polícia forma um cordão de viaturas na frente da praça. E tudo isso já estava virando lugar comum pra mim. Cansado despedi do pessoal que estava mais perto e fui com algumas pessoas pro metrô República. No caminho refrigerante e salgadinho Fofura de cebola. Estava me envenenando pra ir embora.

Nos separamos logo nas catracas do metrô. Cada um pro seu lado. Segui só o resto do caminho. Desci em Pinheiros de um metrô vazio. Dei a volta e fiquei esperando o trem pra Cidade Universitária sentado na escada, não aguentava mais meu próprio peso. Da estação Cidade Universitária até a USP eu foi reclamando sozinho, sentia que estava assado no vão das pernas. O local onde bateu a bala de borracha latejava. Tinha bolhas nos pés. A cabeça doía. A garganta parecia estar inflamada até o nariz. E uma vontade de ir ao banheiro me incomodava ao caminhar. Atravessei o portão lateral da USP em esbugalhado, eram quase 23h. Entrei no carro e tive minha mais cansada viagem de São Paulo a Sorocaba (até aquele momento). Ali eu ainda não sabia que podia ser pior.

13/06/2014 – Acordei, todos os átomos do meu corpo doíam. Passei o dia assistindo as filmagens e procurando as reportagens sobre o dia anterior. Nenhum canal tinha visto o que eu

vi. Eu estava lá. Recordando e anotando coisas sem filtro, ou melhor, sem um filtro midiático e avaliável. Era uma afecção implicada na presença do corpo e da mente num ambiente de protesto, agindo, reagindo e coabitando espaços emocionais. Dividido entre o pertencimento e a disputa territorial. Exposto a violência, a amizade, a destruição e a criação. Estética e politicamente afetado pelas micropolíticas da manifestação popular em atrito com o poder coercitivo do estado. Habitar esses espaços implica em se deixar-se levar por um devir criativo, sensível ao que mudou, seja ele imedível ou mediato, está dentro de algo mutante, dentro do fazendo-se. Como algo inacabavelmente novo.

Entrevista com adeptos das células Black Angel, A.L.F. e Administradores da página Black Girls Libertárias

[HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ NO ATIVISMO?] Eu Falo que desde a adolescência, na verdade, desde os caras pintadas. Eu participei dos caras pintadas. Mas meu primeiro ato foi na escola. Por que eles iria tirar o período noturno na escola. E eu ajudei, eu fui de sala em sala em sete escolas do bairro e juntei uma galera e a gente fechou uma avenida aqui próximo. E todos nós deitamos no chão pra protestar porque nós, a maioria dos adolescentes na época, trabalhava. E não ia ter escola noturna na época. Então eu ajuntei muita gente, muita molecada, na época, pra gente deitar na avenida e fazer o nosso protesto pra não fechar. Esse foi o meu primeiro ato. Que eu puxei assim, sabe? Eu tinha 14 anos, meu primeiro ato eu tinha 14 anos.

[2013 FOI UM MARCO PRA VOCÊ?] Não cada ação tem um marco desde uma ato tipo assim: essa rua é contramão e não pode ser, eu falo que cada ação é um marco.

[COMO ENTROU A QUESTÃO DO ANONIMATO, DA MÁSCARA, DA ROUPA PRETA?] A princípio por medo de represália. Porque a gente começou a receber represália. Na verdade é assim, quando eu entrei nas manifestações, conheci a galera da tática na verdade. Só que é assim a minha ideologia é a minha, entendeu. Como que eu posso explicar. É eu não tenho que seguir 100% uma pessoa. Porque aí deixa de ser a tal Anarquia que as pessoas falam. Eu não consigo seguir 100% nenhuma ideologia. Eu tenho a minha ideologia, eu tenho os meus pensamentos eu não preciso seguir e falar assim: não, eu sou da tática Black Bloc, não. Eu gosto de algumas partes da tática Black Bloc Eu aceito as táticas do ALF, as táticas dos Anonymous. Eu sou um pouquinho de cada. Eu falo assim, eu curto eu não rotulo. Eu não consigo me rotular alguma coisa. Eu sou eu. Eu luto pela vida, eu luto [contra] o opressor.

[VOCÊ SE MORFAVA ANTES DE 2013?] Não, não me morfava.

[QUAL A PRIMEIRA VEZ QUE SE MORFOU?] Quando a polícia começou a vir atrás, mesmo. Tipo, dos militantes na época. Na verdade eles [polícia] não estavam atrás dos Black Blocs primeiro. Eles estavam atrás dos militantes. Do pessoal do MPL, do pessoal da frente dos militantes. Que não se morfam até hoje. Foi questão de segurança

mesmo. A princípio, a princípio... Depois, vou até ser sincera com você, morfar pra mim me deixa mais forte. É uma sensação de me deixar mais forte. De ser é... vamos supor, é. Além de não ter minha identidade eu faço pare deu um grupo, vai... uma tática, vai... não um grupo, mas uma tática que está lutando por um ideal certo. Conjunto, porque é um bloco, é uma união e você está numa união com pessoas que vão ser iguais a você. Não tem diferença lá. Não tem pobre não tem rico, não tem raça, somos todos iguais lá morfados. Esse foi um dos princípios de morfar. Porque eu achei legal a ideia de todos serem iguais. Porque morfado todo mundo é igual. Ninguém tá vendo você. Mas todo mundo lá dentro tem um coração. Tem um ideal e todos estão lá lutando por amor. Eu falo que quem segue a tática Black Bloc é porque tem muito amor no coração. Porque que ele tem muito amor? Por que ele está lutando por alguém que ele não conhece. Ele tá lutando por um oprimido que ele não conhece, não só por ele. Toda frente ele tá lutando por qualquer manifestante, ele quer defender o manifestante e isso é o amor, lógico que o que a mídia mostra é o contrário. Mas se cada um conhecesse o que tem dentro desse morfe vai ver que todos, todos que eu conheço tem um coração absurdo, eles tiram do dele pra dar pra outra pessoa. Eu falo que os Blacks, quem segue a tática Black, tem muito mais compaixão do que qualquer outra coisa. Eles ajudam não só defendendo a manif... não só lutando contra o governo. Ele tá lá pra defender as pessoas que estão atrás. Eles são humanistas. Eles defendem qualquer tipo de manifestante. [...] Aí teve a união da tática com a ALF [...] Na verdade o começo dessa união com a ALF foi de defender os ativistas ALF. Na real, no começo não era pra defender os animais. A gente estava lá pra defender os manifestantes. Tanto é que teve a manifestação lá em São Roque [Instituto Royal] que causou tudo aquilo, que foi também outro marco. A gente tava lá pra defender aquelas senhoras e aquelas crianças que estavam com o cachorro. A gente apanhou muito aquele dia. Aquele dia a gente segurou muito. [VOCÊ ESTAVA COM A CAUSA ANIMAL?] Não eu estava como Black Bloc. Seguindo a tática Black Bloc. Defendendo aquelas senhoras e assim, você via Black Bloc – é que não existe Black Bloc, assim eu sou Black Bloc, não, as pessoas que eram da tática Black Bloc - carregando senhoras no colo e tomando bala de borracha atrás. Teve muito salvamento. Por isso que eu falo: quem segue a tática Black Bloc tem um coração gigantesco. É tão humano quanto qualquer outra pessoa. E depois desse dia a maioria que eu conheço hoje, que tava naquele dia do resgate, ou no segundo resgate que foi o dos ratos, aprenderam a ver que o cachorro, um boi, um porco tem vida. Então, pera aí, vamos lutar por isso também. Porque eles também tem sentimento, também tem vida. Todos, ou assim 99% viraram vegetariano. Houve uma transformação nessa união. Da mesma maneira que nós ajudamos a ALF, a causa animal, os protetores, eles também ajudaram a gente evoluir nesse tipo de aspecto. Por isso que houve essa junção.



Figura 9 - Entrevista com ativistas Animal Front Libetration (ALF) e Black Angel's, São Paulo, 2015.



Figura 10 - Entrevista com ativistas Animal Front Libetration (ALF) e Black Angel's, São Paulo, 2015.

E ao mesmo tempo nós ensinamos pro pessoal da ALF, da causa animal, que a criança tem vida. Eu consegui fazer essa junção, tanto é que a página é isso. A gente defende a vida. Conseguimos fazer uma junção de mostrar pra causa ALF que o humano vale a pena e que a gente precisa dos humanos pra ajudar os animais. Então, assim virou uma troca. Então ao mesmo tempo que eu to na frente resgatando um animal elas estão me ajudando a pedir doação pra uma criança que tá passando fome. Que tá passando frio. Um cobertor, um brinquedo, pra fazer ela sorrir. Então virou uma junção linda, sabe? E com os Anonymous, porque a gente tem amigos Anonymous que fazem a parte intelectual do projeto. [O QUE É A BLACK GIRLS LIBERTÁRIA? QUAL A NECESSIDADE DE CRIAR UMA MÍDIA] Na verdade eu não tive oportunidade de estudar, eu morei na rua e... é assim, passei por várias questões: de estupro, de necessidade na rua, e eu não tive essa oportunidade de estudar. Quando eu arrumei emprego, consegui uma casa eu comecei ter internet, acessar internet, essas coisas. E eu via que as pessoas do ativismo, eles escreviam muito e eu não tinha noção do que eles estavam falando, mas ao mesmo tempo eu queria entender, mas eu não entendia, era muita coisa escrita. Aí eu fiquei pensando: que pessoas eles querem focar com esses postes enormes gigantes e cansativos. Pra próprio ativista. A maioria é só ativista que lê coisa de ativista. Uma pessoa que nem eu, que não tinha cultura, não ia parar pra ler aquilo. Você não ia conseguir pegar esse ponto dessa população que não tem como entender o que está escrito ali naqueles textos com nomes complicados. Então eu pensei, uma imagem diz tudo. Uma frase simples. Então eu não preciso escrever um texto gigantesco pra mostrar o que eu queria passar pra população. Eu queria pegar uma parte da população [...] Eu pensei que população que a gente precisa trazer pra ser contra o governo? A que mais sofre. Qual é a que mais sofre? É a população carente. Ai essa população carente ela não tem uma cultura muitos, não vo generalizar, claro, mas é de ter tempo e consciência de ler aqueles textos que aqueles ativistas faziam. Então minha ideia foi fazer uma coisa simples que eu mesma a entendesse. Porque eu não entendia o que os ativistas escreviam. E passar essa mensagem de revolta e de amor por que eu falo que tem uma junção nisso porque é o amor pelo oprimido e a revolta com quem está fazendo isso. E fazer com que esses oprimidos acordassem pra luta e viessem com a gente juntos Aí, e por que da BGL? Eu vi que quando eu montei a página tinha mais mulheres nos atos do que homens. Porque, foi depois das intimidades que foram feitas pelo face, muitos homens saíram das manifestações. Então o que eu quis: [...]

Mostrar as mulheres que estavam (Nos protestos) pra incentivar as outras mulheres a irem também; incentivar os homens, falando: Pô! Se elas podem eu posso. Então eu montei uma

página girls pra mostrar que eram mulheres que estavam na luta. Ai eu fiz uma união, comecei a chamar amigas que pensavam e tinha ideólogas focadas contra o opressor, mas com ideologia diferentes. Que são anonymous e que são ALF e as Blacks, e as Libertárias, que engloba tudo. Então juntamos meninas de estados diferentes pra ter uma ideologia contra o opressor. Virou a Black Girls Libertárias, lá nos defendemos qualquer tipo de vida. Todas as postagens são viradas prum cadeirante, contra homofobia, contra zoofilia, contra a violência contra a mulher, ou um animal de rua abandonado, contra a polícia que agride que mata todos os dias, a gente adotou uma ideologia a favor da vida, então, a Black Girls Libertária hoje ela defende a vida. Não importa a qual, porque houve uma união de todas pra fazer este tipo de protesto. E simples, onde a população que não tem estudo ou tempo. Porque tem muita gente que tem estudo, mas não tem tempo de ficar lendo aquilo tudo. E a imagem mostra tudo aquilo que a gente precisa com uma frase simples pra expandir e mostrar o que que a gente está reivindicando como ativismo. [QUANTO TEMPO TEM A PÁGINA?] Desde 2013. A primeira foto que eu postei foi sobre eu não mereço ser estuprada. Foi a primeira postagem que nós fizemos. Que tive a ideia porque eu comecei a ver muitos textos grandes sobre isso e uma mina que colocou: “não mereço ser estuprada”. Vuf! Aquilo deu uma mídia gigantista. Eu falei, meu essa é a ideia: frase pequena, tá ali, ó, passou o recado. Aí a gente montou a página e acabou expandindo essa foi a ideia. [QUAIS AS VISUALIZAÇÕES DA PÁGINA ENTRE MÁXIMO E MÍNIMO?] Tem o mínimo 5 mil visualizações e a máxima da 80, 90 mil visualizações. Eu não tenha muitas curtidas na página talvez por medo de ser uma página com a junção da tática Black Bloc. Mas muitos compartilham e muitos visualizam. [VOCÊ COLOCA ALGUMA RELIGIOSIDADE?] Eu coloco se eu vejo na frase amor. O amor e o protesto na verdade. É então tem frases da Madre Teresa, eu pego frases do Bob Marley, eu pego frases do Betinho, pego frases, sabe assim de Dalai-Lama. E eu visualizo naquilo uma ideia. E essa ideia eu vou dessa imagem que é a nossa realidade. Então eu acabo misturando a foto com a nossa realidade, com um recado que alguém queria dar. Eu faço essa junção. (Risos) Na verdade, assim, eu sou uma pobre louca, eu não tenho dinheiro, eu não tenho computador, tudo que eu faço é por um celular quebrado, assim muito precário. Eu sei que eu poderia fazer mais se eu tivesse condição, mas infelizmente eu não tenho. Tanto é que algumas postagens saem meia torta tal eu não tenho aquela coisa de 100%, mas eu acho que consigo passar a ideia que eu to querendo. Os horários que eu to querendo, porque cada ativista... (Não é cada ativista), eu falo assim: cada um tem seu horário pra ver a internet. Então eu consigo, pela página, saber aquele horário, que aquela população, aquela parte da população quer lutar. Então é assim. É contra a fome, eu sei o horário daquelas pessoas que compartilham sobre aquilo, é causa animal eu sei o horário que o pessoal tá lá, que

é o pico, pra compartilhar. E eu sempre posto assim, um da causa animal, um da tática Back, um da tática ALF, um da homofobia, sempre compartilha assim tipo, divido as coisa porque a gente tem de lutar pela vida de um modo global [SEMPRE GIRA EM TORNO DE UMA DISCUSSÃO SOCIAL] Sempre, sempre eu ponho um incentivo pras mulheres a lutar. Morafadas, ou não; Black, ou não, Anonymous, ou não.; ALF, ou não, mas meu, vamos pra rua, vamos cobrar, vamos lutar, você pode toda mulher pode, toda mulher é guerreira dentro dela. Eu falo assim, mesmo as meninas que estão na luta na rua, elas não tem a noção da força que elas tem, não tem. Se elas soubessem um pouquinho da força que ela tem o mundo estaria muito mais de igualdade. Porque é, não só mulher mais o homem também. Se eles soubessem a força que a população tem contra o governo, contra o opressor. Eu falo assim: tu gritas eles tremem. Se todo mundo gritasse garanto, meu, que a gente estaria muito melhor, o mundo. Pra mim não existem bandeiras, não existem muros, né? Então assim se todo mundo se unisse, sabe se unisse contra a violência que é sofrida em outros países contra as mulheres, contra as crianças, tem milhões de criança vivendo em trabalho escravo. E assim, eu não tenho condições de ir lá salvar lá. Por que que eu vou salvar lá se eu tenho crianças Se eu tenho crianças aqui, do meu lado, que eu preciso salvar. O ano passado nós ajudamos 9000 crianças daqui, de perto. Secada um fizesse, ajudasse um. Meu, agente conseguiria muito. Sabe. Se as pessoas vissem o quanto o governo é errado. Que nem, eu não sei o número certo, tem 22 mil pessoas querendo adotar e 8000 crianças pra serem adotadas. Pensa... Sabe, então o governo está errado. A gente não ia ter maias nenhuma criança abandonada nas ruas, nos orfanatos [A BGL É UMA PÁGINA MEDIATIVISTA FEMINISTA?] Não. Não, assim, eu não sou contra o feminismo, não pelo contrário. Apoio o que elas fazem. Apesar que tem uma feminista no nosso grupo. A gente tem um feminista também porque, é assim, eu não entendo, eu sou sem cultura, então assim, eu não entendo o que é um feminismo 100%. Eu defendo a liberdade da mulher, a igualdade da mulher e não: ser a mulher superior. Eu não consigo ver raça, não consigo ver mulher e homem, pra mim é tudo uma coisa só, um coração só. Então eu não consigo ver o feminismo extremista, apoio 100% acho que uma luta legal, acho que toda luta é válida, toda luta é válida. Se é contra o opressor, toda luta é válida. Mas eu mesma não entendo assim, não sou feminista, porque eu não entendo ainda muito o feminismo. Então assim eu defendo as mulheres, eu defendo a vida, eu defendo o ser humano, não só as mulheres, mas eu defendo o ser humano [O QUE VOCÊ GANHOU COM ISSO?] O que eu ganhei? Eu falo que se eu vi pra terra eu vim pra cá eu nasci é porque eu tenho de deixar minha marca, eu não vou sair daqui pra deixar minha marca. Eu não vou sair daqui sem deixar minha marca. Nem que for por um abraço em alguém que precisa, mas se eu vim pra cá é porque algum motivo tem. Então eu falo que isso eu ganhei. Eu deixo

minha marca todos os dias, todos os dias , é fazendo as OPs com os moradores de rua, com as crianças, é numa manifestação contra o governo. Eu to deixando a minha marca. Eu to fazendo. Eu não to sentada esperando e reclamando da vida. Reclamando dos outros, Não eu to fazendo eu faço. E todo mundo pode fazer. Qualquer mulher qualquer homem pode fazer e deixa a sua marca. A gente não está aqui à toa, não estamos aqui à toa. [O QUE VOCÊ PERDEU ISSO?] O que eu perdi? (Silêncio) Não tenho... engraçado, não é mentira eu não tenho. Você pode falar: a liberdade, de eu sair com o rosto limpo... Talvez... acho que é isso: A liberdade de eu querer ter uma página Black sem ter medo de opressão. Eu acho que é isso. Foi a única coisa. [RESUMA SEU DESEJO EM UMA PALAVRA] Amor ao próximo, uma palavra? Amor, Respeito, sei lá é que eu tenho muitas palavras pra falar do meu desejo. (Risos) mas na verdade o meu desejo, o meu sonho é ter uma máquina de algodão doce pra dar um monte de sorrisos pras crianças. Era o meu sonho, mas eu não tenho dinheiro pra isso. Na verdade o meu sonho é igualdade. Sem raça, sem muros, sem bandeira. Esse éo meu sonho. Eu acho que o amor vence, o amor cura, o amor cicatriza. O amor faz a gente ter força pra lutar. Eu luto hoje, eu passo pelo que eu passo porque eu tenho muito amor. Eu tenho tanto amor que eu posso amar o mundo inteiro e lutar por todos eles.

[O QUE VOCÊ ACHOU DA REPORTAGEM SOBRE A BLACK BLOC NO PROGRAMA DO ROBERTO CABRINI SBT REPÓRTER?] Eu não vou falar pra você que eu gostei ou que eu deixei de gostar. Ou editaram muito mal e pegaram os erros do cara ou, desculpa a palavra, cagou no mole, ou simplesmente queriam pegar pra julgar a tática ou aqueles que estavam na rua lutando por um bem comum contra a sociedade. Beleza, foi um negócio muito, não vou dizer mau orquestrado, porque quem tava ali dirigindo sabia o que estava fazendo, mas, eu não vou cita muito também, mas é ficou zuado no geral acho que não só a nível de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Pernanbuco, Paraná e a maioria dos estados. Não no auge, mas estralando e inflamando o resto da nação. Mas assim não pegou legal pra ninguém. Acho que criou uma antipática contra o rapaz. Eu não sei... [VOCÊ É INDÍGENA?] Sim me considero. [VOCÊ JÁ LUTOU COMO INDÍGENA] Também, eu não vou dizer que luto mais por uma, é... vamos especificar, por causa: não por uma causa em questão cultural ou por outra causa em questão social e urbana que eu acabei me envolvendo. Mas eu, pra sua resposta dou 100% das duas. Não vou falar pra você que na questão indígena muitos indígenas não tem até mesmo a noção do que ele vai encontrar pela frente, no frente que são os guerreiros, seja numa reintegração, seja num protesto com a truculência do Estado. Que no caso, só pra vc entender um pouco mais, os indígenas hoje em dia ou a 515 anos atrás, ele era tratado como se fosse o negro na sociedade

e hoje em 2015, ele é tratado como um zero à esquerda, uma pessoa que é perdida e ele é um mal pra sociedade na onde o cidadão de bem que talvez está atrás de uma farde ele é condicionado a ver aquela pessoa que está na sua frente como inimigo. Não vou dizer simplesmente do lado dos adeptos da tática Black Bloc, mas dos indígenas eu vejo, a hora que eu entender a questão cultural e a questão daquilo que eles estão lutando no dia a dia porque eu acho que a nível de Brasil tem adeptos que vê a tática como parâmetro de ser apenas no ato no caso de uma passeata etc, vamos dizer assim. Só que aquilo que realmente eu creio que corre no sangue é uma questão apenas... Beleza, não existe o adepto Black Bloc ou a tática, antes e depois de um ato. Mas existe isso rolando na sua mente dentro do seu sentimento. De olhar lá na frente no amanhã e saber que existirá talvez um filho seu um sobrinho seu, ou sua mãe seu avô, a sua geração colhendo aquilo que talvez você morfou no dia de hoje. Sendo que o indígena pensa isso ontem, hoje e no amanhã. [SE VOCÊ PUDESSE RESUMIR ISSO EM UMA PALAVRA, QUAL SERIA?] Esperança, velho, que aquilo que eu fiz não foi em vão, eu acho que se cada um fizer a sua parte, será um degrau a mais para um mundo melhor, isso não é um chavão, eu acho que todos que estão na rua estão, ou quase todos estão tentando lutar por um mundo melhor. Seja a sua volta, seja apenas pela sua vida por que se você estiver de bem com a sua vida você vai fazer o bem ao próximo. Ou se for a sua volta você vai expandir isso e isso vai ser algo que vai trazer o bem ao próximo.



Figura 11 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo 2015.



Figura 12 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo 2015.



Figura 13 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo, 2015.

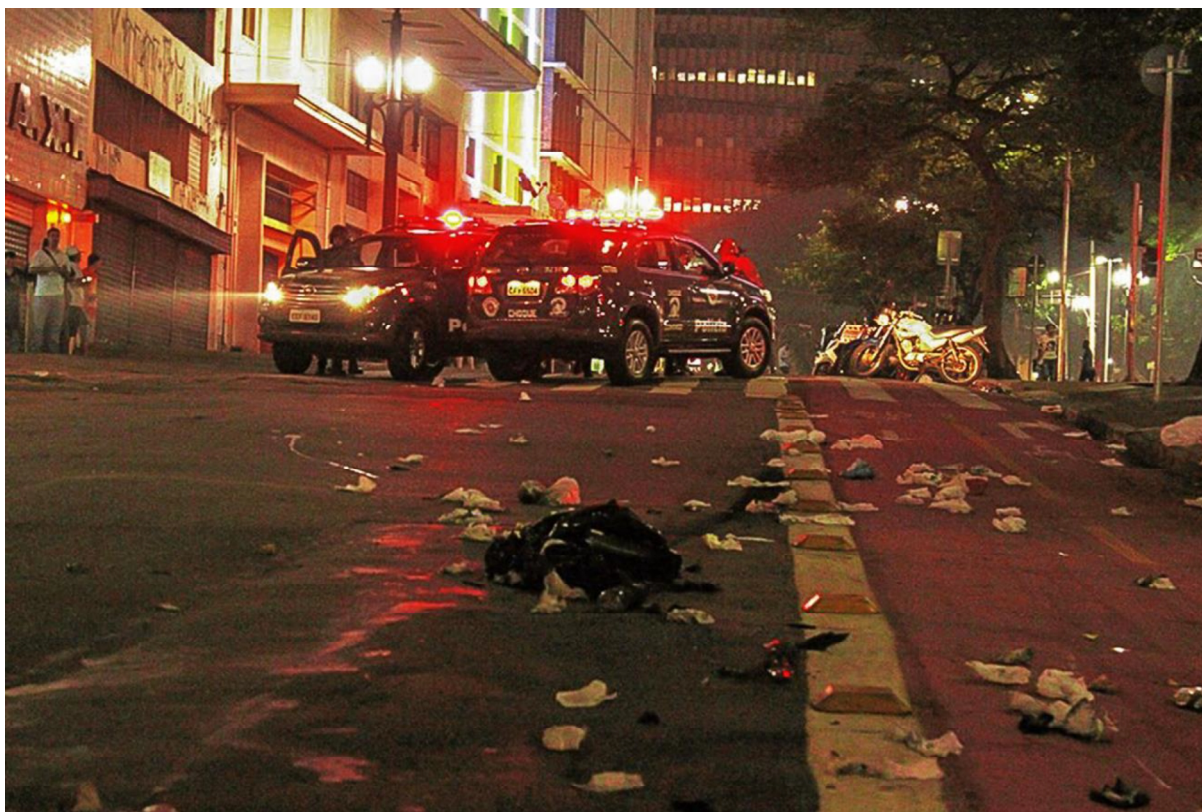


Figura 14 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo 2015.

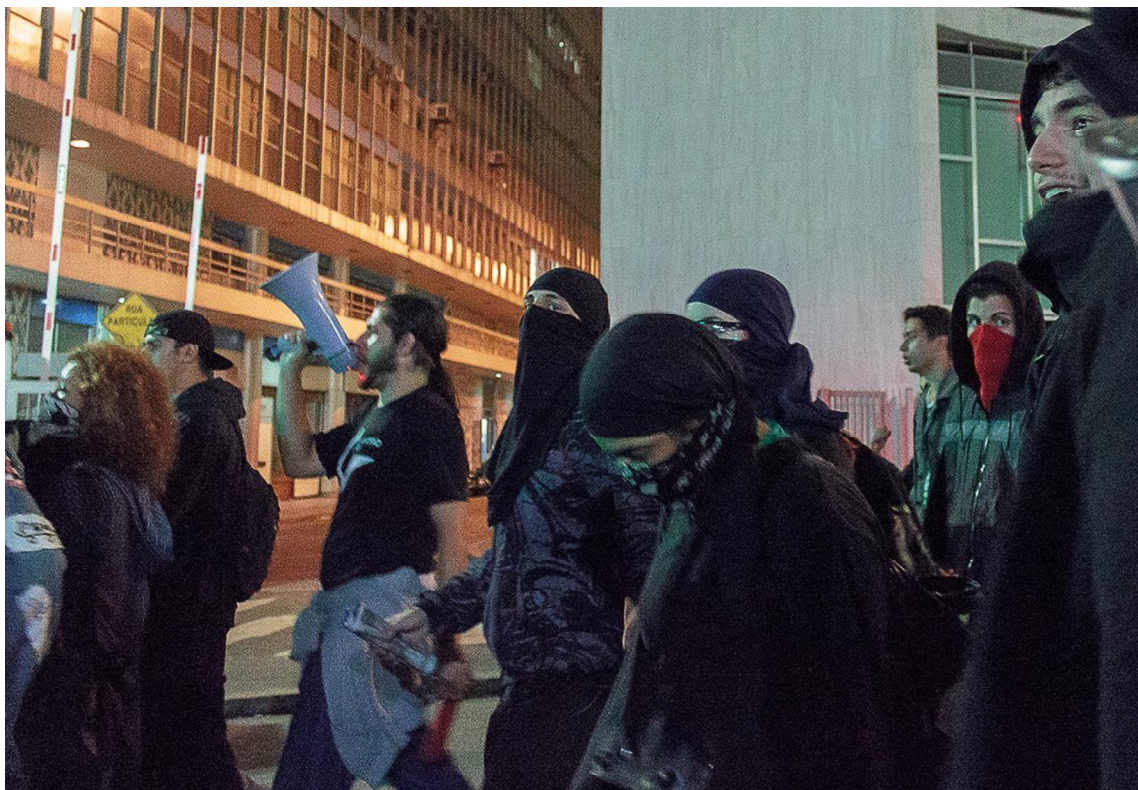


Figura 15 - Manifestação em (des)comemoração ao aniversário de 1 ano da Copa do Mundo da FIFA, São Paulo, 2015.



Figura 16 - Manifestação em (des)comemoração ao aniversário de 1 ano da abertura da Copa do Mundo da FIFA, São Paulo, 2015.



Figura 17 - Manifestação em (des)comemoração ao aniversário de 1 ano da final Copa do Mundo da FIFA, Rio de Janeiro, 2015.



Figura 18-2 O manifestante e o policial, Rio de Janeiro, 2015.



Figura 19 - Abaixo à ditadura da toga: Judiciário fascista, Rio de Janeiro, 2015.



Figura 20 - Manifestação contra o aumento da tarifa de transporte, São Paulo, 2016.



Figura 21 - No calor do protesto, São Paulo, 2016.



Figura 22 - O mesmo tiro, porrada e bomba, São Paulo, 2016.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo. Scritta, 1996
- ALMEIDA, Tereza Virginia de. A voz como provocação aos estudos literários. doi:10.5007/2176-8552.2011n11p115 <
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/download/.../18079>>
- ANGROSINO, Michael. “Etnografia e Observação Participante”, Trad. José Fonseca, ARTMED EDITORA S.A., 2009, São Paulo
- AVELINO, Nildo. *As revoltas de junho no Brasil e o anarquismo Fanzine*, Monstro dos Mares 2013.
- AVELINO, Nildo. *Violência democracia e Black Bloc*. Fanzine, Monstro dos Mares 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin; tradução Sergio Paulo Rouanet*. São Paulo Brasiliense, 2012- (Obras escolhidas v.1)
- BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. Tradução: PatriciaDecia & Renato Resende. Sabotagem. Disponível em:
<http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf>. Acessado em 04/10/2015
- BOURDIEU, Pierre. In: THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo : Polis, 1981. p. 137-151. (Extraído de *Les Temp Modemes*, nº 318, jan. 1973, p. 1292-1304.) Trad. de RUTH JOFFILY DIAS <
<<http://evoluireducacional.com.br/wp-content/uploads/2012/08/21979592-Bourdieu-A-opiniao-publica-nao-existe.pdf>>
- CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antonio Carlos. *Rev. Bras. Polít. Int.* 57 (2): 133-151 [2014] <
<<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400308>>
- CURADO, Marcelo, NASCIMENTO, Gabrieli Muchalak. *O Governo Dilma: da euforia ao desencanto*. *REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO*, Curitiba, v.36, n.128, p.33-48, jan./jun. 2015. <
<http://www.fpl.edu.br/enade2015/pdfs/novo_texto_politica_economia.pdf>
- DÖPCKE, W.. *Uma nova política exterior depois do Apartheid? - Reflexões sobre as relações regionais da África do Sul, 1974 - 1998*. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 41, n.1, p. 132-160, 1998.
- DUPUIS-DÉRI, Francis. *Black Blocs*. São Paulo: Veneta, 2014.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo*. Online, <
<<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a09n79.pdf>>
- FIGUEIREDO, Rubens; COUTINHO, Ciro. *A eleição de 2002*. *Opin. Publica*, Campinas , v. 9, n. 2, p. 93-117, Oct. 2003 . Available from <
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762003000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Feb. 2016. <
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762003000200005>>
- FILIPPO, San R. *A New World in Our Hearts: Eight Years of Writings from the Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation*, CA: AK Press.

FRANQUES, Bruno Marcondes - Ecologias: sobre processos educativos livres e libertários em movimentos sociais pós-modernos. Dissertação de mestrado UFSCar, Campus Sorocaba, 2014

FONSECA, Francisco Cesar Pinto da. A AGENDA DA TRANSFORMAÇÃO: A GRANDE IMPRENSA E A HEGEMONIA NEOLIBERAL NO BRASIL (A IMPRENSA E O GOVERNO COLLOR). EAESP/FGV/NPP - NÚCLEO DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES RELATÓRIO DE PESQUISA Nº 50/2001 <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3157/Rel%2050-2001.pdf?sequence=1>>

_____. A FORMAÇÃO DA AGENDA ULTRALIBERAL NO BRASIL: O PAPEL DA GRANDE IMPRENSA. XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS GT: MÍDIA, POLÍTICA E OPINIÃO PÚBLICA online <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3719&Itemid=318>

_____. Grande imprensa, ultraliberalismo e criminalização dos movimentos sociais: dimensões globais e locais. Online <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/franciscofonseca.pdf>>"

FORTES, Alexandre; FRENCH, John. A “Era Lula”, as eleições presidenciais de 2010 e os desafios do pós-neoliberalismo. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 24, n. 1 <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v24n1/11.pdf>>

FOURMENT, Emeline. Cagoulenoire et ongles roses: Féminismes et rapports de genredans la gauche radicale de Göttingen, 2014, Institut d'Etudes Politiques de Paris. ECOLE DOCTORALE DE SCIENCES PO Programme doctoral en Science Politique, Mention «Sociologie politique comparée» (Tese de doutorado enviada por e-mail pelo pesquisador Francis Dupuis-Déri)

GANEN, Angela. Hayek: da teoria do mercado como ordem espontânea ao mercado como fim da história. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 11 - Nº 22 - Novembro de 2012 <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2175-7984.2012v11n22p93/23763>>

GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, Luisa, MOREIRA, Ildeu de Castro e BRITO, Fátima (Org.). Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ, 2002.

GIOVANNI, Julia Ruiz Di. Seattle, Praga, Gênova: política anti-globalização pela experiência da ação de rua. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04072008-143738/>>

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acessado em 04/10/2015.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Disponível em: 04/10/2015.

GROPO, Luís Antonio. O FUNCIONALISMO E A TESE DA MORATÓRIA SOCIAL NA ANÁLISE DAS REBELDIAS JUVENIS. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.26, p.37-50, 2009 <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1314>>

JUDENSNAIDER, Elena [et al]. *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013.

LUDD, Ned (org). *Urgência das Ruas: Reclaim the streets, Black Bloc e os dias de ação global*. Tradução de Leo Vinícius. Sabotagem, 2002. Disponível em: <<http://anarkio.net/Pdf/Urgencia-Das-Ruas-Coletivo-Baderna.pdf>>. Acessado em: 04/10/2015.

MAGULIS, Mario. La cultura de la noche. En: Margulis, Mario y otros, *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*, cap. I, Biblos, Argentina, 1997. pp 11-30 <<http://www.cholonautas.edu.pe/modulos/biblioteca2.php?IdDocumento=0097>>

MARCHI JR. Wanderlei; BOLSMAN, Chris; ALMEIDA, Bárbara Schausteck; SOUZA, Juliano de. A copa do mundo Fifa na África do Sul/2010 – como foi a experiência e o que podemos aprender com ela? <www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/37532/28923>"

MARGULIS, Mario, *La juventud es más que una palabra*. <http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf>

MORAES, Wallace. S.; JOURDAN, Camila Rodrigues; FERREIRA, Andrey C. “A insurreição invisível: uma interpretação anti-governista da rebelião de 2013/14 no Brasil”. Out/2015 Baixado em: <https://nepcpda.files.wordpress.com/2015/09/a-insurreic3a7c3a3o-invisc3advel.pdf> (10/11/2015) (texto sugerido em diálogo via internet com a profa. Dra. Camila Rodrigues Jourdan)

NASCIMENTO, Rogério. *Anarko-Punk no Nordeste*. Zine. Online <http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/anarcopunk_no_nordeste.htm>

NIERADZIK, Lukasz. "Göttinger Autonome und ihre Gegner. Zur Konstruktion von Identität und Alterität am Beispiel der Proteste in den 80er Jahren", Göttingen, 2007.

ONLINE, Ahran. Conheça o “Black Bloc”: mais falado grupo de oposição radical do Egito. 2013. Online <<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2013/07/01/conheca-o-black-bloc-mais-falado-grupo-de-oposicao-radical-do-egito/>>

ORTELLADO, Pablo. *Aproximações ao movimento antiglobalização*. 2002, online <http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/aproximacoes_ao_movimento_antiglobalizacao_pablo_ortellado.htm>

SANTOS. Boaventura de Souza. Da ideia de universidade a universidade de ideias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, N28-28, Junho 1989<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Da_ideia_de_universidade_RCCS27-28.PDF>

SCHMIDT, Maria Luiza Sandoval. *Pesquisa participante: alteridade, e comunidades interpretativas* <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a02.pdf>>

SOLANO, Esther (et al.). *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos Black Bloc*. Esther Solano, Bruno Paes Manso, Willian Novaes, --Geração Editorial, 2014. E-book Kindle.

SOLANO, Esther. Por trás da máscara dos black blocs. *Revista Carta Capital*, online <http://www.cartaeducacao.com.br/wpcontent/uploads/2015/08/entrevista_maior2e1439575395941.jpg>

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009.276p. ; 2v. : il. – (Edvcere ; 9)

TUGAL, Cihan. “Resistance everywhere”: The Gezi revolt in global perspective. *New Perspectives on Turkey*, no. 49 (2013): 147-162.

<<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=9474385>>

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol.22 no.63 São Paulo Feb. 2007.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012>

VIEIRA, Rosa Maria. A construção do consenso ultraliberal. *RAE electron.*, São Paulo , v. 5, n. 2, Dec. 2006 . <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482006000200010&lng=en&nrm=iso>

VINICIUS, Vinicius, Leo Antes de junho: rebeldia, poder e fazer da juventude autonomista / Leo Vinicius. – Florianópolis : Editoria Em Debate/UFSC, 2014.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 páginas

XYPOLIA, Iliá; GOKAY, Bülent. Reflections on Taksim – Gezi Park Protests in Turkey. *Journal of Global Faultlines*, School of Politics and International Relations (SPIRE), Keele University, ST5 5BG, England, UK. <<http://www.keele.ac.uk/journal-globalfaultlines>>